

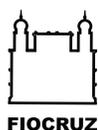
# HISTÓRIAS DE VIDA VOZES RELATOS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA DA RUA

ORGANIZADORES CLÁUDIA BRITO LENIR SILVA CACO XAVIER

# HISTÓRIAS DE VIDA, VOZES DA RUA

RELATOS DE PESSOAS  
EM SITUAÇÃO DE RUA

CLÁUDIA BRITO  
LENIR SILVA  
CACO XAVIER  
Organizadores



# CRÉDITOS

Cláudia Brito  
Coordenadora da Pesquisa

Caco Xavier  
Coordenação Editorial

Luana Furtado  
Projeto Gráfico e Diagramação

Lenir Silva  
Ilustrações

www.unsplash.com  
Imagens

Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica  
em Saúde  
Biblioteca de Saúde Pública

H673h

Histórias de vida, vozes da rua: relatos de pessoas em situação de rua / organizado por Cláudia Brito, Lenir Silva e Caco Xavier. - Rio de Janeiro : ENSP/Fiocruz, 2021.  
250 p. : il.

ISBN: 978-65-89501-02-2

Site: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/iciict/46455>

1. Pessoas em Situação de Rua. 2. Saúde Pública. 3. Narração. 4. Atenção à Saúde. 5. Entrevistas como Assunto. 6. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. 7. Pesquisa. I. Brito, Cláudia (Org.). II. Silva, Lenir (Org.). III. Xavier, Caco (Org.) IV. Título.

CDD – 23.ed. – 362.1

*“Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão. Suas páginas iniciais, como aquelas conversas cerimoniais que antigamente eram regadas a guaraná geladinho e biscoito champanhe, servem solenemente para dizer ao leitor (esse fantasma que nos chega da rua) o que se diz a uma visita de consideração. Que não repare nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem-intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos. Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando alguma coisa... Por trás do formalismo óbvio, há sempre a regra de ouro da hospitalidade, que se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la dentro do nosso teto, querendo conversar conosco. Aliás, melhor dizendo, são precisamente essas normas de recepção que amortecem a passagem entre a casa e a rua e, simultaneamente, nos fazem anfitriões, transformando o estranho, o parente e até mesmo o inimigo ou o estrangeiro numa ‘visita’.”*

*Roberto DaMatta, A Casa e a Rua*

# ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| SUJEITOS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA, DONOS DE SUAS NARRATIVAS | 8   |
| AGRADECIMENTOS   | 12  |
| QUANDO A VOZ SE TORNA ESCRITURA                            | 13  |
| “A GENTE QUER SABER A HISTÓRIA DE QUEM VIVE NA RUA”        | 21  |
| “A RUA É MAIS PROBLEMA DO QUE A DROGA”                     | 23  |
| “A VIDA PRA MIM ACABOU”                                    | 28  |
| “EU FIZ UMA PÓS PRA ENTENDER A ADICÇÃO”                    | 37  |
| “PRA CONHECER, TEM QUE VIVER”                              | 41  |
| “EU TENHO ESTRELA!”  | 53  |
| “NÃO TEM PARTE BOA NENHUMA DE MORAR NA RUA”                | 83  |
| “A VIDA É UMA HISTÓRIA”                                    | 87  |
| “TROQUEI O ESTUDO PELA DROGA”                              | 94  |
| “VOU PRA CASA, VOU PRA RUA, PRA CASA, PRA RUA”             | 96  |
| “EU JÁ NASCI COM TUDO PRONTO”                              | 98  |
| “EU SOU TOTAL FLEX, EU USO TODAS AS DROGAS”                | 111 |
| “A DROGA FAZ COM QUE VOCÊ ESQUEÇA COMO A VIDA É BOA        |     |

|   |     |
|---|-----|
| DE SE VIVER”  | 115 |
| “MEU SONHO É SER MOTORISTA DE ÔNIBUS”   | 127 |
| “DEUS NÃO ME CRIOU PRA VIVER NA RUA”  | 132 |
| “COMO EU PUDE ESQUECER EU?”   | 148 |
| “EU SEI FAZER AMBIENTE, EU TRATO TODO MUNDO BEM. SEMPRE FUI PRESTATIVO”       | 164 |
| “OS POLICIAIS FALARAM QUE DEUS ME USOU ALI”                                   | 168 |
| “FOI UM SIMPLES DETALHE, UMA PRIMEIRA VEZ QUE SE TORNOU A VIDA TODA”          | 174 |
| “A MAIOR TRISTEZA QUE TEM NO MUNDO É A PESSOA MORRER DEBAIXO DE UM VIADUTO”   | 176 |
| “NO FINAL DE TUDO É SÓ UMA PEDRA QUE DERRETE”                                 | 188 |
| “É UMA VIDA DIFÍCIL, É UMA VIDA ÁRDUA, É UMA VIDA QUE NÃO TEM VOLTA”          | 206 |
| “EU NÃO SOU DIFERENTE E NEM IGUAL A NINGUÉM”                                  | 215 |
| “A MINHA MENTE É QUE CRIA ISSO TUDO. SE ELA CRIA, ELA VAI DESCRIR”            | 223 |
| “UM LUGARZINHO, UMA CAMINHA, UM QUARTINHO, UMA COISA PRA DESCANSAR SOSSEGADA” | 236 |
| GLOSSÁRIO   | 241 |

# SUJEITOS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA, DONOS DE SUAS NARRATIVAS

## APRESENTAÇÃO

A ideia deste livro nasceu da beleza e da delicadeza que as narrativas sobre traços da história de vida da população em situação de rua trouxeram ao nosso coração. À medida em que a leitura coletiva das entrevistas realizadas durante uma pesquisa na área da Saúde Coletiva avançava no desvelar da experiência dessas pessoas, nos procedimentos de descrição, síntese e análise dos fenômenos estudados, percebíamos a importância de compartilhar esse material na íntegra, de modo a permitir que essa população se mostrasse por meio de sua própria linguagem.

A pesquisa que deu origem às narrativas, intitulada 'O cuidado às pessoas em situação de rua na Rede de Atenção à Saúde', teve como objetivo principal analisar a dinâmica e os modos de vida das pessoas em situação de rua e sua relação com os cuidados em saúde. Dada a complexidade do tema estudado, utilizamos um misto de três técnicas de investigação: (a) a *observação participante* do cuidado prestado a essas pessoas no território em que elas habitam; (b) a realização de *grupo focal* com profissionais de saúde que prestam esse cuidado; e (c) *entrevistas* com pessoas em situação de rua.

Essa pesquisa foi coordenada por pesquisadores do Departamento de Administração e Planejamento em Saúde, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz.

Na elaboração deste livro priorizamos as entrevistas realizadas com as pessoas em situação de rua e, simultaneamente, pacientes do Consultório na Rua (CnaR) ligado à Clínica de Saúde da

Família Victor Valla. O CnaR é a modalidade que presta cuidado de saúde exclusivo às pessoas em situação de rua em uma dada localidade. O CnaR referido nesta pesquisa atua na área denominada pela prefeitura do Rio de Janeiro de Área Programática 3.1 (AP3.1), que engloba parte da região norte da cidade, contendo diversas áreas marcadas pela violência armada e cracolândias com crack 'de qualidade' e preço atrativo.

As entrevistas aconteceram entre os meses de maio a setembro de 2018, foram conduzidas de forma fluida e abordaram atividades do cotidiano, relações familiares e interpessoais, sentimentos, dilemas, estratégias de vida e cuidados de saúde. São histórias repletas de riqueza e pluralidade acerca dos modos de vida, valores, sentimentos, medos e desejos dessas pessoas, que traduzem de forma talvez surpreendente, para alguns, a consciência de sujeitos que percebem, vivem e interrogam as coisas do (seu) mundo.

Os entrevistados foram abordados no espaço de espera para consulta, curativos, procedimentos, busca de medicamentos, resultados de exames, roupas, alimentação ou expectativa de tomar banho. Não houve priorização de características prévias para participação da entrevista. Ao contrário, tentou-se incluir uma pluralidade de indivíduos no intuito de ampliar a diversidade.

Na publicação deste livro, observamos preceitos éticos e todos os nomes ou particularidades que pudessem identificar os entrevistados foram omitidas. Todavia, fomos surpreendidos com o desejo expresso por alguns entrevistados de ter seu nome divulgado na pesquisa, decorrente do sentimento de bem-estar e orgulho pelas ideias compartilhadas. Essa experiência nos fez refletir sobre as inúmeras implicações de uma pesquisa, na existência dos múltiplos lados, onde a intenção de 'proteção' pode implicar em privação de 'autoria'.

As histórias aqui publicadas, portanto, foram narradas por 14 homens e por 10 mulheres, a maioria de raça negra, com predominância da faixa etária entre 40 e 50 anos, escolaridade de ensino fundamental a superior completo, todos naturais da Região Sudeste.

Entendemos as histórias apresentadas neste livro como construções narrativas e ficções de si, isto é, relatos de como cada um de fato percebe e decide narrar a própria história, produzindo sentidos e, portanto, submetidos aos diversos mecanismos de poder, moral, inserção social e valores. Essa concepção respeita e leva a sério a palavra de cada um acerca de sua própria história de vida, divergindo da ideia de 'exatidão' ou 'verdade dos fatos'. Assumimos essa posição porque, por um lado, entendemos que cada um é e deve ser sujeito da própria história e da narrativa sobre ela e, por outro, porque é impossível ter acesso aos acontecimentos narrados para pretensamente 'checar' a sua 'veracidade' ou ficção.

Assim, adotamos como princípio, seja para as análises da pesquisa, seja para a preparação deste livro, uma política de 'não-desconfiança' sobre o que ouvimos e registramos, por mais estranha ou incômoda que porventura pudesse soar aos nossos ouvidos alguma palavra, frase ou descrição de algum evento.

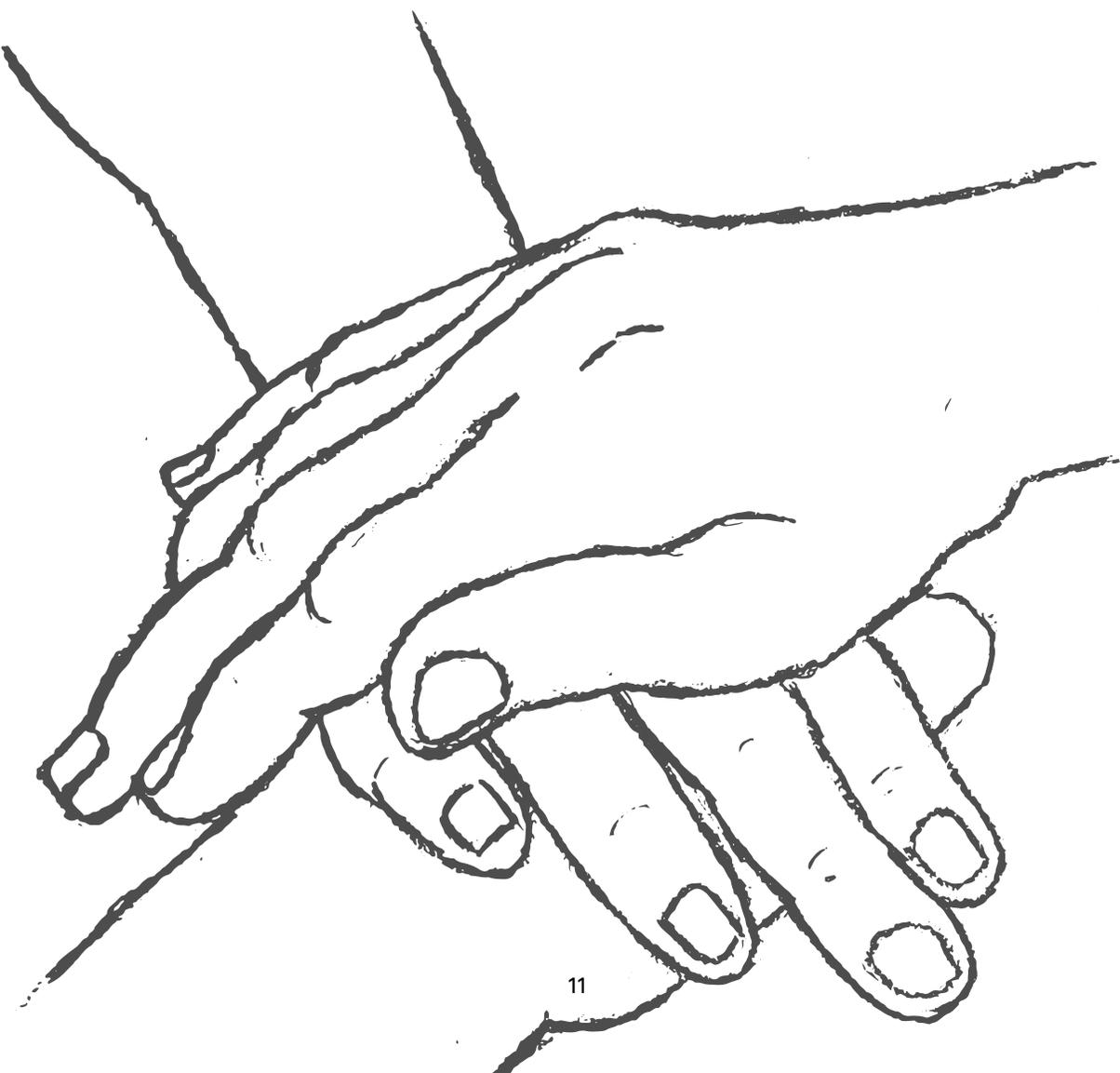
Foi com certa surpresa que percebemos que nossa escuta interessada provocava um misto de valorização, reconhecimento e apaziguamento de uma solidão que lhes causa bastante sofrimento. O retorno verbalizado da maioria dos participantes, ao final das entrevistas, nos foi surpreendente em razão do comportamento mais aparente e esperado da população em situação de rua, geralmente mais desconfiada e arredia, e por ter trazido à tona um sem número de experiências difíceis e sentimentos dolorosos. Nesse sentido, parece que reviver a dor é também uma oportunidade de ressignificá-la.

Acreditamos que parte dessa confiança dos entrevistados em nós, que também pode ser constatada na fala espontânea e desimpedida sobre diversos temas, deveu-se também à relação de confiança e ao vínculo que o Consultório na Rua mantém com essa população, e que foram transferidos para nós.

As motivações para o compartilhamento das narrativas na íntegra nesta publicação decorrem do reconhecimento de que a população de fato **pode** contar sua própria história, e também da percepção do impacto positivo que contá-las trouxe a ela. Esperamos que esta publicação possibilite que essas histórias sejam ouvidas por mais e mais pessoas e, de forma simbólica,

que tal alegria de se contar seja ampliada.

Por fim, entendemos que este livro, como uma oportunidade quase única de ouvir e fazer falar a população em situação de rua a partir de si mesma, possa propiciar a superação de uma visão parcial e quase sempre preconceituosa acerca dessas pessoas marcadas por um cotidiano de dificuldades, desafios, sujidades, ojerizas e ausência de 'belezas'. Elas nos mostraram que são também pessoas plenas de sentimentos, sentidos e sonhos, e que mesmo 'apartadas' deste mundo e tidas por 'descartáveis', ora o vivenciam a partir da reprodução do status quo, ora como críticos sociais. E em alguma medida, inevitável e corajosamente, como resistentes.



# AGRADECIMENTOS

A realização deste livro só foi possível graças à plena colaboração e intensa sinergia da equipe do Consultório na Rua (CnaR), que presta cuidado de saúde aos entrevistados, e pelo financiamento do Programa de Apoio à Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz (ENSP-016-FIO-17).

Agradecemos, em especial, às pessoas em situação de rua entrevistadas, pelo compartilhamento de sua intimidade subjetiva, suas histórias, reflexões e sentimentos, de um modo tal que pudemos ser tocados e impactados por elas.

Por questões de proteção às identidades dessas pessoas, vulneráveis em muitos aspectos, não é possível agradecer nominalmente cada entrevistado. Todavia, é importante, possível e necessário fazê-lo à equipe do Consultório na Rua, como uma homenagem simbólica e agradecimento pela vivência propiciada, pelo aprendizado e pela confiança em compartilhar tais momentos conosco.

ANDERSON DE ARAUJO COSTA  
CARLA LUCIANA CARDOSO DE LIMA  
DANIEL SOUZA  
DANIELE LOPES GAUDARD DE FREITAS  
JOSE DELLANEY DA SILVEIRA LIMA  
MARCELO SOARES COSTA  
REJANE MARIA DE MELO  
SANDRA LUCIA FILGUEIRAS  
VALESKA HOLST ANTUNES  
WAGNER DE MENDONCA OLIVEIRA  
Equipe do Consultório na Rua da AP 3.1

# QUANDO A VOZ SE TORNA ESCRITURA

## NOTA TÉCNICA

Há vários modos de registrar por escrito depoimentos ou narrativas orais. Trata-se, sempre, de uma questão do que Roman Jakobson chamou de ‘tradução intersemiótica’, a passagem de uma mensagem de um certo meio para outro. Neste caso, é a decodificação e recodificação da palavra falada (o meio oral) para a palavra escrita (o meio literário).

A concepção deste livro busca registrar a voz das pessoas em situação de rua que voluntariamente concederam entrevistas a um(a) pesquisador(a), no âmbito do projeto ‘O cuidado às pessoas em situação de rua na Rede de Atenção à Saúde’. Neste caso, o termo ‘registrar a voz’ tem um sentido técnico literal (gravar a fala da pessoa) e um sentido metafórico, ainda que também técnico: inscrever essa fala em um texto escrito.

Esta nota técnica evidencia e dispõe as decisões que precisaram ser tomadas a fim de que o texto escrito conservasse os sentidos, os ritmos e as nuances pessoais de cada narrativa oral. Esta é, portanto, e de uma certa maneira, uma nota de tradução.

### **Por que decidimos compor este livro**

Lemos, na ***Apresentação*** deste trabalho, que a principal motivação para compartilhar na íntegra as narrativas produzidas durante as entrevistas seria permitir que a população entrevistada se mostrasse por meio de sua própria linguagem. A decisão de inscrever essas narrativas em texto escrito decorreu naturalmente da primeira, para buscar um alcance ainda maior dessas vozes.

No entanto, é evidente que tal desejo tivesse necessariamente que ser acompanhado de um conjunto de procedimentos técnicos, de forma a assegurar a preservação dos sentidos e também dos estilos da narrativa oral, e de uma qualidade criativa quase como aquela imposta por qualquer atividade de tradução poética, em que o leitor de um poema traduzido para sua língua o 'escute' sentindo uma impressão análoga a de um leitor da língua original.

Não é uma tarefa fácil, e talvez estivesse muito além de nossas capacidades. Mas não poderíamos deixar de encará-la, principalmente quando pensávamos na imensa contribuição que este livro pode realizar, dando a ver em grande escala o pensamento e os modos de vida das pessoas em situação de rua entrevistadas, narrados por elas mesmas.

Eis as principais decisões editoriais, bem como as justificativas para elas:

- Temos originalmente 24 narrativas, sendo 15 delas enunciadas por homens e 9 por mulheres, e precisávamos transformar as respostas às perguntas da entrevista em depoimentos contínuos em primeira pessoa. Não contamos entre estas com a narrativa da **Pesquisadora**, que se trata de um excerto de uma entrevista em que ela 'apresenta' a pesquisa e seus objetivos a um entrevistado. Essas poucas páginas foram incluídas no livro por entendermos que elas aqui também aparecem como uma boa introdução às narrativas, no mesmo formato das demais, também para que o leitor perceba de que modo foram semioticamente traduzidas as falas de todos os entrevistados.
- Não agrupamos as narrativas por semelhança temática, principalmente porque as mais longas abordam muitos temas e com muita riqueza de detalhes.
- Procuramos intercalar relatos longos com curtos, bem como narrativas mais densas com mais leves, tentando justapor com equilíbrio os relatos de homens e de mulheres.
- Desse modo, cada relato é independente, e o livro pode ser lido em sequência direta ou não, a gosto dos leitores.
- Como buscamos intervir o mínimo possível na narrativa,

optamos por sacar os títulos das narrativas dos próprios relatos, simplesmente colocando entre aspas uma frase ou um conceito emblemático daquela narrativa. Fizemos o mesmo com os 'olhos', as frases mais longas que ilustram e 'fazem respirar' as páginas do livro.

- O uso das imagens segue a mesma lógica. Todo o design gráfico do livro foi pensado de forma a valorizar a forma narrativa, de modo que as imagens escolhidas e suas formas de tratamento digital estão a serviço de um contexto amplo dos modos de vida das pessoas em situação de vida daquela região, sem estarem ligadas diretamente às pessoas entrevistadas ou aos locais específicos em que elas vivem.
- Todos os nomes dos narradores e das narradoras foram modificados. Como se pode ver no início de cada capítulo, escolhemos identificá-los com nomes de escritores e escritoras brasileiras. Também os nomes que são citados nas histórias, pelas pessoas entrevistadas - de parentes, filhos, pais, profissionais de saúde - foram modificados aleatoriamente. Estes últimos receberam os nomes de artistas da música popular brasileira.
- Modificamos a menção a lugares e a outras situações específicas apenas quando poderia haver alguma implicação legal ou moral para as pessoas entrevistadas.

## **1. As entrevistas**

Todas as 24 entrevistas que deram origem às narrativas deste livro foram realizadas e gravadas em áudio, sendo depois transcritas na íntegra por profissionais de empresa da área, a partir da gravação.

As entrevistas com Jorge, Paulo, Sérgio, Mario, Rachel, Graciliano, Clarice, Carlos, Euclides, Cecília, Elvira, Nelson, Manuel, Hilda e Zélia foram realizadas por Cláudia Brito, pesquisadora da ENSP/Fiocruz. Já Ariano, Carolina, João, Cora, Haroldo, Ruben, Ana Cristina, Aldir e Érico foram entrevistados por Alexandre Teixeira Trino, doutorando do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fiocruz.

As entrevistas foram realizadas nas instalações do Consultório

na Rua em Manguinhos, em sala com privacidade. Não havia um roteiro pré-determinado para as entrevistas, apenas tópicos de interesse da pesquisa que, se não fossem espontaneamente mencionados pelos entrevistados, seriam objeto de uma pergunta por parte dos entrevistadores. Por essa razão, e por se tratar de uma conversa que se desenvolveria naturalmente entre o(a) entrevistador(a) e as pessoas entrevistadas, algumas narrativas ficaram mais curtas ou mais longas, dependendo da disposição das pessoas em situação de rua de 'se contarem' e contarem suas histórias.

As entrevistas eram geralmente iniciadas com perguntas acerca da pessoa entrevistada, idade, naturalidade, escolaridade. A primeira pergunta envolvia quase sempre a motivação do momento presente, isto é, "O que você veio hoje fazer aqui, no Consultório na Rua?", "Tem algum problema de saúde?".

Outros tópicos abordados e que constituíam grande interesse para a pesquisa e para o (re)conhecimento das pessoas entrevistadas foram: Trabalho/Renda ou formas de sustento; Motivo pelo qual está em situação de rua e por quanto tempo; História de vida e relações familiares; Redes de apoio, amigos ou pessoas com quem pode contar; problemas de saúde; como trata os problemas de saúde; quais serviços de saúde que busca ou já buscou ajuda; desejos e sonhos. Essas poucas provocações costumavam suscitar a narração de longas e detalhadas histórias de vida.

Seguindo esses poucos pontos, os entrevistadores conseguiram reunir muitas e muitas histórias de vida narradas espontaneamente, uma vez que as pessoas em situação de rua - como em geral todas as pessoas - costumam demonstrar sempre vontade de contar as próprias histórias e serem ouvidas. Isso faz parte de um reconhecimento social inalienável ao ser humano.

## **2. Os textos deste livro**

O percurso da entrevista gravada, da gravação oral e da transcrição até a consecução de um texto escrito em forma literária foi longo e trabalhoso, e implicou na tomada de muitas decisões de método e estilo. De um modo geral, nossas preocupações

essenciais foram as seguintes:

a. Todas as entrevistas estão registradas, como narrativa, na *íntegra*. Isso quer dizer que, ao convertermos as transcrições das entrevistas, cotejando com os áudios gravados, não efetuamos nenhuma edição de blocos. Não houve cortes de conteúdo, nem acréscimos. Tampouco houve deslocamento e reposicionamento de conteúdos, como por exemplo cortar o trecho de uma certa fala para ‘colar’ em outro ponto da narrativa, a fim de inseri-la em um lugar onde havia trechos de temática semelhante ou algo assim. Também optamos por não cortar as repetições, porque entendemos que o fato de uma pessoa retomar um tema anterior, ou narrar duas vezes a mesma história diz algo importante sobre a sentido dessa história.

b. Buscamos preservar a oralidade ao inscrever o texto, sendo ao máximo fiéis à narrativa oral. Este é um exercício literário bastante refinado e que requer técnicas de estilo específicas para que, ao fim e ao cabo, o texto escrito ‘soe’ aos leitores o mais próximo possível do áudio gravado (ao qual eles não têm acesso). Por essa razão, nos preocupamos cuidadosamente com alguns princípios que julgamos importantes.

i) Evitamos ‘corrigir’, tentar ‘adivinhar’ ou retocar as palavras, as frases, o pensamento. Optamos por manter as ocasionais ambiguidades da narrativa, as incertezas, os titubeios e gaguejamentos, as interrupções de sentenças, as idas e vindas do discurso. Sinteticamente, tentamos registrar em texto a fala tal como foi falada. Uma fala interrompida no meio não foi cortada da narrativa. Uma sentença que foi dita apresentando confusão, falta de sentido, contradição, etc, foi mantida desse modo. Gaguejamentos do tipo “Eu, eu, eu...” foram mantidos, bem como os chamados preenchimentos dos espaços vazios do discurso (“ééé”, “hummm...”) e as expressões com função fática (“né?”, “entendeu?”).

ii) Como consequência, também não corrigimos erros gramaticais, de concordância ou mesmo de informações narradas quando sabidamente equivocadas. “O que, e como, a pessoa disse é o que registramos por escrito”.

Mantivemos a forma coloquial, a síncope, segundo a forma como cada pessoa entrevistada enunciava sua narrativa ou pronunciava as palavras.

iii) Para que a narrativa ‘soasse’ como a pessoa entrevistada a enunciava oralmente, houve um cuidado peculiar e atento à pontuação. Em geral, optamos por não utilizar elementos estilísticos que pudessem gerar ruídos visuais nos leitores, como travessões, parênteses e ponto-e-vírgula. Utilizamos as formas mais simples de produzir ritmo às enunciações. Assim, usamos o ponto para indicar a finalização de um enunciado, a vírgula para marcar uma pausa curta e as reticências para acentuar essa pausa, alongando-a, ou para denotar uma interrupção ou uma incompletude no enunciado. Utilizamos pontos de interrogação e de exclamação segundo suas funções (ainda que tentando ser econômicos quanto a este último, reservando-o para os momentos de muita ênfase discursiva). Do mesmo modo, utilizamos com parcimônia o **bold+itálico** para ***grande ênfase*** em certas expressões e apenas o itálico para marcar uma pequena ênfase. Assim o decidimos para não induzir demasiadamente os leitores acerca das entonações da narrativa, permitindo que eles mesmos pudessem ‘imaginar’ internamente tais ritmos e nuances dos discursos.

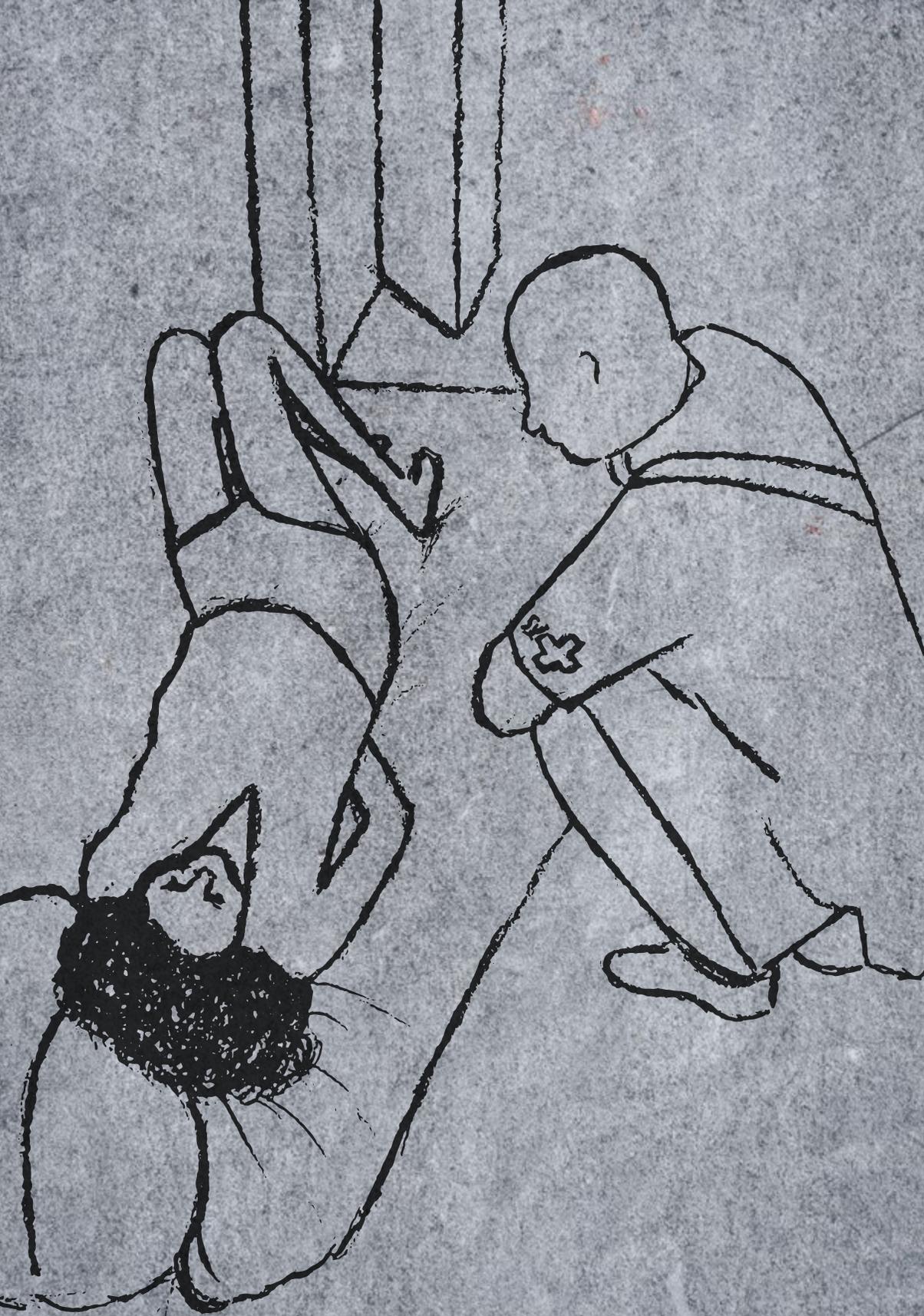
iv) Por fim, buscamos preservar ao máximo também o discurso singular de cada pessoa entrevistada. Isso significa que não aplicamos as regras descritas acima de modo burocrático ou automatizado. Ao contrário, entendemos que cada pessoa tem uma ‘respiração’ própria, um jeito singular de proferir as palavras, de fazer pausas, um certo ritmo próprio e individual de enunciar as sentenças e expressar os pensamentos. Assim, é possível notar, ao longo das entrevistas, bastante variação na grafia das palavras, na construção das frases e na forma como utilizamos a pontuação de modo a respeitar o estilo pessoal de narrativa de cada um.

c. Como já dissemos, uma das primeiras decisões que tomamos foi a de registrar as entrevistas como histórias fluentes, como um depoimento em primeira pessoa, contínuo.

Acreditamos que esse pequeno ‘truque’ não implicaria em edições de conteúdo (cortes, acréscimos, deslocamentos) e, ao eliminar as perguntas, deixaria que a narrativa da pessoa entrevistada fluísse como um depoimento. Fomos favorecidos pela forma como os entrevistadores realizaram as entrevistas, intervindo nos discursos o mínimo possível, deixando as pessoas falarem espontaneamente e, por outro lado, pela disposição das próprias pessoas entrevistadas em contarem as suas histórias. Desse modo, as únicas reais intervenções realizadas nos textos ficaram por conta da eliminação das perguntas e, quando necessário, da ligação entre estas e a resposta que se seguia. Por exemplo, quando a entrevistadora perguntava “Por que você foi parar na rua?” e a pessoa entrevistada respondia “Por causa das drogas”. A solução mais evidente e menos invasiva era simplesmente incorporar a pergunta na resposta, levando à enunciação “Fui parar nas ruas por causa das drogas”. Estas foram, a rigor, nossas únicas intervenções necessárias aos textos que, de resto, intentam reproduzir fielmente os áudios gravados das entrevistas.

Esperamos que nossos esforços tenham resultado na possibilidade de uma leitura fluente e agradável, como se você ‘ouvisse’ internamente as vozes das pessoas entrevistadas, das pessoas em situação de rua que se dispuseram a narrar as suas histórias. Elas se expuseram e se contaram. Esperamos que este livro possa ajudar você a ouvi-las.

Boa leitura!



# "A GENTE QUER SABER A HISTÓRIA DE QUEM VIVE NA RUA"

A PESQUISADORA

Ééé... eu vou te dar um documento, que é pra poder você saber do objetivo da entrevista. Eu vou assinar, você leva uma... uma cópia com você, e eu vou ficar com uma cópia assinada por você.

Qual é o nosso objetivo dessa entrevista? Tá tudo escrito aqui. Explicar assim, de forma mais sucinta. Na realidade a gente quer saber a história de quem vive na rua. Pode ser vive eventualmente, passa, dorme em casa, porque, assim, a rua não é ocupada por uma pessoa só, um... um tipo único. Tem um *mundo* de situações diferentes. E a gente acha que quanto mais a gente conhece esse mundo, mais a gente consegue diminuir o preconceito.

*Pra conhecer tem que viver.*

*Foi o meu objetivo.*

É verdade, eu concordo com você. Maaas... maaas, pra conhecer mesmo tem que viver. A gente, a gente não vai conhecer, na verdade a gente vai pegar a opinião, a percepção e a experiência de vocês. Da rua. A gente acha que a gente consegue diminuir preconceito e a gente tenta, ééé... entender também quais são as estratégias que, que quem está em situação de rua tem pra conseguir cuidado em algum lugar que precisa, suas necessidades, como é que você faz, como é que você se ajudam... Então eu vou te fazer umas perguntas...

*Isso é que vai ser lindo, haaa!*

Não tem problema. A sua história, qualquer história, pra gente seria importante...

*Eu vou ter uma oportunidade de defesa...*

Porque o... essa, essa pesquisa, ela não tem certo ou errado. Ela vem de *vocês*. E na verdade o que é que a gente imagina? Pra pensar serviços de saúde que atenda à diversidade e não seja exclusivo pra nenhum tipo de população, porque nós não somos apenas um tipo de população. Então assim, no momento em que você não quiser participar da pesquisa, dura uns trinta minutos, quarenta minutos.

*Eu vou adorar essa pesquisa, hum!*

Então tá. Você... eu estou dizendo o seguinte, você é livre pra interromper a pesquisa a hora que você quiser, e isso não vai te prejudicar em nada nesse serviço de saúde, tá?

*Tranquilidade. Ah, eu não tenho medo de nada, não.*

*Daqui a pouco eu vou tomar uma bala perdida e vou morrer mêmo.*

Também não tenho muito medo não, mas eu não tô preparada assim, não tô programando a minha morte tão rapidamente não. Você tá?

# "A RUA É MAIS PROBLEMA DO QUE A DROGA"

ARIANO, 35 ANOS

Ééé... meus problema é tuberculose, também sou soropositivo também, e... procurar se tratar, né? E hoje procurar se tratar, né, tive que vir aqui, de um jeito ou de outro. Ah, tô... problema da tuberculose eu tenho vai tá, tô fazendo tratamento já há dois anos. Que eu tive a primeira vez, fiquei bom, aí cai de novo, aí aqui já vou fazer dois anos se tratando já. Eu continuei tomando remédio, fiz o tratamento todo, mas só que eu peguei muita friagem, peguei a segunda vez. Já tem quase, vai fazer dois anos, vai fazer. Em dezembro agora.

Eu vinha aqui todo, um dia sim, um dia não, tomo injeção. Que eu tomei seis meses de injeção, três vezes na semana. Pra tuberculose também. É... que a minha era multirresistente. Ééé, eu já pego já na Fiocruz já, lá no antiviral. Eu procuro cumprir né, a sequência, que é uma melhoria pra mim, né. Não quero morrer, né? Tenho procurado, mas aí é difícil pra mim voltar ao meu peso normal também, que meu peso... era mais forte. Difícil, que a gente mora na rua, tem certos tipos de dificuldade de alimentação, essas coisinhas assim básica. Meu remédio, eu recebo, meu remédio vem da Fiocruz pra cá. Fiocruz manda pra cá e aqui eles distribuem pra mim. O serviço é adequado, né, pra mim e pra todas as pessoas que precisam, né, que moram aí na rua. Serviço bom, ótimo. Legal.

Fiquei só, fiquei na Posse, em Nova Iguaçu, que minha mãe mora lá, que comecei a me tratar lá. Da Posse me mandaram pra Fiocruz e eu tô na Fiocruz até hoje. Aí de lá no... pediram pra mim se tratar aqui, que aqui era perto de uma clínica, devido eu moro aqui em Bonsucesso, né? Durmo por aqui. Aí eu vim pra cá, na rua, em Bonsucesso. Me cuido da melhor maneira que a gente pode ser cuidado, né? Não procuro muito pegar friagem,

sempre tampar os peito, procurar dormir sempre com... nunca dormir no chão frio, botar um papelão, uma coberta se tiver e se cobrir, né?

Assim, né, procurar se alimentar também, né? Que é difícil, um pouco difícil, mas... é difícil porque, às vez... Igual hoje, hoje eu acordei e não tomei café, porque eu não tinha dinheiro pra tomar um café. E nem sempre também tu vai pedir, incomodar as pessoas, pedir pra comprar uma coisa... Assim, quando eu faço um biscatinho que eu tenho dinheiro, que eu tenho um dinheiro, eu sempre guardo, vou... vou ali no restaurante na Brasil, como, tomo um café lá. Mas tem dia que não dá. É irregular minha alimentação...

Eu queria ver se eu conseguisse assim pelo menos fazer uma perícia, alguma coisa, porque eu já tô há dois anos e pouco, tava mais magro. Fazer uma perícia, qualquer coisa, governo me ajudasse com alguma coisa, coisa que eu não consigo. Às vez tem certas pessoa ganhando benefício, eu sou soropositivo e tenho tuberculose. Quase morri, cheguei aqui não conseguia nem andar. Cheguei aqui caindo pelos canto. Eu não consegui marcar uma perícia, não consegui nada. Eu queria ver isso. Aí me falam que... me falam que eu posso ganhar lá, às vez um benefício do governo, pra se aposentar e tudo. Não diz que é certo, mas pode ser. Mas se não ganhar, tudo bem. Normal, né? Também, um pouco de dificuldade, também, a gente é um pouco leigo aí das causas.

Disseram que tem que marcar perícia, fazer acompanhamento, mas... é difícil. Pra mim tá muito difícil. Sozinho, também, não tenho telefone também, não tenho nada. Aí fica... Vou ver agora no começo do mês se eu consigo fazer alguma coisa, que... vou ver se eu vou ganhar um telefone, ficaram de me dar um telefone. Aí eu vou ver, né? Que é até melhor pra ver um trabalho também, que às vezes também quero botar meu currículo, até mêrmo, passar ali numa loja, "Pô, precisa de gente pra trabalhar?", "Não, não precisa não", "Então posso deixar meu número aí?". Que a pessoa pode entrar em contato, mas sem o telefone, sem nada, fica um pouco mais difícil... Eu não cheguei a conversar com o pessoal da equipe daqui sobre isso, não...

O motivo pra mim ter ido pra rua? Ah, separação da minha

mulher. Tem dois anos que eu tô na rua, só. Eu trabalhava diretamente. Entregador na fábrica de bolo, já trabalhei, com a Vó Alzira. Trabalhava normalmente, tinha meu salário dignamente. Aí a gente tando na rua fica tudo mais difícil, não melhorou nada. Eu morava na casa da mulher, aí separei, tive que sair. Não tinha... não tava totalmente estabilizado pra mim poder sair assim, e diretamente assim, e vim acabar na rua. Tem dois anos. Pra minha mãe eu não podia ir. Agora meu pai morreu, minha mãe tá morando com a minha irmã. Eles moram aqui em Nilópolis, na Baixada.

Na rua tá sendo horrível, *an-ham*. Muito horrível. Porque é muito esquisito, né? Muita... simulação. As pessoas, as próprias pessoas mêmro que tão mesmo na rua, uma não respeita a outra. Tem que ter mó cuidado. Mó cuidado com relação a dormir sozinho. A gente não sabe o que os outro faz... É isso aí, né, é horrível, né? A gente não tá muito acostumado, coisa. Os primeiros dia que é pior, né? Tem que correr atrás pra tudo, né, de outro tipo de maneira, aí fica difícil. Eu fico mais sozinho. Fico mais sozinho, pra... Não dá pra ter muitos amigos não. Porque não são amigos, são falsos amigos, só é amigo quando cê tem alguma coisa. Se tem alguma coisa pra oferecer. Acabou, eles vão passar perto de tu e não vão nem te ver. E assim, é isso que eu falo que é simulação, se você tiver, a pessoa é seu melhor amigo. E isso vice e versa, de homem, mulher. Fico melhor sozinho. Sem misturar muito. E é isso mêmro.

Tenho um irmão, mas eles pra lá, eu pra cá também. Eles pra lá eu pra cá. Eu não tenho nada pra oferecer, não tô trabalhando. Quando eu era casado eles ficavam, aqui. Naquele tempo, ligando, agora hoje em dia... Fica difícil na rua, mas a gente dá nosso jeito na medida do possível. Às vezes eu vendo uma bala, às vezes eu dou uma garimpada... Assim. E vamos sobrevivendo, que oportunidade mêmro de serviço, as pessoa nunca dá, as pessoa sabem julgar. "Ah, que isso, isso, e isso". Aí julga uma coisa, uma coisa mínima já é de obstáculo pra não te dar oportunidade. Aí assim vai.

Eu trabalhei de entregador, de auxiliar de produção, serviços gerais, assim. Sempre trabalhei. Já trabalhei em hortifrutí... Essas coisas assim. Trabalhei em obra também. Essas coisas

todas assim eu já trabalhei já, maioria das coisas. Eu tentei, mas logo assim eu fiquei sem telefone, perdi dois telefones na rua, aí ficou mais difícil. Essa coisa das pessoas, assim, não poder me ligar, assim, aí se tornou um pouco mais difícil. Agora que eu vou ganhar um, ficaram de me dar um, aí que vai dar uma melhoradinha, né, que vou poder botar currículo, deixar o número. Minha mãe vai me dar o aparelho do meu pai. Assim ela falou, né? Eu tenho contato, sempre vejo minha mãe, de vez em quando eu vou lá. Eu encontro com ela, ali em Nilópolis, assim. Que também meu pai morreu, ela tá morando com a minha irmã. Aí eu vou e encontro ela. Também não vou na casa da minha irmã, também, que eu não se dou muito com meu cunhado.

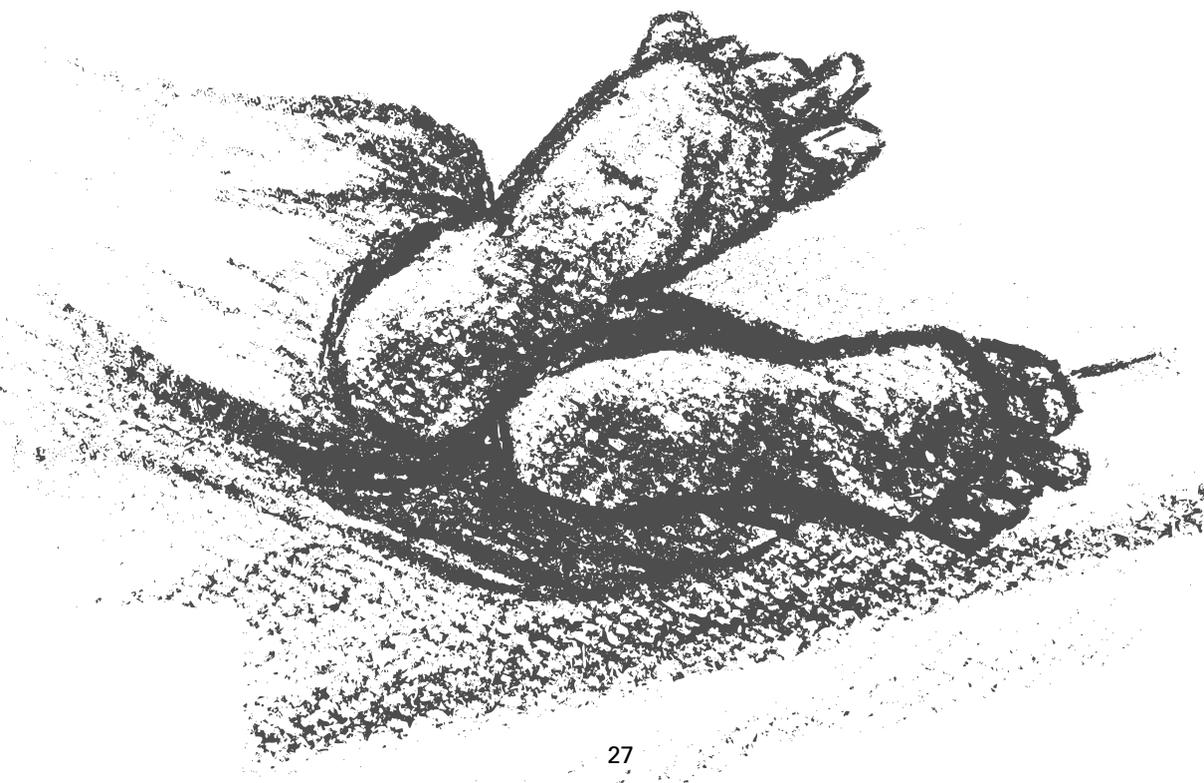
Aí é assim, né? Vou, me viro do jeito que pode.

*“Eu tenho que estar lúcido, pra tá trabalhando pra quando chegar na frente do patrão. Tem que tá lúcido, tem que tá bom.”*

De droga, ahnnn, hummmm, nããão... assim... Não totalmente, mas eu fumo maconha, às vezes cheiro cocaína, só. Nããão... não é abusivo não, porque eu também... quando eu trabalhava eu também... chegava final de semana eu usava também, quando eu recebia, fazia minhas coisas que tinha que fazer, sobrava um dinheirinho... Dava dinheiro pra mulher, o que sobrava pra mim... eu fazia, bebia uma cerveja, assim como algumas pessoas fazem também. A droga não é problema, não. Eu acho a rua mais problema do que a droga. Porque... Isso daí vai de cada um, porque a responsabilidade... ééé... é em primeiro lugar.

Eu trabalhava e sempre fui usuário. Eu sei, eu... eu, eu sei qual é a norma. Não pode me pegar em lugar de serviço usando a droga, se não vou ser demitido, vai receber uma justa causa sem direito a nada, isso aí. Eu sei mais ou menos, né, como reagir nesses momentos assim, né? Que eu tenho que estar lúcido, pra tá trabalhando pra quando chegar na frente do patrão. Tem que tá lúcido, tem que tá bom. Aaaahh, eu não sei, não sei te explicar não sobre dependência, assim, porque às vez, não agora, mas às vez antigamente eu tava em casa e só fumava mesmo. Quando eu não fumava eu andava meio estressado, assim. Também pra

abrir o apetite, né, não almoçava direito. Agora eu quase já não fumo mais, porque dá fome, né? Dá vontade de comer toda hora e tu não tem, aí eu fumo pouquíssimo. É isso aí.



# "A VIDA PRA MIM ACABOU"

JORGE, 57 ANOS

Eu tenho... 58 anos, estudei até o segundo ano do primário. Sou de Miracema. Minas... Eu vim de lá pequeno. Minas Gerais... Sou de Minas. Ah, eu tinha uns quatro anos. Vim com a família inteira. Hoje morreu todo mundo. Muitas pessoas. Tio, vô, vó, primo, prima, tinha muita gente. Eu sou filho único, veio avô, avó, tia. Todo mundo. Viemos pra cá, não sei, é porque... Viemos lá pra Vila Isabel, lá pros Macacos lá. É, morreu todo mundo.

Casei direitinho, trabalhava no banco, era contínuo de banco. Sou casado dezessete anos, mas aí... dezessete anos, aí comecei a beber, e tal, aí fui traído e, separei e aí fiquei meio doido da cabeça. Aí fui, perdi a casa, perdi a mulher, e aí fui morar na rua. Ah, mais de trinta anos, mais de vinte anos... Tenho dois filhos. Já são grandes. Nem sei onde tá mais. Mulher sumiu, depois disso já casei de novo... Aí agora a mulher faleceu, mas aí como a casa era dela aí... A minha, a minha casa mesmo que eu tinha, eu perdi, né? É, perdi... Ficou pra ela... É... fui lá pra minha tia, aí minha tia morreu. Aí eu casei, casei lá com uma moça lá, aí como ela tinha, era dela... Ela tinha a filha dela, tinha o filho dela, aí ficou pros filhos dela. Aí eu tive que sair. Fiquei casado uns quatro ano. Uma pessoa boa, morreu, ela bebia também...

Na rua eu estou... Tem mais tempo que dez anos. Eu ficava lá no morro memo. Porque eu catava latinha, catava, catava latinha, catava ferro velho... Aí tava morando lá num porãozinho lá, aí o rapaz da igreja passou e me trouxe pra cá. Me levou lá pra Caxias, aí de Caxias, eu fui, eu fiquei morando de caseiro lá... Aí como o rapaz teve que vender lá, aí vendeu lá e me trouxe pra cá, pro abrigo. Eu vou fazer três anos aí nesse abrigo aí. No CRAD. É, tô lá há três anos. Dois anos e meio, eu fiquei... Eu já saí de lá também, com pobrema... Negócio de droga, né? Aí saí de lá já e fiquei, seis meses fora, depois voltei de novo. Agora dois anos e meio, mais ou menos. Não eu saí de lá por causa

de briga. É... Lá é pessoa, lá é pessoa viciada também, lá é tudo junto... Lá é bom, pra quem não tem solução igual eu. Se eu pudesse, eu não tava lá não, se eu tivesse enxergando, agora com essa visão então, parece que o mundo acabou.

Parei de enxergar tem um ano. Ah, fui perdendo a visão, ué! Tenho diabetes. Primeiro, lia bem pra caramba, corria, pulava, andava. Brincava... Parece que minha vida acabou, essa visão aí, agora que tava tudo encaixando de novo, já tava... criando quase contato com meus filhos, já tava, a Cássia, já tava vendo o negócio da minha aposentadoria, já tava vendo negócio pra mim operar dessa visão. Aí deu tudo, virou tudo de cabeça pra baixo de novo. É... E agora vai piorar, porque eu não tô enxergando mais nada, pra andar sozinho não dá. Tratamento de saúde eu só tenho aqui. Já estou com a Cássia já tem uns três anos já com ela aí. É com ela, porque eu tenho epilepsia, aí tenho que pegar o remédio aqui. Faço com ela. Se não tiver ninguém pra me acompanhar, igual agora... Já passou, quase um mês já. Não tem ninguém lá pra vir comigo. Quer dizer, a pessoa dependente é uma droga.

Ah, mais de dez anos que eu não vejo meus filhos. Tenho saudades... Agora, não tem como ver eles não. Tô com a coluna que não tô nem aguentando nem andar mais. Coluna e joelho. Tô há mais de quatro meses deitado. Tô muito triste... Parece que a vida acabou mesmo. Meu sonho hoje é me aposentar... Operar essa visão... Aposentar, arrumar um lugarzinho pra mim morar. Se possível, ver meus filhos ainda. Acho que, acho que é a coisa mais difícil. Nem sei onde eles moram... Não... A minha sogra que mora em Vila Isabel ainda. Eu tava em contato com ela já pra entrar em contato com eles, que eu tava juntando um dinheirinho pra comprar um celular... Que ela falou que ia me dar o telefone dela... Quando já tava tudo encaixando, aí eu tava enxergando bem, né? Tava andando, tava conseguindo andar um pouco sozinho, aí foi a Cássia disse que, ela me deu o papel pra me operar catarata e eu perdi o papel. Perdi o papel, perdi o dia...

Aí quando eu fui ver, não tava enxergando mais nada. Aí fui, aí ela conseguiu marcar pra mim de novo, lá na clínica de olho. Aí eu fui lá, fui, fiz o exame, aí falou vou marcar outra pro senhor,

vou marcar outra operação pro senhor. Ela conseguiu. Aí fui lá, quando eu cheguei lá o glauc... tinha aumentado muito... O glaucoma aumentou muito. Glaucoma... A pressão do olho... Muito alta. Não pôde operar aquele dia, aí passou um colírio, dois colírios, aí passou dois colírios. Aí esses dois não tinha lá... Aliás, um tinha e o outro não tinha.

Aí passou esse colírio, aí o que tinha lá, eu peguei lá e o outro que não tinha eu tinha que comprar, mas como eu não tinha recurso e cada um era 120 reais. Eu ganho o bolsa família. Aí juntava dois mês... Dois mês de bolsa família e comprava, e ficava usando um só, aí acho que só isso não deu pra baixar o glauc... O certo era usar dois, né? Mas eu sem recurso, aí, entrei lá, o juiz lá, aí apareceu um juiz lá... Lá na clínica. Eu expliquei pra ele, "Olha, eu não tenho condições de comprar esse colírio". Aí ele falou: "Ó, um a gente vai te dar e o outro você vai ter que comprar, mas como você não tem condição...". Aí o juiz veio e me deu um laudo lá de 530 reais todo mês. Pra comprar, pra pegar, esse dinheiro todo mês.

Mas aí cabou, só peguei um mês só, porque o rapaz que me levava lá, porque era lá na Rio Branco, o rapaz me levou só um mês só, no outro mês o rapaz foi embora, e eu não sei onde é, não fui mais. Você vê, virou tudo, a vida deu tudo errada, tava dando tudo certo... Eu tava recebendo 530, né? Mas tinha que comprar tudo de remédio. E chega aí, no outro mês prestava contas direitinho, com as notas. Pra pegar o outro no outro mês, pra comprar pra aí, não pode ficar sem esse colírio. Cabou que o rapaz lá só me levou, só peguei um mês só. Não consegui ninguém pra ir. Nem eu sei aonde é. Não eu consegui não. E agora parou tudo! Agora tô sem colírio... Não tô nem esperando ninguém, só tem eu mesmo! Lá no abrigo não tem ninguém pra ajudar ninguém, não. Lá é muito ruim. Lá é carente. Lá é só pra sair das drogas memo...

Parei com a bebida, mas se eu sair na rua, com esses problema todo, eu vou usar tudo de novo. Vou mesmo. Agora não que não dá pra sair mais, que eu não tô nem andando mais.... Não dá pra sair mais de lá não. Agora eu tenho que ficar lá o resto da vida. Lá tem almoço, tem janta, tem café, tem lanche... Mas, mas o tratamento mesmo de lá não é digno pra ficar. É que eu

não tenho pra onde ir memo, eu não tenho condições de sair de lá mais. A Cássia tava vendo o negócio da minha aposentadoria, tava dando tudo certo, mas aí agora não tem ninguém aí pra sair comigo. Agora tem que andar muito, e eu não consigo mais andar. Aí parou tudo. Tá tudo parado. Eu sou da Igreja, lá é Igreja, lá é Assembleia de Deus mesmo, tô na igreja... Lá a gente tem... tem culto, tem tudo lá. Lá é Igreja lá. O, o recurso que é meio complicado. Também é muita gente, mais de quarenta, mais de cinquenta. Tem mais de cinquenta pessoa.

Eu tinha tudo, eu tinha boas coisa, tinha uma boa casa, eu que joguei fora. É, eu casei bonitinho... Foi, foi a bebida também, foi a bebida mesmo. A bebida não me deu nada. Nada. Eu que... tô no abrigo aí, vendi minha casa por... por droga. Eu usava, ééé... maconha e pó, cachaça... Eu usava, usava tudo! Cachaça, pó, maconha. Cada uma é... por exemplo, a... porque você se sente mais, parece que tá mais, mais inteligente, mas por dentro... Igual a, aaaa... a bebida, a bebida você sente aquele vício da bebida, mas ela te... te acalma por dentro, igual, peguei tuberculose, fiquei internado...

Quer dizer, a gente mesmo que tá na droga a gente não percebe isso, quando eu vi eu já tinha perdido minha mulher, pro meu próprio encarregado. Quer dizer, aí fiquei doido da cabeça, queria matar a mulher, cabei não matando ninguém e quase acabei foi morrendo. É, eu tinha uma vida boa, trabalhava no banco, boa esposa.... Vida maravilhosa, mas aí.... Até hoje quando eu vejo minha sogra lá, ela fala: "Poxa! Poxa vida!" Minha sogra não tem nada contra mim, ela conversa, eu converso com ela direitinho. Ela que tava entrando em contato com meus filhos de novo, pra mim... pra mim entrar em contato com eles de novo, pra mim entrar em contato com eles, né? Mas aí quando eu vi, já não tava podendo mais andar. Minha vista, já não andando sozinho mais.

Meu pai e minha mãe eu não conheci não. Eu sou filho único e meu pai morreu eu tinha vinte anos, não, tinha dezoito anos. Consegui, consegui viver, mas não vivi muito com meu pai, eu morava com meu tio. Todo mundo morava lá no morro lá, todo mundo. Todo mundo. O meu pai tinha a casa dele, mas eu morava mais com meu tio. Minha mãe eu não conheci não.

Minha mãe, ela morreu eu tava pequeno. Conheci minha mãe não. Esse meu tio era irmão da minha mãe. Ele que me criou... Tio bom pra caramba, mas... Morreu. Ele era crente também, mas... faleceu.

Aí eu fui morar com meu pai, aí meu pai depois faleceu. Aí... Eu já tava namorando, já tava noivado, aí casei direitinho, noivei bonitinho, casei. Tive uma vida, tinha uma vida boa, trabalho no banco. Mas as droga acabou um pouco... Até hoje a minha sogra fala, "Poxa... Esposa boa, né? Agora tá aí". Minha primeira esposa tá... tá casada. Minha sogra se eu quiser, todo ano, no ano passado memo, eu tava lá. E ela, ela... É direto, quando tá tudo certo aí, aí... E eu sou uma pessoa boa. Lá todo mundo gosta de mim lá! Se eu tivesse bom, todo dia, todo mês tava lá. Todo mundo gosta. Ajudava todo mundo lá.

Agora pra vida não desabar mais é ficar lá no abrigo lá, ué! Se eu sair, eu vou sair de lá como? Mas lá também não vai pra frente nem vai pra trás. Não melhora nada, vou ter que contentar com o que tenho... Com o que tá acontecendo... Mas isso desanima a vida, eu quero progredir, mas... Sozinho, fica difícil. Sou eu e eu, ainda cego, sozinho, tenho a ajuda de algumas pessoa igual a ele aí, outros já tentaram e foram embora. Ainda me roubaram. Eu não sei quem é, eu não tô vendo... Eu nem, eu nem conheço mais dinheiro. Eu nem sei mais o que que é dez, o que é vinte, o que é cinquenta. Pra mim é um papel. Pra mim é um papel comum. É dinheiro, isso eu sei, o quanto é eu não sei.

Aí... Eu só, eu só tenho esse bolsa família lá pra mim pegar. Mas aí, eu tava até juntando, toda mês eu juntava um dinheirinho, cabei, mas sem enxergar acabei perdendo o dinheiro. Aí ele não viu também não, porque ele foi tirar o armário, pra pintar lá, aí tinha 220 reais que eu tava juntando pra comprar o colírio. Eu espero dois meses, né? Pra poder eu comprar. Igual hoje, ó, hoje eu já tô com... hoje eu vou lá pegar, né? Aí eu vou ver se ele vai lá comigo, aí eu tô com dois mês pra pegar, já. Aí eu vou comprar um colírio, e o outro, ééé... o coisa vai se emendar aí e o outro eu vou comprar. É que o dinheiro de lá eu perdi, quer dizer...

Tem um... vai fazer um mês e pouco já também que eu não volto no juiz. O que? Ninguém sabe onde pegar, agora já passou também. Lá é um bagulho sério, demorei quatro mês pra conseguir,

e perdi assim num piscar de olho, porque o rapaz não pôde, faltava três dias pro rapaz me levar lá e “Aí, tudo certo, hein?”, é todo dia três, todo mês dia três. Eu ia pra pegar esse dinheiro do juiz lá, 530 reais. Aí peguei um mês, aí, ele, aí diz ele que foi lá, prestou conta direitinho, aí faltava uma semana pro dia três, pra ele me levar lá pra mim receber, e ele foi embora. E eu não sei onde é. Não deixou endereço não, também eu não enxergo, não tô vendo. É lá na Rio Branco, mas eu não sei onde é, lá na rua do México, aliás. Não dá pra ir mais, agora é só... não sei onde é, agora eu já perdi já. Não tem como mais ajeitar mais nada, não! É, não tem como, aliás não tô nem podendo andar mais, agora direito mais. Tô todo quebrado, coluna, joelho. Tô muito triste! Tô memo. A vida pra mim acabou. É, ela, a Cássia, tá vendo isso pra mim, ela nunca me abandonou, mas... agora tô eu sozinho, só tem eu... Tem que esperar ela mesmo.

*“Na rua quem usa droga nem liga pra comida. Não sente fome. Só a bebida, é só a bebida e aí uma droga chama a outra”*

Lá no abrigo a gente tem a nossa caminha direitinho, tem nossa comidinha. Mas o... o recurso que é precário. Que a gente vive de doações, né, lá não é nada do governo, entendeu? É, não tem ajuda do governo. Mas não falta nada, o café, tem nosso cafezinho, café... É café da manhã, é café da tarde, é a janta, almoço, não é aquele almoço coisa, mas dá. Se eu tivesse na rua, se eu tivesse na rua tava pior, né? Aliás, na rua quem usa droga nem liga pra comida. Não sente fome. Só a bebida, é só a bebida e aí, uma droga chama a outra. Na rua as pessoa me ajuda, como eu também ajudo todo mundo. Na rua volta e meia as pessoa se ajuda na rua. Eu sou uma pessoa boa, eu nunca fui preso, nunca matei ninguém. Sempre fui de ajudar os outros. E as pessoa sempre me ajudaram.

Eu sempre morei lá no Morro dos Macacos. Sou cria de lá. Vim pequeno de Minas direto pra lá. Casei, bonitinho... Aí tive uma queda, que, perdi minha mulher pro meu próprio encarregado. Trabalhava no banco, aí surgiu uma vaga lá de faxineira lá do banco. Tem uma firma contratada lá, que era até a Cointer. Aí eu consegui botar minha esposa lá, mas eu trabalhava no banco,

eu era contínuo de banco. Consegui botar minha esposa lá, aí tinha esse encarregado meu, um cara amigão, menina! Era meu chefe, mas... frequentava minha casa. No final de semana, "Ó, vamo almoçar lá amanhã, vô levar um franguinho lá pra gente fazer lá". Aquela amizade, aí vinha pra aqui, daqui a gente ia pro Maracanã, aí como eu gostava de dar um tequinho, ele pagava pra mim e tal.

Aí eu não esperava dele e da esposa, aí com isso. Eu descobri. Fui eu também que já tava maltratando ela também. Tava! Assim as pessoa me contam, né? Mas eu acredito que sim. Ééé... por causa da bebida, da bebida e a droga. E todo mundo mexe na mesma tecla e eu não tenho raiva dela não. No começo eu tinha, mas eu casei logo também, porque eu sempre fui mulherengo, eu sempre... ééé... eu sempre fui do samba, baile, mulher, pagode. Ah, é amizade, amizade, amizade, onde é pagode, é samba, tudo isso rola. Quando eu vi eu já tava, né?... Maltratando a mulher. Aí esse encarregado ainda, acho que aproveitou a coisa. Quando eu vi, já tinha perdido ela já. Aí eu fiquei louco da cabeça, aí fiquei maluco, fiquei até internado no hospício. Fiquei louco memo. Com a droga, com a bebida, com maconha, com cachação, com pó. Queria matar a mulher, acabei não matando ninguém. Quando eu vi fui atropelado. Fui atropelado. Aqui, ó, cabeça aberta aqui. Tem platina aqui e tudo. Tem! Aí fui atropelado a sessenta por hora, até hoje eu me vejo voando assim.

Que eu já passei por cada uma... Desanima! Mas lá no abrigo não tá ruim, mas bom também não tá. E eu não tenho pra onde ir... Agora eu tenho é que ficar é com esse bolsa família, morando no abrigo, cego, já pensou? Sem expectativa de vida, não tem como mais. Quero operar a vista, mas tem que... tem que usar esse colírio, sem esse colírio aí... pra baixar a pressão... É... A Cássia tá vendo tudo isso, mas agora ela entrou de férias. É bom que... hoje eu vou comprar mais um colírio aí, tenho mais um mês. Agora eu só fico deitado, porque eu tô com essa dor na coluna agora. Eu só fico deitado agora. Tem mais, joelho, coluna. Lá eu só fico deitado. Lá ninguém me perturba pra nada. Nem no culto eu tô ido mais. Porque o culto é lá embaixo, aí onde nós fica é em cima. Aí eu não tô nem mais indo pro culto. Era belo louvar, mas todo dia de manhã!

Eu tô desanimado com essa vida mesmo só aí... é... não ter, não ter lugar pra morar, não ter conseguido minha aposentadoria... E tá morando no abrigo e sozinho e sem ninguém, né? É, tem que contentar com o que tem agora. Aí sempre tem um pra... que vem e anima, né? Aí dá pra passar um pouco, mas fora disso, tem hora que você fica sozinho, você fica só focado naquilo: “Puxa, meu Deus do céu! Eu não merecia isso, né?”. Eu sempre ajudei tudo mundo... Se eu tivesse sido uma pessoa ruim, aí tá, tá pagando. Mas não, eu sempre ajudei, eu nunca esperava que eu fosse ficar cego, é pior coisa, ééé... é... é a visão, menina! Esperava isso não... Já pensou, agora? Se tivesse na rua tava pior ainda, né?

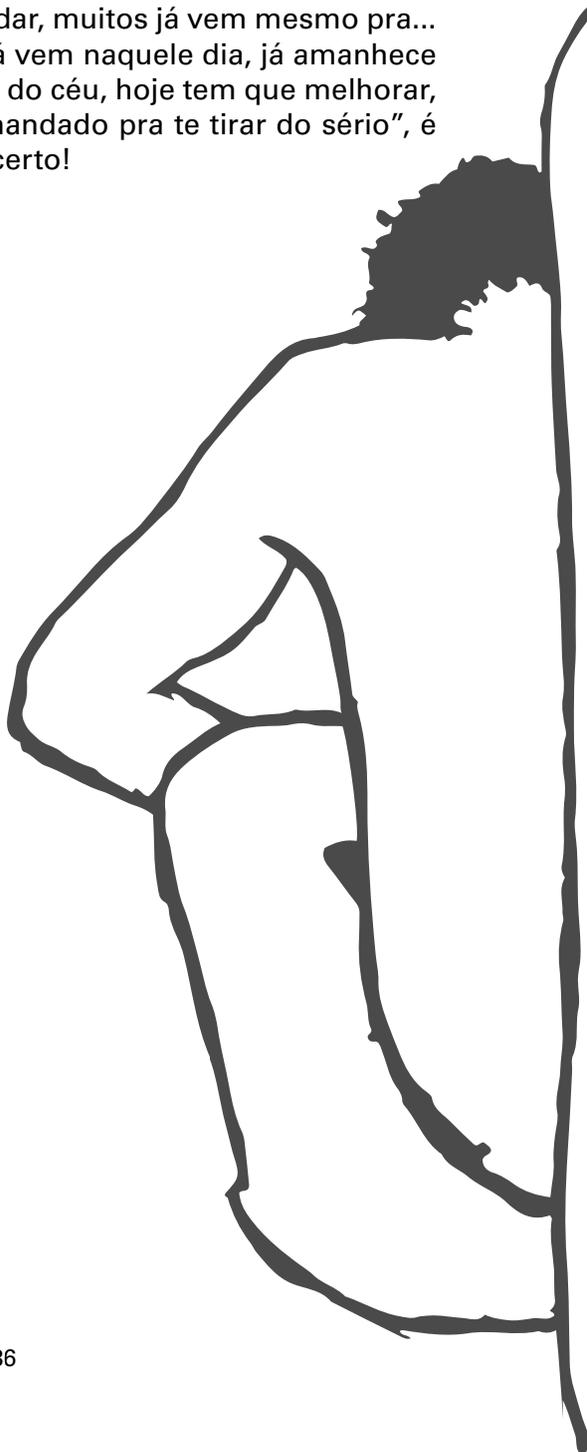
*“Por isso que falo pra você, quando tá tudo encaixando... desencaixa de novo!”*

Agora vou sair daqui, vou lá em Bonsucesso, ver se eu consigo pegar essa bolsa família, tem que ir na farmácia, tem que comprar colírio, voltar... Poxa Vida! Aí depois, ficar deitado lá. Agora é esperar aí, esperar a doutora chegar aí, pra ver. Ela está com tudo encaminhado, ela também não me abandona não, ela tá sempre me... Ela que me dá uma força aí. Se não fosse por ela também, ela conseguiu médico do olho, conseguiu, tava correndo atrás da minha aposentadoria, acabou que eu perdi o papel também da aposentadoria, tava tudo encaminhado. Vou ter de tirar tudo de novo. Quer dizer, é isso que... por isso que falo pra você, quando tá tudo encaixando... Desencaixa de novo!

Agora vai encaixar, tenho fé. Vai encaixar e não vai desencaixar mais. Essa é minha esperança. Ainda tenho alguns amigos lá. Por mais que você esteja triste, uma palavra de consolo. Vale muito! Não gosto de brincadeira é, chato ... Gosto de palavra boa. Mas nessa parte sempre tem um pra me dar um... igual ele aí, tá sempre. É, as vezes eu tô chateado, mas não adianta, ele já vem, faz um, faz um sorriso, poxa, isso é muito bom! Aí dá pra amenizar um pouco, a vida. Tem hora que eu fico nervoso, tem hora que me dá um nervoso.

Tem hora que eu fico nervoso, xingo a diretoria e tudo lá. Quero bater, “Mas tá cego nada, como é que você tá conseguindo

levantar a mão pra mim?”. Aí, principalmente quando eles falam que eu tô fingindo, que eu tô... “Tá cego nada!” Ah, fico! Eu voava pra cima dele. Aí, ele ó, metia o pé! Mas sempre fala aquela palavra já na tua ferida, pra tu... te tirar do sério, mas são poucos, né? Muitos tentam ajudar, muitos já vem mesmo pra... parece que já vem mandado, já vem naquele dia, já amanhece um dia que era: “Pô, meu Deus do céu, hoje tem que melhorar, hoje vai melhorar e vem um mandado pra te tirar do sério”, é muita coisa! Mas vai dar tudo certo!



# "EU FIZ UMA PÓS PRA ENTENDER A ADICÇÃO"

CAROLINA, 38 ANOS

Sou professora de história, sou terapeuta ocupacional e psicóloga. Tenho três faculdades. E uma pós. Nasci no Rio de Janeiro. Eu tive uma criação, sou filha de médica e de um engenheiro. Tive uma criação de família de classe média alta, mas comecei a usar droga com onze anos e aos... vinte e nove anos eu conheci o crack. Quando conheci o crack, eu, eu... eu saí de casa e não voltei mais. E aí logo depois... a minha mãe morreu e quando minha mãe morreu eu fui presa. Fiquei três anos. Eu saí de cadeia e hoje eu moro na rua, estou numa briga na Justiça...

A primeira faculdade, eu tinha vinte e um. A segunda com vinte e sete. E até agora aos trinta e dois eu fiquei estudando. Exerci profissão de psicologia. Eu trabalhava na área de dependência química, mas foi pouco. Eu fiz pós-graduação em adicção. Eu fiz uma pós pra entender a adicção. Eu sou conselheira de dependência química. Eu queria entender a minha doença, por isso que eu fui estudar. Não era no intuito de cuidar dos outros não, é de me cuidar mesmo. Hoje em dia, hoje em dia eu tento... antigamente só era... e hoje em dia eu... Antigamente eu trabalhava com método de Minnesota. Mas mesmo assim, eu não... eu não me trato assim não. Não tenho como não, cara, mas fazer, eu precisava. Eu tô numa fase com depressão, dor. Sem estima para andar.

Foi em vários CAPS, tem muitos anos. Eu levei muitos anos é no João Ferreira. Tem anos que eu não vou lá. O último que eu me tratei... foi Madureira. Eu prefiro o João Ferreira, porque sim. O CAPS João Ferreira eu acho que... a convivência... é... é muito dependente químico lá dentro, no outro é transtorno mental. Eu não gosto de conviver muito com agito não. Eu não consigo, eu fico, eu, já tô cansada já...

É reflexo. Pra lá na boca de fumo, eu larguei. Aí, eu saí de negócio de favela por causa disso, pra não me envolver mais. Agora tô na rua no Méier. O motivo que eu vim pra cá é que eu tenho o maior preconceito com o tratamento de tuberculose e... e aí, eu confio na Cássia. Eu tô com tuberculose, eu começo o tratamento e paro, começo e paro. Um ano já. Pra continuar, eu preciso ficar parada num lugar. Só. Digo a você, sou fiel ao tratamento aqui, nesse consultório. Eu já andei pela Tijuca, eu já andei... Eu... Já pensou, eu vou abrir um... Aqui é o melhor lugar pra fazer tratamento. Pela equipe que tem aí. Para mim é uma família, entendeu? Se tem outro Consultório de Rua aqui no Rio, eu não sei, sei que o melhor é esse. Cássia, Gilberto, Clara, Leonardo, todo mundo.

Quando eles me acham, faço o tratamento. Quando eles me acham, porque eu sumo. Aí eu chego aqui, vão puxando a minha orelha. Cássia vai atrás de mim. Inclusive, eu desapareço. Agora vou começar. De novo. E vou fazer ligação direta com a Clínica da Família do Méier. Vou porque o... Tá brabo. Cássia foi lá pra poder passar pra eles o caso... e eu não apareci.

Já tô na rua há mais de dez anos. Eu garimpo, sou... sou sozinha, eu e Deus. Que é muita covardia. Eu vivo em Cracolândia, fumo crack, entendeu? Não parece, né? Fumo mêmno, fumo firme. Hoje em dia fumo menos. Tô reduzindo os meus dano. Mas não quis mais. Como eu me decepcionei muito com o ser humano... a droga virou minha companhia. Porque eu tô cansadona, eu não durmi, tô uns cinco dias sem dormir. Porque você vai dormir na rua, é roubado. É covardia do povo ali. Meu, eu não encontro lugar aí pra dormir e me acordar.

*“Cara, eu meto a mão no lixo. É do lixo que eu tiro a minha comida também. Quando eu não consigo e fico sem dinheiro, eu como no lixo”*

Eu tô muito cansada. Eu pra me alimentar, eu ganho dinheiro na fonte, que eu não peço dinheiro a ninguém na rua, não conto história triste. Ganho dinheiro no garimpo. PET, latinha. Eu faço isso e, cara, eu meto a mão no lixo. É do lixo que eu tiro a minha comida também. Quando eu não consigo e fico sem dinheiro,

eu como no lixo.

Minha mãe morreu, tenho uma... tinha a herança. O meu irmão tentou me interditar. Então entrei na Justiça também, provei. Agora estou esperando acabar o processo pra comprar a minha casa e recomeçar a minha vida, mêmno usando droga, minha cabeça tá boa. O meu irmão falou que a Juíza assinou a partilha. Então eu tenho que ligar pra ele. Vou usar o telefone lá em Caxias. Até marcou a data pra receber o dinheiro. Hoje em dia eu não... não vou gastar. Eu vou... a primeira coisa, eu vou comprar a minha casa, depois vou comprar um... vou investir num ferro velho pra mim.

Não quero convívio com ser humano. Não, nada disso. Não. Não quero. Não quero, já decidi. Entendeu? Quanto mais eu conheço o ser humano, mais eu sinto falta do meu cachorro. Verdade. Eu tinha um cachorro, morreu. A melhor coisa que me aconteceu foi ele. Não tem mais ninguém da minha família. Tem mais ninguém, morreu todo mundo. Só ficou eu e meu irmão e a gente briga na Justiça. E ele envolveu minha filha e meu neto, que não deixou eu ver. Então é o... assim, eu nem entro no mérito... Eu tenho uma filha de dezoito anos e um neto. Quando eu vou ver ele, eu fico escondida, vendo ele sair do prédio. Eu não falo com eles, não tem como.

É uma coisa, eu tiro por aqui que eu só me tratei aqui, entendeu? Eu não tenho, eu... Única coisa que eu acho que tem que ter é mais nesses casos, sei lá, uma sala para descansar, tipo um CAPS tem, entendeu? Colocar mais e agora não se misturasse com a população que se trata na clínica e tem residência. Tipo, não tem...? Esqueci agora o nome. O CAPS AD por um tempo não inventou... não tinha um abrigo pro dependente químico? Eu fiquei naquela unidade de acolhimento lá no Mussum. Quando eu saí de casa eu fui pra lá.

A diferença de uma unidade de acolhimento pra um abrigo, bom, lhe digo, você tem a liberdade, se você quiser ficar lá, você fica. Tem o horário de entrada, entendeu? Mas o abrigo, tipo, o nome já diz, 'abrigo'. A ideia é a pessoa ficar acolhida, se sentir em casa. Mas aí parece uma... um quartel. Te acordam cinco e meia da manhã e seis e meia da manhã você tem que ir pra rua. Se você não for pra rua, você não pode ficar lá dentro, não pode

descansar, não pode... e aí só pode voltar pras alimentações. É distante de onde se faz... os trabalhos, que hoje em dia eu garimpo, vendo doce. E aí, só... só pode... voltar pra dormir. Então qual é a ideia que você tem de abrigo, de casa? Nenhuma. Aí, depois entra às seis da tarde, mas só pode dormir, ir pra... pros quartos às dez da noite, então não é abrigo. Na outra se você quiser dormir o dia inteiro, você dorme, se você quiser sair e voltar, você... entendeu? Ela é a continuação do CAPS, entendeu?

Na verdade, eu não costumo ficar muito tempo em lugar nenhum. Que eu tenho esse instinto andarilho, entendeu? Porque depois que eu perdi a minha família não tinha mais esse vínculo em casa. Eu queria ter vínculo com o abrigo. Esses hotéis, entendeu? Estou tentando, agora e vou tentar ver se vou lutar para conseguir uma vaga nesses hotéis, esses hotéis que tá vindo aí. Tem um no... na Central, Vila Nova, não sei de outros lugares não. Um lugar que fosse nesse padrão.



# "PRA CONHECER, TEM QUE VIVER"

PAULO, 47 ANOS

Pra conhecer, tem que *viver*. Foi meu objetivo.

Eu não tenho medo de nada, não. Daqui a pouco eu vou tomar uma bala perdida e vou morrer mermo. Só quero que o tiro venha na cabeça, que é pra morrer rápido. Hum. O dia que não tentam me matar, chove. Granizo. Juro, é fato.

Eu tenho um grande defeito. Eu falo a verdade por mais dura que ela seja. *Duela* a quem *duela*. Pra mim principalmente, porque o ouvido mais próximo à minha boca é o meu.

Ah, eu não vou ler essa papelada toda não, porque eu tô sem óculos, pra mim é um borrão preto, não tô a fim de perder tempo. Que ótimo que tem a minha assinatura aqui. É porque vai ter alguma coisa registrada com o meu nome. Então...

Vou fazer 47 anos dia 31 de julho. Tenho terceiro grau completo, fiz engenharia robótica na USP. Nasci aqui mas nunca conheci meus pais nem... meus pais genéticos. Fui encontrado no... fui adotado com seis meses de idade pela minha mãe adotiva, que não era casada com meu pai, ela não... ela casou-se com o meu pai quando eu tinha três anos de idade. Então, eu era o filho da empregada da casa dela. Para ser o mais... e eu nunca conheci meu pai nem minha mãe. Minha mãe adotou o filho da empregada, que era eu. Casou quando eu tinha três anos, levou dois anos e meio solteira, comigo, como filho.

Nunca conheci nem minha mãe e nem meu pai. Trataram de manter distância incrível, não tenho nenhuma referência genética. O que eu pude descobrir é que eu nasci, que minha mãe trabalhava aqui na rua Viúva Cláudio, era empregada... daqui, da rua Viúva Cláudio e morava no Morro do Jacaré. Depois de

rodar o mundo inteiro como marinheiro mercante eu vim parar na porta de onde eu nasci. *Incredible!* Incrível, né? A minha vida é feita de coisas incríveis e impossíveis. Mas é feita disso.

Eu sempre soube que era adotado. Mas nunca tive maiores informações. Agora que a minha tia, esposa do irmão da minha mãe... O meu pai adotivo é complicado. Eu o amo. Já tivemos nossas diferenças, mas hoje em dia... Eu desculpo por tudo porque ele já é um senhor, velho. Como é que eu quero ter perdão, se eu não posso perdoá-lo? Portanto parte de mim. Eu desculpo ele por tudo. Eu o desculpo por tudo que ele fez, de certo ou errado para nós. Não tem problema não. Eu o amo.

Porra, eu todo dia tinha a hora da surra. Primeiro era a minha mãe depois eu. Chegava bêbado do campo do trabalho. Ele era engenheiro eletricista, um cara...  *muito* bem conceituado em Salvador. Muito. Amigo de Antônio Imbassahy, senador. Pra senhora ver. Eu não quero mais falar nada sobre meu pai. Antônio Imbassahy foi engenheiro junto com meu pai. Depois meu pai foi Secretário... de... eletricidade da cidade de Salvador, quando o Imbassahy era prefeito. E aí a coisa foi sempre juntos. Só que eu não quero falar a respeito mais do meu pai. Pronto.

Tenho dois irmãos. Uma irmã e um irmão. Adotivos. Minha irmã eu adoro, mora na Alemanha. Eu sou o mais velho. Entendeu? Minha mãe casou com o meu pai eu já tinha três anos, eu sou mais velho. Ela engravidou do meu pai. Aí... tinha a hora da surra, suave, e eu era uma *meeerda* em tabuada de três. Eu sabia toda a tabuada, vamos dizer. Mas chegava na de três e eu não conseguia acertar, então era a hora da porrada. Na minha irmã e no meu irmão ele não batia não.

Suave, não tem problema. Desculpo. Talvez isso tenha me levado a... como algumas pessoas já me disseram, foram vários fatores durante toda a minha vida que me levaram a essa tal esquizofrenia paranóide, que eu acredito que eu não sou, eu sou uma pessoa que eu... como diz um amigo meu, "Você é excêntrico, Paulo. Não é um pa... não é um esquizofrên... você não é esquizofrênico, você é excêntrico. Seus gostos, seus... suas atitudes e... e suas sugestões é completamente diferente daquilo que a gente não espera uma resposta. Você é excêntrico". Entendeu?

Eu... na verdade, é porque... Teoria da conspiração, a senhora acredita nisso? Pois é, eu acho que... existe uma trama pra me matar. É um jogo. Quem deseja a minha morte? Todas as pessoas que não gostam de escutar a verdadeira verdade. O prefeito é uma *bosta*, induzido por um pastor de *merda*, entendeu? Não acredito nesse Jesus da Igreja Universal e nem acredito no Jesus da Igreja Católica. Eu acredito no meu Jesus, o da Bíblia. Deus tá comigo. A Igreja sou eu. “Conhecereis a verdade e ela vos libertará”.

Uma coisa que eu acho que eles dizem que eu sou esquizofrênico é por isso. Pra mim Deus e o Diabo são a mesma pessoa. Porque como é que Deus pode ter todo poder se ele não tiver o poder do mal? Só tem o poder do bem? Então ele não tem todo o poder, ele não é onipotente. “Ah, mas o se... o Diabo se rebelou”. Mas ele não é onisciente? Então por que é que ele iria criar uma coisa que ele já sabia que ia dar errado? *Dããã!* Entendeu?

Eu sou chamado de herege. Quando eu abro a boca, haha, pra falar o que eu acho sobre Deus, já me chamam de herege. Já começa que é um preconceito social terrível, eu não consigo me encaixar nem no inferno e nem no céu, porra! Tô na Terra. Por isso é que a minha família não acredita, como que quem usando droga desde os doze anos de idade, vou fazer 47 vivo, adrenalina pura. É faca na caveira direto.

Minha vida é loucura, pois já fiz de tudo. Até dar a bunda eu já dei, doutora, já tentei, porque doeu para cacete e eu desisti da ideia, mas que deve ser bom, deve. Que todo mundo que começa não pára, eu não conheço nenhum ex-viado. Porra, eu tive que fazer cirurgia de hemorroida, doeu demais. Mas que eu tentei, tentei. Não quero ter um preconceito. Eu tenho que ter *conceito*. Pra mim ter um conceito, eu tenho que experimentar. Porque *pré-conceito*, pra a ignorância das pessoas é conceito *pré-concebido*. É uma ideia que você tem daquilo que você não fez. Porra, pensar é *difícil*, né? Por isso que eu queria ser normal. Tá entendendo por que eles me chamam de esquizofrênico? Porque eu tenho a péssima mania de perguntar o *porquê*.

Porra. *Hihiii!* O secretário de saúde deve me achar uma merda. O segurança de ônibus deve me achar uma bosta, porque tirando a minha ‘rica’ aposentadoria, eu peço no ônibus. Manguieio.

Conto história. Não roubo, não vendo coisa falsa. Isso... seria 171, estelionato. Eu conto uma história que é a verdadeira história. Essa porra não tem remédio, mano, eu vou fazer o quê? O que eu ganho não dá para comprar 500 conto de remédio todo mês. Aproveito e meto o pau na Igreja, né, aí começo a falar. Falar tudo aquilo que eu acho de todo mundo. Se eu vejo uma situação que eu não gosto, dali memo já tô *iiihhh*, vivo a loucura.

Esse tem sido o meu trabalho, falar a verdade, o que eu penso a respeito das coisas. Eu acho que o ser humano ficou *burro*, porque hoje todo mundo só olha para a porra do celular, e não sabe da onde vem a informação. Que idiota, um livro é completamente diferente. Qualquer um pode botar uma informação na internet, e levar à indução de um povo inteiro, cara. O povo ficou burro. Eu não tenho celular. Tenho livros. Celular já tive. Mas eu vendo. Quando eu fico duro, que quero fumar crack, a primeira porra que eu vendo é o celular, não tenho apego nenhum. Não quero.

Outra atividade? *Bato punheta*. Porque eu economizo. Não vou sair com essas mulher tudo impregnada de sei lá o quê? Então financeiramente, pra mim é... porra, vantajoso. Lógico. Chego em casa, fico na minha privacidade, fora os vizinhos que ficam olhando para a porra da janela porque dizem que é a casa do maluco, querem saber, e pronto. Fico lá me masturbando pensando na vida e fumando crack. Aí às vezes fumo crack, vou ler a Bíblia, vou olhar alguns outros livros, eu sou viciado em *ler*, entendeu? *Adoro* ler. Comecei a ler revistinha do Tio Patinhas pa cagar. Quando criança. Eu fiquei viciado, eu lia *tudo*, até anúncio de...

Eu tenho uma casa. Eu moro num quitinete, lá na B2, lá no Bandeira 2. Porra... Eu sou livre. Tenho meus pesadelos. Sou um cara solitário, a minha família me rejeita, todo mundo me rejeita. Não tenho amigos. Por ter certos pensamentos que eles ficam com medo. Adoro me queimar, para relaxar. Eu não apago, eu encosto o cigarro e deixo ele ficar cozinhando. Gosto da sensação. Relaxa. Mas se eu usar crack eu não faço isso. Faço isso quando estou careta. E quando vêm os pensamentos... As vozes, é. É uma maneira de eu... entrar em contato comigo mesmo, sabe? É muita dor que eu sinto.

No ano passado, a minha ex-namorada, a única mulher que eu fui apaixonado... Porra, aprendi outra: se apaixonar tu fica um *ba-ba-ca*, cara. *Caraaaalho!* Fica merda por causa daquela filha da puta, sss. Meu Deus do céu, se ela fala assim, "Fica em pé", eu ficava. "Vira", *arf*. "De bobo", *arf*... Caralho, irmão, que merda, eu fiquei apaixonado. Caralho, eu via toda mulher com o mesmo rosto tudo na rua, que porra era essa, véio? Que por... Jesus, isso é uma praga, véio! Eu não conseguia pensar, cara. Gastei 40 mil reais de empréstimo só... Ela inventando historia e eu dando, dava até a bunda por aí, meu Deus, que desgraça, nunca mais quero gostar de ninguém desse jeito... Ai, meu pai do céu!...

Conheci ela na Cracolândia lá da Nova Holanda. Aí no dia 31 do ano passado ela me traiu com o meu vizinho do lado. *Hiiii!* Eu escutei. No dia mais difícil do ano para mim, sabe? Porque o dia do meu aniversário é o dia em que... As incógnitas. O meu olho verde é do meu pai ou da minha mãe? E a minha pele branca? É do meu pai ou é da minha mãe? E o meu nariz? São as perguntas que me machucam. Minha mãe... minha mãe genética morava por aqui. E que se chamava Maria Helena. Porra, ainda fui... Pra senhora ter ideia de que puta de Maria Helena...?

Eu fui na Associação de Moradores ali no morro. Quantas Marias Helenas têm? No mínimo quatrocentas. Aí eu comecei a fazer uma estatística, de acordo pela idade. Eu falei: "Bom, 45? Nós vamos ver. Porra, então ela deve estar com uns 73 provavelmente, 70, 73". Porra, diminuíram para 220. Aí das 220, quantas estão vivas? 130. Porra, eu não tenho condição de andar no morro com 130 mulher idosa em morro que é boca quente, né? Por mais usuário e conhecedor do Comando Vermelho que eu seja... Apesar que eu não sou Comando Vermelho, nem ADA... Se o crack tá bom eu vou atrás, meu irmão. Pode ser na puta que o pariu, entendeu? Não quero saber quem tá vendendo, se é a ADA, ou esse Milícia, ou CV... A droga tá boa? O crack tá bom? "Porra, por favor, me dá aí". Até o padre, se tiver vendendo, eu falo "Me dá por favor!"

Apesar que para mim quem inventou o crack foi Jesus Cristo e Deus. Porque tudo foi feito a partir dele. E pô.... E sem ele, nada que se foi feito se fez. Porra. *Rá*. Ué. Imagem e semelhança de

Deus. A imagem não é o nosso corpo. A imagem é aquilo que se forma na nossa cabeça. E a semelhança de Deus é o poder de decidir sobre o bem ou o mal. Qualquer decisão que você pode ter que tomar, a respeito de alguma situação, você pode fazer para beneficiá-lo ou prejudicá-lo. E isso nos torna semelhante a Deus, o livre arbítrio.

*“Num tenho porra nenhuma na vida, que o que que eu ganho eu dou. E tudo o que ganho da rua também dou”*

Porra, eu tenho uma arma aqui. Boto ela na gaveta ou dou um tiro na cara desse filho da puta que tá na minha frente. É uma decisão que você pode fazer. O bem ou o mal. A maioria das pessoas toma a decisão que beneficia a elas mesmas. Eu não. Porra, num tenho porra nenhuma na vida, que o que que eu ganho eu dou. E tudo o que ganho da rua também dou. Dou memo, cara. Porra, que eu tô assim, porra, eu dou, velho, eu não consigo ter nada, caralho, eu dou tudo. *Haha!*

Eu não tenho apego de dinheiro, porra, doutora, eu ganho, deu 3.300 reais por mês. Eu não tenho... Minha aposentadoria, da Marinha Mercante. Invalidez. Eu não consigo ter nada porque eu não tenho apego nenhum, nem... desejo de possuir. Eu já tive tudo isso, eu viajei de avião o mundo inteiro, tinha todo o luxo, dentro daquela porra quando eu trabalhava na multinacional, a Subsea Seven... Uma empresa de navegação da... da Rainha da Inglaterra, da Família Real, essa empresa. *Pfuuu...* A diária do... do navio que eu trabalhava, o Seven Ocean, aqui no Brasil era de cem mil dólares por dia, que a Petrobras pagava para ele. O navio é azimutal, não tinha leme. O sistema de navegação dele, o hélice dava um... um giro de 360 graus sobre o próprio eixo. O motor dele é elétrico. Muito silencioso.

O nome da minha namorada era... Pa-trícia. Incrível, outra coincidência. Porra, porque esse nome ‘Patrícia’ me persegue desde criança. Quando eu tinha doze anos eu dei um soco numa menina... do edifício que eu morava lá em Salvador chamada Patrícia. Mas eu dei por um momento que eu tava nervoso porque na verdade eu me masturbava em intenção dela todo dia. Eu era

*apaixonado* por ela. Ela é irmã do Marcelo. Aí eu fui em São Paulo, trabalhava num... night club, Café Millenium. Conheci uma Patrícia. Ficou apaixonada por mim. Era esse diabo dessa mulher que me apareceu, cara? E no dia 17 de abril, aquela Patrícia foi pra Noruega. Ela foi pra a Noruega, voltou pro ex-marido, mas agora quando eu pensei que eu estava livre, que eu tenho síndrome do pânico, cara, e ela... ela me prejudicou para caralho, nisso, eu acho que as pessoas querem me matar, sabe?

Porra, incrível. Fora que eu fiquei broxa de verdade, é muito louco! Já tava complicado para subir, agora então que, porra, o bicho fica com tanto medo que só falta sair pelo cu, de tanto que a porra vai para trás. Ah, meu. Se eu tenho medo de me apaixonar de novo? Eu? Tenho *pânico*. Hahahahaha, caralho! Pelo amor de Deus! Mas eu sou carente, cara, eu sou um cara sozinho, entendeu? De verdade, o que eu tenho mais saudade... foram dos meus familiares que realmente me amaram. E *todos* que me amaram já morreram. A minha bisavó, o meu avô, o meu padrinho... a minha vó... Esses me amaram.

Minha mãe tá viva. Tá. Mas ela quer ver o diabo, mas não quer ver eu nem pintado de ouro. Foi quando eu comecei a fumar crack. Em 2007 ela teve um problema... na rua, caiu desmaiada, e levaram ela para o hospital da Bahia, lá de Salvador. Ela agora mora em Petrolina. Depois de dez dias ela internada naquela merda, "Putá, que porra é essa, que a minha mãe tá no melhor hospital da Bahia, paga um plano de saúde caro pra caralho e ela tá lá, nessa porra?". Eu fui no hospital.

Conversei, conversei com o cirurgião, cirurgião cardíaco, ele falou "Olha, cara, a sua mãe, sua mãe... ", vou resumir. Minha mãe tinha um coágulo... no pescoço, na veia do pescoço, o plano de saúde autorizou uma cirurgia que custava cinco mil reais, isso em 2007. Era uma incisão na... na veia do pescoço, na altura do pescoço e tirar por ali com uma pinça. O médico olhou pra a minha cara e falou: "Se eu fizer isso com a sua mãe ela morre. O que eu quero fazer é um cateterismo, botar um balãozinho pela veia da perna, subir. Só que essa custa sessenta mil reais. Então estamos há dez dias esperando se essa... se esse coágulo soltar e for pro cérebro, sua mãe morre".

Falei "É, doutor, isso pra mim, porra, eu... esse problema,

eu resolvo! Em três horas eu resolvo isso daí”. “Quê?”. Falei “Prepare sua equipe”. Fui em casa, arrebentei o cofre da minha mãe, tinha dois mil reais lá. Peguei o carro, fui lá na boca de fumo que eu comprava maconha e cocaína e falei “Brother, venha cá, véio”. “E aí, Carioca?”. Eu falei “Véio, tô precisando de um oitão, tu tem aí?”. “Tenho. Vai fazer o quê?”. Eu falei “Me vende essa porra aí. Tome mil conto”. Falei “Agora eu quero usar uma droga”. “O que é?”. “Eu quero usar aquela porra ali do garoto”. “Você vai virar sacizeiro, véio? Aquilo ali é crack”.

Ó, eu aprendi pra fazer isso que eu vou lhe falar. Falei “Véio, me dê 500 contos daquela porra”, e me ensine a fumar aquilo. Ele falou “Véio, essa porra é foda”. Falei “Mermão, cada cachorro leva a sua caceta, mermão. É olho por olho e dente por dente”. Comecei a fumar. Quando eu fiquei legal, cheguei lá na sede do plano de saúde, pancadão, com um oitão já na cintura. “Com licença, gostaria de falar com o diretor financeiro. Sou filho da dona Lucimar, pá-pá-pá”. Aí me botaram lá, um cara almofadinha, todo gordinho, terno e gravata, falei “Com licença, posso usar o seu banheiro antes de...”. “Pode”.

Cheguei no banheiro, dei uma calibrada como eu fiz ali agora. Daí ele começou “tá-tá-tá”, eu falei, “Meu irmão, é o seguinte, eu vou explicar assim. Você tá vendo essa porra aqui? Se minha mãe morrer, tem seis tiros nesse tambor e tenho mais seis no bolso. Eu vou entrar naquela porra daquela portaria ali e vou começar a atirar só em funcionário. Você não vai vender plano de saúde nem mais para a puta que te pariu, viado. Tome sua decisão, eu tô indo pro hospital”. Falei “Dá licença, um bom dia”. Quando cheguei no hospital já tinham ligado três vezes autorizando a cirurgia da minha mãe, hiiii! Resolvido o problema. “Mas o que é que você fez?”. Falei “Nada”. Fui falar isso, foi numa reunião de família dois anos depois e eles... me execraram da família. Porque todos são crentes e disseram que eu devia estar orando. Orar é o caralho, mermão, oração é ação nessa porra! Eu tô orando, e vambora! Vai ver que Deus me usou!

O pai se borra de medo de mim, porra. Ele acha que eu sou completamente doido. Então são umas coisas que eu vou fazer. A minha irmã Madalena, que me gosta de mim, ela fala assim, ó: “Não fala, não, o que o Paulinho for fazer ninguém se mete!

Porque ele vai resolver do jeito dele". É. O meu irmão, que é crente há quarenta anos, falou que o desejo dele é me ver morto dentro do caixão. O meu irmão que eu defendia para caralho quando era... como irmão mais velho, sabe? Porra... Por causa do crack. Porque ele é preconceito. Porra, eu acho que só fode papai-e-mamãe, brother, não é possível. E ele deve uma porra de uma mortalha, ele com um furo na altura da genital e a mulher com outro furo na altura... porra, o cara é careta para caralho, brother, pelo amor de Deus, véio. Porra, é um nove-hora do cacete.

*"O crack pra mim é como a risperidona, clorpromazina, o ácido valpróico, diazepam... Faz parte"*

O crack pra mim é como a risperidona, clorpromazina, o ácido valpróico, diazepam... Faz parte. Eu uso toda hora. Eu *dependo* do crack também e da maconha, junto com os remédios, esses que eu falei. Porque o... eu uso *há anos* todos esses. E nisso, eu, para conseguir estabilizar mais essa coisa que é a minha cabeça, porque você não tem ideia do que é viver com todos esses pensamentos. E quando todos eles vêm numa porrada, só? Quando eu uso o crack eu fico assim, do jeito que eu estou, normal. Não há uma diferença. Sem o crack complica, porque aí eu vou ter que aumentar muito as medicações legais, e aí eu vou virar um ve-ge-tal, cara. Entendeu? Eu vou ter que aumentar *muito* as medicações autorizadas e... você viu? Nossa. O crack, ele consegue me estabilizar pra mim ter uma vida quase normal. Só que a sociedade não entende que eu *preciso* usar crack.

Se você me pergunta se tem algum efeito ruim do crack pra mim, ou na minha vida... Mas... O que é que é 'ruim', cara? "O que eu não gosto, que me faça mal, que me faz sofrer?". Quando o crack tá uma merda, isso me faz sofrer. "Porra, gastei meu dinheiro à toa, o crack não tá bom". Quando o crack é bom fico de pau duro na hora, é *incrível*, é melhor que viagra, ah, caralho! A coisa realmente é um... porra, dopamina, tudo quanto é hormônio gostoso ele libera. E eu não consigo ter pensamentos ruins, sabe? Um outro preconceito da sociedade é... o que eu vejo nas coisas dos garimpeiros, fica aquela reporterzinha medíocre do SBT. Ô! *Pufff*.

Rapaz, as amebas devem ter inveja dela, porque ela consegue ser mais idiota do que uma ameba. É ridículo. Ela chama uma morte de, por uma bala perdida de 'efeito colateral'. Porra, uma vida resumida a essa palavra! É uma vida. Com uma família, com um passado. Por mais que seja bandido ou polícia, não é um efeito colateral! *Ameba!* É uma *vida!* Se pra ela uma vida é reduzida a efeito colateral, é o maior sinal de que ela é uma completa energúmena. Se é que ela sabe... o significado dessa palavra.

Amigos? Deus. Por eu falar as coisas que eu falo que é... você está vendo... Ééé... Esse meu modo, as pessoas ficam com medo de mim. Não sei por quê. Parece que não gostam de escutar o que eu tenho a falar, né? Incomoda. Será? Eu não tenho diplomacia nenhuma, eu falo aquilo que eu acho que eu tenho que falar. E também aceito crítica daquilo que eu tenho que aceitar. E porra, eu tomo umas comidas de rabo que às vezes vem um elefante com caco de vidro. E eu aceito, abaixo a cabeça e reconheço que eu tô errado. Então, me falem uma dura verdade, mas não vem me falar uma doce mentira não, mano! Porra! Me fala logo.

Eu quando conheci a Patrícia eu falei "E aí, qual é a tua correria?". E ela em vez de ela me falar "Porra, mano, eu faço programa, eu..." Não, não vem com história florida do caralho... Me fala as coisas mas num é porra nenhuma, eu acabei sendo corno, tomei mais chifre que a floresta amazônica, eu tenho árvore, galhos, galhos e galhos na minha cabeça. Mas me acostumei. Desculpei. Só fiquei broxa, né? Mas também, corno, só é corno quem gosta de mulhé. Num é? *Isso* é efeito colateral.

Quando tenho algum problema de saúde venho à Clínica da Família, falar com a minha família, o Gilberto, a Cássia... Eles, eles são minha referência. É a única família que eu tenho. Se for de madrugada e aqui tiver fechado eu procuro uma boca, compro um crack melhor que tiver, dou-lhe uma estalada, vou prum canto e falo "Ô, meu Deus, se for pra ir embora me leva logo que eu tô cansado". Jesus foi com 33, eu tô com 47 nessa merda! Não tô no lucro, porra, eu tô no prejuízo, véio, num guento mais! Porra!

Mas procuro médicos, lógico, a Clínica da Família. A minha

família. Eu só venho aqui. Que eu confio. Eles... eles me tratam há mais de oito anos, as mesmas pessoas. Eles conhecem tudo de mim, coisas que ninguém conhece. É uma questão de confiança, é uma equipe que eu sei que me ajuda.

Eu tenho certeza que eles gostam de mim. E eu, cuzão, independente de gostarem de mim ou não, foda-se! O que eu... o que interessa é o que eu sinto por eles, e... eu cuzão. Porra, *adoro* eles! Come meu cu, mas não toca neles, pelo amor de Deus, não faz isso não, que pô, eu vou pular no meu e... Nossa Senhora! Eu venho com o inferno e os demônios todinho. E como dizem que eu já sou maluco, vou vim com tudo aquilo que eu puder. Depois interna. Porra! Aí, o hospício aqui é um luxo do caralho, lá no Nordeste é brabo. Agora aqui tem banho quente, *belelé*, Nossa Senhora, televisão...

Já fui internado! E todos aqui, porra, tratamento é padrão, cara. Cinco refeições, chuveiro quente, ar-condicionado, cobertor, porra. Mas no Nordeste...Aqui no Rio é gostosinho. No Nordeste era horrível. Caralho, você é tratado como um cachorro. Mas aqui eu é que peço pra ir embora. Eu fico batendo papo com a rapaziada, com os enfermeiros, a gente conversa... então eu fico, se torna uma coisa familiar, então eu fico bem à vontade. A única coisa de ruim é que não tem crack. Entendeu? Mas tem medicações que me ajudam, mas fica muito '*blelelele*' porque não tem a droga, então fica, porra, toda hora...



# “EU TENHO ESTRELA!”

SERGIO, 56 ANOS

Eu geralmente fico aqui perto do EPETEC aqui. Hospital Geral de Bonsucesso. Desculpa aí, tá? Assoando o nariz, porque a gente pega friagem, termina ficando resfriado, às vezes. Ontem foi frio, né? E eu tava com um cobertorzinho só, sei nem como eu consegui ficar numa boa. Tô dormindo na rua. Minha mãe morreu, e eu tô morando na rua. Eu tava morando com ela, tem dois mês que ela morreu fez esse domingo. E eu sem dinheiro, desempregado, diabético há dez anos já. Quer dizer, cinquenta e seis anos, fica difícil até pra arrumar trabalho de carteira assinada, esse problema todo, né? E eu queria arrumar um jeito de me encostar, assim, que eu já paguei INPS, tal, entendeu. Um auxílio doença, alguma coisa que pudesse, né, pelo menos olhar a pessoa que tá na rua, né?

Ah, trabalhei com muita coisa. Trabalhei de muita coisa, até de garçom eu já trabalhei. Serviços gerais, muita coisa. O meu último trabalho faz muitos anos já, foi em noventa e quatro. De carteira assinada, né? Depois comecei trabalhar trabalho sem carteira assinada, quando que me quebrou. Trabalhei no estande de venda do Barra Golden Queen, na Sernambetiba, Barra da Tijuca. Esse foi meu último trabalho que eu tive. Ganhava muito bem lá. Era um estande de venda, né, onde as pessoas iam ver imóveis pra comprar, né? Essas coisa, né? Entendeu? Eu trabalhava com serviços gerais, tomava conta desse estande de venda pra limpar ele todo dia. Sala VIP, quatro, cinco banheiros por dia, e tal. Aí acabou, né, venderam os apartamento, desmancharam os estande de venda, né? Entendeu? E aí foram mandando esse pessoal ir embora, dando os direitos ao povo, na época noventa e quatro. É, saí de lá em noventa e quatro.

Depois... eu... eu assinei a carteira mais não. Aí comecei a trabalhar com trabalho sem... informal né, essas coisas, né? Sem carteira assinada, né? E fui indo, me acostumando com isso. Aí

fui trabalhar de camelô. Trabalhei de camelô, aí conheci uma garota, morei com ela catorze anos. Depois tive uma filha. A gente fazia sanduíche natural, vendia. Salgado. E aí paguei aluguel dez, doze ano com ela. Arrumei um trabalho pra ela, numa firma que prestava serviço pra Globo, ela foi. Aí nós tivemos uma filha, Brenda, em 2001, em 2001. E...

Dezessete anos, vai fazer agora, dia 30 de maio. Dia 30 desse mês. E aí... ééé... a menina depois que tava com uns quatro, cinco anos, arrumei um trabalho pra ela. Começou a trabalhar, trabalhou uns oito, sete anos nessa empresa, prestava serviço pra Globo. Aí, depois, nós se separamos, em 2008, mais ou menos. E aí... ééé... foi onde eu peguei minha diabetes. Peguei diabetes. Entendeu? Imagino que foi mais por causa de drogas, essas coisa, que eu usava cocaína, essas coisa. Nunca usei crack nem nada disso. Era cocaína, só. Bebia cerveja, nem cachaça eu num bebia, nem nada. Antes, eu já cheirava antes. Entendeu? Cheirava antes. Aí depois da separação ficou pior... Você fica sozinho, tem aquele negócio todo. Mas, sempre trabalhando. Aí fui morar com a minha mãe. Depois não deu certo, porque eu tinha um irmão que era problemático, que não trabalhava.

Aí fui morar na...sozinho... Aí fui, ééé, caindo, caindo aos pouco, com diabetes, depressão... tudo que pegava, droga, bebida, jogo. Droga, bebida e jogo. Jogo de maquininha. Esse jogo, esse jogo me tomou mais de 500 mil reais. Pela felicidade da minha filha, me tomou mais de 500 mil reais. Jogo de azar é um jogo que avicia. Engraçado que eu só jogava quando tava drogado. Se tivesse bom, nunca joguei bom. Porque eu já sabia que era furada, tava drogado dava vontade de jogar. Era o único defeito que eu tinha. Que a droga me jogava pra esse jogo, e eu saía sem nada. Podia tá com mil, dois mil no bolso, perdia tudo. Perdia tudinho. Eee fui indo. Ééé...Aí... fui morar com a minha mãe, depois que meu irmão morreu. Ela com 80 ano, 81, por aí. Entendeu, aí fui morar com ela.

Eu não queria que meu irmão morresse, mas não dava pra morar junto porque... né? Ele era muito complicado, né? Quer dizer, aí não dava. Aí eu fui morar com ela, depois que ele morreu. Já tava até bem, tinha saído até da rua, já tava dois anos e meio na rua, mas minha vida na rua sempre foi trabalhar. Mêmo

acordava de manhã. Tipo assim, a senhora tá me vendo. Até, até limpinho, né, com a aparência até quem vê assim até nem pensa que eu sou nem de rua. Só falta fazer só o cabelo e a barba, que tá faltando, no momento. A minha vida sempre foi assim. Aí de manhã procurava alguma coisa pra fazer. Um caminhão pra descarregar, um trabalho de obra. Tudo isso eu pego. Pego. ainda, entendeu? E sempre foi assim, nesses dois anos e meio. Aí meu irmão morreu, fui morar com a minha mãe. Ele era usuário também de droga e... pegou um espírito... ruim, de andar todo sujo na rua, catando essas coisa, é garrafa, é lata, essas coisa toda. Isso é espírito ruim que entra na pessoa. Entendeu? Porque não é normal a pessoa sair catando aquilo ali e andar todo sujo no meio da rua.

Morreu tem um ano, fez um ano em maio, dia 6 de maio. Um russinho que andava pela Baixa do Sapateiro. Aí eles vão na força da droga catando tudo, mete a mão em tudo que é lugar. Em lixeira, em tudo. Esse meu irmão, aí a pessoa pega uma infecção, pega qualquer coisa, isso e aquilo, aí... a pessoa fica doente, foi o que aconteceu com ele. Não comia, porque a droga não deixava. Ele ganha, ganha dinheiro, mas é pouco. Mas aquele pouco já alimenta o vício deles. Que que acontece? Por isso que eles não param com isso. Entendeu? Aí qualquer dez conto que faz vai cheirar com dez conto. Vai entregar. Aí depois, aí tá na onda da droga aí volta igual a um tolo no chão, só vive assim fuçando igual cachorro dentro do lixo. Isso é espírito ruim que entrou no meu irmão e tem um montão deles na rua, aí, você vê. É o que mais tem. Entendeu? Aí anda todo sujo. Por causa disso.

*“O que eu queria mudar é parar com a droga, porque se eu parar com a droga eu paro com esse jogo de máquina maldito”*

Meu irmão, esse meu irmão que morreu, até às vezes ele abria aquelas lixeira pra ver se tinha latinha, tinha alguma coisa, e teve dois, três cara morto ali dentro. É mole? Que os cara mataram e botaram ali dentro. Que nem ele falou pra mim uma vez. Eu senti muito a morte dele, eu até brigava com ele na rua. “Chico, você mora em casa, mora com a minha mãe, cê tem água, cê tem roupa, por que que você anda tão sujo desse jeito, parece

até um mecânico, toodo encardido, meu filho. Com esse saco nas costa, pra quê? O que que esse saco vai te dar? Esse saco não vai te dar em nada. Esse saco aí não vai ter dar nada. Tu vai o dia todinho todo sujo pra ganhar dez real, cinco real. Isso num é dinheiro, meu filho. Você larga isso, você tem casa". E ele "Não, deixa a minha vida, me deixa, me deixa, me deixa". Isso aí. Nunca aceita, sabe? Nunca aceita porque o espírito tá colado com a pessoa. E ele era uma pessoa bem sucedida. Só gostava de andar com roupa de marca, essas coisa toda, sabe? Eu arrumei vários trabalho pra ele, de garçom e tudo, entendeu? Entendeu? O espírito ruim, quando entra na pessoa...

O meu... Eu... eu vou à igreja. Eu tenho fé que eu vou dar a volta por cima. Eu ainda continuo até jogando máquina, mas não como era antes, entendeu? E sei que, e sei que, e sei que é uma furada, mas eu tô saindo aos pouco. Aos pouco, é, eu tô saindo. Entendeu? Eu, eu tenho fééé... de um dia largar tudo isso, entendeu, tudo isso, largando aos pouco. Eu vou pra igreja, peço a Deus... Ontem mêmro eu fui pra igreja Universal. Eu tenho muitos amigo, muitos... eu trabalhei dentro da, é, dentro da Polícia Civil de garçom, era garçom de... do corregedor da Polícia Civil. Eu entro aqui dentro da polícia. Conheço quase tudo que é delegado ali, às vezes eles me dão uma ajuda e tudo. Mas eles não sabem qual é o meu procedimento, né, e nem pode saber, né. Que eu tô na rua, essas coisa, que eu uso drogas, essas coisa, eu nunca falei isso com eles. O que eu queria mudar é parar com a droga, porque se eu parar com a droga eu paro com esse jogo de máquina maldito, dinheiro... E, e, e até na minha saúde essa droga me faz mal, porque você tá tomando seu remédio, aí de vez em quando, aí se você para pra usar a droga ferrou, já corta o efeito do remédio, já corta sua dieta que você tá fazendo, tudo, por causa disso. Entendeu?

E a minha diabetes não é uma diabetes tão forte, ela é aquela mais fraca, que que acontece, ela vai se tornando mais forte ao tempo que eu vou consumindo droga, bebida. Quando pega droga a pessoa bebe, não se alimenta, e dá fome, a diabetes dá fome. Na hora tudo bem, que tá no controle da droga, corta a fome, corta tudo, mas depois? Aí cadê? Comida não tem na hora, vai dormir sem comer, olha a merda. Porque de madrugada ninguém vai te dar comida, quando é de dia você ainda

pode pedir comida alguém, pedir um pão, pedir um prato de comida, alguém pega e te dá, né não? De fome ninguém morre. Entendeu? Mas, quem tem fome, é aquilo, já teve vezes de eu ficar 40 horas sem comer nada. Quer dizer, arrasa com a minha saúde, quarenta horas sem comer nada, usando droga, fumando cigarro, bebendo. Já teve vezes de ir dormir e não ter certeza se eu ia amanhecer vivo, sabe. Coração desparadão e se mexia pra lá, se mexia pra cá e cadê que eu não pegava no sono. Chegava a pegar um pouquinho no sono era lá pra de manhã já. Quando pegava no sono, já era de manhã já. Porque ia dormir muito ruim, com quarenta horas sem comer já, né, sob o efeito de droga, bebida e o caramba, aí tinha medo até de morrer dormindo, né, tudo isso. Quer dizer, a coisa que eu mais queria na minha vida era me livrar dessa droga, porque eu me livrando da droga eu vou ser uma pessoa com meu raciocínio certinho, não vou fazer o que é errado, que é jogar, pra perder meu dinheiro, né, vou fazer o que é certo.

Eu sou uma pessoa que eu tenho até estrela, graças a Deus, tenho estrela, sou um bom vendedor de salgado. Às vezes quando eu tenho dinheiro, pego salgado, vou pra praia, vendo. Essa caixinha aí, é porque ela tá suja que eu tô com ela, se eu pego uma caixa dessa nova, você bota aí 120 salgados, aí tu paga 240 conto em 120 salgados, vai pruma praia boa num dia de verão, assim dia de domingo, você vende esses 120 salgados em duas horas. Às vezes até menos, se a praia estiver muito cheia. Você vai comprar a dois, vai vender a cinco. O mais barato, porque tem gente que você pode cobrar seis, sete. Salgado árabe é o melhor salgado que existe, não sei se você já comeu, no Saara vende muito. Aquela esfiha fina, fininha, tem ricota, queijo, carne, frango. Calabresa, quibe árabe com catupiry, sem catupiry. Tudo isso, eu sou um artista em venda, entendeu, eu sustentei minha filha pra caramba, paguei doze anos de aluguel, com casas caras, que hoje seria 1.200 o aluguel por mês, só pegava casa boa, porque eu ganhava bem, sozinho. Só disso, salgado, essas coisas, na rua trabalhando.

Hoje como se fosse hoje, com toda crise que tá, eu trabalhava o dia todinho eu trabalhava com uma caixa com salgado e outra com guaravita, cola-cola, essas coisa, e conforme ia acabando na rua mesmo arrumava um depósito, botava as coisas, botava

gelo. Saía de casa seis da manhã, sete horas da manhã, quando fosse meio dia parava almoçava e quando fosse uma hora ia lá pegava outra remessinha de salgado pra tá trabalhando e trabalhava, entendeu, almoçava, pegava outra remessa de salgado e trabalhava até seis horas, sete horas, quer dizer, era o dia todo assim. Como se fosse hoje um dia pelo outro duzentos reais. Não é tão muito dinheiro, mas dá um bom salário, né, não dá? Com toda a crise, eu ainda, se eu, aí pra isso. Eu deixei muuuito de ganhar dinheiro, às vezes deixo de ganhar dinheiro porque eu boto, por exemplo, quinhentos reais no bolso, boto duzentos conto no bolso, falo “vou guardar esse dinheiro que vai fazer sol no fim de semana, vou comprar salgado pra mim vender, né pra mim recomeçar”, maaas...

*“O organismo já corta na hora a fome e te bota pra favela pra cheirar”*

A pessoa que é viciado na cocaína, eu posso tá aqui com fome, quantas vezes, com fome, morrendo de fome, aí aparece pra mim duzentos, trezentos reais assim na hora, qual era a minha? Ir pro restaurante comer, que nada, o organismo muda, corta a fome. Na hora. Aí você ao invés de ir comer, já vai pras droga. O organismo já corta na hora, a fome, e te bota pra favela pra cheirar. Quer dizer, qual era a minha, ir comer e o resto que sobrasse “Ih! Vou comprar de salgado, comprar uma caixinha, comprar refrigerante, pra mim ir subindo né, pra mim fazer o que eu fazia antes”, mas cadê? Então a pessoa tem que ter muita força de fé, muita vontade, pra quando colocar o dinheiro no bolso saber o que vai fazer. Pensar primeiro, sabe, que aquilo ali é uma furada, é isso que eu tô procurando, deixar, porque eu só vou pra frente assim.

Eu vou indo muito à igreja, eu vou muito à igreja, tá me faltando é mais um bocado de fé, entendeu? Eu vou na Assembléia de Deus, ontem eu fui na Universal, pastor muito bonzinho, entendeu, qualquer igreja é bom, vai depender da sua fé, Deus tá te vendo em qualquer lugar. Entendeu, qualquer lugar ele tá te vendo. Ontem me deram essa chavinha aqui, lá na Igreja Universal, pra dia quatro, pra mim ir lá, tem um envelopezinho pra botar um trocado, fazer um propósito com Deus, entendeu,

que Deus te dá em dobro, até acredito nisso. Eu já vi muita gente quebrado na vida aí, que fez esse propósito com Deus, que eu via muito pela Record, eu morava com a minha mãe né, tinha uma televisão boa né, eu via, direto isso né, e acontece mesmo, é a pura verdade, acho que não é todo mundo que vai chegar na televisão pra ficar mentindo, vai? Tem gente que pensa, né, que é mentira, que é montagem, essas coisas, não sei se você já viu isso, na televisão.

Né, não é possível que todo mundo que vai chegar ali que vai dar testemunho, mentindo né, não é possível. E mesmo se der, Deus tá vendo as pessoa que está enchendo a igreja lá, por exemplo, aquela igreja de Del Castilho, só vive cheia, é oferta em cima de oferta e *pá pá pá*, E deus tá vendo tudo isso, que Deus não dorme. Que que acontece, Deus tá vendo a fé daquele pobre coitado que tá indo lá, acreditando, e dando, mesmo se for montagem, o que for, é problema deles o que vão fazer com o dinheiro, Deus vai ver o seu coração, você foi, você foi humilde, você teve fé. E o dinheiro pode até ser desviado pra outra coisa, é problema deles, mas Deus vai te dar benção. Você tem que ver você, você não pode ver os outros. Por isso que muita gente é abençoado nisso, eu conheci muita gente no fundo do poço.

E eu até falo às vezes com Deus, “Deus, tanta gente que eu conheci traficante, matador e hoje é pai de família, tá bem sucedido, entrou pra igreja com fé e até hoje continua e tal, tá bem, Deus fez uma benção na vida deles, eles dão testemunho, dão tudo, entendeu. Por quê? Eu sou diferente dessas pessoas né?”. Eu sei que um dia vai chegar a minha vez, você tem que ter paciência também, entendeu, tem que ter paciência, você sabe o que é ruim, o que é bom. Eu era uma pessoa, que quando eu trabalhava de carteira assinada meu salário era de cinco mil reais, eu trabalhava pro dono do Barra Shopping, eu trabalhava os sete dias na semana, eu fazia hora extra, sábado e domingo, assim, por cento, dobrava tudo. Essa empresa era tão boa que tinha até décimo-quarto. Eu recebia décimo-terceiro nessa semana, na outra já vinha o décimo-quarto, na outra já era o dia da festa, um salário mínimo.

Tava na festa, dava tua identidade era um salário mínimo que você recebia pra pegar sua cesta pra levar pra casa de táxi ainda

por cima, no dia que dava a cesta. Vale refeição caríssimo, como se fosse hoje uns quarenta reais porque na Barra da Tijuca tudo é caro, é tudo inflacionado, né? Vale de transporte, plano, na época Amil, de graça. O meu salário dobrava por quê? Por causa das horas extras. E eu não fazia nada, ia pra lá, só limpava esses banheiros, a sala vip, passava o dia todinho na televisão, só comendo e vendo televisão. É mole? Ainda ia pra praia ainda às vezes. Minha vida era muito boa. E, e, eu não era dependente de droga, nem nada.

O que acabou com a minha vida foi a droga. Tu vai se afundando aos poucos. Vai entrando, vai entrando, vai entrando. E, e, e, e quando acontece alguma coisa que aconteceu comigo já duas vezes, por exemplo, tava acostumado até com a mãe da minha filha, esse tempo todo com ela e tal, com a minha filha, você olhar pro lado e não ver sua filha, né? Aquele negócio todo, entendeu? Isso todo vai mexendo muito contigo. Aííí, agora por último, pra acabar de me arrasar, era eu e minha mãe... Eu, pô cara, gostava demais da minha mãe, fazia as coisinha pra ela dentro de casa, fazia tudo, levava ela até pra dar banho, nela, pelos últimos dias, ela começou a sentir. A minha mãe não sentia nada, tinha 81 anos e não sentia nada. De uma hora pra outra, há uns dias antes dela falecer, começou a sentir uma falta de ar. Um ano antes ela foi ao médico, o médico disse que ela não tinha nada. Incrível. E ela não ia ao médico, não ia a lugar nenhum. E minha mãe nunca fumou, nunca bebeu, nunca perdeu noite de sono, era sempre dentro de casa, aquelas pessoas do Norte, sabe, que não sabe ler nem escrever, não sabe nada, sabe.

Aííí, uns dez dias antes começou a sentir essa falta de ar. Aííí, chegou um certo dia que aí ela tava ruim demais, aí eu peguei, fui na igreja, arrumei um carro pra levar ela pra ir pro hospital, chegou às pressas no hospital, quase morre nos meus braços. Hospital Freire ali na Ilha, na Portuguesa, Armando Freire né, não sei se tu conhece. E aí ficou, ficou já no CTI e tal, não podia nem ver ela. Minha sorte é que num dia de domingo, ela se internou na sexta, num dia de domingo eu, eu, eu fui lá pra saber, pra, entendeu, lá, ver como ela tava indo, que o médico vinha na hora da visita e passava o boletim pra você, você não podia entrar. Tinha isso, lá tem isso. Aí nesse dia tava o segurança de bobeira e eu entrei, entrei, fui lá na sala, poxa, parece que Deus

abriu ali pra mim ver ela pela ultima vez, com aqueles aparelhos, tipo caixa de som dentro da boca, eu vi, beijei os pezinhos dela, conversei com ela, não sei se ela me ouviu, né.

Ah, falei tanta coisa, o que eu pude falar, fiquei bem uns cinco minutos até descobrir que eu tava ali, né? Né? Aí falei muitas coisas, pedi perdão de muitas coisas, que às vezes a gente, né, nem Deus agrada todo mundo né, essas coisas todas. Poxa, e quando eu vi ela assim, alguma coisa me falava. E eu tive um sonho assim que ela foi, ela se internou na sexta-feira, da sexta pro sábado eu sonhei um caixão na minha frente e uma senhora me levando pra ver a pessoa que tava ali dentro, pra ver, tava sendo velado aquele caixão. Incrível, né? Incrível. E quando abriu o caixão era uma pessoa que eu conhecia de muito tempo, que não sei nem se tá viva, sabe, tem muitos anos que eu não vejo, dentro desse caixão. Rapaz, já fiquei com a pulga atrás da orelha, falei “Meu Deus, como que pode, né, minha mãe saiu tão mal pro hospital, tá no CTI e eu me sonho com o caixão”. Bater e valer.

Aí, a minha sorte é que no domingo eu invadi e tal e pude conversar com ela. E se despedir dela. Às vezes, ela até com aqueles aparelhos ela me ouviu, porque eu falava bem altinho, mesmo, pra ela, entendeu? Né? De repente não sei, se o aparelho vai acusar ou não, entendeu? Mas, se ela não ouviu na hora, o espírito dela vai passar isso pra ela, claro que passa, entendeu? Porque eu acredito, eu tô aqui, eu tô vivo ainda, a minha mãe faleceu, ela foi pra terra. Chorei muito no dia, tinha que ver, quase... Ih, chorei. A igreja gostava tanto dela que fez o enterro de graça, comprou roupinha pra ela, roupa, vestido e tudo pra botar. Minha mãe.

Aí... Eu acredito que essas pessoas, nossa mãe, irmão, pessoas que a gente gosta e tal, eles vêm a gente da onde que eles estão. A gente que não consegue, entendeu. A gente vê eles em sonho, mas eles não falam nada no sonho. Toda vez que você sonha com uma pessoa que morreu a pessoa não fala nada, tá sempre quieta, só você que vê né? Já viu? Meu pai morreu em 2006. Meu pai eu via ele todo dia, eu morava com a mãe da minha filha, minha filha já era nascida já, entendeu? Meu pai morreu em 2006. Morreu em 2006, deixou duas casas pra gente.

Esse meu irmão complicado que fez minha mãe vender as duas casas, no final, morando de aluguel. Aí, ele morreu em 2006, foi uma perda. Na véspera de natal. Véspera de Natal. Nos braços desse meu irmão complicado. Eu e ele e ainda tem o outro irmão que é vivo, mas ele é um pouco, não é muito certo da cabeça. Ele mora com uma mulher aí, entendeu? É assim... Até no dia do enterro, ele chegou na hora certinha, na hora que já tá levando o caixão lá pra enterrar. Todo fracozinho. Só ficou eu ele.

Ééé... que que eu ia falar? Aí, eu acredito que essas pessoas vêem a gente. Falar disso, falar de irmão e tal é uma coincidência grande. Eu ontem, de ontem pra hoje, eu sonhei com meu irmão, esse problemático, eu sonhei... que... eu vi até minha mãe no sonho, mas ela não falava nada. Eu ia na casa da minha mãe, e na rua era aquele espanto de gente, gente pra caramba, eu ia ver que que era. Aí choveu muito, era Natal parece, era véspera de Natal no sonho. Numa rua de trás assim, eu ia olhar aquele montão de gente olhando pra uma direção só e aí eu ia ver que que era. Aí perguntava o pessoal, "Que que houve?". "É um... morreu uma pessoa ali, tá morto ali". Aí eu falei "Eu vou lá ver" pra ver quem era. Aí quando eu chegava era ele, esse meu irmão. Do jeito que ele andava: sempre de calça comprida, tênis, de camisa solta, assim, esticado no chão, era ele, todinho ele, de tênis, chovendo.

Aí, ele me aparecia do meu lado, falando assim: "É, vai ser tu mesmo, Sergio, que vai ter que fazer...", assim, pra fazer o enterro. Quem fez o enterro dele fui eu, eu fui na defensoria pública, entendeu? Fui eu que fiz na época. Aí ele falando comigo do lado, é, "É tu mesmo, você mesmo". E nisso eu fui me acordando, pô, ele já morreu, como que apareceu? Sonhei com ele morrendo de novo, né, negócio estranho. Aí agora eu tô falando sobre ele, né. Quer dizer, sem querer né, eu nem sabia que você ia me abordar pra isso, né...entendeu? Incrível, né, como é que pode. Aí, a mesma pessoa aparecia do meu lado, ele... E falando "É você mesmo", não sei que lá, negócio assim. Que coisa. Aí não sei quem queria puxar ele dali, eu falei "Não, não pode mexer não, não pode mexer no corpo não, deixa aí, não pode mexer". Aí vinha ele assim do meu lado, e ali tá o outro morto que era ele também. Que negócio esquisito... Né? Nunca houve isso comigo assim, mas, então é isso, então eu, eu, eu, sou uma

peessoa muito triste hoje, sabe, assim e às vezes. Aí você quer saber o dia a dia da vida...

*“A cocaína deixa você alegre por instantes, até acabar o efeito, acabar seu dinheiro, depois você fica triste. Fica deprimido né, porque você perdeu seu dinheiro, você prejudicou sua saúde, tudo isso, entendeu, só não vê quem for burro demais”*

A cocaína deixa você alegre por instantes, até acabar o efeito, acabar seu dinheiro, depois você fica triste. Fica deprimido né, porque você perdeu seu dinheiro, você prejudicou sua saúde, tudo isso, entendeu, só não vê quem num... quem for burro demais, né. Entendeu. Perdeu sua noite de sono, perdeu um compromisso, que às vezes lhe dava um dinheiro. Ah, aí, o cara, por exemplo, num sábado, amanhã é domingo, verão, vamos supor, verão, sabe que amanhã vai ser um solzão danado, vai dar uma praia boa, dá pra você arrumar um dinheiro trabalhando, você é um artista na praia, tá botando sol direto. Aí você pega, tá com dinheiro no sábado, aí você pega estoura o dinheiro.

No outro dia, perdeu dinheiro, tá com fome, nem trabalhou nem nada. Dá um ódio por dentro, uma depressão. Eu sou uma pessoa muito triste, assim, que eu não tenho minha filha do meu lado, não tenho, eu posso falar que eu não tenho uma família. É muito triste, você não tem com quem conversar, muitas vezes eu falo sozinho. Ó, eu tô esses dois meses assim, falando sozinho, sobre a minha mãe às vezes, parece até que eu tô conversando com ela na rua, entendeu? Eu não consigo esquecer minha mãe um dia, um dia, sabia. Que minha mãe... Eu sozinho com ela só fiquei um ano só e eu falava “Mãe, eu quero ficar com, quero que a senhora viva até cem anos”. Entendeu? Falava isso pra ela. E eu conversava muito com ela em casa.

A minha mãe, ela conseguiu comprar geladeira, televisão de 32 polegadas nova. Deixou tudo pra mim, ar condicionado, fogão, tudo, cama, tudo. Ainda tem dois vestidos dela guardados, o resto eu dei, porque não tinha pra onde guardar tanta coisa. Vendi foi tudo. Fiquei na rua com o destruidor, levou tudo. Vendi não, dei também de graça, vendendo aos poucos. Sem dinheiro... Pra

droga, e tal, jogar. Acabei de me destruir mais ainda. Quer dizer, eu podia ter guardado na casa de alguém, quer dizer. Eu tô com uma carta aqui, que a moça... Cadê? Que ela me deu, ela é aqui da Assistência Social, ela falou que ia ver se me arrumava uma Bolsa Família pra mim, uma coisa assim, e eu tenho trinta dias pra mim, pra mim comparecer lá. E, é tipo assim, um negócio numa moradia, sabe? Se for uma coisa boa eu vou ficar. E de dia saiu pra mim.

Que eu tenho fé em Deus que eu vou parar com isso, e eu vou trabalhar e ter um lugar pra dormir né. É melhor do que tá na rua, né. Você se cuida melhor, entendeu? Não digo nem tanto é o frio, porque por exemplo, eu tô com uma coberta ali, vou ver se eu arrumo duas, com duas cobertas tu dorme. Mas quando tá chovendo é muito complicado, que você não arruma um papelão pra botar no chão, tudo isso. Eu durmo sozinho, eu e Deus. Eu não gosto de dormir no meio dessas pessoas de rua, que aí cê não sabe a cabeça delas.

A droga, tem gente que usa droga e é a mesma pessoa, é consciente, como se ele tivesse bom. Mas tem gente que muda a cabeça, muda. Eu conheci um usuário de droga que ele era seu amigo, mas depois que ele usasse a droga ele pra te matar não custava nada. Entrava um espírito nele que falava na cabeça dele que esse aqui, que o cara queria matar ele. E ele se ele tivesse uma coisa na mão ia matar o cara, sem o cara ter maldade nenhuma com ele. Então, existe isso, entendeu, e na rua 85% é usuário de drogas. 85% tá na rua por causa das drogas, as drogas que botou ele na rua. Não adianta ele querer mentir. Já foi bem sucedido, já teve trabalho, teve tudo, mas teve um descontrole muito grande e terminou parando... na rua, entendeu? Então, a rua é muito complicada. E o pouco tempo que eu tenho na rua, eu já tenho uma experiência muito grande. Por isso que eu gosto de ficar na minha, sozinho, num lugar reservado. Outra: aparece muitos desses que são complicados, que rouba qualquer um, que rouba, que furta, e os caras tão atrás, no dia que pegar vai matar todo mundo quem tiver perto, não é só ele. Tem mais essa também, entendeu?

Então, isso é uma coisa de muita responsabilidade, então a pessoa tem que ter... Eu posso estar doidão como for que eu

tenho um equilíbrio de cabeça ferrada, entendeu, eu lembro tudo que a pessoa me falou aqui, tudo que eu vi. Agora tem gente que já não é assim, ele não sabe o que que ele falou ontem. Eu, eu, eu, eu mesmo, eu, eu, eu tenho sempre um lugar que eu durmo mais, que eu gosto, quando eu tô em Bonsucesso, que é em Bonsucesso ali perto do EPETEC, do Hospital Geral de Bonsucesso. Agora, acontece muitas vezes de eu estar em Copacabana e ser muito tarde. Aí eu fico por lá mesmo, durmo na areia da praia quando é verão, entendeu?

Um dia desses eu fui pro Maracanã, foi no jogo do Flamengo pela taça Libertadores, foi quarta feira passada, não sei se você lembra, eu fui pro Maracanã pra ver se eu via lá um colega, que ele ia botar umas coisas pra mim vender. Mas sempre quando vi, mas não vi, procurei, procurei, procurei mas não vi, perdi meu tempo. Saí, ali, uma hora da manhã eu tava no Maracanã, bonzinho, não tinha usado nada, bonzinho, eu falei “Eu vou pra Bonsucesso? Num vou”, uma hora da manhã, não passava um ônibus. Ali, pela 28 de Fev... é 28 de Setembro, parece, né? Ali, que vai pro Grajaú, tem um banco Itaú ali, tinha uma cobertura e começou a chover, eu arrumei uma caixa de papelão, abri ali... Mermão, eu tava caindo de cansado, com fome, falei “Vou dormir aqui”. Dormi ali. Ninguém me perturbou, ninguém... Engraçado, passei até da hora, saí de lá nove horas da manhã.

Aí, me levantei, me levantei com uma mulher que é faxineira do banco varrendo, aí eu peguei meu papelão, recolhi, aí ela falou, ela nunca tinha me visto né, aí ela falou, ela falou assim: “Poxa, diferente, os outros que dormem aqui, largam o papelão ali”. Eu sei, eu sei. “Não filha, mas eu sou diferente mesmo, eu sei que a senhora tá trabalhando e não custa nada a pessoa pegar o papelão e botar ali no lixo né”. Ela: “Pô legal”. Eu falei: “Eu tô dormindo aqui, eu sou diabético, filha, tô sem casa, mas ficou tarde não tinha ônibus, eu tava nesse jogo do Maracanã e caí aqui, que eu não aguentava mais, ficar esperando ônibus como? Se não vem? Fiquei mais de meia hora lá e não passava ninguém, tava até com medo lá de ficar no ponto de ônibus”. Aí ela disse “Tudo bem, boa sorte pra você”.

Fui embora. Aí fui embora ali pela Tijuca, com uma fome danada, aí parei numa lanchonete ali na frente. Às vezes as gente

pede pra uma pessoa pagar alguma coisa, se tá com fome, se não cê vai morrer. Aí pedi lá a moça, aí ela pagou um café com leite pra mim e um pão com manteiga, eu comi, aí peguei um ônibus lá na praça Saens Peña, vim pra Bonsucesso. Quando cheguei aqui já era hora do almoço, tem um lugarzinho que eu como, né, pessoal me dá, né, já me conhece, às vezes precisam de mim também né, faço um favor, pra lá, pra cá, né, tudo isso, entendeu? E... tô indo.

Tem um amigo meu, hoje mêrmo eu já liguei pra ele, ele pediu pra mim ligar amanhã, ele tá pra me dar quatrocentos reais pra mim, pra mim alugar um, né, um quartinho pra mim, amanhã talvez ele já vá me mandar eu ir lá. É lá no Barrabella. Barrabella fica na praia, na Sernambetiba, na Barra da Tijuca, na Avenida da Praia, na Sernambetiba. Entendeu, a Avenida das Américas é por dentro, aí tem a avenida da praia, a avenida toda. Era Avenida Sernambetiba, igual essa aqui, a Suburbana, antes era Suburbana, hoje parece que já é outra. Tem outro nome agora, entendeu? Então é isso.

Eu, eu, eu, tenho esperança em muita coisa, mas ir com isso à verdade, e o que me deixa chateado é que eu não consigo concluir as coisas que eu quero, fazer as coisas certas. O que que adianta? É muito fácil eu chegar pra você e falar assim: "Não, nunca mais eu quero isso, ah, eu vou largar a droga, largar essa porra, num guento mais, quando eu pegar meu dinheiro não quero mais saber disso". É muito fácil, porque você tá sem dinheiro. Quero ver você fazer isso quando você tiver com dinheiro no bolso. Uma coisa que é muito certo, que eu sempre pensei de fazer e não tô conseguindo fazer: Deus vai te dar uma bença, por exemplo, amanhã, esse empresário que é o Cristiano Vilhena, pega me dá quatrocentos, quinhentos reais. "Sergio, tô te dando, pra você alugar seu quartinho e tal, né". O que que você faz, Deus te deu essa bença, não custa nada você à noite, ao invés de ir pra favela usar essa merda, ir pra igreja, deixar uma oferta boa, o cara lá de cima tá vendo, entendeu? Vai te dar muito mais, cê não vai gastar seu dinheiro todo, cê vai pra favela pra voltar duro, com sede, com fome e doente. Eu tô dizendo, quantas vezes eu ganhei o dinheiro pra mim alugar o quarto e não fui alugar nada porque o vício não deixou, me jogou pra dentro da favela. Mas dá, minha filha. Não custa nada

você chegar dar trinta, quarenta reais lá na igreja. Com o resto do dinheiro você aluga um quarto por duzentos, trezentos contos na favela, qualquer coisa. Mas é melhor.

Mesmo se você não alugar, bote ele no bolso que quando você quiser você tem. Aí chega amanhã, tem um evento ali, quer comprar duzentos conto de salgado pra ganhar dinheiro você já tem pra comprar, você tá entendendo? E ir pra favela, você pode ir com cinco mil que tu vai voltar duro. O pobrema é esse, isso que me deixa encabulado na minha vida. Muitos amigos meus que nem sabe da minha vida, porque se, se, se souber não quer nem mais olhar pra mim, tem muita gente. Que não vai entender o outro lado, né. Deixa eu ver, o Gilberto é uma grande pessoa, mas ele nunca me perguntou se eu sou usuário de droga, ou não, tal. Também evito não falar né. Eu acho que ele não me julgava não, sabe por quê? Ele é uma pessoa muito compreensiva. Ele entende. Como a dona, dona Cássia, conhece?

A Cássia, ela falou pra mim: “A minha alegria é ver vocês fazendo a sua dieta, estando bem e tal, é a minha alegria”. E eu acredito, tu vê nos olhos dela, ela se preocupa com as pessoa, entendeu? Se preocupa com o pobrema das pessoas que estão na rua. Entendeu? E uma coisa que eu gostaria, assim, pô, eu não sei por quê, tudo bem, agora o Estado tá falido, o país tá falido, ba ba ba, aquele negócio todo. Mas num vai ficar pra sempre, daqui a um ano, dois anos, isso aí já vai voltar ao normal, que já tá voltando aos pouco. E esses governadores, presidente e tal, não arruma uma lei pras pessoa que tão na rua sem nada. Pelo menos de um empréstimo pra que as pessoas que tem documento, pra, pra, pra comprar um barraco, ou fazer um investimento num comércio, ou pra pagar um aluguel de quem tá na rua ou encostar uma pessoa que tá doente, que tá na rua, entendeu, que tá doente. Pô.

Eu tenho perdido as minhas forças, viu, tem dia que eu não aguento pegar uma moeda no chão, com dor, nos ossos, nos dedos, a diabetes ataca dedo, ataca pé, ataca tudo, e dor mesmo, ontem eu não consegui dormir com uma dor na virilha. Aqui, já levei tombo com dor. Aqui, o mês passado as duas pernas travou que eu não guentava o corpo, o peso do meu corpo, eu ia cair, tentei me levantar, caí de novo, quer dizer... Poxa, eu acho

que não custava nada de ter um auxílio doença pras pessoa que tá na rua, que tá doente, às vezes que tá com diabetes, que tá com outras doenças também, sei lá, negócio de tuberculose, essas coisa toda né, porque tem muitos deles assim, né. De ter um auxílio doença pelo menos pra se manter, pra pagar um quartinho, pra falar assim “Eu quero comer uma fruta, eu tenho dinheiro pra comer uma fruta, que eu não vou comer só isso pro resto da minha vida”. Uma coisa você falou assim: “Qual é seus planos, o que você quer?”. Então assim, eu não sei se vocês luta pra essas causas assim, se vocês já fizeram assim algum pedido, assim, pro Estado, sobre isso, vocês que trabalham com pesquisa essas coisas.

Agora, tem muita política, tem política sim pra ajudar as pessoas, aluguel moradia, mas aí depende de cada caso. Eu, a primeira vez que eu fiquei na rua, que eu fiquei, né, dois anos e pouco, conforme eu tava falando pra você, que meu irmão que morava com a minha mãe e eu tava na rua por causa disso. Eu, tinha uns carros que passavam, viam você dormindo e te levavam pro abrigo. Aí me levaram lá pra Ilha, não sei se tu conhece, que lá tem um. Mas sabe o que acontece? Eu não quis ficar, sabe por quê? Só fiquei duas noites lá só e não quis ficar mais. Por quê? Muitos viciados usando drogas lá dentro, isso pra mim é ridículo. Aqueles montinho deles. Gostam de um, gostam de outro e quando vê tão brigando, sabe como é. Isso pra mim é tudo coisa de risco, ficar no meio de gente é assim, entendeu. Eu sei lá o que o cara tá pensando de mim, eu sou obrigado a fazer o que ele quer? Não sou. Pra mim, seria uma coisa boa, um orfanato, um orfanato assim, as pessoas limpa. Pô, se eu tô ali, eu tô ali procurando se limpar disso e não estar perto de quem tá fazendo isso, e tal. E eu sei a cabeça desses caras? Eu sei? Aqueles caras pra um matar o outro ali dentro não custa nada, é questão de momento, questão de opção, tipo uma cadeia. A cadeia, você sabe que se usa droga, se usa tudo, né? Então, me enfraqueceu muito ficar nesses negócio.

Também chega pra dormir, dá cinco horas da manhã e o que cara tá me acordando, cinco horas da manhã, pra tu ir embora pra rua, não pode ficar lá não, pra tu ir embora pra rua. Quando for meio dia pode vir almoçar, se passar de uma hora não almoça mais. Pra almoçar eu almoço na rua, em qualquer lugar,

não preciso de voltar lá pra mim almoçar, pra quê? Eu preciso acordar cinco horas da manhã, pra quê? Conviver no meio de um montão de aviciado usando droga, ladrão que de dia não pode ficar, sai pra roubar e à noite volta lá pra dormir? Eu vi com os meus olhos nesses dois dias, então isso me deixou pra baixo, então isso pra mim isso num presta.

Eles levava na marra, te levava na marra, na época. Agora não, que agora tá falido, aí eles não tem nem como pagar nada pra ninguém, nem dar comida pra ninguém. Copacabana tá assim virou uma favela, você passa lá e até guarda roupa você vê no meio da rua. Cama, colchão, na Atlântica, não sei se você já viu. Antigamente tu não via um deitado lá que eles pegavam na hora. Dizem, dizem que eles ganhavam cem reais por cada um que eles pegavam pra levar. E eu acredito, porque eles só levavam, chegava lá, você só ficava se você quisesse, se você não quisesse você voltava, que teve um dia que eu até voltei, era uma hora da manhã, peguei um ônibus e vim embora, que eu tinha que trabalhar no outro dia eu falei “Vou ficar aqui fazendo o quê?”.

Quer dizer, meu filho, é um negócio muito complicado, e você arrumar... Existe abrigo, orfanato, desses velhinho, dessas pessoa, isso é um lugar tranquilo pra pessoa ficar, tranquilo. Agora, ficar no meio de um montão de aviciado, você sabe o que o aviciado tá pensando, sabe o que tá passando pela cabeça? Tem aviciado que até mata a mãe dele, do nada. Aquilo que eu tô falando pra você, é cada um com uma cabeça diferente, tem gente que é excelente pessoa, conversa contigo, trabalha contigo, é uma excelente pessoa, não sei se você já conheceu gente assim. E aí quando bebe, pode beber uma cerveja, ou uma cachaça, ou um whisky, se transforma, entra um espírito nele, de brigão, de mexer com os outros, ou de agressivo. E já tem outros que fica alegre.

Eu já sou o contrário, tudo que foi droga que eu experimentei, que eu só experimentei não, que eu só experimentei cocaína e bebida e cigarro, que eu fumo. Nem maconha nunca experimentei, nem crack, nem quero saber. Eu vou querer uma merda que vai me lascar mais ainda? Quer dizer, essa, a cocaína e a bebida sempre me deixou alegre, sabe? Uma pessoa popular,

que conversava com todo mundo, numa boa, e, e, e, e uma coisa: eu posso estar a noite toda bebendo e fazendo isso e no outro dia eu lembro de tudo que você falou pra mim também. E isso é muito importante, né, e tem gente que é muito diferente, nem lembra a merda que ele fez, nem lembra o que ele falou pra você, nem nada. Se ele matou o cara ali, ele vai voltar no mesmo lugar. Ele nem lembra que matou o cara, entendeu. Por isso que eu tô falando isso pra você, a cabeça de cada um, de cada aviciado é diferente da do outro. Tem esse risco.

*“A rua tem lado bom nenhum, tem lado bom nenhum. Desde o momento que você tem que depender dos outro, você não tem lado bom nenhum. Bom é quando você depende de você”*

A rua tem lado bom nenhum, tem lado bom nenhum. Desde o momento que você tem que depender dos outro, você não tem lado bom nenhum. Bom é quando você depende de você. Tem lado bom nenhum, tem lado ruim. Todo mundo que mora na rua é mal visto. Você pode ser uma grande pessoa. Você pode ser bom, pode ser como for, um é tratado igual a todos. Todo mundo só olha morador de rua com medo, você pode ver, espantado. Mas não é assim, tem muito morador de rua bom. Conheci muitos, bom, que de manhã saía pra trabalhar. Eu já teve até época de evitar, sabe queeee... Eu, eu não procuro ficar por perto da onde eu tenho muito conhecimento. Assim, eu me escondo, entendeu? Eu não sou daqueles que fica todo aberto no meio da rua, que nem um maluco, na porta de uma farmácia, o caramba, numa, numa calçada, Deus me livre. Fico num lugar reservado, ninguém ali nem me vê e tal, já pra evitar de vizinho passar. Mas, muitos deles sabem que eu tô na rua, entendeu? Mas, eu cheguei a uma conclusão que eu faço de tudo pra muitos deles não saber. Que dá vergonha né, às vezes dá vergonha. Entendeu?

Tem gente boa que você pode desabafar suas coisas, tem gente que você só se prejudica em chegar e desabafar os seus problema pra essas pessoa, que eles vão, eles vão ficar rindo da sua cara, zombando de você. Tem gente que procura em te fazer o

bem, se preocupa contigo, vai pedir a Deus por você, e tal, entendeu? Acompanha você, entendeu? A gente vê nos olhos das pessoa quando a pessoa é boa, quando não é, o nosso espírito fala tudo. A gente conhece tudo quando olha pra pessoa, sabe se aquela pessoa se agradou de você ou não, tudo isso. Mas não é nada bom não. Bom é você... Bom é você estar dentro da sua casinha, trabalhando, chegou a hora de dormir, vai dormir, vai dormir, vai descansar sua cabeça tranquila. Eu não digo pra você que eu durmo tranquilo, que eu durmo tranquilão, que eu sou uma pessoa tranquila. E isso tudo faz mal à sua saúde, desde o momento que você não consegue descansar sua cabeça tranquila, sem a gente ficar pensando. Por mais que você seja uma pessoa igual a mim, que sou uma pessoa, entendeu, que eu digo, sou, vamos supor, que eu sou, uma pessoa sem neurose nenhuma, mas você às vezes vai dormir com medo de alguém passar ali te jogar álcool e tacar fogo. Ou confundir você com outro e vir te matar. Tudo isso.

Você tem que ser muito humilde na rua, se você não for você se acaba. Porque se você não for humilde as pessoa vai ter raiva de você. Todos eles. Os da rua também. Você tem, você tem que ver as coisa e ficar quieto. Cê vê, sabe que o cara é ladrão, você não vai sair pros outros falando que ele é ladrão, que amanhã ele pode saber, vai que você tá dormindo ele joga uma pedra na tua cabeça, te mata ali mesmo. Rapaz, tem muita gente ruim na rua, filha. A maioria, 50% que tá na rua, Deus me perdoe, eu não sou ninguém pra julgar ninguém, tudo é gente que fez muita merda durante a vida. Bateu em mãe, bateu em mãe, traficou, roubou, por causa do tráfico não pode voltar mais pra favela. Matou fulano, matou ciclano, não pode mais, entendeu? Muita gente ruim na, entendeu, na rua, que as vezes mata um cara por causa de um cigarro, entendeu? Por causa de uma palavra, então isso tu tem, tu tem que saber viver. Muitas vezes você tem que passar como errado estando certo, que é pra já não ter um pobrema. Vê que a pessoa não gosta de você, mesmo assim você fala "Opa, bom dia, *bá bá bá*", segue teu caminho numa boa, naquela de humilde, pro cara não pensar que você é metido a, né, *bá bá bá*, por aí vai É assim.

Quando preciso de saúde eu, eu tenho que ir num médico, ou num UPA ou Clínica da Família. É onde que eu vou. Ou no

Hospital Miguel Couto que eu gosto muito também, que é lá no Leblon. Eu nunca fui de andar por aqui não. Mas eu, mas eu conheço o Rio de Janeiro todo, eu tenho 56 anos de Rio de Janeiro, é só falar onde é que eu tô indo, né, aí eu procurei e achei. E fui bem acolhido, gostei. Entendeu? É melhor que muito hospital, hospital não atende ninguém. Tu chega lá, tu vai ficar esperando o tempo todo. Hospital só tá atendendo quem tá chegando com pobrema de tiro, essas coisas. E outro pobrema é o que quando precisa? É o quê, comida, essas coisa? Fala aí. Ah, conversar com alguém é outro grande pobrema também. A gente fica muito isolado. Eu sou uma pessoa muito, muito reservada. Quer dizer, eu não vou me enturmar com um monte de cracudo, um monte de pessoa de rua pra ficar puxando conversa com ninguém, saber da vida de ninguém, nem desabafar com ninguém, fica difícil.

A gente só tem um amigo quando, por exemplo, eu tô com dinheiro. Aí eu vou pra favela, aí aparece muito conhecido, aí quer beber contigo, que sabe que você tá com dinheiro pra pagar, quer cheirar com o seu dinheiro, por aí. Ao contrário, todo mundo vira as costas pra você, todo mundo. Isso dá uma tristeza muito grande, entendeu? Mas eu já tô até acostumado com isso, já, entendeu, e pra mim reverter esse quadro só depende de mim, entendeu, eu tenho que ter muita força de vontade, eu tenho, eu conheço a verdade. Ó, eu vim pra cá, hoje, eu tomei a insulina, fiquei no soro a semana passada duas semanas direto. Porra, eu falei “Meu Deus! Eu já não aguento mais, porque eu detesto tomar soro, por que eu não fiz minha dieta certinha? Por que que eu fui beber? Por que que eu fui...” Às vezes me dá depressão eu como doce, saio comendo doce, que é o veneno. Agora que eu não tô comendo mais, que é um veneno danado, eu chegando aqui com 600 de glicose minha filha, pode perguntar pra ele, quase caindo, arriscado morrer. 600 de glicose, me arrastando, entendeu? Não peço ajuda a morador de rua. Peço não. Ajuda o quê? Eles não tem nem como se ajudar.

O Hospital Miguel Couto eu fui parar lá, fiquei internado dois dias e duas noites lá, fui bem tratado, bem tratado. Eu morava com minha mãe e meu irmão, sabe, nessa época. Foi em 2008, entendeu? Eu tinha me separado recentemente, entendeu? É, recentemente. O pessoal da rua, eu tava tão bem, sabe, às vezes

eu via eles e o caramba. “Pô, Sergio, sumiu’. Conhecimento de “oi, oi”. Mas, de chegar, desabafar, essas coisas, entendeu, nunca coisei não. Aí fui morar com a minha mãe agora há pouco tempo, né, um ano com ela. Eles me viram, “E aí Sergio, tá morando com sua mãe?”. Eu falava “Tô”. Tinha uns que até ficavam com inveja e tudo, sabe. Mas... o que é ruim você, você se sente muito triste, você não tem uma família, você não tem com quem conversar. Eu já passei até Natal sozinho, só eu e Deus, escutando só os barulho e pensando nos outros Natal que eu já passei até em outros estado, já namorei uma mulher que era do Rio Grande do Sul, Serra Gaúcha, Veranópolis. Fui lá duas vezes, fui até de avião e tudo, e véspera de Natal, um festão, mataram até um boi na fazenda, sabe? Festão, tudo isso a gente pensa, na minha filha...

Ah, vi ela agora. Eu fiquei dois anos sem ver ela. Que eu rompi com a mãe dela de uma tal maneira que eu não ia nem ver minha filha já pra eu não ver ela. Entendeu? Você sabe o que que é... Você já ouviu falar em ingratidão? Pessoa ingrata? A mãe da minha filha como mãe foi a melhor mãe que eu já vi até hoje, como mãe, que ela conseguiu bem dizer criar a minha filha que vai fazer agora dezessete anos e dar educação a ela, que é a coisa mais difícil que existe. Educação é mais difícil do que alimentação, qualquer coisa. E a coisa mais importante na vida do ser humano é educação. Por quê? Amanhã já não vai sofrer a pessoa educada, pessoa que sabe chegar, sabe sair, com estudo, bom trabalho, não vai depender de nada. E se não for educado você é criado igual a um lixo, o final é a rua, é apanhando dos outros, sendo ignorante, coisa feia, ridícula, e ela soube dar educação. Mas... foi a pessoa mais ingrata que eu conheci até hoje, pra mim, entendeu? Ingratidão, você ajudar essa pessoa.

Eu conheci ela, ela veio do Norte, ela não tinha nem onde cair morta, tinha vinte e um anos, moça. Eu tinha uns trinta e poucos anos na época, a diferença parece que é de uns dez anos, negócio assim. Acolhi ela, eu estudava no Liceu de Artes e Ofícios ali na Central, perto do Balança Mas Não Cai, tu deve conhecer. E ela trabalhava na lanchonetezinha ali na Central e morava num quartinho ali com as três irmãs. E eu, e eu vindo da Barra da Tijuca, que eu trabalhava na Barra, nesse estande de vendas, e o ônibus fazia ponto final ali e dali eu já atravessava a Presidente

Vargas e ia pra escola, entendeu? Então, o que acontece, conheci ela ali e gostei dela e foi indo, foi indo. Nessa época eu namorava uma, essa gaúcha, namorava outra, tinha mais duas namoradas e bem sucedida, e terminei ficando com ela, por pena dela que ela não tinha nada. Era uma garota bonita e tal, tudo bem, mas não tinha nada pra me oferecer, ela não tinha nem pra ela. Então eu me preocupei com ela, entendeu. Eu falei “Eu posso ajudar ela, e eu tô gostando dela, vou ficar com ela, pronto”, eu sou assim.

Eu sempre tive um bom coração, que você vê que a pessoa é uma pessoa determinada, que vale a pena você ter, ter pena e ajudar é válido, é uma coisa muito boa. Larguei todo mundo e fiquei com ela. Aí, levei pra casa. Tava morando eu, meu irmão, minha mãe, e meu pai tinha feito uma casa em cima, aí comecei a morar com ela lá na casa de cima. Aí foi indo, foi indo, dali eu arrumei um trabalho pra ela no boliche, nós não tinha a Joyce ainda, que é a minha filha, no boliche, lá na Barra, que eu trabalhava pro dono do Barra Shopping. Aí arrumei esse trabalho pra ela lá na Barra. Esse que prestava serviço pra Globo já é outro. Aí arrumei, aí ela trabalhou dois anos lá no boliche lá na Barra, dentro do Barra Shopping, a mesma empresa que eu trabalhei. Aí dali saímos, aí nós saímos lá de casa e fomos pagar aluguel, aí eu peguei uma receita de fazer sanduíche natural com a minha professora e comecei fazer sanduíche natural.

Aí comecei e ganhar dinheiro, pô, comecei a fazer, a fazer, ganhava dinheiro todo dia, todo dia, dá dinheiro, dá dinheiro. Você vê esses camelô vendendo bala aí, eles entra no ônibus, toda hora eles entram no ônibus, entra e sai, entra e sai, entra e sai. No final do dia, se ele trabalha de seis da manhã às seis da noite, sete da noite, ruim por ruim, um dia pelo outro, duzentos conto, cento e oitenta conto, *líquido*. Ninguém diz isso. Aqueles que andam bonito, tudo recheado, com tudo. “Viu ó, que delícia!”, você tem várias opção, ninguém diz isso. Eu tô botando por baixo! Tem ônibus que eles entram, tem cara que vende vinte conto dentro de um ônibus, entra dentro de outro, se não vender vinte, vende dois reais. Entra no outro, vende dez. Quantos ônibus eles entram por dia? Me diz! Ninguém acredita que eles ganham assim. Eu sei que eu trabalho de camelô mais de dez anos, sei que que é isso.

Então, resumo do que eu tava falando, que eu cortei? Sobre...? Aí arrumei um trabalho pra ela. Aí, fomos, aí eu trabalhando, vendendo sanduíche, só aluguel caro e tal, aí compra de tudo pra dentro de casa, aí e tal. Aí... Em 2001 tive uma Joyce. Nós se mudava, achava uma casa meio ruim, ia arruma outra e tal. Arrumei a Joyce. Aí... em 2001. Aí foi indo, foi indo. Aí voltamos pra casa da minha mãe, depois saímos de lá de novo pra ir morar em outro lugar, pagando, e eu trabalhando. Negócio de salgado e sanduíche natural, sanduíche natural era eu que fazia. Até que chegou 2007, pra 2008, eu fiquei doente, eu fiquei doente... A diabetes. E eu era, eu já tava diabético e não sabia, fui parar no Miguel Couto. E eu já não tava bem com ela, ela era muito encrenqueira, ela era encrenqueira pra caramba. Tava morando até com a minha mãe, aí fui parar no Miguel Couto, e ela já tava com um cara, arrumou um cara. Lá na área que eu moro. Aí... Eu doente, fiquei internado dois dias, duas noites, aí saí, magrinho. Sabe que eu perdi vinte quilos, nunca mais recuperei, e como pra caramba. Eu era forte. Aí, ela foi, foi morar com esse cara, aí depois quis voltar pra mim de novo, eu não quis mais. Voltei. Depois, começou a brigar de novo, depois o coroa voltou pra morar com ela, coroa até maneiro, foi botou um filho nela em 2011.

Em 2012 o coroa morreu de câncer, deixou duas casas na Região dos Lagos pra ela, e mobiliou a casa dela toda, deixou a pensão da criança porque, né, botou um filho nela, deixou a pensão da criança, tal. E ela já tinha pegado já a indenização desse outro trabalho que prestava serviço pra Globo né. Era uma empresa, trabalhou sete anos, sei que ficou bem de vida pra caramba. Que que acontece, o cara morreu e tal. Eu tomei um nojo dela tão grande. Nunca pedi ajuda a ela. Nunca pedi ajuda a ela. E ela sabia que que eu tava passando, que eu precisava de ajuda, que eu tava doente, e tal, esses negócios todos. Mas nunca me ajudou em nada e eu também nunca pedi. Agora, ela me pediu várias vezes, e eu sempre, eu sempre estendi a mão pra ela. E a ela eu não pedi nada. Eu... Aí em 2010 eu parei de ir na casa dela, porque eu ia sempre ver a Joyce. Parei. Eu falei "Que que eu tô fazendo aqui, agora a mulher já botou outro cara aqui dentro da casa e eu vou vir aqui fazer o quê? Pro cara pensar que eu tô, né? Querendo, né? Voltar e o caramba?". Nunca mais.

Parei, em 2010.

Eu vou te falar, eu, eu, eu, com todos os defeitos dela, eu sentia falta dela, sabe? Que ela tinha o lado ruim, mas a coisa que mais agravou foi a ingratidão, só isso. Porque ela era uma pessoa muito segura, uma pessoa muito honesta, segura e limpa. Entendeu? Muito limpa. Ela brigava comigo até por um caroço de arroz que caía no chão, e o caramba, era motivo até pra briga. Então, o que que acontece, o que mais me deixou enojado com ela foi isso, entendeu? Aí eu falei “Sabe de uma coisa? Eu nunca mais vou procurar. A minha filha, vou fazer algum jeito de ver onde é o colégio dela, pra ver ela e tal, mas nada que via”.

Morei, aí comecei a ficar na rua agora, desse, antes da minha mãe morrer, bem antes, né? Depois que eu fui morar com a minha mãe, né, quando meu irmão morreu. E tal. E já arrumou outro cara de novo, agora, que eu fui na casa dela agora, que eu fui ver minha filha, que já tinha mais de dois anos. Fui por quê? Porque é perto de onde que eu morava com a minha mãe, na Baixa do Sapateiro, ali. Ela morava no Timbal. Fui pra passar a visão pra ela que minha mãe faleceu. Que Deus levou minha mãe e minha mãe era muito boa com ela. Minha mãe nunca deixou faltar nada pra ela. E falar pra minha filha também, que é neta dela. Pronto, e aproveitei, vi minha filha, abracei ela. Eu com muita pressa também, que eu tinha que resolver problemas de, da papelada todinha, ficou tudo comigo. Que a igreja pagou o enterro, mas eu que tinha que ir na funerária, tive que reconhecer corpo, foi duro ver minha mãe morta dentro daquela gaveta, entendeu?

Filha, vou te falar, o mundo desabou em cima de mim. Eu nunca esperava que minha mãe ia morrer assim do nada, rápido. Tava o tempo inteiro andando pra lá e pra cá. Mas parece que coração ataca de uma hora pra outra. Nunca sofreu do coração, foi um negócio assim *vrau*, coração grande. Então foi isso. Aí, cadê que eles foram no enterro? Nem ela, nem minha filha. Então quer dizer, não tá nem um pouquinho aí pra mim, nem pra minha mãe que foi tudo pra ela, quanto mais pra mim. Tá bom? A minha filha talvez não fosse, não foi, porque ela é dependente dela, não vai ir sozinha. Né? De repente teve vontade de ir, mas não vai sozinha, né? Ela como mãe é aquilo que eu te falei, foi uma

senhora mãe. Não vai deixar sua filha sair sozinha por dentro de uma favela e o caramba do jeito que andam as coisas, né? Não posso nem julgar minha filha, se ela não foi porque não quis, ou não tá nem aí, mas, pra mim... Quer dizer, mais outro motivo pra ficar caído também, apesar da caída da minha mãe.

Mas a caída da minha mãe, ééé... A morte da minha mãe foi o maior abalo que eu tive na minha vida, nunca pensei que eu ia ter. Eu emagreci treze quilos. Eu tô vivo, tô consciente e tal porque Deus é muito grande, porque se a pessoa não tiver uma boa cabeça, não tiver um bom equilíbrio, a pessoa fica maluca com tantos os problemas. Eu queria minha mãe viva, eu gostava muito dela, tinha o maior prazer, dava até banho nela às vezes, agora pelos últimos dias, entendeu. Fazia a comidinha dela, tudo. Quer dizer, pô, até se fosse preciso deu ficar no quarto que eu morava com ela, que era uma quitenetizinha até boa, tinha tudo, ar condicionado, tinha tudo, eu não ficava. Eu ainda fiquei, ainda deu uns 15 dias, mas eu vou te falar, só ia dormir, porque, pra não dormir na rua, né, que eu ainda tava lá, né? Mas quando eu abria a porta que eu olhava pro sofázinho dela... Pô, ô meu Deus, com a foto dela. Eu ainda tenho as fotos dela guardadas, quadro, tudo. Pô, eu tenho dois lugar que eu deixei as coisinha dela. Eu tenho lá no Caju e tenho uma senhora aqui chamada Dona Lourdes, que eu deixei o quadro, a bíblia dela, um quadro que ela me chamou pra fazer esse quadro, e pediu que eu fizesse também.

“Sergio, é bom, a gente não sabe o dia de amanhã, pode morrer, pode querer deixar uma foto, deixar tudo”. Assim mêrmo pra mim. Aí eu falei “Não, mãe”. Aí que eu fiquei com medo, eu já andava meio ruim e minha mãe ainda mandando essa. Entendeu, né? Falei “Não mãe, depois eu faço o meu”, né? Ela querendo pagar, tava com dinheiro, pagou o dela. Quadro tão bonitinho, aquilo ali pra mim vale ouro, entendeu? Uma perca muito grande. E agora... Fez dois mês dia vinte, né? Dia vinte fez dois mês. Eu dormi, eu lembro, uma terça-feira, cinco, seis horas da manhã, tinha uma senhora que estava com o telefone do hospital, de comunicação, “Sergio, Sergio, Sergio!”. Seis horas da manhã, ela só acorda nove horas, me gritando assim, uma coisa me tocou assim por dentro quando eu vi que era a voz dessa vizinha. Tocou logo por dentro que minha mãe Deus levou,

falei “Só ela tem o telefone, vai me chamar essa hora assim, pra quê?”. É, uma coisa me falou por dentro. Ela falou “Ó, eu não sei, mas eu acho que Deus deve ter levado sua mãe, porque eles pediram uma pessoa da família pra levar documento, que é assim que eles agem”, sabe? Com meu irmão foi assim. Aí vai eu e minha mãe pra visitar num dia de domingo, chega lá e meu irmão já tinha morrido e o corpo tava lá e tudo no hospital, nesse mêrmo hospital, foi assim também. E eu tinha medo da minha mãe morrer ali também, que minha mãe morou 48 anos com ele, mas minha mãe já tava segura já, ela tinha tido o sonho que Deus ia descansar ele...

Falou desse sonho uma semana antes. Uma bonequinha vinha e falava com ela, até me arrepio, eu não me esqueço mais. “E essa boneca, Sergio, me falava que Deus vai buscar o Chico pra descansar ele”, eu não me esqueço, e ela já tava preparada pra isso. Aí quando chegou lá no hospital o médico me falou isso: “Então sobe você, entendeu? Tá com documento?”. “Tô. E agora como eu faço minha mãe tá lá embaixo na recepção querendo visitar ele” né, em dia de domingo. Aí o médico falou “Ó, você pega, tem a assistência social, leva ela que eles vão preparar ela, conversar, né, e passar pra ela”. Eu falei “Vai ter que falar aqui mesmo, porque se não falar aqui, em casa que é pior, que ela pode passar mal e não tem médico, não tem nada, né?”. Aí fomos lá, graças a Deus, ela aceitou numa boa, ela já tava preparada. E foi esse sonho que ela teve. A boneca que foi uma boneca assim, parecendo gente, que foi falar pra minha mãe que Deus ia levar ele.

*“Sempre tive o dom de ganhar dinheiro, por isso que eu digo pra você, eu sou uma pessoa que tenho estrela”*

Eu tenho muita coisa, assim, pra conversar, mas são coisas assim que às vezes a gente até esquece, entendeu? É muita. A minha vida, eu, eu, eu comecei a andar na rua, no mundo, trabalhar com dez anos de idade. Eu com dez anos de idade eu já engraxava sapato e ganhava mais dinheiro que o meu pai, eu sempre trabalhei na minha vida. Sempre tive o dom de ganhar dinheiro, por isso que eu digo pra você, eu sou uma pessoa que tenho estrela. Eu tenho dom, entendeu, eu trabalhei no meio de

gentes importantes, você vê que eu não tenho estudo nenhum, sei falar alguma coisa, sei me comunicar, sei chegar, sei entrar, sei sair, tudo isso. Eu se eu falar pra você, você nem acredita, eu nunca me organizei assim pra cuidar da minha saúde, até hoje desde que eu tô com essa, com essa coisa. Nunca. Eu como qualquer coisa, basta estar com fome, ah, vai ter um pedaço de doce ali.

Mas eu já vi uma coisa em mim. O que me deixa mais ruim, com a glicose alta, é a droga, a bebida. Por quê? Porque fica muito tempo sem comer, sem se alimentar, fumando, bebendo, e quando sair dali tá com muita fome. Qualquer coisa que vê vai comer, até um pedaço de doce, aí passa e fica pior ainda. Agora, arroz, feijão, caramba, feijoada nunca me fez mal em nada, em nada. Problema é esse. Eu nunca me preocupei em fazer dieta nem em casa, em nada. Mas quando eu tava com a minha mãe eu tava bem melhor, eu não saía de noite, nunca deixei minha mãe sozinha, que ela era já de idade. Eu tinha medo de deixar ela sozinha, dela levar um tombo, passar mal e não ter ninguém pra levar ela pro hospital. Todo dia à noite eu tava em casa, o Natal eu tava com ela, vi o show do Roberto Carlos com ela, dia 24, vi o show do Roberto Carlos com ela. Ano Novo a mêmra coisa, entendeu, abracei ela, fiz uma oração meia noite, aí fui dormir. Parece que foi uma despedida. E dieta nada, perdi um pouco da minha visão, letra pequena eu não enxergo. Nada, nada, nada. Letra grande eu já enxergo. Ó, eu tô enxergando meio embaçado. Sei que aqui é um R. Não é um R logo no começo? Pensando bem, uma coisa me fala. Que essa diabetes minha, se eu fizesse minha dieta certinha, eu controlava tranquilo, não ia sentir mais nada. Não sentia mais nada. A minha pressão é ótima, doze por oito. Dizem que é ótima. Também se minha pressão fosse ruim eu já tinha ido embora há muito tempo.

O sonho que eu quero realizar é de um dia ter uma família, ter um lar pra mim morar, um trabalho, ter minha coisas, botar meus dentes. Quero, tenho que tratar esses meus dentes, essa coisa horrível. Aqui tem dentista, eu fiquei sabendo e eu vou tratar em nome de Jesus, entendeu? Eu vou tratar. Entendeu? Semana que vem eu tenho trinta dias pra mim ver isso. Semana que vem eu já vou ver, se for uma coisa boa eu fico lá. E fico me tratando aos poucos. Esse dinheiro que eu vou pegar pra alugar o quarto

eu vou começar a trabalhar pra mim devagarinho.

Ó, eu vou falar uma coisa pra você. Na Polícia aqui, são muitas delegacias dentro de um terreno só, muitas, presta bem atenção. Aí dentro dá muito advogado, muito doutor, advogado, né, resolvendo problema de preso, essas coisas, muito delegado. E essas pessoas tudo usa sapato, tudo usa sapato, e eu sei engraxar sapato muito bem. Vou fazer uma caixa grande, assim, e vou começar a engraxar sapato lá dentro. Todo mundo me conhece, bota a graxa a sete conto, todo mundo sempre faz. O cara não vai te dar sete, vai te dar dez, nem troco quer, tudo rico, tudo bem de vida, no final do dia você tá com duzentos conto no bolso brincando, no dia que tiver ruim.

Deus sempre me dá opção, me dá ideia, inteligência. Salgado lá eu não posso vender porque já tem lanchonete, mas engraxar eu posso porque não tem concorrência. O cara que tem a lanchonete dele, ele lá paga imposto. Aí vai chegar eu sem pagar imposto lá, da rua, pra vender? Não pode, vou ser chamado a atenção. Aí eu falei "Vou botar isso lá dentro". Vou, vou, vou numa casa que faz móveis, essas coisas, serralharia, sei lá. Mandar fazer uma caixa bem bonitinha, pintadinha do Botafogo, que eu gosto, sou botafoguense. Se vier um flamenguista, não tem problema. Aí é bom que a gente fica brincando um com o outro, entendeu? Não tem problema nenhum. Mas também, se não quiser botar... Você não me conhece. No dia que você me conhecer você fala "Sergio, você seria, se você estudasse você tava na Globo, tava na televisão aí fazendo algum programa".

Copa do Mundo, né, tá chegando. Ao invés de botar ela preta e branco, né, bota ela nas cores do Brasil numa boa. Tenho certeza, não vai faltar trabalho pra mim, de noite tem lugar pra mim descansar. Vê, eu tenho planos, o negócio é colocar em prática. Esse eu quero botar em prática, já não aguento mais ficar nessa de rua, gastando dinheiro, ficando doente, tomando agulhada. Não aguento mais, já tô insuportável, chega uma hora que enjoa. Já pensou você ficar numa cama ali tomando um soro, depois vem outro, e demora o dia todinho, agulha. É horrível. E você sabe por que que você tá ali e depois fazer de novo é você ser burro demais. Entendeu? É ser muito ignorante, entendeu? Pelo amor de Deus.

Eu tô com esses planos aí. Você nunca entrou lá? É um mundo lá dentro, é um mundo, onde se resolve tudo, os presos perigosos tudo vão pra eles. Lá tem dia de sexta-feira que eu chego em cima de um amigo e um me dá cinquenta, outro me dá cem. “Toma, Sergio, pra tu comprar uma coisinha”. Dia de sexta né, que eles sexta-feira todas as delegacias têm um dinheiro por fora, uma propina de jogo de contravenção. Por exemplo, jogo do bicho é contravenção, tem que morrer numa propina pra polícia, senão não tem. Jogo de máquina é outra contravenção, tem que morrer numa propina, tem que morrer ou não tem?

A contravenção existe porque tem propina, senão, não existiria. Se tem ladrão de carro é porque tem ferro velho. Acaba com os ferro velho pra ver se vai ter ladrão dos carros. Mas não é jogo acabar com ferro velho. Se todo mundo andar direito, ninguém quer ser polícia. Por quê? Porque não tem propina. Por que você vai querer ganhar um salário mínimo por mês pra de repente tomar um tiro aí na rua? Não vai, vai? Você antes de entrar na polícia, você já tá pensando na propina que vai ter por fora, transações, transações boas, pagamento de cinco mil aqui, cinco ali, toda sexta-feira. “Porra, rapidinho vou comprar meu carro”, claro, você vê, a PM.

A PM, o salário da PM não chega quatro, cinco mil, você chega no estacionamento da PM e você vê carro importado de cento e cinquenta mil. Fala tu, como é que vai comprar? Se o cara tem que pagar escola particular pro filho, pra filha, aluguel, que ele não vai morar dentro de favela. Plano de saúde, condomínio, ele vai pagar luz, vai pagar água. Por que ele não vai morar dentro da favela? Ele é polícia, se ele morar neguinho vai matar ele. E como ele consegue ainda ter um carro no valor de cem, cento e cinquenta mil? É porque tem a propina. Por isso todo mundo quer ser polícia. Se todo mundo andasse certo, meu filho, porra, o cara não queria nem ser Presidente da República, porque não ia arrumar nada. “Ah, só esse salário? Eu sou formado em outra coisa que eu vou ganhar muito mais, eu não vou querer ser Presidente”. Por que eles brigam pra ser Presidente? Porque o dinheiro por fora é que é o boi, entendeu? Né?

Ééé, por exemplo, hoje, hoje, hoje, pelo jeito eu não vou pegar quentinha aí que eu não me mediquei. Não sei que horas tem,

que horas tem? Que ontem eu não jantei não, sabia? Ontem eu não jantei. Hoje eu comi um pão com queijo de manhã. Rapaz, se você conhecer minha filha você vai falar “Parece filha de rico”. A minha filha, ela foi destaque do Romarinho, não sei se você já ouviu falar naquele clube no Complexo da Maré chamado Romarinho. Ela foi destaque na ginástica olímpica. Ela foi fazer ginástica sabe com quem? Com a Daniele Hipolyto lá na Gávea.

# “NÃO TEM PARTE BOA NENHUMA DE MORAR NA RUA”

MÁRIO, 35 ANOS

O que eu sempre trabalhei foi de camelô e de serralheria. Hoje em dia eu não trabalho. Hoje em dia o que a gente tá fazendo é... A gente cata lata, vai catando lata pelo meio da rua.

Fico aqui no Jacaré. Eu venho todos os dias aqui pra fazer o curativo. Eu fui naquela outra unidade, naquela de lá. Aí, não quis... Falou que tinha que fazer cadastro, um montão de burocracias, aí eu perguntei se... eu não sei o nome dele, um moreninho. Eles aqui, fazendo aqui, no Manguinho aqui, na Estação aqui, aí eu vim aqui, se informei com ele, aí ele me indicou para mim vir aqui. Eu tenho, eu acho que já, um mês e pouco já que venho aqui já.

Isso aqui na minha perna foi a... Eu tenho uma cicatriz, aí abriu a cicatriz. Devido abriu a cicatriz porque, devido que... tinha uma bolinha, eu cocei, nessa que eu cocei ela estourou e abriu.

Tem pouco tempo, tem uns dois mês só na rua só. Dois, três mês na rua. Não aconteceu nada pra eu vim pra rua não, bobeira minha mesmo, loucura minha mesmo. Eu moro em Caxias. É eu e minha mãe, ela tem 67. De homem agora só, só, só tem eu, que meus irmãos faleceram. Tem, tem, tem três, tem quatro mulher. Mas só quem mora com a minha mãe só sou eu. Essa semana mesmo eu fui lá, domingo, domingo fui lá. Sempre vou ver ela lá, vou lá.

Ela sabe que eu tô na rua, eu falo pra ela. Morar na rua assim, é meio complicado, né. É meio complicado. Porque tu não tem as suas coisa que tu necessita na hora certa. Você não tem, como

é que se diz, não tem tua alimentação na hora certa. Tem lugar que te cede alimentação, tem lugar que já não te cede nada. Tem gente que te ajuda, tem gente que não te ajuda, te discrimina, entendeu.

Eu fico... eu fico isolado. Eu não gosto de dormir com ninguém, perto de ninguém, eu durmo só. É de mim mesmo. Eu não gosto. E também por causa, muitas das vezes, das covardias, entendeu? Que às vezes a pessoa tá ali do teu lado, convive contigo na rua mas... fala que é teu amigo, mas não é nem o teu amigo, tá esperando a oportunidade de, às vez, até te matar, entendeu?

*“Nada me fez sair da casa da minha mãe não, só loucura minha mesmo. Eu que mesmo que vim, pra ficar na rua assim porque eu quero mesmo. Tem problema nenhum familiar não. Eu mêrmo fui, foi doideira minha mesmo”*

Eu falo assim, não tem parte boa nenhuma de morar na rua. Não tem nada de bom na rua, de morar na rua, nada de bom, nada. Nada me fez sair da casa da minha mãe não, eu não quero... só loucura minha mesmo. Eu que mesmo que, eu que não quero, eu vou, mas, vim, pra ficar na rua assim porque eu quero mesmo, não é assim nenhum problema não. Tem problema nenhum não, familiar nenhum não. Eu mêrmo fui, foi doideira minha mesmo.

Meu pai é falecido. Meu pai faleceu quando eu tinha, doze, doze pra onze anos, doze pra treze anos. Bebia muito, bebia muito. Aí deu, passou mal, aí enfartou e faleceu.

Tenho uma filha, menina, doze anos. Vai fazer treze agora, em novembro ela faz treze. Ela mora com a mãe dela. Eu não deixo de ver ela não. Eu vou mais, assim, começo de mês que eu vou lá e levo o dinheiro dela. Tem que pagar a pensão dela, eu levo o dinheiro dela. Mas aí já não é eu que pago, só levo o dinheiro, quem dá é minha mãe. Minha mãe que dá. Aí todo mês eu vou lá, todo mês eu levo lá.

Pra mim eu não confio em ninguém na rua. Na rua não se confia em ninguém, é muito difícil. Porque muitas das vez também tem muitos... que moram na rua também, ééé... que saiu de

onde morava, do local que convivia, de que fez alguma maldade com alguém, fez alguma... saiu corrido, alguma coisa de errado fez. Muitos, muitos, entendeu? Muitos não são assim como eu, entendeu? Veio porque quis não, ééé... muito, ééé, às vezes é corrido, fez alguma, roubou, matou, alguém... Tá fugido. Fazendo covardia com os outros, por causa disso que muitos tá na rua. Entendeu?

A única coisa que eu faço mêrmo é isso que eu falei. Eu cato minha latinha, cato meus papelão, cato minhas garrafa pet, só isso mesmo que eu faço. Não pego chinelo de ninguém, não faço coisa errada.

Eu graças a Deus tenho problema nenhum com as minha família não, com as minhas irmã, com minha mãe, com meus tios, com meus parentes não. Graças a Deus nós somos, nós sempre se demos bem, sempre se demos bem, graças a Deus.

Drogas eu usei muito, usava muito, ééé... cocaína. Muito. Hoje em dia não uso mais. Parei já tem muito tempo. Muito tempo, muito tempo, muito tempo mesmo. Uma coisa foi, uma parte maior que me fez parar foi por causa da minha filha também, que nesse tempo eu ainda tava com a minha, com minha esposa ainda, a mãe dela. Então, devido ela ter nascido também eu fui parando, aí eu fui parei de usar.

É dessa forma, muitas das vez, né, devido nós catar nossa reciclagem nós compra alimento e... hoje em dia, tem a senhora da lanchonete aqui de cima aqui da, do Amorim. Ela já me vê já me pega a janta, o almoço com ela todos os dias. Vou lá, limpo lá pra ela. Limpo não, só jogo o lixo fora só pra ela, aí todos os dias ela me dá alimentação, o almoço. E à noite, quando, quando não passa o carro dando alimentação, mas eu sempre guardo um dinheirinho pra comprar minha janta.

Por mim eu já tô perdendo a vontade de ficar na rua já, já tô enjoado já. Em nome de Jesus vou voltar pra casa de novo. Tenho muita fé em Deus, muita. Minha religião mêrmo é a igreja, adoro ir na igreja.

Eu sou assim mêrmo, calado. Eu sou tímido mêrmo, eu sou assim mêrmo calado, eu não falo muito não, é muito difícil fica falando. Amigos eu tenho, mas, assim, na rua não, amigo de

infância eu tenho... Mas eu sou muito... até de conversar eu falo muito pouco, não sou muito de ficar falando, falando, falando, não. Falo muito pouco.



# "A VIDA É UMA HISTÓRIA"

RACHEL, 30 ANOS

Hoje eu tenho trinta anos. Eu tenho faculdade. Não terminei, eu tranquei, meu ex-marido roubou tudo que eu tinha. Meu ex-marido. Tranquei na Estácio. Eu tava no segundo ano de veterinária.

Eu paro mais aqui em Manguinhos. Quando eu sumo daqui, eu fico lá pro centro da cidade, no Largo da Carioca. Tem um tempão que eu paro lá. Quando eu paro aqui é mais por causa das drogas. Lá, eu fico um mês, dois mês sem usar. Eu uso mais cocaína. Crack eu uso, mas não muito. A minha droga é o pó. E o cigarro, né? Que é o único vício que eu tenho, entendeu? Mas quando eu saio aqui, daqui, é mais por causa do crack, entendeu, porque aqui eu, eu... por eu ficar no meio dessa galera, entendeu, então eu fico usando mais, sucessivamente, entendeu? Porque se deixar por mim, eu fico dois, três dias sem usar. Tem três dias que eu não uso, nada! Eu tava dormindo, dormi três dias direto, entendeu? Então... é isso. A cocaína eu uso, eu fico tranquila, eu... não perco muito, o meu peso. Já o crack, quando eu venho aqui sucessivamente, se eu ficar aqui um mês, eu perco dois, três quilos.

Porque aqui é muito ruim pra passar alimentação. Aqui não é como o centro da cidade, que passa muita comida. Aqui só passa a comida quando o pessoal, os crente traz. Mas não é todo dia, entendeu? Eu tava comendo aqui no Consultório, mas agora nem aqui pode comer mais, só um dia da semana. Nunca vi isso! Você se tratar aqui, e só tem direito um dia da semana com a comida! Isso, esse negócio aí tá muito errado. Pelo menos o almoço tava garantido, todo dia aqui. Ah, isso aí, tinha que ter doação, né? Dá as comida pra quem precisa mesmo, pra quem tá em tratamento. Que hoje vem pessoas pegar comida, até vender quentinhas aqui, eu já vi vendendo. Eles tem que olhar primeiro as pessoas que eles estão dando, entendeu?

Quando não se consegue comir aqui, tu não come! Aí é só droga, droga, droga, droga, droga, procuro usar mais droga, mais droga pra, pra alimentar a fome. E aí vai. E aí você vai se perdendo, teu corpo vai indo embora. É isso que acontece com nós. Morador de rua que é usuário de crack. Dinheiro, isso aí... Às vez a gente ganha, às vez... Eu tenho um tio aqui no, no Jaca, eu vou lá, pego dinheiro. Algum amigo que chega, vai lá, desculpa... Entendeu? Às vez eu boto minha banquinha, vendo minha água, meu cigarro, minha cachaça aí.

Hoje eu vim aqui pra tomar banho. O único lugar que tem pra tomar banho aqui também, é aqui. Ou então tem que ir lá pro Jaca, no bicão, eu não gosto de tomar banho em bicão. Eu não gosto de tomar banho com todo mundo me vendo. É coisa de mim, eu não gosto. Mais comida. Ontem eu não comi nada. Se não fosse esse bagulho aí, que eu vi ali, e pedi, o porteiro que tava ali fora, deu um pouquinho de um saquinho de biscoito e essa barra aí de chocolate. Me deu hoje, agora, quando eu cheguei. Tava assim na porta. Foi o motorista que me deu. Tadinho, o motorista perguntou até os menino aí da portaria: "De quem é esse aqui?", pra, pra eu poder pagar. Ele é muito bom!

*"Eu não sei ficar com fome. Aí eu começo a usar droga, droga, droga, droga, droga, droga"*

Isso aqui está me matando. Estou sufocada. Dá pra abrir a porta? Eu não consigo. Eu começo, a passar mal. Por causa da minha bronquite. Eu vou ficar com fome de novo hoje. É muito ruim. Ainda mais que eu não sei ficar com fome. Aí eu começo a usar droga, droga, droga, droga, droga, droga. Já vou sair daqui, com o meu copinho ali, tem três dias, nem mexi nele. Eu vou sair daqui, vou raspar ele, vou ver se tem alguma coisa pra sair dali, pra já matar essa fome que eu tô. Me desculpa, eu sou assim, eu não queria, mas minha vida é ... Se eu falo, eu falo mêrmo, entendeu?

Eu era casada, pô, eu tinha tudo. Tinha tudo. Meu ex roubou tudo o que eu tinha. Ele fez eu assinar um documento que tudo o que era meu, passava pro nome dele. O que eu tinha vinha do meu trabalho. Eu já fui muito doida. Tá ligado? Hoje eu sou

uma menina tranquila. Eu trabalhei no tráfico, eu trabalhei... No “57 boladão”, que é assalto. Ele era meu parceiro nisto. Mas eu só assaltava coisa grande. Era joalheria, banco do... É isso aí. Não, pessoas não. Pegava coisa grande. Entendeu? Fazia casa, mercado, bagulho grande. Eu era assaltante, eu não era ladrona. Eu era assaltante. Hoje em dia eu sou uma mina tranquila, como você vê aí. Todo mundo se amarra na minha.

Se não é meu, eu não pego. Pode ser um centavo, eu não pego. Só se tiver cem mil, eu falo logo: “Tem cem mil?” Se tiver cem mil, então fica preocupado, vou te sequestrar e vou pegar resgate. Pedir o resgate. Aí, você pode agora chorar. Que agora perdeu. Dez real? Tá maluco! O que eu vou fazer com dez real? dez real não dá nem pra mim fumar o crack que eu gosto, que eu fumo crack de vinte. Então, não vale a pena. Ah, se a pessoa quiser dar dez real pra mim, aí eu aceito. Mas meter a mão, não, tá maluco, pra quê!

Eu já fui presa quando eu era menor. Não, me pegou, e mesmo sendo menor, eu fiquei numa cadeia de maior dois anos. Eu, de menor, fiquei na cadeia de maior, dois anos. Porque eu mentia só a idade que eu tinha quando eu fui presa. Até descobrir, eu já tinha dois anos na cadeia de maior. Rodei com dez quilos de cocaína. Menti porque fui pega eu e esse meu ex-marido. Aí eu assumi a porra toda. E na época, eu tinha quinze, quinze anos. Eu falei que tinha vinte e um anos.

Subornei o delegado, paguei três mil pra liberar ele, meu ex-marido. Filmei tudo. Em uma salinha, assim mesmo. É minha história, a vida é uma história. Filmei. Depois entreguei pra ele mesmo, pro delegado. Quando ele pensou que tava abafando, eu dentro da sala dele, assim mesmo. Falei: “Ô, fulano, faz favor. Sente aqui, por favor.” Aí ele: “Tu é muito abusada, garota, você tá presa”. E aí eu, “Eu tô presa, mas no cubico eu não vou ficar, pô. Vou ficar aqui até de manhã, quando for sendo transferida. Não é isso, o que foi combinado? Então, eu tô com fome”. “Você quer o quê?”, “Ah, eu quero comer isso, dinheiro não é pobrema, tá ligado que dinheiro não é pobrema? Eu tenho dinheiro”. Então, mandou comprar comida, mandou tudo do restaurante, comi. Aí, eu virei: “Menino, você acha que eu sou boba? Bota aí no radinho, bota, toma aqui o aparelho, vê essa filmagem aqui pra

mim. Aí eu filmei, cara, essa filmagem, quero ver, antes de ser presa você pode falar pra mim se tá boa”.

Eu não tinha mandado pra ninguém. Você filma, eu tinha assim, uma pessoa que tinha, sabia que eu tava com a câmera, mas a pessoa, ela é meio, lá do tráfico, ela é, entendeu? Mas daí, depois, que eu mostrei pro delegado, a filmagem foi, destruída, entendeu? Mas lá, a filmagem que eu tinha a fita comigo. Mas a que a pessoa que tava lá também, não. Ficou, entendeu? Quando o delegado viu aquilo, o delegado falou, olhou para mim: “Garota, quem é você? Eu tenho dez anos de polícia. Nunca ninguém conseguiu me enganar. E você, parece que é uma criança, conseguiu”. “Eu? Você acha que eu sou boba? Eu vou perder três mil com você, vou ter o quê? As regalia que eu tô tendo aqui, porque eu tô presa, eu sei que eu estou presa. Se chegar algum policial, batendo na tua porta, vai me ver aqui, sabe que eu tô presa, só não tô algemada e não tô lá dentro do cubico”.

E fiquei, até de manhã. Só me botaram na viatura na hora que eu fui transferida. E liberaram ele. Eu fiz acordo porque eu era menor. E eu rodei com dez quilos de cocaína. Se ele, se ele segurasse tudo, ele ia segurar doze, corrupção de menor... Mas quando eu tava presa ele não me ajudou nada, mas também não me faltou nada. O meu patrão não deixava faltar nada pra mim. Eu tirei a minha cadeia, dois anos, na maior, de lei, tranqüilona. Quando você chega lá dentro, que você vê o que é que é, você, fala mesmo: “Caralho, a casa caiu, meu mundo acabou!”. Porque lá é onde o filho chora e o pai não vê. E a mãe também. Tá ligado? Mas tudo isso pra mim foi experiência, tá ligado? Tudo o que eu já passei na minha vida, é experiência. Quando eu saí de lá... Eu só saí de lá porque a minha família veio me buscar.

A minha família é de Minas. Eu vim pro Rio quando tinha doze anos. Sozinha, eu e Deus! Eu vim conhecer o mundo. Sou de Monteiro, Sul de Minas, divisa de Minas com Espírito Santo. Eu vim com doze anos. Com doze anos, fiz a maior fuga inédita. Em Teófilo Otoni. Peguei a minha prima, tirei minha prima do orfanato. Teófilo Otoni, essa fuga até hoje é lembrada. Botei Teófilo Otoni pra baixo... Em peso, polícia me rodeando, me procurando. Ela tinha catorze. E ela tava em... Ela tava num colégio de umas irmãs, num orfanato. Consegui uma audiência

lá no Fórum, com o juiz... E eles conseguiram me botar dentro desse orfanato onde ela estava.

Entrei numa quinta-feira, no domingo eu tirei ela. E não conhecia essa prima minha. Só sabia que ela era minha prima. E essa fuga até hoje é lembrada em Teófilo Otoni. Eu já vi, conheci várias pessoas de Teófilo Otoni aqui no Rio. Quando eu falo em Teófilo Otoni, quando eu falo o meu nome, neguinho fala logo: “Caraca, você é aquela garota que botou Teófilo Otoni, ó... É pra baixo, pra cima, a polícia te procurando”.

Fugi pro Rio com a minha prima. Quando eu cheguei aqui, fui diretamente para a Central do Brasil. Meu pai me deu dez mil, pra mim conhecer o mundo.... Minha família tem condição. Meu pai faleceu, o ano passado. Meu pai me deixou bem, tem um dinheiro pra mim pegar. Mas ele pra lá, eu pra cá. Não, sempre me dei bem com meu pai, e não me dou bem com a minha madrastra. Fui criada sem mãe. Minha mãe biológica morreu o ano passado também. Conheci a minha mãe biológica, tinha doze anos, aqui no Rio. Ela era daqui.

Nem sabia que ela existia. Me contaram que eu era filha de uma amante, do meu pai. Essas partes eu não gosto muito de... Já passou, já passou. Já morreu, então tá tudo certo. O importante é que eu conheci, então tá ótimo. Eu encontrei com ela aqui, coisa do destino. A minha vida é... A vida muito... Acontece coisa com ela que... Até eu mêrmo, às vezes eu, eu duvido. Do nada, encontrei com a minha mãe. Ah, descobri só, conhecendo, no dia a dia, as aparências. Ela ficava muito na Central, mas morava na Pedra Lisa. Aí, um belo dia eu contei a minha história pra ela... Quando eu mostrei a foto do meu pai, ela falou “Eu conheci esse homem”. E aí ela me contou como me teve, não tinha, não tinha condição de me ter.

Nessa época ela era nova, tava na Itália, que eu nasci na Itália, fui criada aqui no Brasil. Vim bebê. Nasci num navio, meu pai me conta que eu nasci no navio. Mas aí meu pai já era casado. E aí... Ela deixou eu com o meu pai. Mas aí essa mulher que morava com o meu pai foi obrigada a me criar. Que já era a mulher dele. Ele tinha minha irmã mais velha, com ela. Lá em casa eu sou a caçula. É, é umas história muito complicada mesmo. Mas é assim mêrmo, é a vida.

O meu o pai faleceu o ano passado. Desde quando meu pai faleceu, eu tento ligar pra casa, ninguém atende. E é aquilo, deixou uma bolada pra mim, mas a bolada que ele me deixou, ninguém mexe porque é meu. Não tem o que mexer, não tem como, tá no banco. E aos pouquinho eu vou me levantar de novo, se Deus quiser. Só tenho que ir em Minas pegar o meu dinheiro. Pegar meu dinheiro... Aí, eu vou comprar uma casa pra mim. Quero montar o meu próprio negócio, que eu sempre tive o meu negócio, sempre trabalhei pra mim mesmo. Eu gosto de trabalhar pra mim mesmo. Já tive loja de roupa, já tive bar. Já tive uma loja com quatro, oito empregados. De revelação de foto, em Jacarepaguá.

Ah, eu saí do tráfico, do assalto porque... É uma vida que... poxa! Não é boa assim. Nunca tive medo de morrer. Tenho medo de ser presa, isso aí sim. É porque eu tive meu filho, tá ligado? Então... Quando eu engravidei do meu filho, eu parei com tudo. Parei com assalto, parei com tudo, tráfico, parei com tudo. O meu filho mora com a minha família. Lá em Minas. Meu filho tá com doze anos já. Eu sempre falo com ele. Ligo, sempre falo com ele. Tem três anos que eu fui lá. É, três anos.

*“Na rua você não confia em ninguém. Confia em você mesmo”*

Se eu tenho amigos na rua? Entre aspa. Na rua você não confia em ninguém. Confia em você mesmo. Hoje eu só confio no meu coroa. Mora no Jacaré. Sempre vem aqui, me procura, e traz dinheiro para mim. Se eu passo mal, ou eu venho aqui, ou então procuro ele, ele compra bombinha pra mim. Por causa da minha bronquite. Pra ser atendida nos lugares às vez é difícil. Aqui é bom porque... porque tem a Cássia, o Gilberto. Se eu precisar ir a outro lugar, agora não sei. Aí lá, aí eu nem vou. Num tenho paciência. De esperar.

A população de rua precisa é cursos profissionalizante, tá entendendo? Um lugar, por exemplo, de oito, de oito até meio-dia. Ter um local de oito até... Uns curso, pra, pra alguém fazer curso. Pô, biscuit. É uma coisa muito simples. Coisas que vocês podem ensinar... Desenho, curso de desenho, que não é um curso caro.

Tocar violão. Um curso simples. E meio-dia assim, meio-dia se puder ter um almoço, ter um lanche pra, pra galera, tá entendendo? Pra dar uma profissão e pra poder ocupar um pouco a cabeça deles. Pra também deixar um pouco de usar um pouco as droga. Entendeu?

Ah, eu paro a hora que eu quero, eu já falei, eu uso quando eu quero, eu sou assim. Graças a meu bom Deus! Eu não tenho dinheiro. Mas eu tenho dinheiro lá em Minas, e aqui? Mas aqui eu não tenho nada. Eu tenho dinheiro lá, é deixar o dinheiro. Dinheiro tá no banco, deixa lá. O negócio é pra ir pra Minas, e ir pra Minas gasta muito. O negócio que eu não quero largar aqui as pessoas. Que aqui tem pessoas que eu gosto. Entendeu? Igual a esse coroa meu, né? Eu acho que me prende mais é ele e a minha filha que tá aqui no Rio ainda. Eu tenho outra filha. Eu tenho uma menina de oito anos. Não vejo ela. Quando eu tiver com um dinheiro meu, eu vou lá procurar ela. Ela me conhece. Pô, vou passar frio hoje. Só tenho esse casaco aqui e esse ele nem é meu não.

# “TROQUEI O ESTUDO PELA DROGA”

JOÃO, 47 ANOS

Nasci em abril de 1972 em Cachoeira de Itapemirim, tenho segundo grau completo. Vim aqui por causa de doenças venéreas. Cuido da minha saúde me precavendo. O tratamento aqui até então tá sendo, um tratamento de... cuidado, até então. A atenção, com certeza e, e, e... o que é necessário, né, ganhando os remédios que, vai ser utilizado, né? Sim, já, já sim, em vários hospitais, eu já fui. Eu tô tão... Fui tratado do mesmo jeito, né, também. Eu fui... até então, o Souza Aguiar, fui... Posto de saúde, também... bem tratado. É... tem que... Devido a, não ser de saúde, né, a gente falta, como se diz, é um... Uma facilidade pra alimentação, essas coisas, né... que a gente é morador de rua, fica nesses locais, aqui no Jacaré fica meio difícil, porque...

Fico sempre aqui no Jacaré, Manguinho e tal. Não tenho trabalho também, né, pra trabalhar, né. Não tenho... plano saúde, não tenho plano de Previdência, não tenho nada disso. Fui parar na tua tem uns dez anos, depois que eu larguei a faculdade. Engenharia. Na Federal do Espírito Santo. Tava no quarto período quando eu vim pra cá. O que aconteceu? A droga, eu... Troquei o estudo pela droga e... tropecei. Fui então... cabeleireiro, trabalhava de cabeleireiro e... Comecei a usar droga aqui, e a droga me levou a... trocar o serviço de cabeleireiro por garimpo, que... o meio... te leva a... estar... com o, o, o... com o ambiente, né, de usuários. Troquei o serviço que eu tinha de cabeleireiro pela, pelo, pelo, pelo, pelo ambiente dos usuários. É, o trabalho, quer dizer, de catador, né. Vai fazer uns dez anos que estou nessa situação.

Tenho irmãos aqui no Rio. Só eu que estou em situação de rua. Eles são casados, só eu em situação assim. Eu, sou solteiro. Eles já me ofereceram ajuda, pouco, poucas vezes, eu, eu, eu... eu

não tenho contato, às vezes... Fiquei trabalhando nesse período aqui e, e, e... Copa do Mundo, e Panamericanos, e Olimpíadas, sempre, e... Isso tudo passou e eu continuei aqui. Tem um irmão lá no Espírito Santo, e os outros tão aqui. Penso em voltar pra lá, penso, mas eu não tenho... Não tenho ninguém lá, mas não tenho... não tenho mais nada lá, no Espírito Santo. Amigos tenho, parentes. Bens materiais eu não deixei pra lá. Eu vim pro Rio trabalhar.

*“Eu penso em melhorar, só que depende de mim mesmo. É um querer, uma vontade que vem de dentro para fora, né?”*

A profissão eu tenho, é só me... me estabelecer de novo... no meio. Minha renda hoje é como catador. Ah, eu penso em melhorar, né, só que... depende de mim mesmo. É um querer, uma vontade que vem de dentro... de dentro para fora, né? Você querer fazer aquilo que você vai fazer, se você não quiser não adianta. Você não vai, não vai fazer o que não quer. Fazer aquilo que você, tem vontade, assim. Depende de ajuda também, sozinho você às vezes, você não vai bater asas sozinho e sair voando. Tem que ter ajuda, né? Esse serviço aqui ajuda, ajuda sim, com certeza. Com certeza.

# “VOU PRA CASA, VOU PRA RUA, PRA CASA, PRA RUA”

CORA, 20 ANOS

Meus problemas de saúde são a sífilis e... córnea. Da minha vista. A Cássia tá dando um jeito de cuidar aí de mim. Eu tô recebendo o que preciso mais ou menos. Tem falta de colírio. Tá demais. Tem que comprar o remédio, o remédio é caro pra caramba, eu moro na rua, não tenho condições direito. O dinheiro que eu arrumo, uso droga, só uso droga direto, mais nada. E... única coisa que ela me ajuda às vezes, ela me leva lá no Souza Aguiar, e o SUS, lá não tem o remédio também, quando manda o remédio é caro.

Eu só fui lá. Só fui lá. Lá e aqui. Lá só não tem o colírio, mais nada. A falta do colírio, mais nada. Ficam passando pra outra e não tem remédio. Eu venho aqui, só fica me olhando, não passa um colírio, e eu fico *com ódio*. Só isso. Tá afetando muito a minha visão. É Deus que não tá me deixando ficar cega, que o médico dos médicos é Jesus. Só ele que não está deixando eu ficar cega, que fosse por, pelo diabo, eu já tava cega.

Quero tirar o meu documento. Para mim como, pra mim poder ter Bolsa Família, ter as minhas coisa. Já era pra mim estar... já estar habilitada... como é que se fala? Esqueci o nome como se fala, como se fala? *Aposentada*.

Fui para rua por causa do crack. Não consigo... Vou pra casa, vou pra rua, vou pra casa, pra rua, pra casa, pra rua. Fico três semana em casa, volto pra a rua, e vou. Depois magrinha eu volto pra casa. Em Nova Iguaçu, na Posse.

Agora tô na rua há quatro dias. Não tenho amigos, tenho nada, moço. Tenho Jesus.

Tô querendo ir atrás das minhas coisa.



# “EU JÁ NASCI COM TUDO PRONTO”

GRACILIANO, 66 ANOS

Tô acabando de me aposentar pela idade. No processo. Eu trabalhava, é... Música, e na área turística, de camelô, cambista, guardador de carro. Vendia ingresso de show de eventos, uma porção de eventos. Evento bom. Sou músico também. Eu toco guitarra, bateria, baixo. Eu já nasci com talento, eu toco de ouvido, e aí se torna tudo mais fácil.

Agora eu pego uma bolsa familiarzinha, mas não dá pra viver disso. Aí final de semana, assim, começo da semana, pego uns evento agora, final de semana longo, de quinta a domingo. Faço evento na Ilha, faço eventos no São Cristóvão. Faço evento na igreja, que eu trabalho com casamento na igreja lá na Praça XV.

De cambista, pego informações, internet, jornal. De preferência, vendo eventos que esteja esgotado. Que aí não tem bilheteria, não tem onde comprar. Aí eu compro uma hipótese, assim... a vinte, na hora dá até cento e cinquenta, dá duzentos, porque ninguém tem mais. A gente levanta se vai lotar, a gente levanta isso tudo, com o pessoal do evento, da produção.

Eu digo que eu não tenho uma residência fixa. Às vezes eu fico aqui em Bonsucesso, às vezes eu fico lá em São Cristóvão, às vezes eu dou um... fico uns dois ou três dias na cidade. Eu... É, um cigano. Eu venho, quase sempre eu venho aqui. Eu venho me tratar com a doutora aí, com o Gilberto, com a... Cássia. Saúde, tudo. Ah, a Cássia é da parada em geral. Ela não é só da saúde, é um documento, uma papelada, não... uma coisa ou outra, ela faz tudo. É uma pessoa linda, adorável, muito, muito. Total. De... de papelada, de documentos, benefícios. Tudo é aqui.

Sabe como é que eu conheci isso aqui, ó? Porque uns conhecido vêm me dando informações. Tem um... conhecido meu,

Zequinha, disseram que ele morreu, não sei se tá vivo. Que ele vem aqui, e um outro conhecido falou “Pô, você precisa conhecer a Cássia. Ela é boa pra tudo, pra saúde, benefício”. E eu falei “Então, eu preciso conhecê-la, é do meu interesse também, eu preciso também disso tudo”. E nos outros lugares, quando você vai, ninguém te dá atenção. Ô, você... então, eu estava até falando isso agora com o Gilberto. Da outra vez eu fui pra Clínica em Botafogo, a mulher me falou que não ia me atender porque eu não tinha o Cartão do SUS. Poxa, assim... é insignificante, na hora. Terrível, né?

Sabe? Cheguei na Clínica da Família na cidade lá, Henrique Valadares, a mêmra coisa. Eu chego aqui e sou bem tratado. Me sinto bem com as pessoa, com o tratamento, com a educação, sabe? Com a humildade, o humanismo... das pessoas. Nos outros lugares não tem, eu não vejo. As pessoa te tratam... Eu só venho aqui. Se tiver fechado eu venho outro dia. Outros lugares, eu me lembro. Maus tratos. As pessoas desfazem de você, não te dá importância, atenção nenhuma. E isso em vários lugares, como você sabe. Entende? É. Mas pelo outro lado, minha vida é feliz.ô bonita. Eu nunca tô aborrecido, nunca tô desesperado, nunca fui humilhado por nada. Eu levo tudo na... diplomacia, dentro da forma da lei, tranquilo, calmo. Desse jeito.

A rua, ah, eu... isso é uma história longa, mas eu vou te falar. Eu... não vim pra rua por causa de vício, nem de álcool e nem de drogas. A maioria é assim. Tu tem qualquer problema, procura um refúgio errado. Não uso droga não. Eu acho que não é assim. E sim quando você tá bem, primeiro a obrigação, depois a devoção. Primeiro lugar eu, em décimo eu também e depois eu vejo o que é que eu posso fazer. Diga-se, sabedoria nunca é demais. Dar muito dinheiro pra maluco é suicídio.

Mas é, tu vê isso na realidade, tá? É... fatalidade isso, entende? Mas eu vivo bem com Deus, minha participação de igreja, eu gosto de ir na igreja evangélica, vou ali na missa, né, minha comunhão com Deus. A minha fé é grande, sabe? Tenho as minhas namoradina e tal, tudo namorada, tudo cheio de, tenho que ter um amor, tenho que ter um carinho também, senão não tem graça. Entende? Mas... não tenho o que reclamar não, só agradecer... todo dia é um dia diferente.

Como é que eu fui parar na rua? Olha, quando eu... perdi meu pai... Em Jacarepaguá, eu nasci na Praça Seca em Jacarepaguá, Rua Barão. Tá? Meu pai tinha problema com a minha mãe, então... E quando foi, meu pai faleceu. Eu tinha uns... dezesseis para dezessete anos. Aí... tudo o que eu aprendi mais na vida foi, era eu, era Deus no céu e ele na terra. Aí eu me senti muito amado, sem apoio, eu não achei um apoio legal na família, um entendimento. Aí eu resolvi me lançar. Eu falei "Vou me lançar". Aí eu... Jacarepaguá, né, Praça Seca... Péssimo.

Aí eu fui, *pá*, "Vou sair daqui". Fui pra Barra da Tijuca. Aí cheguei na Barra da Tijuca, comecei a arrumar um biscate aqui, um biscate ali, de ajudante de cozinha, de jardineiro, não sei o quê, sempre tocando de um jeito ou de outro. Tem que tocar, não pode ficar parado. Tinha que ter o meu, fosse pouco ou muito, eu tenho que me manter. Tenho que me manter, é direito de defesa. Que fosse de preferência honesto. Nada desonesto. Sabe? Aí assim eu comecei. Aí depois eu arrumei uma namorada, saí com uma mulher aqui, morei com outra mulher ali.

É, aí dormia, trabalho e tal. Depois arrumei trabalho, moradia, comida e etc. Aí depois aluguei uma casa. Aí eu alugava uma casa, passava um tempo, daqui a pouco eu voltava para a rua de novo, sabe? Ia e voltava, ia e voltava. Andei com uma porção de mulher. Eu ficava às vezes dois anos, três anos, um ano, daqui a pouco eu largava, pá e pronto. Acabava, é normal. Normal. Eu nunca fui de tá discutindo com ninguém, brigando com ninguém, essas coisas e outra. Tá bem? Tá. Não tá bem? Vamo ficar amigou, vamo terminar. Sabe? Acabou. Sabe?

Eu tenho, no caso, os filho. Meus filho já estão criados. Um casal de filhos em Angra dos Reis.

Tenho quatro de criação, um eu tirei da criminalidade, arrumei um trabalho para ele, tudo. E agora no final do campeonato, eu tô com uma filha de três anos, doutora. É. Tá me dando um problema. Que pra resolver isso, eu tenho que resolver isso. Um problema que vem me... me afetar agora, é só esse problema.

Eu conheci essa menina, ela tá até aqui perto. Mas ela virou doente química, por causa de crack. Eu fiz tudo pra tirar, internar, e tal. Mas enfim, foi o relacionamento, e me veio uma filha desse

relacionamento. E ela me escondia, me enganava, andava com uma pessoa aí, que sinceramente, eu acho que... Aí depois um amigo me encontra, "Poxa, ô Índio, a Joelma teve uma filha que é a tua cara". Hum, tá minha. E ela tá com a mãe dela que mora no Tabajara, em Copacabana. Eu conheço ela de vista, a mãe dela, mas ela não me conhece. Mas ainda ela queria me dar um golpe da pensão.

E há poucos dias eu tive procurando ela lá no Pontilhão aí, tudo bem, a vida é dela, ela faz o que quiser, a vida é dela, familiar. Que deu pânico em mim, coisa horrível. Aí à tarde eu perguntei se viram a Joelma, falaram que não. "Ah, tá morando ali do outro lado com um rapaz, não sei o quê, tá grávida, não sei o quê". Eu falei: "Tá. Tá tudo bem, deixa para lá". E eu tenho que resolver essa situação com a mãe dela, dessa minha filha. Que tá sendo criada pela mãe dela. Porque já tá com três anos. Eu já vi ela. É... são esses probleminha que eu tenho assim, agora vamos resolver o negócio da aposentadoria...

Meu desejo é acolher, criar. Pro mundo. É, fazer o meu papel. Muitos caras que às vezes faz uma criança, abandonam para lá. Eu acho que nem é homem. Ou que ele seja, ou que ele não seja com a companheira, ele não pediu pra vir. É, tem que dar a assistência até a maior idade, criação, tudo, escolaridade. Tá? Eu acho isso.

Eu to acabando de resolver os negócios dos benefício aí pra mim chegar nisso. Quando chegar, é, falar com ela, conversar. Eles registram no nome deles. Mas eu posso registrar no meu nome. Não tem... Pelo menos eu vi um, agora, um negócio de espaço, tá, tudo direitinho. Residência. E pronto. Eu arrumo uma companheira que queira assumir comigo ou com ela, que aceite. Sabe? Não é tão difícil, entende? É isso. Eu quero resolver um serviço lúdico aí, de saúde meu, da... essa, né, dessa hérnia, dessa aqui, umbilical.

Porque eu fiz essa operação em Brasília em noventa e... três. Quase morri nessa cirurgia, né, porque eu perdi a vaga, perdi os exames e ninguém nunca fazia a minha operação aqui. Eu falei: "Ih, rapá, eu vou morrer, assim". Eu ando assim, aí começou a doer, me deixou com invalidez, sabe? Pra comer, pra tudo, sexualmente, com... Conheci um amigo meu, daqui do Rio, que

tava lá em Brasília, nessa época eu morava em Santa Teresa e tinha... uns ponto de artesanato na cidade, barraca, banca, com tudo. Aí eu cabei de almoçar, morando ali na Santa Cristina, eu tinha uma cachorra e fui dar uma voltinha depois do almoço com a minha cachorra. Me aparece um amigo, Paulo, daqui que há muito tempo eu não via. Coisa de Deus. “Oi, eu vim aqui visitar minha mulher e meu filha, e tô indo ali, em Campo Grande, mas eu não sei onde é”. E ele tava com uma moto, assim, daquelas CB.

Eu falei “Pô, vamo lá em casa, descansa um pouquinho”, pra ele descansar, tomar um banho e pra almoçar, depois a gente vê isso. “Tranquilo. E aí? Qual a situação? Como é que é isso?”. “Ah, eu conheci uma mulher no Campo Grande, eu tenho o endereço, mas não sei onde é”. “Então tá, então tá. Vamos descer aqui, vamos pegar a autoestrada Lagoa Barra com essa moto aí, a gente chega lá em meia hora”. E aí eu fui. Aí depois eu relatei a minha situação, e tal. Ele falou “Pô, tu vai pra Brasília, que em uma semana tu faz isso”. “Porra, tô quase morrendo há quase dois ano. Perdi a vaga, perdi exame, perdia tudo”. Aí eu fui para Brasília. Realmente eu cheguei numa semana lá, o cara fez a perícia lá. Falou que eu sofri uma delatação normal, e como está até hoje, que ela não aumenta e nem diminui. Não dói nada. Mas todo mundo “Pô, o que que é isso?”. Mas quase não dói nada, coisa nenhuma não, né, não me prejudica em nada não.

Ela não aumenta. Agora no início foi fogo. O médico lá que me operou, eu me lembro até hoje, um japonês. Eu quase morri nessa operação, que o cara me deu uma... uma anestesia local, tipo aquelas garrafa de cerveja. Eu quase não voltei, mas Deus não deixou... Entende? E eu também não quero... Eu tive até falando com a Cássia, “Ah, mas você tem que marcar”. Mas não. Eu vou ter que eu voltar em Brasília mêrmo. É que lá eu não fazia, aqui eu vou esperar na fila, já sei como é que é esse negócio e, *ahhhh*.

Olha, quando eu cheguei em Brasília, eu fiquei três anos lá. Me arrependi de ter saído de lá. Aaah, lá só tem diferença de praia. Sabe? Mas tem cachoeira, tem lagoa. Olha, para trabalhar, estudar, ter família não é São Paulo, é Brasília. É. Eu cresci bem lá em Brasília. Poxa, eu tou com meia-meia agora, isso tem mais ou

menos uns vinte anos e alguma coisa. É. Por aí... Aí eu conheci um pastor lá e tal... Aí eu fui parar, parei na Igreja Presbiteriana Independente. Fui pra a Pastoral, sou pastor também. Eu me formei nela, lá em Brasília. Aí eu dava aula dominical e tudo, etc. Fazia reunião. Mas depois eu abri uma estamperia, fazia silk, brush... Eu sei essa coisa toda. Entende?

Aí, vou chegar lá. Aí, apareceu umas mulher lá na igreja, tudo casada, sabe? Tudo... aquelas tentações... O pastor comprou uma Kombi lá, branca, tinha... como é que se diz? Aquele negócio, é? Ele fazia aquelas reuniões de um dia pro outro... Ai, ai, ai. Virgília! Virgília. Lá em Água Quente, onde tem a fazenda do Sarney, lá tem água quente mêmro. E aí ele comprou uma Kombi. Aí ele levava o pessoal depois na virgília, ia buscar, aí deixava cada um na porta da sua casa e tal. Mas quando eu tava fazendo a reunião, doutora, tinha uma mulher que aparecia na igreja, que ela tirava a minha concentração. Aí um dia eu falei para ela "Vem cá, vou falar uma coisa para você. As tentação, sabe? Uma coisa estranha, sabe, entendeu? Aí outro dia conversei com você, né? Eu gostaria de falar uma coisa para você que você não me levasse a mal, mas que você não viesse na minha reunião, porque toda vez que eu olho para você eu perco a concentração e você olhando para mim". Aí tá.

Aí um dia eu vim com a kombi, todo mundo soltou, "Ô irmã, a senhora não vai saltar não?". "Não. Você num já levou todo mundo? Agora quem vai dirigir você sou eu, vambora". É, ela me sequestrou. Ela me levou pro hotel. Aí não foi só ela não, teve uma segunda. No mesmo estilo. Eu falei "Pô, e agora? Alguém vai me ver, vai falar pro pastor, o Pastor João, um pastor legal". Só tinha 'quant' só milionário nessa igreja. Eu fui o único pé rapado que entrei ali, com uma apresentação também de um outro amigo que tinha entrado lá. Aí ele me deu uma casa com dois quartos, sala e cozinha e tal, na Asa Sul. Puxa, montou um negócio, uma torre lá, só coisa legal. Mas essas mulheres que estragam sempre, fui vítima de vocês. Porra. Aí eu... voltando atrás, quando eu tava indo para Brasília, eu encontrei um amigo meu, um músico também, o Raposo. Ele tava no Alto Paraíso de Goiás. Lá pra fazenda Matão. Mas depois me dá o endereço. Aí, fui... Que viagem! Me deu o endereço. "Pô, vai lá pra Paraíso

de Goiás, pô. A gente vai invadir um garimpo lá e que não sei o quê e tal, tudo bem". Aí eu fiquei lá em Brasília, não guardei o endereço e tal. Aí eu tô trabalhando lá e tal, tudo direitinho, na boa. Aí depois o pastor lá me botou lá como motorista da Caixa Econômica lá, num emprego que eu tava, então falei "Pô, eu tô bem, vou para onde? Tenho trabalho, tenho casa. Tô com Deus, primeiramente. Eu vou fazer o quê?". Mas aí apareceu essas mulher...

Mas as pessoas descobriram, claro, alguém viu, sempre vê. Era o pastor. Veio falar comigo, eu falei "Pô, Jesus, tu sabe, né, são as coisa da tentação, a carne às vez é fraca, é muito difícil. O Senhor sabe como é que é, né?". Então tivemos um entendimento, sabe, então passou... Mas eu fiquei constrangido, sabe? Eu fiquei muito constrangido com a situação toda. É aquela história, né? Aí eu saí, por conta própria, mas ninguém me mandou embora não. Tá? Ele me deu um aval. Mas mêmro assim eu fiquei constrangido. Aí eu fiquei assim, sem cara. Sabe?

Aí eu me lembrei. Oxe, agora eu vou ver esse negócio aqui, do endereço que ele deixou comigo, e vou pro Alto Paraíso de Goiás. Fui pro Alto Paraíso de Goiás. Fui lá na fazenda lá, o dono andava de avião. Tinha plantação, tinha cultura de maconha, tinha de tudo na fazenda. Era o paraíso mêmro. Aí eu fui depois pra... pra... pro Alto... pra Fazenda Matão, né, onde era no garimpo. Lá a gente pegava pepita de ouro, igual a um carvão. Lá não tinha onde gastar dinheiro não. Aí juntava um dinheiro, juntava um dinheiro no banco em Brasília, e ia botando, ia botando, ia botando, ia botando. Aí eu vi que eu tinha um dinheiro legal, aí eu falei "Saber de uma coisa, vou me embora pro Rio, tá?"..

Foi o maior pensamento errado. Aí eu chego, vou alugar um apartamento no Leblon, por temporada, logo. No Leblon. Bacana, sou bacana. Comprei logo um carro, daquele com injeção eletrônica, tem o reck, joguei uma prancha em cima. "Tá aí, menino do Rio". É. É... é isso mesmo, vai fazer o quê? Aí, durou dez ano esse dinheiro. Durou dez anos e alguma coisa. É. É, pô. Vamos viver a vida, puxa vida, será se eu morro amanhã, não sei, só Deus sabe o amanhã. Barril 800, Torre de Babel, aquelas night do Rio, eu *aaaahhhh*... só curtindo...

Então eu fiquei olhando assim, "Caraca, que filme, hein?". Mas

eu fiz um superfilme. Ao vivo. Inesquecível. Aí eu olhei assim “O que que eu vou fazer agora, hein?”. Aí, sempre bem contatizado. Pô. Sempre bem contatizado com as pessoas. Boa comunicação, uma coisa que eu gosto também, boa comunicação. Sabe? Aí comecei a trabalhar aí com o pessoal ali da rua, e tal. Aí tinha uma portuguesa, um dia ela arrumou uma briga comigo. Virgínia. Portuguesa linda. E era dona de uma porção de loja em Copacabana. E ela tava estudando, terminando o curso dela nessa faculdade no Fundão.

Aí, o dia que essa mulher me conheceu na rua, tomando chopp, arrumou uma briga comigo, porque eu falava “Pô, você bota esse carro velho teu aí, tira esse lixo daí pro ferro velho” e tal. “Pô, esse teu carro aí me atrapalha, pra mim trabalhar com o carro das pessoa aqui na rua”. E eu caí para dentro. Ah, não sei o quê, ela me chamava de Cabelinho. Ô Cabelinho. Aí tal, eu não falei mais com ela não. Pô, mas eu não me ofendi nem nada não. Aí um dia ela apareceu, não sei se você conhece ali um pouco a Zona Sul, na Ataulfo de Paiva ali, onde tem a Rio Lisboa, a padaria.

Aí me chamou pra tomar um chopp, fiquei assim, “Você vai arrumar uma briga comigo, a gente foi para tomar um chopp, eu não tô entendendo nada”. “Olha, tá tudo bem. Tá legal”. Aí depois ela me convidou pra jantar com ela no apartamento dela. E eu falei “Que isso? Você me deu bola?”. Aí eu fui. Eu fui, uns amigo de faculdade, um pessoal legal, maneiro, com apresentações. Aí ela tinha uma Marajó que ela tinha comprado, própria, que ela comprou, e tal. Ela arrumou um negócio muito travado. Muito travado, me prendeu. Porque eu ia pro meu trabalho, tal. Aí de manhã ela falava “Pô, me leva lá na faculdade, depois você vai me buscar”. E aí eu tava lá, tô naquele jogo com aquela jogada toda. Falei “Ah, como é que é isso, hein? Porra. Tô indo pro meu trabalho e *pá*, receber meu dinheirinho e tal”. Independentezinho de qualquer maneira, que eu sempre gostei de ser independente. Sabe? É, eu tô olhando. Aí eu levava ela na faculdade, com o carro dela, aí certa hora terminava, eu ia buscar ela. E eu não tinha tempo mais para nada. Sabe? Ela me botou num jogo. É. Me prendeu.

Aí eu fiquei “Pô, essa portuguesa tá terrível”. Mas ela era legal

pra caramba comigo. E eu nunca fui assim de ficar muito preso, não combina muito comigo. Aí depois ela terminou o curso dela, ela inventou de ir pro Juazeiro da Bahia. Aí eu olhei assim para ela, falei na cara de pau para ela: "Olha, eu só vou pra Bahia com você, se você me conseguir um emprego lá estadual, federal, municipal, que eu seja independente. Eu não quero ficar lá como se fosse teu cafetão e tal. E surfistazinho e tal, não. Eu não quero isso comigo não" e tal. Aí eu fui pra lá com ela, eu fiquei mais ou menos dois meses com ela na Bahia, aí eu... daqui a pouco eu tava "Eu vou embora". "Que daqui a pouco... falar a verdade pra você. Você arruma um piru mais gostoso e aí acabou, pra mim não ficar a pé e fudido, não quero isso...". É. Pôôô. Eu sempre fui um cara assim...

Quando eu fui pra Brasília, eu sabia que minha mãe ia fechar os olhos. Eu sabia que ela ia morrer, eu não ia ver, e antes de ela morrer eu falei assim para ela: "Sou vivo". Aí eu vim, trabalhei depois com o Lobão, com o Ronaldo, com o Tim Maia, as feras da música, do soul. Lá em Brasília também, conheci a galera toda lá, conheci o Renato Russo, Capital, todo mundo. Trabalhei um tempão com o Tim Maia, fase legal. Aí falei com a galera e eles "Ó, ele rouba todo mundo. A gente vai fazer a turnê com ele, ele pega o avião, deixa a gente preso no hotel e vai embora".

Ele é um safado. "Ô, Johnny", que era o meu apelido na música, "cê põe meu documento aí, vai lá no shopping, traz cem mil e compra uma coquinha ali pra mim e uma garrafa de whisky". O braço dele era falecido o lado esquerdo, igual de eu. Aí eu olhei pra ele e disse "Mas aí, eu também sou ator, sou artista, sou igual a apresentador. Hoje a gente vai roubar ele então". Olha, eu vou te dar quarenta mil, vou ficar com sessenta, vou comprar um vidro de mercúrio na farmácia, vou rasgar a camisa toda sujada de mercúrio. "Olha, Tim, sofremos uma saidinha de bala, porra". Sabe? Tal, você vai ficar lá, assim, sua safada, não vou te entregar. E eu no apartamento na Marquês de São Vicente....o relógio. E tu acha? "Olha, manda aqueles bicha embora. Aqueles bicha tão me roubando". Eu falei "Não faz isso, vamos viajar. Deixa aí, melhor dar um descansada, vamo pra a Bahia, o outro ali numa excursão"... "Não. Manda aqueles bicha voltar".

*"Qual o futuro da vida? Só existe um futuro da vida,*

## *pô. O futuro da vida é a morte”*

Aquilo era uma figura inesquecível, cara. Ele pegava a pipoca e ficava jogando aí nos outros. É, ele era uma criança grande, era uma fera, inesquecível. E morreu de overdose. Ele cheirava muito. Eu usei algumas vezes. Algumas vezes. Mas vício, dependência, não. Nem quero. Meu vício é você. *Mulher! Hahahahaha!* Ah, tô gostando dessa entrevista. Qual o futuro da vida? Só existe um futuro da vida, pô. O futuro da vida é a morte. Você tem que fazer enquanto é tempo, sabe? Mas somos tudo pecador. Mas sempre se apela pro bom senso. Eu trabalho para fazer o bem e desmanchar o mal. Tá? Católico, apostólico, batizado na Igreja, um ex-pastor que tá voltando. Casa de valor é casa de Jesus. E eu já nasci com o mando de Deus, tudo batizado em Jesus. Isso tudo. Pronto.

O único arrependimento que eu tenho na vida foi quando eu saí de Brasília. Esse é o único arrependimento que me marcou na vida foi só esse. Somos... doze... doze irmãos. Eu sou o caçula. Meus três irmãos homem, quatro irmãos homem comigo, e oito mulheres. Os três irmãos homem faleceram, umas cinco irmãs ou quatro também já faleceram. Tem só eu mais umas... cinco ou seis irmãs. É difícil ter contato. Tem a outra mais velha, minha irmã, por exemplo, agora que tá com oitenta e quatro anos. Em pézinha, durinha. Vai no banco sozinha, não quer ninguém com ela, que faz tudo sozinha, ela é apaixonada por cachorro, ela tem uma cachorrada. Você chega lá, em Jacarepaguá, a situação dela é aquela cachorrada...

Raramente vejo a família. Meu filho tão tudo criado, tão trabalhando. Amigos só eu e Deus. Só eu e Deus. Não confio em ninguém. Porque não tem como. Nem pensar nisso. Que a maioria do pessoal de rua, são... pra mim eles não são de Deus. Porque eles só têm ideia maligna, ideia ruim. Alguns que dormem na rua, maloqueiro, falando, é maloqueiro. O que mora tudo igual. O seguinte, eles se acomodam ali. Eles só tem instinto normal, come e dorme. Passa a carreata, dá uma quentinha pra ele, ele ainda manda pra merda. Eles não pensa em trabalho, em dinheiro, em sua independência mais. Eles só pensam em coisa ruim, roubar o outro que não tem. Covardia, ruindade, sanguinário. O pensamento dele é esse. E é uma pessoa que tem

um pensamento bom de vida, ele não gosta, ele quer que todo mundo fique, fique derrotado igual a ele. Senão ele não aceita. É psicológico. Eu sofro uma perseguição de inveja terrível. Sabe? Eu não vou me entregar.

Eu falo assim, eu não me enturmo muito. Não. Eu falo assim “Oi, tudo bem?”. Tu vai por aí, eu vou por aqui, acabou. Certo? Que eu já sei como é que é o negócio. o cara mata o outro no tiro. Por uma besteira, por uma coisa sem sentido. Dá facada no outro por causa de uma quentinha. Briga por causa de mulher feia, fedorenta, que ninguém quer. Mas ele que é incapacitado. Sabe? Ele não é gente. Não é gente. E as carreatas se dá bem, né, meu. Falou que é projeto é ONG. Porra, eles arranca água da pedra em cima do maloqueiro. É uma lavagem de milhão.

*“Falou que é projeto, é ONG. ONG é uma lavagem de dinheiro. Que é tipo uma terceirizada com um trabalho que o governo teria que fazer. É uma coisa ilegal que eles fizeram legal”*

Ué, você não tem visão disso? Ô, bonita. Falou que é projeto, é ONG. ONG é uma lavagem de dinheiro. Que é tipo uma terceirizada com um trabalho que o governo teria que fazer. Eles repassa, pra esse grupo de pirata que é uma coisa ruim. É uma coisa ilegal que eles fizeram legal. Mas é um golpe sujo, pra mim. Certo? Então, é um verme. Ele não gasta nada, igual pai de santo, só recebe. Só que eu aí ele faz uma ração ali pra ele levar pra rua pra entregar pro maloqueiro lá, uma quentinha. Tá? Uma roupa velha. Escuta. Cada uma quentinha daquela, vale 2.500 no bolso dele. E eles servem uma ração que nem cachorro come. Sabe? De qualquer maneira, arruma e tal. Sabe? E ganha milhões, uma covardia. Pilantragem. Pra mim é isso. E quem mora na rua sabe disso? Muitos burros, não. Eles acreditam que existe alguém bonzinho e é caridade. Que eles não sabem, não têm informações. Sabe? O polícia quer uma ONG. O padre quer uma ONG. O macumbeiro quer uma ONG. Eu também gostaria de ter uma ONG porque eu ficaria rico em menos de um ano, sabe, bonita?

*“Eu me lembro de mais de doze vezes que eu ressuscitei. Já reencarnei várias vezes só nesse corpo. Não troquei de matéria”*

Ah, eu tenho uma psicologia fora de série. Sabe? Eu consigo ler o teu pensamento, em duas palavras, eu te consultar e não errar uma palavra. Não sou aqueles pastor mentiroso, aquele macumbeiro, que... Sabe? Eu tenho um sexto sentido maior que a cabeça, você não está vendo? É. É, eu tenho um poderio que já veio, muita luz. Eu sei usar ele também. Sabe? É tudo igual. Sabe? Florzinha, eu ressuscitei, a Bíblia fala a história do meu Pai, que ele ressuscitou uma vez. A bíblia diz. Eu me lembro de mais de doze vezes que eu ressuscitei, fora que eu não me lembro. Já reencarnei várias vezes só nesse corpo. Não troquei de matéria.

Os meus pais são índio, de cabocla pego do laço. De cabocla pego do laço, da mata. É. Misturado com Puri. Tá? Minha vó faleceu com cento e dez anos, meu avô morreu com cento e vinte anos, tá? Minha mãe morreu com quase noventa anos. Meu pai morreu cedo. Meu pai morreu um pouco mais novo que eu, com sessenta e cinco anos. Sabe? E eu cheguei a meia-meia.

Estou te falando, eu fui, eu vim ver a minha médica aqui na entrevista. É. E falando amorosamente, eu amo... É. Eu gosto das mulher vadia, eu gosto das minha novinha... Eu gosto das garotas entendidas também. Há pouco tempo atrás eu estava morando com duas mulher. Aí eu falava assim, “A minha putíssima e a minha sapa puta”. Uma mulher normal e uma mulher entendida. Que gosta de mulher. Eu tenho sangue doce pra elas, não sei por quê. Quando eu vim de Brasília, chego lá na Rocinha, a minha filha de criação, ela tava namorando uma garota que dizia ser a rainha dos sapatões. Eu falei “Como é que é esse negócio, hein?”. Eu não entendi, mas vamo entender isso. Um dia ela me apresentou a ela. Cê lembra aquela atriz Natália Lage? Era a figura dela.

E aí eu fiquei olhando, olhando, fez amizade comigo... E eu tô olhando... Aí falei “Ih rapaz, a minha filha vai arrumar um poblema com essa mulher comigo, isso não vai dar certo. Não vai dar certo pra ela, pra mim vai dar certo”. Você começar ficar jundo

daqui e dali... aconteceu. Tá. Eu convidei ela pra passear e não sei o quê, acabei indo prum hotel... E pronto. Mas ela dizia que era a rainha dos sapatoões. Eu não sei o que é que eu tenho. Se eu falar cinco ideia com ela, pode ser o maior macho, ela vira fêmea. Agora tem uma coisa, você não tá entendendo, é muito louco. Agora, eu não diria nem que tô nem que eu não tô com alguém. Sabe? Eu sou meio assim mêmro, tenho minhas amiguinhas lá, e tal, no Parque União. Certo?. Tem um... filho de criação no Parque União também. Tem um outro aqui no... na Manguinho. Certo? Entendeu? A minha vida é bela, minha filha. A vida é bela. Só me resta viver.

O que é que vou fazer hoje? Olha, eu saí com o intuito de vir aqui hoje, pra pegar a papelada... Pra pegar a papelada, pra mim ver a minha identidade nova. E ver a Cássia pra ver o negócio da minha gripe, minha gripezinha. Radiografia, marcar o exame. Eu não marquei, que não deu pra mim fazer no dia, teve que remarcar. Eu tô até com o papel... uma radiografia. É, tô querendo marcar esse exame.

Mas o que você tá achando do meu entrevistador? O que que você entendeu um pouco da minha trajetória?

*O que eu entendi da sua trajetória? É que pra você o importante é viver. É curtir, é tá vivo. E se divertir.*

Ah, bom. Com Deus, com saúde e com liberdade. Teu signo é Touro, né? Não posso pisar no teu calo. Taurino é um gênio bravo. Eu sou modo zodíaco de outra galáxia. Eu já nasci com tudo pronto. Eu sou primeiro de gêmeo, não tenho personalidade dupla, é uma só. Não tenho outro papo. É uma só.

Pô, acabou? E o meu cachê?

# “EU SOU TOTAL FLEX, EU USO TODAS AS DROGAS”

HAROLDO, 43 ANOS

Não sei minha data de nascimento. Escolaridade é CA. CA, o cara que não aprendeu nada. Sou analfabeto, pronto. Nasci no Rio de Janeiro. Carioca da gema.

Consultório na Rua? Cuidado que eu tenho. Cuidado que eu tenho que... um dia eu procurei eles, que eu tava com... Antes disso, quando eu era menor, eu procurei eles, que eu tava com essa perna aqui, com essa ferida na perna. Aí deu tapuru na perna, tá entendendo? É lixo. Eles me ajudaram, me... me medicaram, me deram ajuda, me levaram pro hospital lá, conseguiram arrumar uma internação pra mim lá no Hospital de Botafogo. Eu fiquei internado lá, ficou melhor a minha perna. Então, como eu sou usuário de crack, eu sinto muita dor. Usuário... eu sou carro flex, eu uso todas as drogas, eu sinto dor no corpo, lá foi o loló. Loló, a loló faz, é... nosso osso ficar doendo, ficar fraco, então...

Nós procura sempre, né, vim aqui tomar um banho, faz um lanche, comer uma alimentação. Eles trata nós bem, entendendo? Bate um papo com nós, tira um exame de sangue pra ver se nós está com... com diabetes, se está com aids, se está com não sei o quê, diarreia. E hoje, hoje eu tô com o que hoje? Hoje eu estou com... quê? Hoje eu estou com dor. *Estava* com dor quando eu cheguei aqui. Só que o quê? O médico, o nome qual o médico de que eu esqueci o nome dele? Gilberto.

Gilberto me deu um medicamento, botou eu pra deitar um pouquinho, me deu um negó... um lanche pra mim comer, tá entendendo? Depois eu acordei, levantei, tomei um banho, eles me deram uma roupa, uma camisa, um casaco, tomei um banho, e agora estou me sentindo bem melhor e estou aqui nessa sala bonita falando com você, conversando com você.

Eu descobri... eu descobri esse negócio aqui fazendo um escândalo do outro lado do outro posto. Aí tinha uma equipe. Aí esse Gilberto veio e falou "Ô, rapaz, volta aqui". Tinha outro subst... o outro... o outro médico, que tava do outro lado que era daqui, falou pra equipe daqui que tinha um rapaz que tava é... deficiente, que estava com a perna cheia de tapuru. Tava... Tava... Tava precisando de muito ajuda, estava junto com a esposa dele, que era eu, tá entendendo? Tapuru é um bichinho que entra dentro das pernas, que come. Come... a nossa... a nossa carne, os nosso negócio, tá entendendo?

Eu tavo... Não. Com um bichinho não. Eu tavo com *milhões* de bichinhos. Milhões. Graças a Deus, hoje eu não tenho mais nenhum bicho na perna. Graças a Deus, hoje eu estou curado, graças a Deus, hoje eu venho e faço... eu faço um curativo, só um machucadinho, por causa de que eu caí. E... e sou bem feliz aqui, muito alegre. Fui... sempre bem, bem cuidado aqui. Não tenho nada de falar, nenhum mal daqui. Tipo assim... eu falo, eu só falo somente a *verdade*. Tinha assim, quando é um local que te deixa... meio... um local que tu não gosta, tu não vai pra... pra esse local. Tá entendendo? Então quando o local é maneiro, a pessoa te trata bem, ainda mais que é um usuário de droga... a pessoa volta. Tá entendendo?

Que tipo assim, se eu tratar você mal, você vai gostar? Não, né? Eu não vou voltar a aquele lugar. Antes daqui... deixa eu falar uma coisa pra você, meu doutor? Vou falar um lance pra tu, mas é a... a real. Em não gosto de ir no, no... no UPA do Jacaré. Eu posso estar morrendo, mas eu não vou. Não vou. Num gosto. Sou costumado aqui mêrmo. O único mêrmo que vai atrás de mim na rua é a equipe de Gilbert... É a equipe geral de Gilberto e o Gilberto. Que eu corria deles que nem é lá o correr do touro, mas eles vinha atrás de mim.

Pô. Seria bom um local que nós, morador de rua, pudesse... pelo menos... tomar um banho e dormir. Tá entendendo? Eu fico aqui, que aqui é um local pra se tratar, tá entendendo? Pelo menos um lugar pra se deitar. Pra comer uma comida. Tomar um... um medicamento... pra calmar nós. Uma palavra... uma palavra sadia, de amigo... um médico, um doutor... uma psicóloga. Pra... sabe, de... Tá entendendo?

O processo da rua foi assim, né, cara, eu tinha perdido a minha mãe, dez anos de idade. Tinha dez anos de idade, Central do Brasil, carnaval. Explodiram a minha mãe. Foi desse jeito que eu... que eu toquei drogas. A cola, o tinner, a cocaína, a maconha. Aí, depois disso, já veio o crack para o Rio de Janeiro, a loló... o ecstasy. Eu sou aquele cara que usa tudo, sou carro flex. Desde dez anos de idade. Sem fugir de casa, nunca consegui ficar em um abrigo, em nenhum lugar.

Minha mãe é falecida. Não tem ninguém por mim nessa vida não. Meu irmão tá preso, é bandido. Já fui também... fiquei bandido também. Eu era de lá, do... tinha uma rua em vista, né? Pra mim olhar. Mas era disso... de tudo nessa vida. Já tive um acidente de trem também. Foi, porque eu fui lá em cima do trem, tava em cima do trem, surfando. Foi um moleque lá, *pum*, me empurrou, *vum*, eu caí. Tomei um choque elétrico. Fui parar no CTI, depois fui pra UTI. Graças a Deus estou aí. Aprendendo, vivendo.

*“Mas está faltando sabe o quê? A vergonha na cara da Prefeitura ajudar mais eles aqui, ó. E aí vai ajudar mais nós”*

E fiquei com o... com a deficiência, perdi o braço. Foi aí que eu perdi o braço. Eu fico muito grato que hoje, dias de hoje, tem esse projeto aqui pra nós. Se não tivesse, o que seria de nós? Nós, moradores de rua. Porque eles têm carinho. Têm paciência com nós. Que é pra tu ver que a galera dorme tudo aí, ó. Dorme aqui perto da unidade. Por causa de que eles sabem que se eles passar mal, eles podem vir aqui, vai ser bem atendido. Tu toma banho, faz lanchinho. Mas está faltando sabe o quê? A vergonha na cara da Prefeitura ajudar mais, mais eles aqui, ó. E aí vai ajudar mais nós, sabe por quê? Eles faz isso de bom coração pra nós. Tá entendendo? O carinho que eles têm por nós, a nossa família mesmo não dá para nós.

Tenho amigos na rua, mas... Eu procuro ficar mais... mais... Eu prefiro ficar mais dis, dis, dispersado. Eu só, um sozinho. Não misturo com ninguém. Que... quem anda com porco, farelo come, sabe como é que é, né? Tá entendendo? Então não gosto

de... mais se envolver em besteiras. Enfim, agora... que quando você se envolve na besteira, você acaba cheirando besteirada. Como a mulher de um colega meu, que morreu. Não é de hoje, tenho amigo não, cara. Sabe por causa de quê? Eu tava passando mal, tava com diarreia. Um do... pedi a um amigo pra me trazer. O amigo falou "Pô, não tem como, que eu vou fumar um crack".

Eu acordei quatro hora da manhã pra vir para cá. Eu paro na B2. Bandeira 2. B2 é lá do outro lado do Jacaré. Aonde tinha o babaca aí do Jacaré? Tiveram na regra deles aqui, ia lá, ia lá atrás atender nós lá. Tudo pessoal de lá tá precisando de ajuda, que eles não ajuda. O pessoal do Jacarezinho vai lá. Eles aqui já ia lá. O desligamento do negócio. Tá entendendo? Por causa de bagulho, as pessoas com tuberculose, com negócio. Tem pessoa que não consegue nem levantar do chão. Lá, papai, na Bandeira 2.

Aqui também no Jacaré. Eles forçaram esse negócio aí, ó. Aí nós tem que vir aqui. Porque eu tava sentindo dor. Dois dias. Sábado e domingo. Nas costas. Por causa da loló. A loló dá dor nos ossos. Porque você usa muito, você usa, usa, usa, usa usa usa vinte e quatro hora. Sem parar. O crack não dá essa dor, só dá nulu... nulu... nulucinação. Nulucinação. Lolóóó... faz *vuummm*, faz "ahhhh", uma respiradinha assim... dá soono... hummm... Que inclusive a hora de... se o clima é da cerveja, tu tá bêbado, tu continua assim. Bateu, já tá te deixando mole.

A dor é o remédio, né cara. Tomei remédio já, mediquei, tomei banho. Sabe? Igual quando estou sujo? Já... deixei minhas roupas. Tava com as roupa fedendo, eles me deram... eles me deram, eles fizeram curativo em mim. Eu caí. E eles me levaram aqui. Eles melhoraram. Eles melhoraram.

Eu peço esmola. Lá tem um sinal. Mais alguma coisa, doutor? Quando o senhor precisar de mim, pode vim me chamar. Nós passa mêmro, de verdade. Valeu? Aqui é igual família.

# "A DROGA FAZ COM QUE VOCÊ ESQUEÇA COMO A VIDA É BOA DE SE VIVER"

CLARICE, 35 ANOS

Tenho trinta e cinco anos, nasci no Rio. Estudei até o Primeiro Grau. Sou auxiliar de cirurgia dentária. Eu sou encostada pelo INPS, eu recebo, vou lá, faço perícia, aí dá mais um laudo... Eu moro em Benfica. São Cristóvão.

Bom, eu comecei a usar cocaína com... vinte e sete anos, com vinte e sete anos, e em sete anos de uso de cocaína eu experimentei a pedra do crack, né. Então, daí eu tô com trinta e cinco, de... de vinte e sete pra cá eu tenho... oito anos de... de drogadição, né. Mas o que me derrotou mesmo foi a pedra, né, porque quando eu usava a cocaína, eu tinha três empregos. Eu era auxiliar de cirurgia dentária, trabalhava em consultório dentário auxiliando cinco dentistas, e... trabalhava entregando uma pensão, quentinha, de moto... Com esse dinheiro eu comprei uma moto zero. E... entregava só aos fins de semana, pizza também, com essa moto zero que eu comprei.

Só que devido eu começar a usar muita pedra, eu sofri... um acidente de moto, e vendi a moto. Eu quebrei a perna em dois lugares, na tíbia e no fêmur, fiquei com a perna pendurada. Mas não foi... não foi culpa minha, né. Aí... vendi a moto porque fiquei um ano e meio sem andar, a médica falou que eu ia ficar com uma perna mais curta que a outra, também me apeguei assim muito a minha religião, que eu sou... que eu creio muito em Deus, né, eu gosto de ir na igreja evangélica e... comecei a pedir muito a Deus pelas minhas cirurgias. Fiz dez cirurgias na perna, tirei osso da cintura pra enxertar na perna embaixo, porque o médico disse que eu não tinha osso pra... pra... suficiente

pra colar embaixo na tíbia, né. E isso foi me, debilitando muito, sabe, eu fui sofrendo muito porque eu era muito... ééé... vaidosa, né, então isso foi mexendo muito com a minha autoestima. E a droga ela dá uma depressão em você, né, e aí quanto mais eu usava, mais deprimida eu ficava.

Sentia muita depressão!Aí isso me levava maaais ainda ao uso, eu achava que, eu ia buscar mais uma dose, pra me aliviar da depressão, só que eu voltava maaais deprimida, gastava mais dinheiro, às vezes tirava uma peça de roupa minha que minha mãe comprava não tinha nem um mês, vendia dentro da favela. Celular novo, eu não podia ter. Comprava um celular na Casa Bahia, no Ponto Frio, chegava... toque na tela, chegava na favela, e via um usuário "Teu telefone vale não sei quanto, é mil e tal, vamo vender por cem", e ali eu pegava o telefone, vendia o aparelho... pra usar por oitenta, né, e gastava assim em frações de uma hora e ali eu ficava deprimida, "Nossa, oitenta reais que eu gastei". Aí eu chegava em casa desesperada, né, pedindo a minha mãe mais dinheiro, porque eu queria usar.

Enfim, então tem... ontem, com a minha família, pra mim foi bom porque eu tava assim... eu me senti *amada*, sabe? Porque você tá na droga, você se sente um lixo, então você com a sua família você se segura, porque eu vejo tanta coisa ruim na drogadição, nas favela, no tráfico, morte, pancadaria... sabe, cê chega numa boca de fumo e se você reclama que uma pedra tá malhada, tá ruim, eles te... sentam o pau, entendeu? Então, assim... Eu vejo coisas assim terríveis, cracudo roubando, leva paulada, queima fio, morre na linha do trem. Eu chego em casa apavorada, às vezes eu boto um monte de escora na minha porta. Pra... pra... pra...

Eu já botei, eu já fui amarrada com corrente dentro de casa. Eu cheguei a esse ponto do meu pai botar uma corrente no meu pé, e eu falar "Me amarra, porque, eu... não quero mais sair". Sabe, de ficar um mês amarrada dentro do quarto, e ele me dando, da corrente só até o banheiro pra que eu pudesse me lavar. E... e... dar a chave pro meu pai, desespero pra poder não usar. Eu cheguei a esse ponto, eu sinto vergonha de falar, mas, eu tenho assim, eu sei que foi pro meu bem. Então assim, de lá pra cá, eu tenho, assim... diminuído meu uso, né. Tenho

diminuído muito o uso.

*“Aí eu fui e experimentei, foi amor à primeira vista, eu e a pedra. Porque a pedra ela dura em frações de segundos, e a cocaína não, e é uma adrenalina muito mais forte”*

Foi assim, eu tava numa favela onde não tem crack, é onde eu moro, vende só cocaína. Nesse dia eu tava com seiscentos reais. Lá era Comando Vermelho, ééé, não tem crack. Então, assim, lá só tem cocaína, então no meu último dinheiro, eu pedi pra ele comprar um pó, uma cocaína. E ele disse, diz ele que não tinha, porque nessa época eu tinha vergonha de pegar a moto e ir até a boca de fumo. E aí ele foi e falou assim, “Ah, não tinha, eu peguei uma pedra”. Eu falei, “Ah, isso aí eu não vou usar”, e ele, “Não, pode usar que esse aqui não vicia”. Como me ofereceram também a cocaína e eu achava também que não viciava. Aí, eu fui e experimentei, foi amor à primeira vista, eu e a pedra. Porque a pedra ela dura em frações de segundos, e a cocaína não, e é uma adrenalina muito mais forte do que eu... do que... do que a cocaína. Então, assim, eu achei aquela adrenalina maravilhosa.

Então, eu tive um relacionamento com uma menina, né, então me senti muito deprimida na época que a gente separou, e... isso também me causou, eu não podia brigar com ninguém, nem com minha mãe, nem com meus pais, ou com meu filho, ou com quem eu tivesse me relacionando, que me levava ao uso. Qualquer coisa que me chateasse, eu já ia correndo procurar a droga. Então, assim... me senti deprimida eu uso, eu tô feliz eu uso, qualquer coisa já era motivo pra mim poder usar. Aí eu... eu... eu... não podia me aborrecer né, que eu... e eu usei isso.

Eu acho que as coisas ruins que eu vejo... que me fazem querer parar, diminuir... As coisas ruins, né, os perigos que a gente corre, já corri de bandido, na rua... sabe, de ser confundido eu sei lá porque, não sei porque o cara falou, “Ah, você é fulana de tal”, eu fiquei, não deu tempo nem deu responder, e eu já sai apanhando, eu não entendi, porque nem vi e o cara veio com o pau na mão e já saiu me batendo. Não fiz nada, não sei quem é, não deu pra nem ver o rosto dele, eu só tava passando no

lugar errado, na hora errada... e apanhei. Então, essas coisa, me deixa assustada, sabe? Porque na minha casa minha mãe e meu pai não me bate. Me dão carinho e amor, entende? Minha mãe falou, "Não criei filho pra apanhar de ninguém na rua, porque eu não bato".

Me dou bem meus pais. Não sou filha única, tenho um irmão, mas eu sou a... eu sou o bebê da minha casa. O meu irmão fica cheio de ciúmes, né... Embora ele tenha casado agora. Ontem a alegria da casa foi minha sobrinha, né, "Titia, titia", e eu ali sentada, comendo, com um cacho de uva na mão, dando a ela, e eu falei "Nossa, que bom tá em casa, né". Ele tem três anos de casado, um filhinho de dois anos e uma menininha de um aninho. Minha mãe ela é muito assim, fanática por comida, né. Então eles têm um comércio, têm uma fábrica de bolsa de couro, têm algumas casas alugadas.

Então assim, e a minha mãe fala, "Eu posso não ser rica, mas comer bem a gente tem que comer, se alimentar". Então, assim, ela sempre vai pra cozinha e quer fazer algo diferente, não importa de ser dia de semana. Então assim, ontem ela fez essa feijoada, né. Aí sentamos na mesa, com Coca-Cola, suco, a mesa tava florida, e eu falei "Meu Deus, que bom tá em casa". Porque quando eu estou na rua eu não me alimento, eu pego dinheiro e eu uso droga, então eu tô em casa eu tenho o amor, eu tenho alimentação. Me alimento de carinho, de atenção. E, na mesa você... na rua você se sente o quê? Nada, você é usada, você é enganada, é uma... uma vida de mentira, né.

Meu filho vai fazer dezoito. Dezoito anos. E ele tá estudando, ano que vem já vai prestar vestibular, quer fazer medicina... muito inteligente, vai dormir duas horas da manhã estudando. Então ele fala, "Mãe, eu quero muito que a senhora saia dessa vida, porque eu quero me formar e ter o orgulho de você ir na minha formatura ver eu pegar o meu diploma. Eu não quero me formar médico e ter que cuidar da minha mãe cracuda, entende? Eu acho isso uma palavra horrível, um nome feio, você é minha mãe, você me... me criou, né? Você me... é... é... me fez... me deu a vida". E eu fico... ontem eu tava observando ele altão, falei "Caramba, lindo!", sabe?

Me olhei no espelho e lembrei do meu médico, lá do Instituto

Felipe Pinel, que todo mundo falava, “Nossa, a Cla... Clarice vai ficar maluca em ter de se internar num hospital de louco”, mas foi lá que eu aprendi muita coisa, aprendi marcenaria, jardinagem. Então assim, hoje se eu amo planta é porque eu agradeço ao meu médico, se eu gosto de marcenaria porque ele me ensinou a ter paciência pra lixar uma madeira, e com essa paciência que eu lixei uma madeira hoje eu tenho paciência pra esperar certas coisas, né? Então assim, mesmo eu sendo... tendo... sendo... tendo os vícios que eu tenho, eu acredito em Deus e acredito que um dia eu vou sair dessa vida. Sabe, pela vida que eu tenho, pela família que eu tenho, né. Pela vida que tenho não, né, porque hoje não tá boa, né? Ainda não. Porque às vezes eu tenho recaídas. Entende? Estou há três dias sem usar.

Eu não durmo na rua, eu tenho medo de dormir na rua, nunca dormi na rua. Entendeu? Minha mãe nunca vai poder falar “Eu vi minha filha caída numa calçada”. Não. Eu fico três dias acordada, mas o meu olho não fecha. Entende? Eu fecho o olho na minha casa, na minha cama, no meu quarto. Não, não confio, nunca confiei, eu tenho anos de drogas e nunca dormi na rua. Nunca fechei meu olho pra dormir na rua.

Tenho dificuldade de vir aqui no Consultório na Rua porque o consultório, logo aqui na frente, do outro lado, ficam mais ou menos uns trinta sentados na calçada. Então venho com meu maço de cigarro no bolso, e na vida de drogadição “Ei, dá um pedaço de, me dá, ou eu te dou um pedaço e você ganha cinco cigarro”. Eu venho, minha mãe me dá o dinheiro da passagem, eu pego... às vezes tô com o meu, então às vez o dinheiro da passagem já é um escape pra vim pegar uma pedra, entendeu? Porque a boca de fumo é aqui na frente. Alguns passos que eu der, eu sei que eu tô na beira de vim ao uso novamente. Então se eu ver aquela fumaça saindo, ver alguém inalando aquilo, aquilo já mexe comigo. Então eu cortei caminho, vim pela rua de trás, pra não ter... É como aquele ditado diz, “O que os olhos não vêem, o coração não sente”. Então eu cortei caminho, pra mim não ter aquela... olhar aquilo ali e ter vontade de usar.

Falaram pra minha mãe que a psiquiatria lá do Pinel era muito boa, e realmente é. Eu fui acompanhada lá por psicólogos, né, um médico muito bom, ele é um italiano, ele me acompanhou...

e... assim, ele me deu várias oportunidades de ver que a vida era bem melhor sem a droga. Teve um dia que eu acordo e a psicóloga me levou na praia da Urca quando nenhum... deles... lá de dentro do Pinel teve essa possibilidade de sair de uma internação e ir à praia. Eu trabalhava pra eles lá dentro, né, e eles viram que eu gostava de trabalhar. Eu pintava lá dentro, eu cuidava do jardim, eu... fazia algumas esculturas lá dentro, eu mexia com... com... com pintura, com... com... madeiras, entendeu? Aí eu fui aprendendo os nomes das madeiras, né? Então assim, eles... eu comecei a trabalhar, né, a mexer com as coisa, com as plantas, e... comecei a plantar, o jardim ficou *lindo!* Que tava morto, tava sujo, ninguém frequentava, e os paciente, as mães, os pais começaram a entrar no jardim e ver as planta, então a minha vida começou a ficar diferente. E eu comecei a engordar, ficar mais bonita... Comecei a me amar, né, porque eu não me amava mais.

*“Quando eu mergulhei naquela praia, que eu olhei aquela vista, eu falei, “Meu Deus como é bom viver”. Eu tava num mundo que não era meu, parecia que eu tava com uma venda nos meus olhos, sabe, eu tava dormindo no tempo”*

Aí teve um dia que minha psicóloga me, me... me falou assim, “A partir de hoje você vai ter uma saída, pra frequentar o NA, Narcóticos Anônimos, onde você tem direito a ir a uma palestra, e nessa palestra você diz como foi seu dia, né, as suas necessidades, o que aconteceu”. E nessas palestras eu falei que gostava muito de praia, e tal, aí eu fui apadrinhada, eu tive uma madrinha. E essa madrinha vinha me buscar todo dia de bicicleta, pra gente andar alguns quilômetros pra ir assistir à palestra. Então a gente passava ali no Aterro do Flamengo, aquela praia maravilhosa, sabe, aquela vista maravilhosa, aí eu falei, “Aí meu Deus, um dia eu queria dar um mergulho, que há muitos anos eu não vou numa praia”. Aí um belo dia eu acordei, e o meu médico foi lá e falou assim, “Hoje você vai à praia”. Aí nossa, eu não acreditei. Aí eu tirei aquela roupa branca, de internato, né, botei um short, uma camisa. Nossa, quando eu mergulhei naquela praia, que eu olhei aquela vista, eu falei,

“Meu Deus como é bom viver”. Eu tava num mundo que não era meu, parecia que eu tava com uma venda nos meus olhos, sabe, eu tava dormindo no tempo.

Porque a droga ela faz isso contigo, né? Ela faz com que você esqueça da... da... de como a vida é *boa* de se viver. Tem cinema, cê pode namorar, cê pode ir a um shopping, e você vive no mundo da podridão, da escravidão da droga. Andando daqui pra ali, procurando uma dose, cabô, fica naquele desespero, quer outra pedra, quer outro pó. Não, e a vida é uma calmaria. Tem suas correrias do dia a dia, mas... é muito diferente de uma vida de drogadição, né?

Eu fiquei dois meses internada. Tem alguns meses que eu saí. Eu acho que pra cocaína e o crack teria que ser uma internação maior, um tempo maior. Eu acho que dois meses é pouco tempo. O que me fez usar de novo é brigar com a minha mãe, porque minha mãe é muito possessiva, em relação a mim, sabe, ela é... até mesmo, até com as pessoas que eu vou me relacionar, ela quer mandar, “Essa presta, esse não presta, essa daí é meio estranha”.

O meu filho, ele aceita na boa, ele não quer é saber de droga. “Mãe, eu prefiro você com outra menina, do que... do que ver você usando pedra”. Então assim, minha família, ela... Minha mãe não... ela, ela... agora ela aceita relacionamento com outra menina, mas... ela é meia complicada, minha mãe é um pouco ciumenta, é um pouco ciumenta. Todo mundo que eu arrumo ela tem ciúme. Todo mundo fala isso, que ele me quer só pra ela, todo mundo fala isso, porque eu sou carinhosa, eu sou a filha, é... chamego, tudo que ela me pede, eu peço e faço.

Quando eu tinha moto, eu é que levava no mercado, eu é que levava no banco... Então assim, eu sou carinhosa, eu gosto de sentar no sofá, pegar as pernas dela, fazer massagem, ela adora. Eu já falei que vou continuar sendo filha dela, mas não adianta... não adianta. Quando eu tô em casa eu gosto de cozinhar, eu gosto de lavar varanda... Então assim, aí ela gosta, ela fala, “Agora rega minhas plantas”. Então tudo que ela me pede, eu faço, então ela fica com um pouco de ciúme, aquele ciúme possessivo de mãe. Ah, eu nunca falei pra ela não, que quando nós brigamos aumenta a possibilidade de uso de droga.

Sonho, ah, eu não tinha não, mas depois que consegui, da... das cirurgias que eu fazia de... de extração, que me botaram pra auxiliar as cirurgias de implante de dente. Então são cirurgias assim mais específicas, mais... é... difíceis de fazer, a qual... Eu vi que a odontologia é muito boa, então, assim, eu tenho uma vontade de fazer uma faculdade de odontologia. Meu sonho mesmo é sair da drogadição, né, essa vida não... não... essa vida não é pra mim. Eu agora acho que eu tô mais perto, que eu tô mais religiosa... Eu vou à igreja segunda, quarta e domingo. Minha mãe vai também. Meu irmão é religioso, mas meu pai gosta muito de uma cervejinha, né. Então meu pai quase não vai. Vai à missa, que ele gosta de ir à missa. Quando ele sente que a batata dele tá assando... Quando aperta, então, a cervejinha dele dura até tarde, aí minha mãe, ó, puxa a orelha dele, aí ele, "Não, eu vou à missa dia tal"... Aí, pra dar uma aliviada, ele vai à missa.

Já tive princípio de overdose, né. De eu usar muito, e... ter convulsão e me bater. Não sou convulsiva, não tenho nada assim, não tô... não tenho... eu sou... faço exame de HIV, faço exame ginecológico, nunca peguei assim nenhuma bactéria... A única coisa que eu tenho é herpes labial, que eu fico estressada e estoura, e pego sol, e sai também. Que também tem muito tempo que eu não tenho. Porque eu tenho uma alimentação muito boa, né. Mas, a droga ela estoura com teu organismo, né, eu pro... eu pro... eu procuro me alimentar bem, e me cuido também. Então assim, eu nunca peguei, assim, um... uma doença, graças a Deus, então assim.

A Cássia mesmo fala, "Nossa você é uma das paciente que não me dá poblema, porque tem muito paciente que costuma dar poblema, porque tem cada caso que chega aqui que Deus me livre". HIV, doença venérea, essas coisas e tal. Então, assim, graças a Deus esse poblema eu nunca dei pra Cássia. Eu passei mal na rua, tive convulsão. Mas não procurei serviço de saúde não. Foi frações de segundo, assim, de eu me debater... e depois voltar a si... e alguém falar, "De repente você se bateu, dei dois tapa na tua cara e você voltou a si". E eu sabia porque a pessoa me falou.

Hoje sou atendida com a Cássia no Consultório. Lá no Pinel

acabou, não tem mais internação feminina. Acabou, acabou, fecharam! Então, assim, o que eu tenho é contato com a minha psicóloga que não mora aqui mais no Rio de Janeiro, mas a gente conversa por telefone, e eu gosto muito dela, me sinto muito à vontade assim com ela, sabe? No Consultório tem psicóloga? Eu não sabia. Eu vim no desespero, a minha família me trouxe pra cá e eu me identifiquei muito com a Cássia. É, eu me identifiquei muito com a Cássia porque ela é muito, assim, cautelosa, com... com os... com os paciente dela, né? Ela cuida mesmo, ela ama mesmo, ela pega você e... te abraça com os dois braços mesmo e... “Nossa, eu te dou a mão, vamos sair dessa”. Ela é assim, eu amo ela de paixão, ela cuida até da minha família. Ela se preocupa até com a minha mãe e o meu pai. Então assim, eu não largo as mão dela, não largo a mão dela mesmo, qualquer probleminha eu vou, “Cássia, tá acontecendo isso, isso e isso”.

Pro Pinel foi minha mãe que... ligou prum primo, que já tinha um problema assim, e... se internou na psiquiatria. E... ele me... ele primeiro me indicou uma clínica em São Paulo. Onde era três mil reais por mês, dois mil reais por mês. Era três mil, mas aí eles abateram pra dois. Só que já gastava seiscentos reais de gasolina até ir pra São Paulo, Taubaté, de carro, uma vez no mês pra visitar, fora cigarro, porque eu fumo... um maço de cigarro por dia. Fora xampu, condicionador, material de limpeza. Tinha que dar também. Guloseimas, que eu gosto, biscoito, doce, adoro chupar bala porque eu fico na abstinência e me dá muita vontade de comer.

Então assim, essas coisas tudo era por fora, e lá era lindo, tinha piscina, tal, mas eles assim eram muito agressivos com a gente, era um regimento muito assim fechado. Se você tivesse alteração, eles davam chute, e não era nada daquilo... que eles apresentaram, que era na internet... Fiquei dois meses e aí tive uma crise de abstinência forte, eles me amarraram na corda e começaram a me chutar, e aí teve um dia que eles deram mole com o telefone na cozinha, eu liguei “Mãe, pelo amor de Deus vem me buscar, porque eu tô apanhando”. Minha mãe achou que era crise de abstinência minha, não quis me buscar. Aí... eu fui peguei, tentei fugir uma vez, fiquei amarrada um dia e meio sem comer, fraca, me doparam de remédio, me encheram. Ligaram pro médico, então eu dormi três dias seguido, acordei

fraca, com as perna bamba. E eu já tava ficando desesperada, eu sabia que eu tinha que sair daquele local. Então, assim, eu criei uma rota de fuga. Eu falei, “Nossa, eu já tentei fugir de dia, agora eu vou fugir de noite”.

Subimos pro salão de jantar, onde eu falei pro... onde eu falei pro monitor, falei assim, “Eu tô indo pro quarto dormir”. E aí foi perna pra que te quero, saí pelo meio dos mato, das árvore, o muro era de dois metros, eu acho. Eu pulei, aí caí pelos galhos, me machuquei, me arranhei toda. Daí eu andei uma hora e meia no escuro, um breu, só via os vagalume na estrada, onde eu pude chegar numa rodoviária, expliquei minha situação, o cara falou assim, “Olha, você não vai ter ônibusinho de três e pouco não. Você vai ter que pegar um ônibus de oitenta e poucos reais pra ir pro Rio”. Eu não tinha aquele dinheiro. Aí eu fui, eu consegui pegar uma carona pra outra, pra uma outra rodoviária, e chegou nessa rodoviária eu passei a noite todinha sentada chorando num banco. Onde veio uma senhora, loura dos olhos azuis, linda, muito educada e me perguntou porque que eu estava chorando. E eu falei pra ela que... eu tava num lugar, expliquei que eles me batiam, ela viu as marcas no meu corpo. E ela, “Nossa, eu não tô acreditando, eu vou ajudar você”.

Pegou uma prancha de cabelo, uma prancha de fazer cabelo, tava dentro da bolsa, vendeu a prancha por quinze reais na rodoviária, pegou na minha mão e ficou andando pra lá e pra cá, pedindo a um, a outro. Eu sei que a velha conseguiu, a senhora, conseguiu juntar oitenta e poucos reais na rodoviária, e me botou dentro do ônibus pra mim vim pro Rio de Janeiro. Muita história pra contar... Quando eu cheguei na rodoviária, peguei um táxi, cheguei em casa, a minha mãe, “Nossa, antes tivesse acreditado, eu não tô acreditando que tu tá aqui”. E minha mãe mandou roupas caríssimas, moletom, porque lá era do lado de uma montanha, muito frio, eu tinha que usar luva. E aí... ela mandou... minha mãe pagou um sedex pra virem as minhas roupas e ela não me mandou nada, mandou um monte de troço velho, aí minha mãe: “É, realmente, essa mulher é uma crápula”.

Tinha dias que a gente, de tarde, que era pra comer pão, a gente comia pão com suco. E a clínica, se a senhora olhasse, doutora, era uma coisa espetacular, linda. Mas era só aparência. Isso

tem uns dois anos. Ou mais. Foi aí, esse primo que me levou, pra lá, pra essa clínica, porque se internou numa clínica de psiquiatria também, ele falou “Não, então agora ela vai ter que se internar numa clínica psiquiátrica”. E de lá, eu vi, né, a loucura, né? Dos outros paciente. Gente delirando, por causa da droga, falei, “Nossa, o que que a droga causa”. Falando com as parede, mijando nas calça. Eu falei, “Nossa, que que a droga causa”. Fiquei me olhando no espelho e falei, “Meu Deus do céu, como a droga acaba com o organismo de uma pessoa”. Como a droga acaba com o organismo de uma pessoa.

Tem assim, é... é... assim, uma coisa que eu tenho visto, que tem me dado, é... eu não sei se é síndrome do pânico, Deus me livre, eu não quero tá com isso não. É essas coisas ruins que eu vejo deles, sabe? Brigas, por causa de isqueiro, por causa de copo, eu fico assim apavorada. Os usuários, eles mesmos brigam entre eles, cai na porrada. Então, isso tem me apavorado muito, sabe? Tanto é que eu pego, uso, fico quietinha sozinha, tenho meu copo, meu isqueiro, não fico no meio, não me misturo.

Minha mãe me dá um remédio pra eu não pegar verme nem piolho. Sério, doutora, não ri não! Nem verme, nem piolho, que ela fala, “Meu Deus do céu, eu tenho medo, você passa no meio deles, mas você não tem medo de pegar piolho não?”. Eu: “Mãe, quando eu vou usar, eu não sento perto deles”. Ela: “Nossa que fedor, eles não tomam banho”. Ela fica apavorada, eu chego em casa ela, “Vai logo tomar um banho, vai tomar banho, entra pro banheiro, depois eu boto tua comida”. Ela já fica, nossa, só de saber que eu passei entre eles, ela fica apavorada. E é isso. Mas graças a Deus eu tô bem mais calma, bem mais calma.

Aí hoje eu vim pegar minha medicação, né, que eu não fico sem medicação, pra fissura. Pra fissura. Porque o carbamazepina, ele tira a vontade de você usar, né? Eu tô pedindo à doutora pra ter alguma tarefa, é porque esse negócio de ficar em casa, do INPS pra mim é muito ruim. E eu acho que, eu acredito que se, se eu sobreviver a essa tempestade, eu vou ser uma coroa muito ativa. Porque eu não gosto de ficar parada. Eu tô em casa, eu molho planta, eu lavo roupa, eu gosto de faxinar o quarto, e eu não gosto... tanto é que eu tinha três empregos, então, essa atividade... essa vida morosa minha, não... não tá dando.

É isso também que me leva a usar, por causa da falta de uma ocupação, entende?



# "MEU SONHO É SER MOTORISTA DE ÔNIBUS"

CARLOS, 48 ANOS

Eu vim buscar atendimento, por causa da tosse que eu tava ontem. E por causa da limpeza. É muito difícil mesmo ter um negócio pra tomar banho. Eu tomo banho no bicão também. Tomo no Jacaré, na linha, na estação, e tem um bicão lá no Manguinhos também. Lá em baixo do Manguinhos tem um bicão também.

Cheguei a me curar da tuberculose. Seis meses, fiz o tratamento direitinho. Agora é normal, resfriado mesmo. Essa tosse, incomoda... Quando eu não venho aqui eu vou direto pro Salgado Filho, no Méier. Lá eu fui bem atendido, quando eu tenho um machucado qualquer, alguma coisa.

Vim parar na rua depois que minha mulher faleceu. Faz cinco anos já.

Eu tinha minha família e eu combinei com ela que eu ia cuidar dos meus filhos junto com ela. Aí ela faleceu, peguei meus filhos e dei pra minha mãe. Ela morreu arrumando briga com uma cracuda aí. Aí diz que a menina não morreu. Bateu de cabeça e fingiu de morta, parece. Aí foram lá em casa, pegaram ela e mataram.

Foi lá no Jacaré mesmo. Bateram, bateram e depois mataram ela. Nós morava na linha, a que vai pra Del Castilho. O primeiro barraquinho ali era nosso. Aí eu peguei as crianças e dei pra minha mãe. Com ela tenho são quatro filhos, duas meninas e dois meninos. Alguns onze, doze anos. Mas tenho mais velhos com outra mulher. Tem o André, Fernando, Fernanda. Três com outra, os mais velho. E com essa são quatro. Total são sete.

Quando pegaram ela eu tava trabalhando. Quando vim, ali, ali, a

minha menininha, eu tinha levado o menino pra casa da minha mãe e a menina ficava com ela, no nosso quarto. Uma vez ou outra eu vinha com ele, que nós tinha brigado, eu ficava em casa com o menino e ela tomando conta do barraco com a menina. Eu ia trazer as coisas pra elas. Na época, a gente estava separado. Mas eu não deixava de trazer as coisa pra ela e pro meu filho. Alimentação, essas coisas, coisas de casa. Eu e meu filho fomos morar com minha mãe.

Eu fiquei sabendo, de repente. A notícia foi parar lá no Mandela. Que às vezes eu ia partir pro Mandela. Isso nem no Mandela eu tava, tava lá no, lá na linha, tava um sol quente danado. Tava fazendo umas besteira lá, aí me avisaram que tinha uma menina morta aqui, que o corpo dela foi parar dentro do valão, aí fiquei sabendo, uma agonia. Aí quando fui ver era ela. Tinha certeza que era ela, eu vi ela. Quando me falaram eu num, num imaginava, mas eu queria saber quem era, quem era... Quando cheguei lá tomei o impacto.

A mãe dos meu filhos, poxa. Tando separado ou não, eu gostava dela. Aí levei meu filho pra casa da minha mãe. E a menina também. Tá os dois com ela agora. Ela cuida dos gêmeos, uma menina e um menino. E tem duas meninas que a outra que, que cuida é a tia delas. Ela pegou elas, porque ficou muito peso com a minha mãe. Os dois agora só vão nela, desde pequeno. Ela fala “Vai, leva eles, leva eles pra morar contigo”. Aí eles “Não vou não”. “Vai morar na rua com teu pai, vai”. Ela sabe que eu tô na rua. Ela fica “Vou mandar vocês pra rua com teu pai”, quando eu vou pra lá. Final de semana eu passo em casa, final de semana passo em casa.

Eu vou sexta, chego na sexta ou no sábado, fico domingo e venho segunda-feira pra rua. Ganho dinheiro no garimpo, garimpando na rua. Às vezes vendo doce também. Garimpo, garimpo muito, tudo na rua mesmo. Quando coloca um docinho já dá pra trabalhar com doce. Eu compro saco de bala e saio à deriva, como ambulante, ambulante.

Agora por exemplo devo pegar um ônibus aqui e vou lá pra Central. Às vezes dou a volta no quarteirão garimpando, que pra mim é bom. Aí ganho um pouco lá. Quando venho, já venho com outra remessa, que eu cato garrafa pet, plástico e lata. E

eu trago mais pra cá, porque o preço é melhor. Aí, venho, chego ali, invento uma comida ali, aí às vezes acho umas coisas boa que dá pra todo mundo comer. Trago pão, as coisa de comida, compartilho com o pessoal.

Não tenho inimigo na rua. Todo mundo gosta de mim. Eu vejo dessa forma, tem gente que não gosta que... Eu tento ir no lugar certo onde eu vou. O local certo, pra não ficar entrando em área de outros. Alemão, é. Tô sempre no mesmo lugar que eu sei que eu serei bem chegado.

Sempre tem alguém te chamando pra alguma coisa, pra você fazer. Bem ou mal, quando tem material "Chega aí, chega aí, chega aí, vamo trabalhar de..."

"Joga um negócio fora ali que eu vou te dar um trocado", "Já é"! "Tô querendo fazer uma limpeza lá na laje", "Vambora". E nessa aí vou arrumando minhas coisas, além do material, que pega o material pra fora, leva pro ferro velho, tira um trocado.

Eu gasto dinheiro aí com essas meninas aí, entro na farra também. Uso todas as drogas. Todas. Só não uso pico na veia. O pior é a droga do crack. É horrível... É meio esquisito, mas de certa forma eu prefiro beber minha cachacinha mêmro. O que eu mais gosto é beber minha cachaça. O crack eu sinto uma onda esquisita. Sei lá, assim um pânico. Depois da onda... fica que alguma coisa vai acontecer...

Tem gente que é dependente químico mêmro. Eu conheço um que ele é alcoólatra, que ele acorda assim, enquanto ele não beber ele treme, ele treme mêmro. Aí levanto com ele, nós vai, sai nas banca, aquelas coisas só pra comprar logo a barrigudinha. Aí nós divide, nós bebe junto, trabalhando, catando as coisa pra comer, se divertindo... Ele é meu amigo, ele. O nome dele é Edison, o apelido dele é Gato Mole. Porque ele é meio devagar. Mas ele é maneiro, de vez enquanto ele vem aqui. Cássia adora ele, todo mundo, a Clara... Ele é da minha altura, mas é branquinho. Parceirinho, mesmo. Tão botando até o apelido nele de Quico. Ele tá inchado, de tanta... "Ó o Quico aí, ó o Quico aí".

Na rua tem de bom no caso a liberdade. Poder fazer o que quiser, a hora que quiser. "Bora fazer aquilo". "Vamo", eu que sei. Só tem uma pessoa que mandava eu fazer as coisa, que me dava

bronca, era a minha mãe. Então eu não tô lá, então ninguém me dá bronca em nada. Tô livre e aberto, vivo tranquilo, suave. Meu sonho é ser motorista de ônibus. Tenho vontade, sou louco pra dirigir. Começando pelo pouco, né, carro. Depois... Tirar a carteira.

Eu nunca, nunca assinei carteira, meus documentos eu perdi tudo. Minha mãe é que tem documento meu. Minha certidão de nascimento tá com minha filha. Mas minha mãe tem negócio lá de CPF, identidade, essas coisa. Eu ando sem documento nenhum. Eu levei uma porrada na Brasil uma vez. Essa cicatriz daqui é que entrou borracha no pulmão, quebrou a perna, cabeça. Fui atropelado atravessando lá aquela cracolândia no outro lado da Avenida Brasil. Lá na Avenida Brasil. Eu tenho pavor de lá. Fui pro Souza Aguiar.

Parou um carro, me jogou na carcaça na pick up e me levou, me deixou lá, foi embora. Eu fiquei seis mês sem visita. Quem me atropelou foi embora. Aí daqui a pouco eu tava ali, escutei aquele carro 'raaaaaan', parou na Avenida Brasil assim, que eu tava no meio da pista, parou na Brasil, me jogou dentro do coisa e foi embora. Me deixou lá no Souza Aguiar e foi embora. Me deixou lá, eu nem lembro quem, o cara, porque eu tava apagado. Eu só me lembro que eu abri o olho assim, aí me jogou assim na carcaça, abriu a carcaça, botou lá e foi embora. Aí eu "ai ai ai", só sentia dor, mais nada. Tava inchado, estufado igual uma bola, por causa da hemorragia. Não saiu uma gota de sangue. Mas quando abriram, aí tinha um monte de sangue, quando abriram a barriga aqui assim. Tem mais de cinco anos já.

Eu já conhecia a rua já. Desde pequeno fiquei na rua. Desde quando comecei a engraxar sapato lá na Feira dos Paraíba. Ali eu já fugia de casa, ficava na rua pra não estudar. Eu já dormia mesmo. Só que não era de ficar na rua direto, não. Eu curtia muito mêrmo ficar na rua. Coisa de moleque, eu fugia da escola, pra ir pra rua, pra ir pra Quinta, tomava banho naquele lago lá na quinta. Também, quando chegava em casa minha mãe ó "Ahhhhhhhhhh"! O quê? Me dava uma surra bonita!

Meu pai faleceu. Faz... faz mais de dez anos já. Ele teve o primeiro derrame, deu o segundo, no terceiro derrame ele não aguentou. Derrame cerebral. O último afundou aqui, aqui ficou fundo. Ele

ficou com a boca torta, falando com dificuldade. Eu não tava em casa, não sabia que ele tinha morrido. Já tinha sido enterrado. Eu adorava ficar com ele. Tenho dois irmão, tenho até que ir lá ver eles. Tenho dois irmão também, que é a cara dele. Meus irmão são pequeno, são pequeno. Eu sou o mais velho. Eles têm de catorze pra quinze anos os dois, cada um. É da idade quase dos meus filho. Quase isso.

Agora meus problema é a Virgínia, que nasceu da minha filha, três anos. Minha neta, filha da Fernanda, mais velha. Eu vou dormir lá, lá em cima lá. Ela mora ali na Padre Nelson. Graças a Deus, todo mundo em casa. Eu acho maravilhoso ter neto, maneiro. Só que ela me vê ela corre de mim. Engraçado, ela corre de mim. Quando crescer vai se apegar. E ela então, trancada mesmo comigo. Nem quando o outro avô dela também não. Bisavô, aliás, que é o pai da Fernanda, ela não vai ficar de jeito nenhum também, não quer ninguém. Mas também ela tá novinha também. Mas ao poucos vou conquistando ela.

*“Tem gente que tem casa e quer ficar na rua. Abandona a casa pra ficar na rua. E tem uns que é doido pra sair da rua e ter uma casa. Mas eu tenho uma casa e não saio da rua”*

O lado ruim de morar na rua é só pra quem não gosta mesmo. Mas tem gente que tem casa e quer ficar na rua. Tem casa e quer ficar na rua. Quer ficar na rua e abandona a casa. Abandona a casa pra ficar na rua. E tem uns que é doido pra sair da rua e ter uma casa. Mas eu tenho uma casa e não saio da rua.

# “DEUS NÃO ME CRIOU PRA VIVER NA RUA”

EUCLIDES, 45 ANOS

Tenho quarenta e cinco anos. Parece que eu já tô com setenta já. Estou me sentindo mais velho hoje, com certeza, vim de uma recaída, vai fazer dois meses. Eu tava na Igreja. Eu prego a palavra de Deus, dou estudo de bíblia, eu tava na igreja, eu tava no centro de recuperação. Lá em São Cristóvão, depois da Comlurb, na Rua Bela. Fiquei dez meses lá, tava trabalhando, dez meses. Eu tava trabalhando, entregando quentinha pro projeto lá. Tava vendendo uns artesanato que o pastor fazia, comprava dele, saía pra vender. Aí acabei bebendo um vinho na rua, e... cabei saindo com uma mulher aí... aí que me deixou tombado e pronto. Já era. Aí desabei e vim parar no Manguinhos de novo.

Eu acho que tem, deixa eu ver, tamo em agosto, né? Julho, acho que vai fazer dois meses mesmo, foi final de junho, se eu não me engano, que eu vim parar aqui, perto do final de junho, meado de junho. Tem dois meses, praticamente, dois meses. Todo dia eu venho aqui no Consultório da Rua. Todo dia eu venho tomar banho, meu remédio... meu remédio fica aí, meu documento, fica tudo guardado, entendeu? Eu só pego só quando vou receber o Bolsa Família que eu pego. É um refúgio que eu tenho aqui, né? Com certeza. O pessoal aqui me aconselha há muitos. Não é a primeira recaída que eu tenho não. É a terceira ou quarta vez que eu recaio. Da outra vez eu fiquei de 2015 pra 2016, um ano e seis meses, praticamente, sem usar droga.

Aluguei uma casa pra mim, lá em Santíssimo. Saí do Centro de Recuperação do Sítio da Freira, eu já tinha passado por ele em 2012, em Jacarepaguá, uma casa em Jacarepaguá e a outra em Santíssimo, que é o Sítio. Aí eu não podia voltar pra Jacarepaguá, ela me mandou pra Santíssimo. Eu completei o tempo lá, só podia ficar lá até seis meses. Aí quando eu completei os seis

meses, aí eu fui, comecei a procurar emprego, tinha tirado o documento já todo, foi o Bolsa Família, que tinha saído. Aí eu comecei a procurar emprego e encontrei emprego de jardinagem lá na... na Ponta do Céu, lá em... Jacarepaguá, um escritório lá em Jacarepaguá. Mas, ééé... aonde eles me empregaram mesmo, que eu me inscrevi, foi lá em, aquela estação Dom Bosco ali, acho que é... Mato Alto, né? Foi no Mato Alto ali. Num sítio que tinha, lá eu arrumei esse emprego, o ônibus me pegava na Avenida Santa Cruz. Eu ainda tava na casa, quer dizer, eu fiquei mais um mês na casa até receber pra alugar a minha quitinete. Aí eu comprei tudo, comprei, comprei geladeira, comprei fogão, comprei cama nova, tudo. Pus tapete, deixei a quitinete... Pinteí, que eu sou pintor, mas não posso nem trabalhar com tinta, entendeu? Com esse problema que eu tô, de tosse.

*“Se eu tiver com cinco reais, eu não vou comprar uma pedra, eu vou tomar de cachaça. Agora, se eu tiver seis, eu vou fumar uma pedra e tomar uma cachaça de um real ou duas de cinquenta”*

O problema hoje é meu estômago, sinto muita dor no estômago... Esses dias eu chorei de tanta dor, a doutora não tava aí, a outra doutora que me atendeu. Tomei injeção, deu remédio pra mim tomar. Mas eu não tenho... O meu problema mais não é o crack, a cocaína, a maconha. O meu problema mais é o álcool, é a cachaça. Se eu tiver com cinco reais, eu não vou comprar uma pedra, eu vou tomar de cachaça. Agora, se eu tiver seis, eu vou fumar uma pedra e tomar uma cachaça de um real ou duas de cinquenta. Na facilidade aí, uma cachaça cinquenta centavos, entendeu? Então é muito fácil comprar.

Eu conheço muita gente aqui, o meu pastor tava sempre me avisando, “Pára de ficar indo pra Manguinhos”. Só que eu vinha aqui pegar remédio aqui todo mês, com a doutora. Daí, “Pára de ir pra Manguinhos, pára de ir pra Manguinhos. Vai ficar batendo, batendo até ó”. Não deu outra mesmo. Usei e pronto, tava com dinheiro, peguei as minhas coisas lá, o pastor não entendeu nada. Aí eu peguei, deixei a minha bíblia guardada no estudo lá, e vim pra cá. Vim pra cá. Sequei, em uma semana eu sequei.

Eu sequei. Entendeu? É muito ruim, é difícil à pampa, eu tenho uma filha, eu tava vendo minha filha, meu neto, tava tudo certo.

Minha filha tá com vinte e cinco. Meu neto tem cinco anos, fez cinco anos em março. A minha filha tentou me ajudar ainda. Isso em 2015 pra 2016. Aí saí do emprego, tive um problema lá no condomínio, caí dentro de um bueiro, entendeu? Eles não deram a mínima. Fui pra botar na Justiça a empresa, o condomínio... Aí me atribulei, acabei bebendo, cheirando, fumando pedra. Fui ver eu já não tava trabalhando mais. Acordava quatro e trinta da manhã cheio de disposição, já tava há dez meses na empresa já, cheio de disposição. Comecei a faltar, faltar... Como não queriam me mandar embora, eu pedi conta, olha só! Pedi conta. Aí me arrebentei de novo, fiquei por aí. De lá para cá, ano passado eu fui, "Vou sair da rua", como falei, aqui no centro de recuperação, em São Cristóvão e... de lá fiquei dez meses lá, e aí caí de novo, tive outra queda.

Lembro da primeira vez que fui parar na rua, lembro. Quando... eu cheirava muito cocaína e traficava lá em Vigário Geral, eu sou criado lá em Vigário Geral. Só minha mãe que é campista, mas eu não sei onde ela tá não. Eu tenho duas irmãs gêmeas também que moravam lá em Vigário. E tem o meu irmão mais novo, dezessete anos mais novo do que eu. Não bebe, não fuma, nada. Igual a minha filha, mesma coisa. Minha filha tem pavor dessas coisa toda. A mãe dela usava... Usava aí, junto comigo, entendeu? A gente usava, bebia. Depois eu saí da casa dela, voltei para a casa do meu pai de novo.

Primeira vez na rua foi em... Foi em... Noventa e... No ano da Copa de noventa e oito, minha filha tava com dois anos, acho. Eu tava com... já tem vinte e poucos anos. É, vinte e poucos anos, já. Foi em noventa e nove, se eu não me engano, foi a primeira vez que eu caí na rua, lá em Irajá, entendeu? Eu fiquei três dias pela rua, tava usando droga. E quando eu cheguei, eu vendi o som de dentro de casa. Minha mãe já não aguentava mais, tudo eu pegava, meu pai não podia deixar a carteira de bobeira, entendeu? Tudo pra vender. Tudo, até alimento, arroz, feijão, eu pegava, tava totalmente perdido na cocaína.

Na boca eu não podia trabalhar mais, os caras, me tiraram da boca pra não me matar. Aí então... o meu primo era chefe lá

também, na época. Me tiraram da boca porque eu tava cheirando, derramando, meu pai tinha que pagar. Ou eu ia roubar também. Eu tinha de roubar pra poder cobrir o rombo que eu fiz. Ou eu saía pra roubar, ou meu pai, se não pudesse pagar, eu tinha que sair pra roubar. Saía pra roubar mesmo, entendeu? E aí, pagava, voltava e fazia tudo de novo.

Chegou um tempo que minha mãe não aguentou mais e meu pai... Em noventa e nove, isso mesmo, passou a Copa de noventa e oito, é... noventa e nove, isso mesmo. Tem uns vinte e três anos, eu acho. Não, vinte e três anos não. Tem uns vinte anos. Eu tava com vinte e cinco, se eu não me engano, porque a minha filha, a minha filha tava com um ano. Isso mesmo, por aí, vinte e cinco anos, vinte e quatro. Foi por aí. Minha filha era pequenininha, ainda. Aí, eu fui parar na rua, fui no Irajá na casa da minha tia, quando eu cheguei de manhã em casa, drogado, tinha só um... A vizinha me chamou e falou: "Teu pai e tua mãe foram pra Campos, deixou um dinheiro aí pra você, e mandou entregar a chave da casa". Eu falei, "Pronto, aí desabou". Falei, "Meu Deus, o que é que eu vou fazer agora?". Aí peguei e... saí pra rua, peguei o dinheiro e fui usar droga e fui na casa da minha tia, que é mais que... é como se fosse uma mãe pra mim, entendeu? Então ela pegou, eu não podia ficar lá, deixou eu ficar lá uns dias, minha prima começou a implicar, o meu primo, começou todo mundo implicar, eu tive que sair fora. Eu tive que sair fora. Eu só ia lá, às vezes almoçar. Eu fiquei dormindo na rua por Irajá, ali na rua. Aí foi que... eu comecei...

Minha filha tava com um ano sim. Morava com a mãe no Jardim América, do lado de Vigário Geral. Aí eu peguei, comecei a frequentar a Igreja Universal lá em Jacarepaguá. Jacarepaguá, não, no Irajá, perto da casa da minha tia. Aí eu conheci um pessoal que eles começaram a me ajudar, a me dar roupa, a me dar comida, levava almoço, eu passava o dia na Igreja. Aí depois dormia na porta da igreja. Essa senhora, foi e me chamou, convidou pra ir lá na catedral, olha só, lá na catedral! Lá em Del Castilho. Ela alugou um quartinho pra mim e eu nem sabia que ela tinha pago três meses do quarto pra mim, em Vaz Lobo, perto de Irajá ali.

Aí eu fui lá na catedral com ela, quando cheguei lá, quem eu

encontro? Um pastor que antes traficava junto comigo, era da Nova Holanda. Encontrei ele, ele que era o administrador da obra. Quando ele me viu, ele: “Rapaz, como é que tu tá?”, aí eu falei: “Pastor, eu tô caminhando. E o senhor?”. Ele falou: “Eu larguei tudo, cara. Larguei facção, larguei tudo, entreguei tudo, arma, droga, entreguei tudo”. Ele era gerente lá, um dos cabeça lá na época. Entendeu? Era pastor lá da Universal. “O que é que aconteceu? Por que tu tá querendo socorro?”. “Quero trabalhar. Tô precisando de emprego, o meu pai e a minha mãe foram embora, a senhora que tá me ajudando. A senhora tá do meu lado, ela tá me ajudando”. Aí, “Vá lá naquele container lá. Cadê teu documento? Deixa eu ver”. Mostrei meu documento pra ele, só, eu tava com a carteira e o título, e o CPF. E aí ele pegou, “E a identidade?”. Eu falei, “Não tenho, eu vou ter que tirar, pastor”. Aí, “Vai lá no container lá, vamos lá”.

Aí me levou, ele me levou lá no container, entregou meus documentos, “Olha, vai tirar identidade. Pode botar ele pra trabalhar”. Aí eu comecei a trabalhar lá e aí foi uma bênção, sem fumar, sem beber, uns nove meses, oito meses trabalhando lá. Ganhava o meu dinheirinho, a mãe da minha filha me encontrou lá, soube que eu tava lá, aí ia levar a menina lá de vez em quando pra me ver. Entendeu? Aí, o que é que aconteceu? Fui na minha tia e saí, almocei com a minha tia, desci, tava com uns quatrocentos e poucos reais no bolso, quatrocentos e poucos reais no bolso. Aí peguei, saí, cheguei num ônibus, ainda entrei no ônibus pra ir pra Madureira, pra ir em Madureira, e tinha falado pra a minha tia, “Vou lá em Madureira, tia. No Bob’s comer alguma coisa, comer um sanduíche, alguma coisa”. Aí conheci uma mulher dentro do ônibus. Aí desceu no mesmo ponto que eu em Madureira, comecei a conversar, quando eu fui ver, eu tava no motel com ela e pronto. Aí ela bebia. O que é que aconteceu? Voltei a beber de novo.

Dali que eu me rebentei, eu me rebentei, fiquei sem nada, sem emprego, sem nada, fui mandado embora. O pastor já não era mais administrador da obra, já era outro, não pôde fazer nada. Aí pegou e... a mulher sumiu. Desapareceu, desapareceu, nunca mais eu vi. Eu fiquei desesperado atrás dela. Horrível, eu sei que... é muita coisa, muita coisa. Se eu disser que eu não fui ajudado, fui. Eu jamais eu me blasfemo de dizer que eu não

tive chance, que eu não tive oportunidade. Eu tive apoio. Várias oportunidade boa. Quem jogou fora fui eu. Entendeu? Que não vigiei de ver que eu sou um doente químico, dependente químico, que eu não posso chegar perto de bebida, principalmente.

Começa tudo pela bebida. Não é a droga que vem primeiro, primeiro, é a bebida. Vem a bebida, e aí vai o resto. Entendeu? É questão de tempo. O que me faz tomar um primeiro gole é meu temperamento, sabe, eu sou muito nervoso, sou muito explosivo. Tem coisa que eu não admito, não adianta, que não... Coisas que eu tinha que me sujeitar, que eu tinha que... e eu não consigo. Isso me deixa nervoso. Primeira coisa que vem na mente é o álcool. A primeira coisa que vem na mente é o álcool, não adianta. É o álcool. É, também, na igreja, ou na igreja. Eu esqueço que a bebida existe, eu tô bem normal, uma coisa, sabe? De repente, não dá pra entender. Aí pronto.

Não é sempre, não é sempre, mas se eu ficar muito... aí, no caso lá na igreja foi isso. Tinha uns caras abusado, atrevido, tava em recuperação também, tudo bem, eu entendo. Eu era o líder da casa lá era eu, nessa que eu falei da Barreira do Vasco, em São Cristóvão. Eu pregava a palavra, ia para o púlpito pregar a palavra. Eu sei, entendo muito, graças a Deus, Deus me deu essa sabedoria, entendeu? Não fiz teologia, seminário, nada disso. Eu estudei até a sexta série, sexta série. Então é me aborrecer, e aí pronto, é o gatilho pra... Foi o primeiro, já era, bebeu o primeiro gole, é um abraço.

Não adianta, comigo acontece as coisas assim, eu fico forte, pergunta aí, já tem anos que eu venho pra cá no consultório. Sempre peguei o meu remédio aqui no CAPS de Bonsucesso, que acabou. Trato da dependência química mesmo. Aí, lá no CAPS eu tava tentando. Aí a minha psiquiatra pegou, fez o papel pra ver o negócio da aposentadoria pra mim, marcou a perícia. No dia de eu ir na perícia, peguei um dinheiro, passando pelo Jacaré, perdi os documento todo, perdi o papel da psiquiatra, o laudo, que precisa de laudo, né? O laudo da psiquiatra, o papel da assistente social, perdi tudo, perdi tudo, não entendi. Perdi tudo. Depois pra marcar de novo, já viu.

Aí eu fiquei desesperado, falei: "Agora já era, agora, já era". Aí fiquei na rua mesmo. Na rua. Quando eu volto a beber eu

largo tudo, largo tudo. O que dói, eu sei que dói, às vezes eu sento e choro, eu choro muito. É dor na alma mesmo, entendeu? Derramo mesmo, e Deus sempre vem me socorrer. Eu creio muito em Deus, entendeu? Não adianta, eu sou um cara que eu... eu sou pregador da palavra, que eu entendo. Eu sei que meu Jesus, ele zela por mim, me guarda. E sempre quando eu peço socorro, ele me socorre e envia alguém pra me ajudar. Vou pro centro de recuperação, vou pra um abrigo, fico devagar e falo: "Não vou voltar mais pra a rua". Acontece tudo de novo. Até o ... É a dor mesmo que faz sair da rua.

Aqui em Manguinhos eu conheço a favela inteira praticamente. Trabalhei no Capitão Bragança, ali do outro lado na bica. Conheço o pessoal todo, todo mundo me conhece. E pra arrumar cinco reais, dez reais, pra mim aí é mole na rua. Eu vou catar lata também, segunda, quarta e sexta, só hoje que eu não vou. Hoje não, terça e quinta não, só, segunda, quarta e sexta. Eu tenho um local certo pra... É, não dá pra nada. Esse Bolsa Família que eu peguei agora, o último agora, eu só cortei o cabelo. Só isso. O resto foi tudo pra droga, cachaça e máquina de jogo. Eu tenho esse negócio de máquina aí.

### *"O problema tá em mim, não é o dinheiro"*

Se eu não ganhasse dinheiro, eu ia usar menos droga? Poxa, não fala. O problema não é... não é o dinheiro. O problema tá em mim, não é o dinheiro. O dinheiro, eu tô com dinheiro que eu não uso. De repente, *tummm*, entendeu? Explode um troço, dá uma loucura, que nem eu mesmo entendo. Caraca, eu não entendo isso! Eu tô dez meses, um ano, um ano e seis meses sem usar droga e tô usando de novo? Bebendo de novo? Lá vou eu voltar pra a rua. Não dá outra.

Eu me dava muito bem com o meu pai, com a minha mãe... Eu me dava muito bem com meu pai, principalmente. O meu pai faleceu, meu pai ficou muito triste quando ele... teve que ir embora com a minha mãe, meu irmão tava pequeno. Então, minha mãe falou que ia levar ele. A vizinha falou pra ele levar ele, minha tia falou, pra levar ele. Ia ele e ela pra Campos, entendeu? Se ele quisesse ter ficado aqui, ele ficava. Então aquilo

doeu muito nele, né? Era um absurdo, meu irmão pequeno, eu já um marmanjo. Então meu pai teve que ir com ela, e com o meu irmão. E aquilo foi corroendo ele, o meu pai me amava muito. Meu pai era... Se tivesse de entrar em frente de uma bala por causa de mim, ele entrava, não queria saber. Ele me respeitava. Eu me tornei um cara agressivo, eu era um cara tranquilo. Eu me tornei um cara agressivo. Depois que eu entrei pra a boca de fumo então, pronto. Usar droga diariamente, diariamente, diariamente. Entendeu?

Comecei a usar eu tinha... quatorze anos, foi a primeira vez que eu cheirei cocaína. De treze pra quatorze anos, numa festa. Aí até então eu não tava viciado, usei, bebi na festa de casamento de um amigo meu, pó, eu cheirei. E depois só fui cheirar daqui a um mês. Foi assim, começou assim. Aí daqui a pouco já não foi mais um mês, já foi uma semana, aí pronto, virou rotina. E pra parar? Vários amigos meus morreram. Perdi vários colega meu, meu primo, tudo. Perdi um monte. Só tá vivo da minha geração, só tá vivo eu e o meu primo, que é o... parou também, que era bandido lá também. O meu outro primo, mataram ele. Na porta de casa.

O meu primo, ele era ladrão mesmo, assaltante de carro mesmo, de carga. E ele cheirava muito. Quando ele cheirava, ele levava mulher pro hotel, que o negócio dele era esse. Aí ele fez um assalto aí que não deu certo, aí deu merda na polícia lá, aí o chefe do tráfico mandou matar ele. Ele tava preso, mas mandou matar ele, deu ordem da cadeia. Ele era assim com o chefe do tráfico. Era, foi motorista dele, todos os meu primos lá é desse negócio. O primo que tá vivo parou. Já tem uns vinte anos que ele parou com tudo, tá trabalhando de motorista até hoje. Tá com quarenta e seis, é um ano mais velho que eu. E ele não usava droga, só o que morreu. O que tá vivo só fumava maconha uma vez ou outra. Vez ou outra, não cheirava cocaína. Tá gordo. Quando eu tô bem, eu vou sempre lá em Vigário visitar o pessoal, mas quando eu tô assim, eu... eu fico com vergonha, não adianta. Dá vergonha, não adianta. É porque eu tô na rua, porra! Deus não me criou pra viver na rua, eu não tava na rua. Não tava na rua.

Viver na rua é horrível! Ver esses caras aí, brincando, gritando, brincando aí. Que alegria é essa, meu irmão? Pra usar uma droga

e beber uma cachaça? Hoje um colega meu vai receber, “Vou te dar o dinheiro”, que ele chegou e não conhecia nada aqui, aí eu que alimentei ele ali, entendeu? Lugar de comida, onde pegar comida, esse negócio, janta, condição de trabalho. Aí, ele é o que falou pra mim, “Vou pegar um pó de cinquenta hoje pra nós, vamos tomar uma cerveja, vou te dar um mil réis, vinte mil réis, trinta reais pra tu”. Olha só. Será que eu vou usar ou não? Vou usar, pô! Não tem como. Vou tomar um copo de cerveja, eu vou cheirar, entendeu?

Tem vez que eu deito cedo ali no UPA, que eu durmo ali no UPA ali. Aí eu durmo cedo e... não uso nada. Mas só quando eu tô ruim mesmo, do jeito que eu tô agora, eu tô ruim à pampa, a dor de estômago voltou tudo de novo, tô defecando, só cai aquele negócio vermelho. Falei com a doutora. Eu tô com uma diarreia, já tem umas duas semanas que essa diarreia não para. Tô tomando remédio, mas aí bebo cachaça... Eu tomo remédio pra dormir, que é o prometazino, e... ametril, que é pra dormir. Fica aí guardado com eles, que se ficar na rua, eu perco o remédio. E aí fica guardado com eles, eu pego com a enfermeira, antes de fechar aqui, eu pego só uns três comprimidos com ela.

Amigos na rua? Sinceramente? Tenho não. Amigo, eu só ando sozinho, é difícil eu tá com alguém. É muito difícil. Eu fico perambulando, não vivo em cracolândia. Eu uso crack, eu tô usando pedra, mas eu não fico em cracolândia, eu tenho vergonha de ficar em cracolândia, entendeu? Uma vez eu cheguei na boca de fumo, uns conhecido meu que tem lá, que eu vi moleque, que meu pai foi criado aí na família. Depois que... eu pequeno, eu fui pra Vigário. Aí o que é que acontece? Falou pra mim, “Ó, Negão, cara, tu é o único cracudo que anda limpo aqui no Jacaré em Manguinhos, onde é que tu toma banho?”. “Tem lá na Clínica da Família lá, cara”. Eu falei: “Não, os cara não toma banho porque eles não quer”. Todo dia de manhã eu acordo, eu adoro tomar banho. Fico doente, se não, quando chega sábado, que não abre a clínica, e de domingo, aí dou um jeito, vou lá no lava jato, lá no Jacaré, um amigo lá deixa eu tomar banho. Tem outra menina ali do lava jato também, tem um banheiro dentro do negócio dela lá. Ela deixa eu tomar banho lá. Ficar sem tomar banho, eu não consigo não.

Em 2000, foi em 2000 que eu conheci. Eu tava na Universal, saí, fiquei ruim... Esqueci de falar isso, fiquei ruim, conheci uma mulher. Eu no bar tomando uma cerveja, depois que eu fui mandado embora de lá, mas eu ainda tava lá no quarto da igreja, na Favela do Guarda, do outro lado. Aí conheci uma mulher e comecei a namorar ela. Ela, com quinze dias, vinte dias, ela mandou eu pegar as minhas coisas e ir pra casa dela, só morava ela e o filho dela. E eu fui morar com ela. No começo foi mil maravilha, loira, bonita, funcionária pública federal. Trabalhava lá no Hospital do Câncer, lá em Vila Isabel ali, ela era da Ciência e Tecnologia.

Comecei a morar com ela, ela arrumou um emprego pra mim num ponto de táxi, na Tijuca. Comecei a trabalhar, direitinho, casa, volto, quase um ano, passou dois anos, tive uma briga feia com ela por causa de ciúme. Muito ciúme, eu era doente de ciúme, doente. E ela era muito bonita. Era uma loura muito bonita, elegante, uma mulher, ninguém entendia. Eu tava inteiro também, isso era mais de vinte anos atrás, foi uns vinte anos atrás disso. Eu tinha vinte e seis anos quando eu conheci ela, e ela era dezenove anos mais velha que eu. É isso mesmo, era dezenove anos mais velha que eu. Ela tava com quarenta e cinco, eu tava com vinte e quatro. Eu acho que é isso mesmo.

Aí o que é que aconteceu? Bonito, pronto... aí acabou é praia, é restaurante. Ela começou a me mostrar um... um lado diferente. Sem bagunça, ia eu e ela. Ela conseguiu que eu visse minha filha de novo, que a mãe da minha filha tinha proibido de eu ver a garota. A mãe da minha filha foi levar a menina lá. Tudo, mais, maior conforto, morava num apartamento enorme, de três quartos, com os quatro filhos dela, lá no Cachambi, olha só. Perto do Méier aí, perto da Praça Avaí. Aí comecei, eu morando com ela, trabalhava e saía. Eu trabalhava, voltava normal, tinha a vida normal. Não bebia, não tava bebendo cachaça, só tomava cerveja social com ela, só isso.

Só que eu comecei a me perder, na bebida. Eu comecei a ficar agressivo, com ela. E eu achava que eu já conquistei mesmo, não vai me mandar embora, mas que nada, a primeira vez que eu saí da casa dela, parei na rua, eu tava trabalhando, eu tava trabalhando na São Jorge Cascadura, se eu não me engano. É isso mesmo. O emprego que ela arrumou pra mim, eu tinha até

meu ponto de táxi, já tinha passado dois anos. Aí fiquei na rua, aí eu consegui alugar um negócio em Madureira. E aí pegava de Madureira e vinha embora, Cachambi, trabalhar. Só que eu comecei a cair na bebida, no pó direto. Com ela eu não usava droga, fiquei dois anos praticamente sem usar droga. Sem usar cocaína, quando eu conheci ela.

O ambiente que eu curtia com ela era diferente. Ela tinha a filha dela do primeiro casamento. O pessoal tudo... tudo bem de vida, a filha dela gostava de mim. O filho dela mais novo, do segundo casamento dela, tinha eu como um pai. E o garoto foi crescendo com isso, aí eu voltei pra casa de novo, ela me deu oportunidade de voltar pra casa. Eu voltei pra casa de novo, aí fiquei mais uns dois, três ano. Sem cheirar, eu tava com ela, eu não usava cocaína. Não usava. E no ambiente que eu andava com ela, é um ambiente diferente da drogadição. Podia até rolar, mas era tudo no sapatinho, tudo gente que... pode usar droga, a verdade é usar droga, faz mal? Pode, faz. A minha psicóloga falava: "Eu posso beber, você não pode, porque se você beber, você vai acabar com a cachaça do mundo, tu vai morrer e ela vai ficar aí". A psicóloga que eu tratei lá em Jacarepaguá, na Freguesia.

*"Tem gente que pode usar a droga porque a droga não domina. Não domina ela. E tem gente que não pode nem beber"*

Tem gente que pode usar a droga porque a droga não domina. Não domina ela. E tem gente que não pode nem beber. Eu, por exemplo, eu cansei várias vezes de me... me controlar. Eu usava numa sexta-feira, passava, assim, eu já bebia, sempre ia pra casa e tudo certo, parecia que nada aconteceu. Mas é... um passo pra... pra recaída total, não adianta. Não adianta. Eu via colega meu, eu me lembro que eu via colega meu que na sexta-feira tava bebendo comigo, cheirando comigo, onze horas da noite, o cara ia pra casa. O cara saía de manhã, seis horas da manhã pra trabalhar, eu ainda tava na rua usando droga e bebendo. O cara ia embora, pra casa, normal, dormia, seis horas acordava e tava eu lá no bairro bebendo... Comigo é assim.

*“Meu sonho, meu sonho é poder viver, pra ver meu neto, minha filha. Sinto muita saudade deles”*

Meu sonho, meu sonho é poder viver, pra ver meu neto, minha filha. Sinto muita saudade deles. Há uns dois meses atrás eu tava falando com eles pelo Facebook, consegui encontrar ela, tinha um ano praticamente que eu não falava com ela, não vi o garoto, depois que eu tive a recaída, lá em Santíssimo, em 2016. Aí, sempre tava conversando com ela... Eu sinto falta dele, não adianta. E ela, não fui presente na vida dela não. A mãe da minha filha, quem praticamente sustentou foi meu pai, e a mãe dela também. Pode ser a doida que for, mas a avó é de correr atrás, parou de usar droga, se aposentou. Tá lá vivendo a vida dela. Quando eu sumi, quando eu sumi, eu acho que no enterro do meu pai que ela foi com a minha filha, aí ela falou: “Você tá sumido, largou a tua filha de lado, mas o teu pai não abandonou a menina”. O meu pai foi o primeiro a dizer pra mãe da minha filha pra não se envolver comigo. Meu pai: “Você volte pra ele não. É meu filho, mas ele tá no tráfico, tá roubando, tá cheirando à pampa. Tu vai arrumar filho com ele não”. Quando a mulher engravidou, aí pronto, meu pai ficou doido, ficou doido. Dali foi só... derrota...

Quando tenho algum problema de saúde eu busco ajuda aqui na Clínica da Família. Se eles não estiverem aqui eu vou pro UPA. Vou falar a verdade, não é em todo lugar que sou bem recebido não. No UPA Aí já corre uma discriminação. Eu acho que aquele papel lá daquela Lei 2475996, que... Ééé... eu acho que é... não discriminar. Eu sofro esse... sofro, tenho sofrido esse preconceito no UPA mesmo. Tem duas funcionária que... detesta morador de rua. Elas não gostam. Eu discuti com elas uma vez, elas tavam trancando o banheiro pra a gente não usar. Banheiro, do UPA, que a gente dorme ali, tá entendendo? Trancando banheiro.

O rapaz dava comida pra a gente, janta, o rapaz da limpeza. O que sobrava, ele dava pra a gente, elas brigavam com o cara, pro cara não dar mais. O cara até tinha sumido, aí voltou de novo. Aí só o plantão de ontem que é de um amigo meu aqui de Manguinhos, que, que ele dá. Ele dá, deixa o banheiro aberto, deixa a gente à vontade, é só não fazer bagunça. Mas

infelizmente tem um monte também que faz bagunça, né? Aí, às vezes até tem que entender elas, tem uns camarada que eu vi, eu tô na rua e eu vejo. O cara defecar onde tá dormindo, do lado, onde tá dormindo, já vi várias vezes. Não toma banho não! Não toma banho não.

O outro aí tá reclamando aí. “Eu pego, eu consigo”. Eu acho que hoje não consegue não, nem sempre eu consigo não. E ele não consegue por causa do jeito dele. Eu também sou um cara explosivo, tá entendendo? Mas... eu preciso medir, minhas palavra com os outro, tudo isso. Hoje de manhã ele tava discutindo com o vigia lá do outro lado, porque seis horas o vigia manda todo mundo sair. Vai trocar depois de plantão, põe umas menina ali pra lavar. Foi discutir com o cara, aí eu falei: “Meu irmão, isso aqui não é dormitório não, cara, isso é um posto de saúde, meu irmão, de atendimento pra doente, não é pra a gente dormir não. O pessoal já tá deixando nós dormir, a noite toda aí. Tá reclamando por causa de quê?”. Quando reclama fica mais difícil, com certeza. Tem que aturar filho dos outro, morador de rua, na rua, cuidar de filho dos outro, pode contar no dedo aí. Se a gente morrer, pra muitos aí... É lucro pra eles.

Eu, tenho medo de ser atendido num lugar que não conheço, claro que tenho. Eu corro pra cá, toda recaída que eu tenho, pode perguntar a eles, eu venho pra tratar com o consultório mesmo. Eu confio neles, na equipe, e isso não é de hoje. Já deve ter uns seis anos já. Em 2012 eu já vinha pegar, sete anos por aí. Uns seis, sete anos. Quando eu não pegava meu remédio aqui, eu pegava lá no CAPS, entendeu? Tanto lá como aqui. Agora dá medo. Como eu falei dessas mulher ali, elas não gosta de morador de rua. Não gosta, por causa daqueles cracudo, que isso e aquilo, entendeu? Eu discuti com elas.

Mas se eu passar mal no plantão delas, ué, elas vão ter que me atender! Elas tão na mesa, o médico tá lá dentro, vai ter que me atender. Graças a Deus não aconteceu ainda não. Esses dia que eu passei mal, não era plantão delas não, era do outro funcionário. O cara trata a gente bem às pampa, o cara vive em comunidade aí, entendeu? O cara trata a gente bem às pampa, só pede pra não fazer bagunça, dá comida pra gente todo o plantão dele. Todo plantão dele dá janta pra gente. Quando

eu não pego o almoço aqui, eu vou lá na freira, lá na Arlindo Teixeira. No convento que tem lá, e eles dão almoço. Eles dão almoço lá, o café da manhã, também eu tomo lá. Eles tão pra ver um negócio aí, vou dormir lá amanhã. Eles tão com dezessete morador de rua lá, fazendo retiro com eles, pra depois mandar eles pra o Maranathá, uma casa de recuperação que tem. Eu já passei lá um ano, desse aí, lá em Realengo, mas foi só uma semana. Eu tava em Bonsucesso na época.

Viver em casa de recuperação é confronto direto. O bom é não tá na rua. O bom é não está na rua, eu suportei dez meses ali, não é brincadeira não, cada cara mandado do inferno. Se eu pudesse, eu matava o desgraçado. Pessoas que vive lá, não é pastor, nada disso não. Os caras que chega da rua, mandado mesmo, pra perturbar. Só pra perturbar, fica uma semana e vai embora. Eu me aborreci com dois lá, os caras me infernizando. Com dois lá, desobediente, não sabe como morar no nível do quarto, do projeto, o que é que aconteceu? Eu fui embora, dois dias depois veio o pastor, e o pastor falou que os dois foram embora. Falei, "Miserável, como é que pode?". O pastor: "Você foi embora por causa dos caras, não suportou os caras, os caras foram embora".

Lá pode ficar o tempo que você quiser! Tu morre lá. O pastor, por causa de alma, homem de Deus, servo de Deus, o pastor ajuda, muitas pessoas vai lá. Eu fico com vergonha de voltar, só ligo daqui às vezes pra ele, ele ajuda os pessoal de rua, mesmo quem não quer ficar no centro de recuperação, é na igreja mesmo, tudo limpinho, cama, tudo, chega doação de roupa, tudo. Boa alimentação, eu cozinhava, eu ficava na cozinha quando cheguei lá. E ele ajuda muito as pessoas, só que eu não tenho coragem de voltar pra lá mais, sabe? Eu não tenho coragem não. Eu não tenho coragem, não, foi muita humilhação. Porque... Vira uma coisa que... Porque o que é que acontece, a vida com Deus é uma coisa que tem... tu tem que viver na verdade. Não adianta ficar de engano que um dia a casa cai, e infelizmente ela caiu.

Saí com mulher, o caramba. Ainda tava andando com um cara lá. Não adianta, e Deus permite isso, Deus permite. E aí, o pessoal: "Ah, ele foi embora..." Não, Deus que deixou ele mesmo, tá de engano, de mentira. E onde impera a verdade, é verdade

e acabou, não pode ser lá e cá. A pessoa vive a verdade, pela mentira... E tá eu aqui... Ó o que a mentira me causou! A mentira é várias relações. Sabe que dependente químico é manipulador, é mentiroso, entendeu? De dez verdade, onze é mentira. Quantas vezes eu pedi dinheiro pra comer, pra comer, e fui usar droga. Um dia mesmo aí, eu fui indo lá pro Nova América Shopping, catar um negócio, aí veio uma moça, a moça pegou, pedi a ela dois reais pra mim comer um salgado, um negócio, um pão, a mulher deu vinte. "Obrigado, tá, tia!". Atravessei a rua, peguei um ônibus, Jacaré. Pedra, cachaça. É pra tu vê. A vida dum camarada desse vai andar como? Não anda não. Se me mostrar um que vive na mentira e a vida dele tá andando...

Pra minha vida andar é ir pro trabalho, voltar, entendeu? Voltar, a minha vida a andar é isso, como tava andando em 2015 pra 2016, como tava andando a última vez agora, tava andando. Dormia tranquilo, acordava tranquilo, arrumei uma cachorrinha, a cachorrinha tá lá, entendeu? Ah, eu vou te dizer. Isso é... isso é um... não sei se vai acreditar ou não, mas o meu problema é espiritual, meu problema é espiritual, não adianta. Todo mundo sabe disso, que uma doença química é isso. É físico, espiritual, entendeu? Não adianta. Só a bíblia, a palavra de Deus, é o que tava salvando a minha vida. Eu sempre falo isso. A palavra de Deus salva a vida da gente a cada dia, até que passe atribuições, dificuldades, mas Deus tá no negócio. Se Deus tá no negócio, você vai em frente, a sua vida anda. Minha bíblia tá lá no pastor, sinto falta dela, claro que sinto. Tá lá no pastor, tá lá em São Cristóvão. Eu até liguei pra ele e falei que eu ia lá buscar, mas tenho vergonha de chegar lá. Saí de lá assim, chegar lá isso aqui? Trapo de homem que eu tô! Tenho vergonha, vergonha!



# “COMO EU PUDE ESQUECER EU?”

CECÍLIA, 42 ANOS

Tenho quarenta e dois. Nasci no Rio de Janeiro. Nasci. Eu fiz... aquela, educação para poder... engrenar na Estácio. Terminei o segundo grau. Aí, quando eu fui escolher qual curso, eu já quis ser tanta coisa... quando eu fui escolher qual curso que eu ia fazer, só deu para escolher três. Aí que embananou tudo. Do que eu já quis ser, eu acho que tem até a mais do que a listagem de... coisa que tem. Eu sei que... no final de tudo saiu Comunicação Social, porque eu fui para uma sala fazer, teste, vocacional. E aí deu cinquenta por cento, tudo ligado ao público. Ué? Tudo é ligado ao público. Até coveiro é ligado ao público, ao público morto.

Eu tô ficando agora lá na... lá em Bonsucesso, na Nova Holanda. Ganhei o quarto andar ontem. Porque tem um viaduto, que está desativado. Aí tem a primeira, que é a... que é o... assim que vai para debaixo do viaduto, tem a primeira toquinha que fizeram. Aí vai nisso, vai subindo, o viaduto é embaixo, então vai subindo também, né? Aí o meu é o quarto. Né? Chiquerésimo! Ainda bem que... Ainda bem. Porque eu não gosto de ninguém pisando na minha cabeça. Não tem gente que mora no apartamento que fala isso? Não tem criança pra bater com a vassoura. O que mais tem ali é barulho. Cruz credo. Ao redor, o barulho, o povo embaixo, tem barulho. Ali tinha que ter bloqueio de barulho. Não suporto barulho, ainda mais que sou filha única. Mas... tá.

Eu ganho dinheiro como? Cai do céu. Não, calma, deixa eu explicar... Vou contar a minha vida, é melhor. Eu... não sei a minha terra natal, no sentido esperma, e ovário. Porque... eu só sei que: A história que me falaram foi que eu nasci, dia doze de janeiro. No mesmo dia que eu saí, saí na mão da minha mãe, essa que me criou. É. O meu pai era radiologista formado. Aí trabalhava

na época do Pan. Não sei se ele era adotivo, porque eu não tenho papel de adoção. Entendeu? Tipo assim: a mãe da mulher... a mulher que me criou, ela... teve um filho e o marido dela, que é meu pai, trabalhava no Pan. E a diretora do Pan, tinha uma amiga, que ela... que ela tinha tipo adotado, que engravidou e ela não queria que tivesse filho. Aí... no parto ou ela morria ou eu morria, no caso. Aí no caso... eu não morri. Ela morreu, vamos dizer assim... ela morreu de enfisema pulmonar. Como é que a mulher morreu? No parto? Ou morreu de enfisema pulmonar? Então, história... sem... nexos.

Eu sei que... Porque a minha mãe, ela... ela... já é, já é... minha mãe morreu com oitenta e nove anos. Ela é a mais velha de três homens. Ela... primeira mulata do Instituto de Educação. Ela não podia mais ter filho. E... além de não ter casado com o homem que ela gostava, ela... sei lá... Foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu sei que, meu pai ligou para a minha tia, a mulher do irmão da minha mãe, e falou: "Ó, pega o carro e vem aqui... que a criança já nasceu". A minha mãe foi, mas não olhou a mãe que foi. Não foi lá dentro do hospital, ficou do lado de fora. E minha tia saiu comigo no colo, entendeu? Foi isso.

Eu não sei a história, não sei se sou filha de alguma namoradinha do meu pai. Não sei... se me roubaram no hospital, eu não sei nada. Isso não é angustiante pra mim pelo fato de eu não saber quem é a minha mãe. Mas... é um, é um choro que me sufoca, porque eu não fui a filha que ela necessitou que eu fosse. A que morreu. O choro é porque eu me cobro. Essa história que ela não sabia... eu jamais ia pegar uma criança que não sei de onde veio, entendeu? Ela, ela... ééé... E eu nunca procurei saber quem é minha mãe, nem quero. Pode ser a Xuxa, eu não quero. Entendeu? Pode ter mundos e pode ter fundos, eu não quero. Porque hoje vai fazer um ano e onze meses que ela morreu. Um ano e onze meses. E eu sou filha única.

Ah, ela... ela... minha mãe era professora, do Estado, do Município. Foi diretora, foi dona de colégio infantil. E eu não dei pra nada, entendeu? Eu até brinco que meu tio fala: "Poxa, a família, cada um é alguma coisa, e sobrou pra você nada". Sóóó... badalações, né? Tocou a mim... curtir a vida. Eu falo isso com dor, de boca para fora. Eu fiz doze anos de balé, doze

de natação, curso de informática, curso de inglês... Muita coisa na vida já. Nunca exigiram eu trabalhar, nunca precisou de um centavo meu. Ela, com trinta e cinco, com trinta e seis anos, ela comprou uma casa na Ilha do Governador. É na terceira rua atrás da Casa Show, está lá a casa até hoje. Sabe. Minha mãe foi a primeira mulata no Instituto de educação. Sabe? Então, eu não tive a força que ela teve. E essa força que eu tinha, que eu tive... que eu não estou tendo pra isso, pra encarar a vida, depois de ela ter ido, entendeu? Com isso, eu não sei há quantos anos eu tenho uma conta bancária, que eu não sabia. Eu tenho direito a pensão do meu pai, que meu pai morreu, eu engatinhava. Esse meu pai... Esse meu pai morreu eu engatinhava, já há seis meses, nessa casa que ela tinha comprado, lá na Ilha. Na Portuguesa. Então... É um, é um, é um... é um início com reticências. E eu tô na reticências agora de novo, entendeu?

Fui parar na rua, então, por isso, porque.. tipo assim... A minha mãe faleceu dia onze de outubro... Vai fazer dois anos no mês que vem. A minha mãe, eu tô até hoje brincando e eu vejo a telinha, com a numeração do batimento cardíaco dela, abaixando... Na minha frente. Só tava eu e ela. E os outros pacientes. Ela morreu com oitenta e nove anos. Não sei fazer comida, não sei... nunca me exigiu nada. Nem lavar a minha calcinha ela não me exigia. Sabe? Ah, sei lá... Não é coisa, tipo, de uma barriga de uma mulher que eu não sei quem é. Eu tive muita sorte por eu ter parado na mão dela.

Ela não teve sorte de eu ter sido uma pessoa que não foi a filha que ela merecia. Porque eu não me formei, ela era uma mulher formada... tem... tem lá os graus de estudo dela. Correu sempre atrás das coisas dela, era uma mulher guerreira, uma mulher... Ela sempre fez as coisas, de tudo, ela já pensava nas coisas antes de, de, de... um dia acontecer, que era isso, a morte dela. Seguros que ela fez... pra mim... pra mim poder me... me estabelecer, depois dela, entendeu? Sempre falou pra mim não casar, porque... um homem poderia não dar, o que ela dava pra mim... Falou: "Não casa, porque... não, não... Você não pode trabalhar pro o Estado e nem pro Município, ou você não pode... fazer normal, professora".

Eu fiz só até só o primeiro ano. E saí. Porque, eu... se eu cair

num órgão público, me formar, né... aí seria legal... mas eu perderia a pensão dela. Muita coisa, ééé... Assim... Caso no final da minha formação, eu me desviasse, é... não adiantaria, é... No caso, porque eu iria perder a pensão dela. Então, era melhor eu estar sempre com ela. Porque o dela é garantido pra mim. Até eu presa, quando eu fui presa, para ela também estava bom, porque ela estava ciente de onde eu tava. Era como se tivesse na barriga dela, mas assim, não na barriga, entendeu? Porque ela ficava pensando que eu tava ali, tranquila... Ela pagava especial pra mim ficar. Porque na cadeia tem, né?

Você paga semanalmente um valor que os... que os polícia da carceragem estipula, você vai dormir numa cama. Você não fica no, no montinho, no fedor. No povo, entendeu? Que é no caso, a mesma parte de quem tem a faculdade. Que tem direito. Mas não que eles tenham, na delegacia, a obrigação de você que tem faculdade, te botar naquela bola, naquele benefício ali não. Porque... pra tu tá ali tu tem que... a regra é deles. Tanto é que eu só fui depois que eu mudei de delegacia. Porque, na primeira delegacia o chefe da carceragem não gostava de mim não.

Então, nesse caso... a minha mãe faleceu... Eu... eu já ia... eu já usava droga, antes da minha mãe falecer. A minha mãe sabe da minha vida toda, tá? Toda. Tudo! Fiz cocô verde, cor de abóbora, falava com ela... Sabe? Chegava em casa contando pra ela todas as novidades da minha, do meu dia. Ela só tinha, só tem eu e ela. O meu pai morreu, só tem ela para tudo. Ela já saía... a gente... até dez horas da noite, se ela chegasse, se ela não chegasse, já começava uma dor de barriga em mim ... Era muito ligada uma na outra. Aí como ela sabe que eu ia... pro, pra a favela pra usar a minha droga. Quando eu saía e ficava dois, três dias, era esse crack aí. Mas, fora isso, as outras drogas, eu num... eu continuei na minha casa. Tem como até usar em casa, ligar pro disk droga. Mas eu não quero ficar lá. Não, eu até quero, sabe, eu tô com falta de força para isso.

Porque... como é que eu fui parar na rua. Por eu ir... e ficar dois, três dias e voltar, a gente acaba pegando afinidade com pessoas, e outra... ééé... coisas vão ocorrendo nas nossas vidas. Logo que a minha mãe morreu, eu não... eu vou ficar fazendo o que dentro de casa? Às vez eu ia, sem nem ter vontade de usar droga.

Entendeu? Porque, ao redor de onde eu moro, não que eu não conheça ninguém, mas... a Ilha foi um ambiente que eu... não frequentava na época que eu morava. Porque eu morava numa outra parte, na Penha. Cecília na Penha só tem eu.

Eu já fui presa. Quando eu voltei para a Penha... Ih, "Cecília"... Eu já voltei no artigo... Eu já voltei até como sequestradora, já voltei como assaltante de banco. Eu fui uma mulher um cinco sete, entendeu? Lá na Ilha, eu fui de rolé com umas colega, "Vou com vocês". Olha que doideira! Cabeça de girino. Como minha mãe dizia: "De camarão. Só tem cocô". Foi... Ah, foram roubar uma mulher lá, que já tava tudo já... planejado. Mas antes... como era perto de onde eu morava, elas foram lá, ficaram lá fumando um baseado, não sei quê... Quando soltou, a... esse episódio. "Tá maluca, garota, num sei que num sei que...". "Ah, fica de onda..." Fui junto. Entendeu? Veridicamente, entendeu? Eu nunca precisei de... Meu! Nem meu OB eu precisava comprar. Entendeu. Minha mãe sempre me deu de tudo. Fui presa, a minha mãe ainda era viva, entendeu?

Fui presa foi no ano dois mil. Aí quando eu saí de cadeia, foi no final de dois mil e três para dois mil e quatro. Meu tio, a minha mãe tem... tem a casa lá... na Penha, perto da Lobo Júnior, que já é terreno, que era da minha avó, do meu avô, num sei que, num sei que lá. Ali mora meu tio, que é irmão mais velho da minha mãe, e nos fundos meu padrinho... morava e a minha prima, no outro andar. Então a parte da frente é toda da parte que a minha mãe tem direito. Aí a minha mãe, já tinha... como já tinha construído a casa que é da minha mãe, eu fui pra lá, eu e minha mãe. Ficamo... Aí passou alguns dias, uns colega meu iam me visitar, que eu morava na Ilha. Iam me visitar, era aquela fumeira, era carrão, era moto, isso e aquilo.

No final da minha rua, mora um rapaz que ele é... guarda... florestal, é. E era... ligado com uns cara da milícia dali. Isso eu nem um pouco sabe, eu pouco sabia, que eu tinha acabado de chegar ali. Eu sei que o sobrinho dele, veio me falar... que o tio dele... tinha recebido um recado que... era pra mim sair dali, por causa que eu estava recebendo muita visita de fumê, muito carrão, muito isso, muito aquilo. Que os meus artigos, que eu fui presa várias vezes... Nada disso. Aí eu saí dali e fui

morar em Brás de Pina. Aí minha mãe alugou um apartamento no quarto andar, lá em Brás de Pina, olha só! Em frente de uma comunidade.

Eu continuei namorando esse rapaz que, eu tinha recém conhecido. Que por causa disso e junto com o tio agradável que tava no caminho... Foi o mêrmo bonde que matou os... Os mêrmo milícia que... que o cara era baba-ovo, o tio do menino era baba-ovo... E falou pra mim, né, sair da onde... minha vó mora, morava, né? Minha avó já é falecida... Por coincidência ou não, é o mêrmo povo que matou esse meu ex-namorado que... era, era um dos causadores desse fato de eu ter que sair dali, por isso é que eu fui morar em Brás de Pina. Aí... mas, me perdi um pouco, é tanta coisa... Nisso eu trabalhava e... estudava. Já tava trabalhando e estudando, quando eu saí de cadeia. Porque, eu com quinze dias de fora da cadeia arrumei um emprego lá no Iguatemi. Eu era caixa de uma loja. Pra você ver. E a dona sabia que eu tava presa, que eu tinha sido presa.

A dona da loja... Quando eu arrumei esse emprego... o... cara, o senhor que me entrevistou, ele... e o dono inclusive, ele foi conversar... ele foi conversar comigo assim... e ele foi e falou que gostaria de arrumar uma pessoa que precisasse mesmo trabalhar, porque ele já estava cansado daqueles, tipo, daquele funcionário que entra e sai do nada, *nanananana*. Nem que fosse até ex-presidiários. Aí, que eu... sabe? Deus é muito, muito severo na minha vida. Severo de um modo bom. Entendeu? Então, eu... eu não sou muito ligada a isso, nunca fui guardadora de religião nenhuma.

*“Eu não sei não ser eu. Eu já não sei de onde eu vim, ainda não vou ser eu, não tem lógica”*

Tenho fé em Deus. Eu falei: “Aproveito o ensejo, eu... estou recém saída da cadeia, num sei que, *nanananana*...”. Então, eu já cheguei lá assim. Menina, uma conhecida da sobrinha dele, era... uma menina que tava presa também onde eu tava... Inclusive até um artigo de matar o ex-namorado, e tal, o caso dela era bem pior que do que o meu... não foi na loja com a sobrinha na garupa? Veio aqui... Imagina se eu dou uma de boa samaritana?

Entendeu? Então tipo assim... eu não sei não ser eu. Eu já não sei de onde eu vim, ainda não vou ser eu, não tem lógica. Então, eu sou muito crítica nesse sentido, sou muito... eu me cobro muito no sentido... 'Se for do mundo não me chamo Raimundo'? Não. Não se for do mundo, mas eu que não posso ficar querendo também... entendeu? Mas... da boca para fora, porque é hipocrisia minha.

*"Eu não fui a filha que a minha mãe quis. Mas também não tô sendo a pessoa que eu tenho capacidade de ser"*

Eu... eu não fui a filha que a minha mãe quis. Mas também não tô sendo a pessoa que eu tenho capacidade de ser. Trabalhei no Banerj... Eu... Eu sou uma pessoa que não sou... Nunca botei um chinelo no pé, hoje em dia nem minha unha eu tô fazendo. Eu não sei, exaustão... Era minha mãe, sim. Eu comecei, voltei pro dentista com treze anos de idade, porque eu tomo, eu tenho problema de garganta. Então eu nunca tive catapora, rubéola, sarampo, nada disso. Só a garganta. Tinha um problema inflamatório. Aí... Já usei aparelho, eu já usei isso, já usei aquilo, já usei tudo que tinha direito... Mas... não tinha problema de saúde, nem dentário, médico. Hoje em dia meu dente tá tudo assim, sabe? Como eu pude esquecer eu?

Eu tô me matando porque... porque eu me cobro muito. Por eu não ter sido a filha que a minha mãe mereceu. Deixa eu explicar, não é vício. Porque, se você botar um quilo aqui, e se o quilo acabar, eu vou continuar conversando com você da forma que eu tô, e eu vou continuar sendo a pessoa longe daquele povo ali. Não me desfazendo deles, mas... Nada a ver. Eu sempre fui enjoada, eu sempre fui nojenta, eu já fui até racista. E hoje em dia, dizem que a gente paga quando cospe para o alto, né? Minha mãe queria que eu tivesse uma profissão. Ela queria me ver com aquele quadradinho na cabeça, com aquela cordinha pendurada e com aquele bastãozinho na mão. Formação. Que eu tivesse uma formação. Sabe, ela só queria ter sempre essa lembrança de mim, com aquele chapeuzinho e aquela... aquela bata.

*“Eu estou me excluindo de tudo e de todos. Eu bloqueei tudo pra mim, entendeu? Eu não quero a vida que eu tô vivendo, sei a minha capacidade, mas não boto em prática”*

Eu não fui, eu não fui... eu não fui o que a minha mãe quis, pra mim eu não quero mais nada. Como eu digo. Eu já fui neta, fui filha, de boca pra fora, né? Fui mãe, da boca pra fora também. Por que eu não sou avó? Porque minha filha, eu não criei minha filha. E a minha neta, tem quatro anos. Com isso, acho que eu não vou ao aniversário delas, eu não durmo com elas, eu me envergonho muito. Se é por conta da droga? Não, por tudo que eu não fui. Eu estou me excluindo de tudo e de todos. Eu bloqueei tudo pra mim, entendeu? Eu não quero a vida que eu tô vivendo, mas também... sei a minha capacidade, mas... não boto em prática e... Não sei...

Eu criei minha filha até os dois anos. Aí eu me separei do pai dela. O pai dela trabalhou dezoito anos na Volkswagen, é... Quem criou a minha filha, como é que eu vou saber? Como sempre Deus, entendeu? Minha mãe... a minha mãe foi mãe de... pra mim, entendeu? Por causa que ela trabalhava de dia e de noite, né? E a mesma coisa a minha filha. Eu morava... ela foi morar na Penha, foi quando o meu pai faleceu. Voltei pra a Penha, morava na Ilha, voltei pra Penha. Aí lá morava, nos fundos, o meu tio, minhas primas, e na frente, minha vó. Aí morava eu, minha vó, meu tio solteiro e minha mãe.

Quem me criou sempre foi minha mãe. Quem cuidava de mim durante o dia era minha vó, minha prima, que é sobrinha e afilhada da minha mãe, desse meu tio... um dos meus tios, um... um... O meu tio, era solteiro. Ele era... espírita, acho que é até hoje... sempre morou ali, mora lá até hoje. Entendeu? Trabalha, trabalha no aeroporto... E o meu outro tio, é um tipo um eu da vida, entendeu? Que foi pra tudo quanto é coisa, mas nunca quis nada, e é o pai dessa minha prima que morava também lá. Então... quando a minha tia trabalhava, a mulher desse meu tio, mêmno eles tando separado, a minha mãe pegou uma empregada, botou a empregada lá... e ela ficava junto com a minha vó tomando conta de mim.

Eu... eu... eu nunca morei com homem nenhum, entendeu? Eles que iam... ele é que morou na minha casa, entendeu? Então ele saiu. Continuou a mêmra coisa, eu, minha filha e minha mãe. A minha filha ficou com infecção urinária e eu... eu morando, eu mora... eu morava na Ilha, estudando em Bonsucesso e trabalhava num outro shopping e ficou esse triângulo. E a médica da minha filha era na Penha. Médica que, que já foi minha... médica de... da família. Então, a minha tia... que é uma moça que minha vó criou, como, como filha, mora na Vila da Penha. Então... E ela também é aposentada e, tem a minha prima que mora com ela, que é que nem eu e minha mãe morando sozinha, ela e minha prima.

Então, a minha prima estava fazendo só cursinhos, então minha filha ficou lá, pra minha prima levar... pra mim fazer esse triângulo e pra não ficar pesado pra minha mãe. Entendeu? Porque a minha mãe é que resolve, resolve tudo. Ela faz aquela listinha, fazia aquela listinha dela, fazer compra, ir não sei aonde, não sei aonde... até dez horas da noite, a hora que ela chegava. Entendeu? Isso, aí foi isso. Nisso, a minha filha ficou na minha tia, né? Com o tempo passando, a minha... a minha filha tendo lá... semanalmente, o... a visita no médico pra tratar da infecção urinária, com um dois anos de idade, e... eu ia lá, pegava, levava pra casa, no final de semana, e acabou ficando sempre assim, depois.

*“Depois que a minha mãe morreu, eu fui largada no mundo, eu me desfamiliarizei”*

Porque a minha prima ela é cristã, então, a neta da minha tia é a minha filha. E até hoje. Dois anos que eu não vejo minha filha e minha neta. Depois que a minha mãe morreu, eu fui largada no mundo, eu me, eu me desfamiliarizei. Essa minha prima tem notícia minha... Minha tia... que é a mãe dela ... É, a minha família é só elas duas...

*“Eu ia pra rua pra usar droga, dia de domingo pelo menos eu tinha que tá em casa. Porque domingo era o dia da família. Agora é o pior dia da minha vida. Ela*

## *morreu de domingo pra segunda”*

Minha mãe falou que ela teve, enfisema, ela teve enfisema, teve... acidente vascular encefálico. Eu sei que, eu ia pra rua pra usar droga, dia de domingo pelo menos eu tinha que tá em casa. Podia ser a hora que fosse, domingo eu tenho que tá em casa. Isso desde sempre. Porque domingo era o dia da família. Agora é o pior dia da minha vida. Ééé... Aí, eu cheguei em casa no domingo, ela foi acordou, abriu a porta pra mim, fui dormir. Aí eu dormi de segunda pra terça, de terça pra quarta. Levantava, ia no banheiro, comia alguma coisa, tal. Na quarta-feira ela passou mal, mas eu não ouvi...

Aí na quinta-feira ela passou mal de novo, foi quando eu chamei o meu vizinho, que eu não consegui falar com o meu tio, pra pegar o carro em casa e levar ela. E... fomos pro médico... Inclusive ela morreu de domingo pra segunda. Ela não falava nada. Ela só me olhava. Ela...

Sempre fez tudo que eu quis. Eu fui a primeira a ter videogame na minha rua, fui a primeira a ter a Barbie. Eu tinha um mundo da Barbie na minha casa, eu tinha um quarto só de brinquedo e o outro onde eu dormia. Sabe? Tudo, tudo, minha mãe me deu. Ela sabia que eu usava droga, ela me dava dinheiro. Com raiva, mas ela me dava.... Sabe, eu não sei distinguir a minha filha pra você. Eu não tô sabendo distinguir mais nada de mim. Meu tio fala assim: “Ah, agora tá satisfeita, né, agora tu vai gastar o dinheiro da tua mãe”. Aí eu falei: “Pra que que eu quero...”.

Aí como você diz, da onde vem o dinheiro? Meu, te juro que entrar por um quarto, pra mim dar, eu não vou dar, porque, homem nenhum. Eu nao quero, eu não dou. Homem eu fico com quem eu quero ficar. Nem com a intenção de ganhar dinheiro. Agora... Dar? Por dinheiro? Eu já me apresentei isso antes de ela morrer. Eu me mostrei pra a minha mãe como uma pessoa que transava por dinheiro? Não. Eu via que nessa vida aí de cracolândia relacionamento não existe... com ninguém, assim, com usuário... Eu chegava assim num dia, tava aquela menina ali namorando com aquele cara, daqui a pouco, já com outro... Gente, o que que é isso? Eu comigo mesma, eu ficava de observação em tudo.

Eu gosto muito de conversar, gosto muito de falar, mas eu... mas eu também analiso muito as coisa. Então... eu ia pra ali pra usar a minha droga, não tô nem aí, vai morrer na minha frente, não posso fazer nada, ninguém aqui vai no enterro de ninguém. Meu modo de pensar aqui é esse, nunca nenhum usuário de crack vai no enterro de nenhum usuário de crack... Respeito ali... cadê? Conhecem a palavra? É porque ali eles têm o dicionário deles, o jeito de roupa deles, o estilo deles, tudo eles...

Não tenho facção não, nunca morei em comunidade. Eu faço o que eu quero, não tô nem aí se morreu, se o bandido é bonito, eu não vou... eu não vou... eu não vou fumar o bandido. Eu nunca fui Maria Fuzil, nunca fui Maria Moto, nunca fui Maria Gasolina, nunca fui Maria nada, não vai ser agora que eu vou... Facção, eu vou saber que facção? Eu nunca morei em comunidade! "Ah, porque ele é que deu o sangue..." Nem minha mãe me deu o sangue. Ela me deu em vida, o suor dela, entendeu? Amigo? Ali ninguém tem ninguém não. Eu sou só. Eu sou só, entendeu? Como essas meninas aí... Poxa, eu não tô vendo nem eu, entendeu? Eu sou muito preto e branco, eu sou muito sim e não, direita e esquerda, branco ou... eu sou assim entendeu? Oito ou oitenta...

Quando eu preciso de algum cuidado, o que eu faço? Choro. Me estoro, me estresso. Eu sou assim, eu ó: eu tô aqui quietinha, com a minha droga... Vem alguém inconveniente me perturbar, que na rua todo mundo é inconveniente, até eu posso ser inconveniente, mas eu não estou nem aí, porque eu sei que eu não levanto pra ir até ninguém... Ó, eu sei que eu quero uma coisa, mas aí... Parei aqui. Mas... Quando eu tô, tô de mau humor, né? Mal comigo. Eu me, eu me excluo. Mas ali não existe exclusão, que eu já falei que a linha... a, a linha do trem é Leopoldina-Saracuruna, então... mas, pelo amor de Deus, não tem outro lugar pra essas pragas sentar, não, vem sentar do meu lado, pra me pedir alguma coisa. Pedir, tudo bem, mas pega e some! Entendeu? Já pediu, já usou? Não vem ficar contando *blá blá blá* no meu ouvido não...

Eu sou... meu, eu sou meio radical. Meia rabugenta assim. Se eu sou brigona? Pela, pelo meu... pela... pela minha opinião, eu sou. Assim, é... não adianta, você pode estar... se você, é... Se eu tiver

que me incluir num fato, a minha opinião prevalece pra mim, cabô. Eu estando certa, eu discuto até com homem. Tipo assim, ó, eu falo que eu não dou base pra cracudo e nem pra cracuda. Por quê? Você pode levar tudo, até meu, até alguma coisa meu. Eu vou te cobrar, num dia, vou te cobrar no outro dia. Depois, eu não vou te cobrar não. Quando acontecer alguma coisa na hora certa que Aquele lá permitir... Ué! Como num exemplo, um rapaz um dia queria apertar a minha mão, ué! Qual é a diferença? TOC? Então assim... anteonte eu fui lá na sua porta cobrar o rapaz que me devia, tu falou que eu era maluca, mentirosa, dizendo que eu era aquilo outro, você ciente que eu tava certa. E agora você chega e quer apertar a minha mão? Entendeu? É assim... É pão-pão, queijo-queijo. Ali todo muito gosta de mim, porque eu sou bem boazinha. Por quê? Porque sabe que se eu for em casa, vou voltar com muito dinheiro. Eu chego lá de taxi, arrumada. Entendeu? Era assim que eu chegava.

Só fui na minha tia, dia das mães, pra passar com ela, daí eu fiquei uns cinco, seis, sete dias lá. Aí eu mesmo pedi pra ele... eu gosto muito do Malafaia, eu não sou... fiel a pastor nenhum, essas coisa não, mas eu gosto, dele, eu não sei. Não é dele da pessoa, mas... quando ele faz a descrição, de cativar ... Chamar, o cristão para ele, entendeu? Desse tipo dele eu gosto. Ele não é "Ah, vem aqui na frente", Igreja Universal, eu não gosto não. Aí... Mas choro em todas que eu for. Choro porque minha vida dói, é dolorosa, entendeu? Deus é um só, se tiver que ir na macumba, eu vou, se tiver que ir na...

Minha mãe era daquelas que falava assim pra ela: "Vai não sei aonde, porque, lá". Eu já fui num troço que tinha uma cruz que ficava assim, que botava uma pólvora dentro... eu lembro disso e eu era pequena. Sabe? Ah, lugar é bom, que eu ia melhorar, minha mãe me levava. E já fiz muito exame de... exa... exame... que coloca aquela massinha assim na cabeça. Eletroencefalo... *Ihhhh*. Já me falaram que tudo foi falso. Tinha problema na máquina. Que eu não sou normal, já me falaram. É, porque eu pequenininha, eu usava bota, eu dava nos garotos da escola. É, eu sempre fui revoltadinha, entendeu, entendeu? Mas sempre fui tranquila, entendeu, no sentido...

No sentido, meu, eu viver a minha vida. Sabe? O que é meu não

é meu. O que é meu é isso aqui. Sabe? Que nem meu tá sendo porque eu não tô dando valor. O meu é isso aqui. Pelo amor de Deus. Eu não tenho nada aqui. A única coisa que tem aqui é meu corpo, entendeu? Eu, eu não gosto... eu não uso nada de ninguém. Roupas, não pego nada de rolo, que tem gente que chega lá e bota tudo na mochila. Não, não pego nada de rolo. É. Corta. Já pensei dessa forma, já agi dessa forma. Hoje em dia eu, pego. Mas pego... Por exemplo, esse chinelo... O chinelo, o menino passou fazendo rolo. O chinelo, eu dou uma pedrinha.... Eu nunca gostei desse bagulho. Nunca gostei. Não caiu do céu o chinelo na mão do cara.

Mas, eu comecei a observar que tem mão de igreja. Que as igreja vai, leva roupa, levam isso, levam aquilo. Então, Deus é tão bom que nunca ninguém bateu lá pra falar “Tira isso aí, que isso aí é meu”, entendeu? Eu não uso isso, a não ser que seja auxílio de religiosos, coisa rara. Uma bluzinha na Nova Holanda quinze reais. Da onde vem o teu dinheiro? Então, eu já vi isso em muita coletividade. Tem muita gente que não gosta também de mim ali, mas ri para mim, entendeu? Sorri.

Eu tô nessa há muito tempo. Então, e ali é um, é assim... é um piscar de olhos, agora você tem, outra hora você não tem. Então, tendo, um que precisa do outro. E eu sou meia anti-humano... mas eles não são, entendeu? Eu, dependendo do meu estado de espírito, eu até dou. Quando eu falar, pelo amor de Deus, três perna, dois saco, pentelho, pedindo alguma coisa. Desculpa a expressão. Ou eu não dou ou eu dou. Mas, aquele que me fez essa pergunta, é o mesmo que daqui a pouco vai estar tirando alguma coisa, ele mesmo vem, “Toma aí, não sei quê, me dá”... Já sabem o meu jeito de ser, a minha raiva, a minha rab... rabugice, entendeu? Eu num... Eu mais dou do que não dou.

Tipo assim, ééé... voltando, da onde vem o seu dinheiro? Eu tenho um amigo, que ele é casado com uma menina lá na Nova Holanda, que... eu conheço ele há muuuitos anos. Tinha uns... uma partezinha aqui no Jacaré, que é de usuários também. Então, ele mora lá. Quando a minha mãe faleceu, ele e ela me emprestaram, me ban... me chamaram, e me botaram lá num dos quartos que ele tem, pra mim ficar. Um incentivo, ainda mais que eles conheciam a minha mãe. Aí, é como se fosse um

irmão meu. Eu nunca deitei debaixo dele, nunca quis ele como homem. Ela, pra mim é uma cunhada de um irmão que eu nunca tive, e por aí vai. Então tem muito respeito entre a gente. Ela mora ruas após a da Cracolândia, mas a mãe dela vai lá, chega e conversa com todo mundo. Ela é o terror da Nova Holanda.

E eu sou muito clara. Eu num escondo as coisas, sabe? Então, eles sempre me viram assim, eu sempre conheci assim, sempre vou ser assim, então eles também se cativaram comigo. Entendeu? Eu num quero nada que não seja meu. Pode ter certeza, que você vai sair, tua bolsa vai ficar aí e não vou querer, ter aquele desejo de querer mexer, curiosidade, nem aquela doença que o rico tem... Tem muito rico que bota... sabe? Então, eles sabem da minha índole, sabe que... mal que... não, eu só faço mal a mim. Mas aquele mal, eu comigo. Não é eu, porque eu roubei isso aqui teu e fiz mal a mim. Entendeu? Então eles me conhecem. É como se fosse a minha família. Isso. Agora eu ganhei o quarto andar, larguei eles pra ali e fui morar no meu quarto andar.

Falei pra ele, ó: dinheiro de novo! Quando uma moça foi jogar um negócio fora. Eu não sou de, de, de... pegar lixo. Tá maluco! Deus me livre. Aí falei: "Moça, aquela televisão aí, deixa do lado de fora". Aí já tavam indo lá pegar, eu falei: "A televisão é minha". Levei a minha televisão, emprestei pra eles, a luz a gente tira do poste ali... Na rua, ali na região do viaduto. Aí a gente, seis horas da noite, vou botar meu negócio pra funcionar. Aí, o meu amigo falou assim: "Vai aparecer algum Lelixão"... Lelixão é aqueles, aquelas pessoas que tem algum dinheiro e te dá mole, entendeu?

Então o cara gosta de você, eu não faço isso. Aaaahhh, mas vamo pro quarto? Vamo. Não sou terapeuta, psicóloga, não sou analista, não sou psiquiatra, não, pelo amor de Deus. Eu converso, lógico. Melhor que tirar a roupa, né? Vamos conversar. Mas aí eu falo, "Olha, hoje foi uma *análise*, eu estou uma terapeuta, hoje foi só entrevista". Hahahaha! É! Porque é alugado por uma hora o quarto, não vou ficar... Não vou ficar no quadrado uma hora nada! Menino, vai enchendo o meu copo aqui. Tá pensando... Depois que enche meu copo... Tá bom. Tem que me pagar, né? Eu sou assim, ó... Se falam pra mim que querem

sexo, alguma coisa, eu já conto com esse estado de espírito do... do ser drogado... não, não vai acontecer nada. Já subo, “Me dá meu dinheiro pra eu fumar o meu cigarro”, aí, pronto, o cara já me pagou.

Se não rolar... Se não rolar, não. *Não vai* rolar, entendeu? Não vai rolar. Aí se ele reclamar, aí eu falo assim: “Eu não posso fazer nada, o tempo acabou, quer que eu faça o quê? Você quer vir pruma Cracolândia arrumar...”. E quando eles falam assim, “Vou te dar dez reais”. O quê? Ah, não! Eu falo, “Ah, meu filho, pelo amor de Deus, dez reais, nove reais é meu cigarro”. Eu fumo Marlboro vermelho, *box*. Meu isqueiro é BIC, cinco reais, o mais barato. O que vou fazer com vinte reais? Eles me pagam... meu, é de acordo de como eu tiver, se eu tiver querendo um pouquinho de droga, se eu tiver querendo um cigarro ou um isqueiro, ah... pode me dar... no mínimo, no mínimo vinte reais tem que cair na minha mão. Porque não serve pra *nada* esse dinheiro, eu gosto de três dígitos, pra cima. Eu gosto de três dígitos. Eu fui criada dessa forma, entendeu, mas como eu optei por aquilo ali, fazer o quê. A gente vai, a gente, agente vai aturando esses beneficiozinhos.

Eu namorei um cidadão que tacou uma pedra. É que eu namorei um cidadão... namorei não, dei oportunidade, que em Cracolândia ninguém quer casar... Aí o rapaz me ligou da primeira vez, ele era o culpado, né? Mas aí eu dei a oportunidade de ser a culpada, numa briga, eu quis ouvi-lo, quando eu voltei pra ele. Voltei, voltei, dei a oportunidade, a culpada agora sou eu. É, porque você abre o verbo, você é culpada, segundo aí eu sou a culpada. É que nem minha mãe falava: “O homem nunca sabe por que tá batendo, mas a mulher sempre sabe porque tá apanhando”. É coisas que eu começo a rir, com gosto, entendeu, são lembranças boas.

E aí o que é que aconteceu? Aí, eu me levantei pra andar, porque eu quero andar, vou andar, a perna é minha, a vida é minha, entendeu? Aí ele pegou a pedra assim e tacou, sem mirar, sem nada. Aí a pedra veio assim, *bummm*, direitinho na minha perna. Tipo assim, o meu pé está aqui, minha perna tá aqui, bateu... Na ponta do dedo. Tá inchado, tá preto, mas a unha ainda não caiu. Tem um mês mais ou menos. Na hora que aconteceu isso,

ah, sou sangue frio... Fiquei ficando, lavei, botei, pinguei lá um... Porque lá no meu irmão tem tudo, ele mexe em eletrônica, ele mexe em bicicleta. Então, então ali é a casa deles. Tem a parte medicinal... primeiros socorros, quer dizer. Aí lavei com sabão neutro, lavei, botei soro depois. E fiz o... porque aqui abriu, essa parte de cima aqui, chegou a ferir, então... Mas secou logo, assim, menos de quatro, cinco dias estava... E estava enfaixadinho e ficou.

De manhã dá uma dor. Mas, como a minha vida é comer, tomar banho e dormir, e eu fico ali zanzando, ele secou. Dia de domingo eu não gosto de usar droga, dia de segunda pra mim... Eu só uso quando eu quero usar, porque eu gosto de dormir, mas eu não dormi até eles chegarem, eu tô dormindo desde a horas que eles do Consultório na Rua saíram de lá ontem. Nós nos conhecemos faz séculos, entendeu? Quando eles me conheceram eu ainda era toda *nhe nhe nhe*, só que... E outra, o medicamento tá me dando dor aqui, minha medicação é muito forte...

Porque tem que ir, ela me pediu pra tomar diclofenaco de potássio, porque vai diminuir a inchação, porque ele acha que eu fraturei esse ossinho, entendeu? Então ela me deu esse remédio pra tomar. Eu preferia ficar no hospital, numa clínica, tomando injeção, entendeu? Aí, tá. Mas... a urina tá ficando... escura. Não tá avermelhada, mas tá mais, amarelo mais escuro. Com odor, entendeu? Uma dor aqui, eu tenho pressão baixa, então... eu já não tô, eu já não tava, não tava conseguindo andar direito, entendeu, já tô andando mancando. Aí com dor, com urina que eu... Meu, me bota no médico, me fura toda, eu saio quando ele achar conveniente, mas eu... eu não gosto de sentir dor... Não, eu gosto de, eu gosto de me sentir... eu gosto de tá bem de saúde...

O meu sonho hoje... ééé... eu vou tomar tino na minha vida. Porque eu sou uma pessoa que eu tenho três casa, tenho o dinheiro que a minha mãe deixou pra mim, tenho uma filha que precisa de mim. Uma neta que precisa de mim, o meu sonho é ver o caderninho da minha neta, entendeu? Ver a minha bisneta. Porque eu sempre falo que... "Fui neta, fui filha, fui mãe, sou avó, posso morrer". É mentira. Num quero morrer.

# “EU SEI FAZER AMBIENTE, EU TRATO TODO MUNDO BEM. SEMPRE FUI PRESTATIVO”

RUBEM, 53 ANOS

O motivo de eu estar aqui no Consultório é doença. Enfisema pulmonar. Eu fui fumante durante trinta e cinco anos. Hoje em dia eu não uso, eu não fumo mais, tá? Parei em 2014 quando tive pela segunda vez a tuberculose. Eu curei, fiquei internado oito meses no Hospital Santa Maria. Oito meses. Saí curado. Dali pra lá, eu não fumei mais, que já tava seguido... já estava sentindo muita falta de ar. Tomando remédio, fazendo... me tratando, certinho, saí dali curado.

Eu já tinha parado antes, quando comecei a ficar doente. Porque eu já tinha, eu tive a primeira tuberculose em 94. E eu era fumante, continuava, é... Mêmno me tratando, eu fumei. Eu me tratei da primeira tuberculose, fiquei internado também, mêmna coisa, seis meses, saí dali curado, mas... eu fumava, fumava, fumava. Usei muita droga.

Aí em 2000 eu fui pra rua, fui morar na rua, dali eu fiquei fumando mais ainda... e fui destruindo o pulmão. Fumava cigarro do chão, fazia mirrole, porque eu não tinha cigarro. E aquilo foi piorando. Quando eu comecei a ficar com a doença eu fui pro hospital, até fui bem tratado. No Santa Maria. Do estado. Fica em Jacarepaguá.

Quando eu saí, quando eu recebi alta, já me botaram no abrigo. Lá em Realengo. Mas eu saí de lá, porque lá não tinha condições. Muita gente junta também. Muita gente doente, os banheiros lá eram precário, cê podia pegar uma infecção ali. Entendeu? A

higiene ali é horrível. Saí de lá.

Já tava morando na rua já, já morava na rua, mas aí continuei voltando a mora na rua. Morei na rua uns vinte anos, em São Cristóvão. Na estação de São Cristóvão. Ali pertinho da Quinta da Boa Vista. São vinte anos ali. Todo mundo me conhece, todo mundo me trata bem, trato todo mundo bem.

Não acho que na rua você tá melhor do que dentro de um abrigo. Não. Não tem como. Isso não existe. O abrigo, veja, bem, você sai, tem hora pra chegar. Aí como em situação de rua eu era usuário de droga. Que que acontecia, ficava na rua, às vezes a madrugada usando droga. Aí o que acontece, se você ficasse dois, três dias na rua você era desligado, tem um prazo. Agora que eu tô pra receber o benefício, tô correndo atrás, pra alugar um quarto. Entendeu?

Eu nunca fui de beber não. É... resolver essa questão, comprar o meu, meu, meu nebulizador, e pronto. Porque aqui eu faço uma vez só e o correto é você fazer três vezes: seis horas da manhã, meio dia e seis horas da tarde. Mas agora como é que eu vou vir aqui três vezes aqui por dia? Agora eu venho uma vez só. Todo dia. Cara, lá eu faço tratamento. Tanto faz lá ou cá. Mas aqui, aqui, tem uma coisa que lá não tem. Aqui a gente precisa de injeção, lá não tem. Cortisona na veia. Quando a crise tá forte. Meu pulmão tá muito destruído. Eu não vou pra outros lugares, só venho aqui.

Hoje em dia, não uso mais droga. Negativo. Parei. Na marra. Tanto com a droga quanto com o cigarro. Beber eu nunca bebi na minha vida, nunca coloquei um álcool na boca. Nunca mais. Parei, não gosto mais de cigarro, não gosto mais de droga. Não sinto vontade nem um pouco. Não tive abstinência, como eles falam. Graças a Deus. Tenho crise de falta de ar. Do pulmão.

*"A verdade é essa, a gente só ficava drogado porque era o nosso psicológico achando que a gente tava drogado"*

Quando eu usava droga, era cocaína. Pó. Crack, não. Maconha, não. Só. Cocaína não, mistura, né? Das brabas. A verdade é

essa, a gente só ficava drogado porque era o nosso psicológico achando que a gente tava drogado. Porque na verdade é tanta mistura, de tanto tipo de remédio que eles misturam na cocaína, que não... que a cocaína mesmo em si não faz efeito, o que tá fazendo efeito é o remédio que eles misturam. Entendeu? A verdade é essa. Aí a gente pensa que tamo drogado, mas que na verdade não estamos drogados. É nosso inscosci.. é nossa...Psicológica. Achando que tamo drogado, mas não tamo. Entendeu? Infelizmente. Mas eu parei.

Na rua eu fico sozinho, só eu mais um cara só. É... num me envolvo com muita gente, não, que eu não conheço a pessoa. Primeiro que eu não conheço o cidadão. Quem é ele? De onde ele veio? Eu não sei. O que que ele fez, o que que ele faz?

Perdi minha mulher por causa da droga. Me separei dela, dos meus filhos, e vim pra rua. Perdi meu emprego, não tinha mais condições de, de, de, de pagar o aluguel. Comecei a vender as coisas de casa... Desmoronei. Fui nocauteado. Isso tem vinte anos.

Éeee. Ai desse dia pra cá, quando passei a procurar o abrigo, arrumar um albergue, né, não existia abrigo, aí comecei a ver a realidade da vida. Aí fui vendo que não, não é dessa maneira. "Vou dar a volta por cima, vou parar, evitar de usar muita droga e de andar com certas pessoas, como morador de rua". E assim foi, fui fazendo...

Nunca mais tive contato com ninguém da família. Não, não. Nem com meus filhos. Voltei assim quando eu arrumar um quarto. Ai eles vão saber da verdade. Todas. Agora não adianta eu falar a verdade. De repente, eu acho, que até se eu falar a verdade, o que aconteceu, o que tá acontecendo comigo eles, podem falar assim: "Pô, papai, então vem pra casa". Não, mas eu não quero. Não, porque fica muito distante pra mim. Eu quero acabar meu tratamento aqui, ter meu quartinho, ter meu nebulizador. Problema demais, chega.

Eles não sabem onde eu estou, eles tão tudo grande, então. Moram lá em Caxias. Bairro Figueira. Eles tão há vinte anos sem me ver. Dois filhos... E já tão grandes já. Um até casou já. A outra acho que vai casar também, ou já até se casou, eu não

sei, eu devo até ser avô e não sei. Não sei. Tô com falta de ar... Quando falo muito me dá falta de ar.

Na rua sempre tive poucos amigos. Mas a maioria é tudo morador. Policiais do Batalhão, pessoas que trabalham nas redondezas, nas imediações, no posto de gasolina, restaurantes, taxista. Porque eu sei fazer ambiente, eu trato todo mundo bem. Eu sempre fui prestativo. Se você me ajudar eu te agradeço pro resto da vida. Ou eu fazia isso, ou eu ficava perambulando. Eu não vou ficar pulando de bairro em bairro, não. Eu escolhi aquele bairro, vou ficar.

Até com os policiais, eles me respeitam. Eu tenho um ponto de carro ali, depois do hospital Quinta Dor, ponto assim de rua, estacionar os carros. É de lá que eu tiro o meu sustento, meu papá. Minha passagem. Tomando conta dos carros. Hoje eles me ajudam. Quando eu comecei a ficar doente, eles me davam comida, tá entendendo, me davam conforto na rua, procurava saber. “Ô, Rubem, como é que tu tá?”. Me levavam no posto de saúde pra tomar remédio.

Mas aquilo não era todo dia, que eles podiam me ajudar. Que que eu fiz, pedi força a Deus e fui me internei. Assim que eu cheguei, primeira coisa que eu fiz, naquela rua, ali, no bairro, fui agradecer as pessoas que me ajudaram. Eles sabiam que eu tinha me internado, mas não sabiam onde era o hospital. Muita gente não sabia meu nome todo, entendeu?

O pessoal deve ter pensado: “Ele morreu. Morreu”. Mas quando eu apareci mais gordo, foi uma alegria. E agradei a todo mundo. Até hoje. E até hoje eles me ajudam. Se eu chegar lá, pedir um pratinho de comida eles me dão. Mas eu não quero isso. Eu posso ter problema de saúde, uma doença que não tem cura, mas eu tenho condições de ainda de ter meu dinheirinho, de andar um pouquinho, não é preciso pedir. Eles ajudaram no que puderam.

# “OS POLICIAIS FALARAM QUE DEUS ME USOU ALI”

ANA CRISTINA, 32 ANOS

O motivo de eu estar aqui no Consultório na Rua agora é... muito puxão de orelha do meu esposo... e a Cássia sempre encontrava eu e o meu marido. Nós morava aqui no Manguinho, aqui na Coreia. Ela já foi várias vez lá no nosso barraco, na época que nós morava aqui, me atendeu dentro do meu barraco na época que eu estava grávida, ela fez uma coisa lá... Ela só bateu, só fez a ultra pra ver o que é que era, pra saber se tava bem. Né. E eu preciso também cuidar da minha saúde, preciso saber se eu tô com algum problema, porque devido estou de novo grávida. Aí... Daí eu também não só pela gravidez, pra ela fazer curativo, pra saber... No meu pé. Tô com dois pino, sete meses.

Dia... Foi dia dois de novembro de 2017, às sete horas e catorze minuto que isso aqui me aconteceu. Eu e meu marido saímo... da casa da minha colega, nós íamos pra comprar uma lata de sardinha e alguma mistura pra fazer uma comida... Nisso eu atravessando em cima da calçada, o 292 subiu a calçada, né... pra... pra não passar num buraco, e me atropelou. 156 ponto, dois parafuso pro resto da vida, permanente... e nos parafuso, oito ponto sebo-de-carneiro. Aqui não tinha sido atendida, mas na rua eu já fui... umas três ou quatro vezes atendida pela Cássia. E pelo... seu xará também. Né. E isso é de ano, porque eu e meu esposo já estamos sete ano casado, e isso desde a época que nós morava aqui. Bota aí... tem uns quatro ano por aí, uns três, quatro ano.

Não só recebemo em termos de cuidado de saúde, mas também como... já recebi muitos conselho e muitos incentivo pra... lutar pelos meus objetivo, que a Cássia ela não é só uma profissional de saúde, ela é como uma mãe pra nós. Nós moradores de rua, usuário... Ela nos trata como se fosse... alguém da família dela. E

o bom dela é que ela se... Ela não tem preconceito. Coisa que em outros lugares, outros hospitais, outros postos, pessoas assim como ela... atende, mas naquela, aquela discriminação, aquele racismo, né. Por ser usuária, por ser morador de rua, por ser isso, por ser aquilo. A Cássia não tenho nada que reclamar dela, muito pelo contrário, só tenho que agradecer e... a ela por ela ser a pessoa que ela é. Nos outros lugares eu fui atendida mais ou menos. Nem quando eu fiquei internada lá no Salgado Filho devido isso, teve também lá... lixo, preconceito, um desmerecimento de uns... enfermeiros, de uns... médicos, umas coisas de coisa assim. Entendeu? Por... não ter endereço fixo, essas coisa. Por... ser usuária, porque eu não escondo, eu sou usuária mesmo, eu vou esconder pra que? Aí houve aquela discriminação, às vezes de... eu pedir uma coisa, estar precisando daquilo, nem *tchum*, não atender, né.

Eu tô precisando é ver meus documento. Entendeu? Só que nessa parte, meus documentos fica um pouco complic... um pouco complicado, porque... a última vez que eu fui em Minas, o cartório já não era no mesmo lugar. E o cartório onde eu fui registrada... enchente, essas coisa, muitos documentos se foram embora, né? E antigamente não é que nem hoje... não era no computador a coisa, antigamente era ... tudo escrito, era até aquelas máquinas, tipógrafo que escrevia, e não sei o que, e aí fazia o papel e guardava lá no coisa. Aí isso pra mim tá complicando até pra mim receber mesmo o dinheiro disso daí que tem direito, o DPVAT e não sei o quê. O processo... Aí está difícil por causa dos documento. No Rio teria como fazer uma nova certidão. Mas aí vai ser, vai... É só eu e o meu marido que tá agindo isso. Não é? E ajuda de alguns... alguns parentes dele lá na São Pedro... que é lá na Linha Amarela.

Desde os meus dezessete ano que eu sou moradora de rua. Vou fazer trinta e três agora dia 24 de dezembro. Fui pra rua... Revolta... da vida... Não é? Nos abrigo que eu ficava, me maltratava, até... tentativa de estupro já houve, né, várias vezes nos... nos abrigo que eu fiquei, né. Antes de ir pra rua eu tava em abrigo. Tinha um abrigo... Eu não tinha família porque... meu pai e minha mãe tinha falecido. Eu vim pro Rio, praticamente com oito ano, eu fiquei órfã de pai e mãe, aí fui direto pro... pra Vara da... Vara de Infância lá em... Como que é o nome ali? Perto do

Sambódromo. E aí eu fiquei até... os quin... até os dezesseis ano em abrigo, só que... o último abrigo que eu fiquei, né, que foi ooo... Central Carioca, ali perto dooo... Raul Seixas... É, antiga... agora é CAPS, mas antigamente era um abrigo, né? Que era pra... pra mulher e homem, aquele do lado ali.

O último... ali foi a última passagem minha ali, que o... Como fala? Os educadores... que eles se chamam educadores, tentou abusar de mim e abusou de seis crianças de menor. Que... É, aquele... lá tinha aquele negócio, a criança podia... ia pro colégio, e voltava. E os pais, né, da criança... saía pra trabalhar e voltava, só ficava lá à noite. E de manhã. Nisso, que eu fui para o colégio, eu denunciei... que tentaram me estrupar. Seis educadores, quatro mulher e dois homem. Tudo com a ficha suja de estupro e de assassinato de criança. Tentou fazer comigo, eu vi fazendo com... criança menor do que eu, criança até de seis ano. Não aguentei, denunciei, quando... quando pegaram no flagra eles agredindo uma praticamente recém-nascida, a criança... e tentando... penetrar na criança...

Fui pro colégio com aquele medo... quando eu voltei... nem... nem cheguei no colégio, no meio do caminho, eu... fui, no coisa lá, na delegacia próxima, e falei: "Tá acontecendo isso, isso e isso lá, e eles tentaram abusar de mim". Pegaram eles no flagra, tentando estrupar as criança. A Polícia Federal que foi lá, que eles já deviam *oito* estupro cada um, oito estupro de criança, arrancar os órgãos... vender e matar a criança. Praticamente ali... Os policiais falou que Deus me usou ali. Né? E se não fosse eu parar lá e não fizesse essa denúncia, tá arriscado até hoje lá tá funcionando, e eles tá fazendo essas covardia com as criança. Mas vai saber se tão... se tá vivo lá dentro da cadeia.

Aí fiquei na rua, né, com medo de ir pra qualquer outro... outro abrigo e acontecer isso de novo comigo. Né, ou até pior, eles não fazer isso, eles acabar... tá eu lá na hora da fome, "Come a comida", eles botar alguma coisa na comida, ou eu dormindo, fazer alguma coisa, me matar dormindo. Vivi na rua, fiquei na rua. Eu vim... Não, eu tava por lá... aí de lá eu fui pro... pra aquele abrigo ali na Lapa, que é em cima do... ali perto da Lapa. Fiquei ali, dali saí desse... desse... abrigo, e fiquei pela Lapa. Aí depois, bem depois... que eu vim pro lado de cá, que veio eu eee...

mais... cinco pessoas que nós... como se falava antigamente, evadimos, né, do, do abrigo. E viemo cá pro Meier.

Fomo lá pro Meier. Meier foi aonde que... eu já era usuária de droga dentro do abrigo, eu fumava maconha. No abrigo. Aí eu saí de lá indo pro Meier fui... me tornar usuária de tine e cola, ali em cima do Salgado Filho naquela parte ali, que tinha até boquinha e tudo de tine. Aí depois conheci... o Rato, que é lá no Engenho Novo, Rato Céu Azul. Aí eu já tava na maconha, tinha largado o tine e a cola, e aí entrei... no pó, né, entrei... na cachaça... Só com dezessete ano que eu fui conhecer o crack. Eu já tava pro lado de cá, Jacaré, Manguinho, Arará, Mandela... essas... Desde os dezessete. Dezessete ano, que eu vim pra cá. Foi quando eu conheci o maldito crack.

*“Se eu estivesse por aí jogada, abandonada na rua, não ia querer saber de mim. Agora sabe que a minha vida pode melhorar por causa do dinheiro, aparece”*

Agora que apareceu uma tia minha, depois que ficou sabendo que eu fui atropelada. Né. Que apareceu porque sabe... disso daqui, porque se não soubesse... disso daqui, que eu tivesse por aí... O dinheiro que eu tenho de receber. Se eu estivesse por aí jogada, abandonada na rua, não ia querer saber de mim. Agora sabe que a minha vida pode melhorar por causa do dinheiro, aparece. Ela tá morando agora lá no... no Adeus, lá no Morro do Adeus. Mas, é o que eu falei com ela, ela pra lá e eu pra cá, porque... se fosse assim, era pra ter me ajudado há muito tempo. Não é de agora. É, tenho poucos amigos. É mais eu e meu marido. Não tem a Linha Amarela, Saída Sete? Ali, debaixo dos... daquela, da Linha Amarela que nós tá morando. A Cássia e o outro da equipe sabe onde que é.

Hoje é quando, segunda? Quinta-feira passada eu e meu marido tinha terminado de acordar, com um dinheiro no bolso, né, que nós foi prum ferro velho, meu marido achou uma... tarrafa, *inteirinha*. O cara deu cinquenta real a ele, comprou deu cinquenta real a ele. Nós vimo do ferro velho... Aí, tá... Nós entrou pra dar um taquinho, ali na... na São Pedro, que é cabaninha que pega isso aí tudo. Nós entrou pra lá, daqui a pouco que nós tá

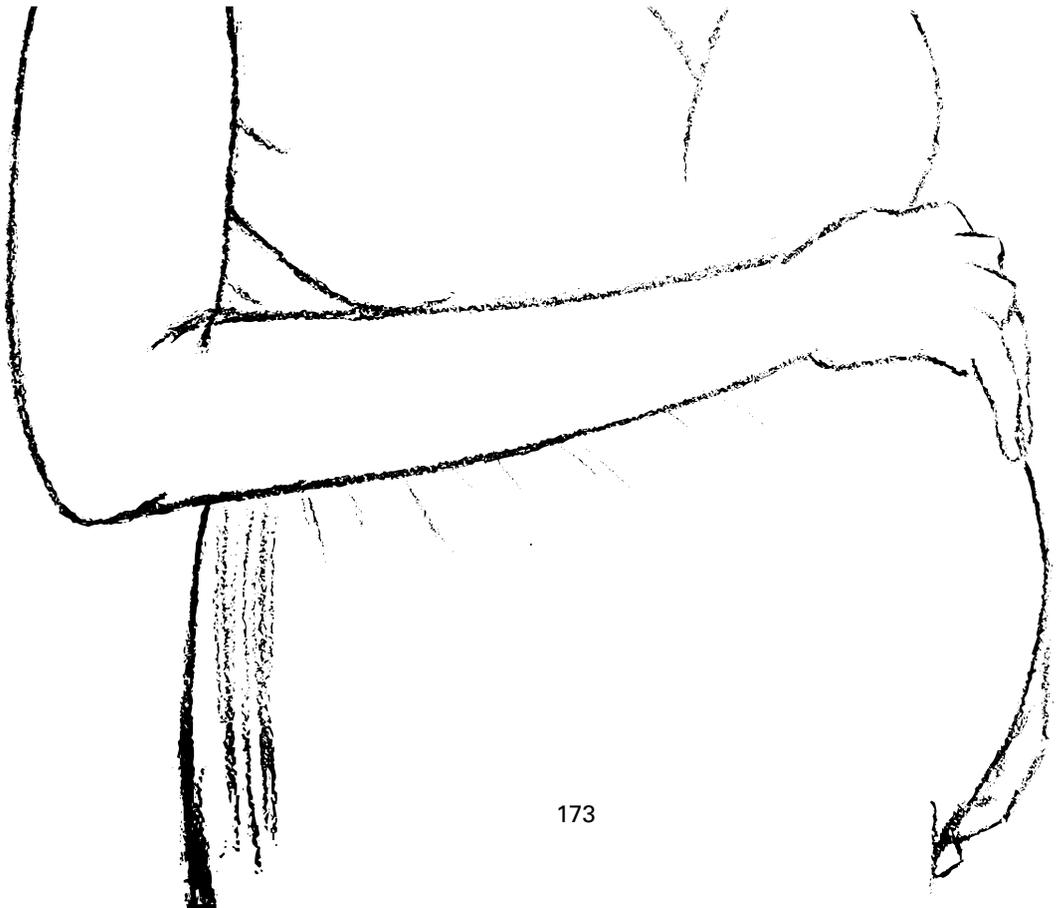
sentado, quem me entra? A Cássia, o outro da equipe e uma outra: “Vocês tão fugindo, né?”. E eu falei, “Tamo não”. Porque eu fui lá, eu tinha vindo aqui sexta-feira... foi o dia que eu fiz o TIG e confirmou que eu tava grávida, quem me atendeu foi o Gilberto. Depois eu vim... quinta-feira, aí quem me atendeu foi a Marisa, porque no dia a Cássia não tinha vindo, porque o filho dela tava com febre, e o Gilberto tinha terminado de sair, ia só voltar três horas da tarde. Aí... era pra mim vir sexta-feira, só que sexta-feira a Cássia falou que só ia funcionar só até meio-dia. Aí acabei não vindo, porque eu acordei era quase onze hora da... da manhã. Porque eu fui dormir tarde. Aí eu vim hoje, pra mim ser atendida, pra mim fazer os meus exames, pra ver o meu tipo sanguíneo, ver esse meu pé, ver aqui a...

Essa, se essa eu não perder igual as outra, né... Tanto que no meu acidente eu tava grávida de oito meses de uma menina, né, eu acabei perdendo, vai ser a sexta, sexto filho. A primeira faleceu. A primogênita, que... é um ca... a primeira, a primeira gravidez foi gêmeo, mas foi um casal. A menina faleceu. De meningite, com doze ano, vai fazer dois ano já, se tivesse viva ela, junto com o irmão ia fazer catorze ano. O menino mais... mais novo... o pai meteu o pé com ele e... ca amante mais nova que eu. E as menina, que é... duas gravidez gêmea, e as duas menina moram lá em São Gonçalo aonde que eu não posso ir, devido a uma merda que eu fiz lá de... roubar o... chefe dos quebra de lá, e... sem querer, num... na troca lá de tiro, lá, acertou o pescoço do homem. Vai saber se o homem tá vivo ou se o homem morreu.

*“Eu sei que faz falta de mim lá, porque a mãe mesmo é eu e eu não tô lá pra conversar, pra puxar orelha, pra brincar”*

Aí eu nem posso pisar lá e ver minhas filha devido isso. Quando eu quero ver minhas filha, eu ligo lá pra... pra minha... pra... a avó paterna, e a avó paterna vem pro lado de cá. Sempre vem, vinha lá, ia lá pra Central pra mim ver minhas filha. Mas já tem um tempo que eu num... não vejo. Mas eu sei que... tá bem. As menina tá com a minha... tá com a avó paterna. A avó paterna é uma ótima pessoa, é uma ótima... Sem... falar, é uma ótima mãe,

né? Eu sei que... eu sei que, né, que... eu sei que faz falta de mim lá, porque, a mãe mesmo é eu e eu não tô lá pra... conversar, pra puxar orelha, pra brincar. Né? Mas sei que elas estão muito bem lá com a minha... minha sogra. As menina vai fazer... oito anos agora. É catorze o Luis Paulo, a Jade, a Rosa e a Lucia Helena vai fazer oito e Luiz Pedro, o mais novo, vai fazer... fez seis ano ano passado, faz sete agora. É o que o pai sumiu... com ele, quando ele era ainda neném, ainda mamava no peito. Foi embora com a amante de treze ano. Essa aqui ou esse aqui, o que vier, eu e meu marido vamos cuidar.



# "FOI UM SIMPLES DETALHE, UMA PRIMEIRA VEZ QUE SE TORNOU A VIDA TODA"

AUDIR, 35 ANOS

O problema pra eu vim no Consultório é que deu bicho, né? Bicheira. Na parte da bunda. Tava assado, eu fui ver, e eu vi, deu bicheira. Tá tratando lá, um pouco. Fazer transferência pra outro hospital agora. Tentaram... o pessoal do Consultório na Rua, eles tentaram e, tiraram alguns bichos, mas... tem mais coisa. Estão cuidando de mim com toda convicção. Com toda convicção. Eu descobri aqui porque... eu paro aqui.

Do que eu preciso hoje? É o governo, ter a mão na consciência e ver: "Tu quer mudar? Tu quer sair de vida?", me dá uma oportunidade aí, e procura ver... se eu vim... tá afim disso, nunca vem, não, ninguém, qualquer uma oportunidade, se oferecer pra mim com certeza eu vou, eu vou querer.

Antes do assassinato da Candelária, antes do assassinato de Vigário Geral, já tava na rua há muuuitos anos antes disso. Eu tava lá, tava na Avenida a Chile, na Sena... dor Dantas. Eu conhecia todos eles. Nunca falei nada, mas, todos eles. Ah, acho que eu... eu tinha, é... dezessete, mais ou menos assim. Hoje tô com trinta e cinco. É... Tô na rua desde dez anos de idade. Foi um simples detalhe, uma primeira vez que se tornou a vida toda. Que se tornou a vida toda. Eu tinha nove ano, dez ano, não tinha concepção de, de raciocínio. Pra parar de usar cola...

Minha mãe e meu pai, eles, é... me procurava, mas... O culpado foi eu, de certa parte. Outros, foi eles. Porque... Eles vieram várias vezes me procurar, e eu fugia. Hoje tenho contato com eles, sim. Eles moram lá em Caxias. Lá em Caxias. Eles num, num vai me bancar. Eu vou voltar pra casa depois de velho pra

ser bancado pela família?

Hoje só conto com Deus. Nunca foi diferente. Nem hospital, nem a farmácia. Nunca tinha ido antes. Ah, agora eu vim aqui, por causa dessa bicheira, mas... nunca, vim no hospital por causa de doença. Mas... pou causa da minha fé em Deus.

*"Antes morar na rua era mil maravilha, agora é um verdadeiro pesadelo"*

Se eu... tenho mérito aí, de provar isso agora... um mundo de verdade... Eu tenho trabalho, trabalho em obra. Mas agora cato garrafa. Antes morar na rua era mil maravilha, agora é um verdadeiro pesadelo. Antes eu era, juventude, é criança, era tudo maravilha, mara, tudo. Passar frio... Quando, quando a maturidade da vida chega... já é outro pensamento. Pesadelo! Saturado de tudo. A... coisa que eu mais queria nesse mundo era, ter um cantinho. E trabalhar assim, como gente normal. Tenho amigos na rua. Tudo aqui em Manguinhos. Eu garimpo o dia todo. Pet, lata, tudo... Ganho uns vinte por dia. Uns vinte. Se eu pudesse sair da rua? Imediatamente!

# "A MAIOR TRISTEZA QUE TEM NO MUNDO É A PESSOA MORRER DEBAIXO DE UM VIADUTO"

ELVIRA, 43 ANOS

Tenho trinta e quatro anos. Fico na Linha Amarela. Estudei até a terceira série. Sou carioca. Eu vim aqui por causa que eu sou soropositivo e eu tô três mes sem tomar o co... o coquetel. E a minha imunidade tá baixa, e aí a dona Cássia foi lá me buscar pra mi tomar. É... soropositivo eu e meu marido, tem seis ano que eu descobri. Se contaminamo... Eu vivo com ele. Se contaminamo na rua, e hoje eu vim pra poder pegar o coquetel, porque eu já estou beem debilitada, minha imunidade tá bem baixa e eu vou ter que recomeçar. Porque eu começo, aí eu vou para casa, aí paro e volto para a rua. Aí eu vim pegar o coquetel pra mim tomar.

*"Eu não sou capacitada pra ter dinheiro na mão, porque se eu pegar dinheiro eu vou fumar crack"*

Só que agora a minha mãe não quer mais me ajudar, porque minha mãe cansou. Ela fica triste. Ela fica triste, ela se apega a mim, depois eu saio e ela sofre. Aí quem tá me ajudando é a minha prima, e eu tô tentando correr atrás do benefício. Pra mim... poder pegar um dinheirinho, para mim poder me levantar, mas... eu não vou... eu não quero ficar com o dinheiro, quem vai pegar o dinheiro vai ser a minha prima. Ela vai ser responsável assim. Ela vai pegar o dinheiro e aí paga um aluguel pra mim, faz umas compras pra mim, e eu, é o que eu preciso, porque eu

não sou capacitada pra ter dinheiro na mão, porque se eu, se eu pegar dinheiro eu vou fumar crack. Se eu tiver cinco mil na mão, eu vou fumar cinco mil de crack, eu não vou fazer nada.

Então... eu também não acho justo tirar... assim, pegar um benefício também para mim fumar crack, eu quero pegar um benefício pra me manter, pra mim me ajudar. Porque na rua eu não vou conseguir tomar o remédio, na rua eu não vou conseguir... tratar tudo na risca, porque não é a mêmra coisa de casa, a alimentação não é na hora, o alimento não é saudável igual o de casa, a higiene não é a mêmra coisa, nada é mêmro igual de casa, então... Na rua não vai dar certo. Eu vou começar a tomar, até Deus abençoar e eu conseguir meu cantinho. Pra mim, o meu propósito é esse.

Meu paraíba vai onde eu vou, a mãe dele foi pra a Paraíba e ele não foi. Tamo há sete anos juntos. É, eu já dei facada nele, a dona Cássia costurou o braço dele, ele já abriu minha testa... É porque ele é um pouquinho agressivo. Eu falei "Pára de bater que tu vai apanhar", ele não acreditou, dei uma facada nele. Botei ele quinze dias lá no Getúlio Vargas. Mas hoje em dia a gente não se agride muito... e até então que ele nem me agride, porque se me der um tapa, eu caio, mas eu sou braba, magrinha desse jeito assim memo, mas sou braba. Na Linha Amarela, na Sete, os usuários, todo mundo passa mal comigo, que eu sou invocada. Mas eu sou certa. Sou tranquila. Não pode pisar no meu calo, não pode. Eu uso minha droga. "Senhora, a senhora pode me ajudar com uma moeda?", "Ah, não posso", "Vai com Deus, obrigada". Eu uso a minha droga, eu não fico agressiva, eu sou comunicativa...

Nem com crack eu fico agressiva. Pelo contrário, quando eu fumo crack eu fico vulnerável, eu fico calma, tranquila. Eu sou uma pessoa tranquila, eu sou consciente. Eu uso droga há quinze ano, mas eu tenho *convicção*, certeza *absoluta*, que minha mente, meu no... meus norônios tão todo perfeito! Porque eu lembro de coisa de vinte anos atrás, eu me lembro. Então eu não sou louca. Eu sou usuária, eu sou viciada, mas eu tô sã e consciente, eu entendo tudo, eu sei de tudo. Porque tem gente que usa droga e quer dar uma de maluco, "Ah, tá..." A droga comeu o cérebro dele. Sim, tem pessoas que a droga afeta o...

célebro, mas tem pessoa que usa o motivo da droga pra falar que tá doida, mas num tá não. Num tá não, tá é se fazendo de doida, mas não é. Eu falo, eu tô consciente do que... dos ato que eu faço, de tudo que eu faço, e é isso aí.

Foi uma... é, eu... eu traficava e eu fui presa, minha mãe me tirou da cadeia. Eu só cheirava cocaína. Sempre usei droga, mas a minha destruição foi o crack. Eu trabalhava, depois trabalhei, saí do serviço... Aí vim, fui traficar e virei gerente do Morro do Juramento, na favelinha, fui presa, voltei, aí quando eu voltei... oito meses fiquei presa, foi rápido. Aí, quando eu voltei eu já comecei a usar crack, e aí eu abandonei tudo lá. Aí arrumei um... Parei de fumar crack e aí voltei, e aí eu arrumei um serviço. Aí um dia eu recebo e entro num carro pro Jacaré, aí fui e fiquei... Minha mãe foi me ver depois de sete ano.

Minha mãe mora em Vicente de Carvalho, perto do Shopping Carioca. No BRT ali. Naquela rua ali subindo. Meu... meu... meu pai morreu... Morreu com câncer, vai fazer um ano. Ele era meu fechamento. Eu gostava mais dele do que da minha mãe, ele não é meu pai não, ele me criou, foi morar com a minha mãe, a minha mãe tava grávida. De sete meses. Era meu paizinho... Vinha me buscar, vinha me ver... Era o meu pai e morreu. Antes dele morrer, uma semana antes, ele veio e me buscou... e me botou dentro de casa. Quando ele morreu, eu tava em casa, ele falou, "Não sai de casa, só quando amanhecer". Morreu com câncer de próstata, lutando... sentindo dor... aí eu fico pensando, eu tenho HIV, e não sinto dor, e tem tanta gente aí que luta para viver... e eu tô entregando a minha vida, mas tudo por causa dessa droga.

Esse crack é uma... uma coisa tão... Aí as pessoas falam assim: "Ah, você fica nove meses sem usar, um ano". Eu fico. Mas eu fico a base de Diazepam. Mas só Deus sabe como eu fico, mas tem uma hora que eu não me seguro mais, que isso, eu... eu sei que se eu num... saio naquela hora pra fumar uma pedra, eu vou explo... sei lá o que é que eu vou fazer, depois de muito tempo. Fico um mês, dois mês, três mês, quatro mês, cinco mese, eu... Dá a minha abstinência, mas eu vou me controlando o máximo... pra poder... assim... pro meu bem e também agradar as pessoas que tá a minha volta... pra não decepcionar elas, mas eu acabo

decepcionando, porque eu não aguento. Aí eu vou e decepção no todo mundo e volto pra droga, porque eu me seguro... não muito por mim, eu me seguro mais pela minha família, que tá me ajudando me dando apoio.

Agora é a minha prima que está comigo, que memo assim eu decepcionei ela, mas memo assim ela... continua fechando comigo. "A hora que você quiser vir dormir, comer, você vem". A minha mãe já desistiu de mim, mas ela, se eu precisar, ela vê que eu tô ruim mêmoo, ela me ajuda, porque eu não sou uma má filha, nunca roubei nada, nunca levei pobrema, nunca levei dívida de droga, nunca levei... É assim, ó, eles de lá e eu aqui. Fico um ano sem ver minha família. Se eu apanhar, apanhei. Fui estropada, fui tudo.

Foi nessa que eu fui estropada, que eu acho que eu fiquei com HIV, por causa que... toda vez que eu ia pra casa, a minha mãe me levava na Clínica da Família de lá. Eu fazia todos os exames. Sempre dava tudo normal, preventivo, graças a Deus. Aí o último que eu fiz demorou vim, deu HIV, mas eu já sabia que eu tava com HIV. Quando eu fui pra casa, por causa que eu tava evacuando sangue e eu tinha lido no jornal, sobre isso, e o sintoma que eu tinha lido no jornal é os que eu tava sentindo. Aí eu fui pra casa e pedi pra minha mãe pra me levar pra fazer exame que eu tava desconfiada. Mas nem demorou, só que a minha doutora de lá, que é amiga da dona Cássia, ficou com medo de me falar, pelo fato de eu ser usuária. Eu falei para ela, "Pode falar, eu tô com HIV, né?". Aí ela falou: "Tá".

No começo eu tomei aquele baque, aquele medo, aquele choque, "Pronto, não quero mais saber do crack, vou me cuidar, vou me... vou me tratar, vou cuidar de mim e não sei o quê". Tem dia... às vezes eu esqueço até que eu tenho HIV. Por causa... Eu só lembro que eu tenho HIV quando eu acordo ruim. Com febre, com diarreia, com dor no corpo, que eu não consigo levantar. No começo quando eu tomava o remédio não me sentia bem não. Diarreia... dor de cabeça, fraqueza, *enjôo*... só vontade de ficar deitada. É muito ruim, é muito ruim memo, acaba comigo. A Minha mãe... O desânimo de tomar o coquetel é esse. Que ele faz muito mal. A máxima que eu fiquei tomando coquetel, assim sem parar, foi cinco meses. Fiquei três meses. Mas depois já

se agrava sem o coquetel. Mas agora eu vou fumar crack e vou beber o remédio. Dizem que faz mal, mas não quero saber não. Um mal... não vai faz... Se não vai me fazer bem, mal também não vai, mal vai ser ficar sem tomar. A Cássia falou que não tem problema nenhum, que eu posso tomar normalmente. Entendeu? Mas me danifica.

E na rua é mais difícil, porque na rua eu não vou poder ficar deitada o tempo todo. Na rua, num vou... eu tenho meu marido, mas ele também às vez acorda mal. Na rua a gente precisa de... nem todo mundo quer ficar ajudando, entende? Então tem que ter o meu cantinho pra acordar, entendeu? Acordo de manhã, vou lá na... vou onde... nos lugares que eu tenho minha fonte, tomo um café, ou às vezes não, ou às vezes eu já acordo fumando crack. Sempre aparece alguém. Ou às vezes eu já fico dois, três dia virada fumando crack. Não como nada. Ó, hoje eu acordei, hoje eu tomei café. A dona do bar me deu um café e me deu um bolo. Aí... quando eu cheguei no barraco, aí eu fui e fumei. Mas mesmo assim eu venho, que quando eu fumo crack, aí vão me buscar, eu não venho não.

*“Eu vou morrer e o crack vai continuar me matando. Então o tempo que eu tô aqui, o crack não vai deixar de existir, então eu tenho que vim e pensar em mim”*

Eu fico na abstinência, eu quero fumar crack, eu quero lá saber de... de se cuidar, de família, eu quero é isquerar, eu quero é... sentir o gosto do crack! “Não, não, depois eu vou, não quero, não vou, não vou”... e ninguém faz eu vim. Hoje eu tinha tomado um banho... Foi diferente, por causa de que... eu vou... eu vou morrer e o crack vai continuar me matando. Então o tempo que eu tô aqui, o crack não vai deixar de existir, então eu tenho que vim e pensar em mim, porque se eu... ficar só visando o crack, eu já tô seca, eu tô na pele e no osso, eu não tenho, nem mais... O meu marido falou “Tu tá magra, tu só tem pele e osso”. E aí eu vou só ficar adiando e fumando crack? Pô, já que eles foram lá me buscar, pô, uma oportunidade. Foram *me* buscar! E eu não vou vim por causa do crack?

Não, eu vou lá, vou pegar o remédio, vou tomar, mas depois

eu vou fumar o crack. Botei isso na minha mente hoje, porque senão o dia vai passando, a hora vai passando... Vai ter uma hora que eu vou deitar e não vou mais levantar. E vai ser triste, porque eu acho que a maior tristeza que tem no mundo é a pessoa morrer debaixo de um viaduto. Eu não quero isso pra mim, nem pro meu marido não, não quero isso para ninguém! Eu não quero morrer debaixo do viaduto, todo mundo indo lá ver a morta, ver lá a coisa. E os que não gostam de mim rir, entendeu? Que, conforme eu tenho amigos, eu também tenho inimigos, que é a rua... é droga, é vício, entendeu? Ainda mais eu que sou estourada, se tiver de falar na cara eu falo memo, e muitas pessoas não estão acostumadas a ouvir a verdade. Então eu vim.

*"A gente se uniu, tipo uma aliança. Então quem passou pra quem não importa, o que importa é que a gente se ama, e a gente tem que se cuidar e se reerguer junto, e levantar pra gente viver, e ter uma família, porque o meu maior sonho é ter um filho"*

Eu vou vim, eu vou começar, segunda-feira eu vou trazer o meu marido, ele vai tirar sangue. Ele nunca tomou o coquetel. Por causa que a imunidade dele sempre ficou boa, agora é que tá caindo. Mas aí, me falaram... eu descobri que quando a pessoa é assim, a pessoa é portadora. Tudo indica que foi ele que me passou, mas eu num... incomodo não. O importante é que... que nem ele fala, "Deus já deixou acontecer isso?". A gente se uniu, tipo uma aliança. Então quem passou pra quem não importa, o que importa é que a gente se ama, e a gente tem que se cuidar e se reerguer junto, e levantar pra gente viver, e ter uma família, porque o meu maior sonho é ter um filho.

Eu nunca tenho... eu nunca tive um filho, mas... Já engravidei, mas eu perdi, porque eu tenho cisto no ovário, entendeu? Mas eu vou ter um filho ainda e meu filho vai vim saudável, vou ter uma família e uma casa... Eu vou viver muito, eu tenho muita fé no meu coração, eu vou reagir. Eu vou reagir, Deus vai me ajudar. O meu pensamento é o dele. Tudo o que eu... o que eu pensar... Ele já tem um filho. Ele já tem um filho de seis anos. Ele não vê o

filho dele não. É difícil. O filho dele sabe que ele é usuário, tem oito aninho, trata ele bem. E quando a gente está em casa, que a gente aluga uma casa, a família junta, aluga uma casa, bota num canto... a gente pegava o filho dele, mas assim, na rua ele não gosta de ter contato com nada... com a criança não.

Eu lembro quando eu fui pra rua. Eu fui... eu... fui presa, eu traficava, vendia droga no morro, mas eu... ia para casa, eu vivia bem, eu vivia normal. Era só um serviço, minha família sabia. Foi lá no Juramento que quando eu saí da cadeia eu usei. Aí eu comecei a fumar muito, fumar muito, aí eu fui peguei... As drogas que eu vendia, lá começou vender. Aí comecei a dever, ter que trabalhar pra pagar, meu... pra minha família não precisar pagar, aí cheguei em cima do moço e eu falei, "Eu não quero mais ficar", porque eu tô fumando crack, e peguei e fui pro Manguinho... Fiquei. Aí depois eu voltei pra casa, minha mãe me ajudou, eu arrumei um emprego, de jardineira.

Aí nessa, eu comecei a fumar assim, só, sexta-feira. Saía, "Mãe, vou pro pagode" e fumava na sexta e no sábado. E aí teve um dia que eu recebi, o pagamento, vim direto... pra cá, não voltei mais. Abandonei emprego de carteira assinada que eu tava trabalhando direito, do ponto, e vim fumar crack. Eu fiquei... Mas antes disso, das outras vezes, eu já voltei pra casa milhares de veze. O meu pai, já me buscou milhares e milhares e milhares e milhares de vezes. No máximo que eu fico é nove meses, é o máximo... o máximo que eu fiquei foi nove meses, é quatro, cinco, seis, depois eu fujo. Espero uma brecha deles e fujo.

Eu tenho duas irmãs. Uma faz faculdade de biologia... tem um menino, é casada... E a outra também tem uma menina, e é casada, o marido é motorista. Eles dois têm uma vida estabelecida, têm filho. Eu sou a única que sou assim... Nem um neto eu pude dar pra minha mãe. Nem um neto! Só tristeza. Só tristeza, só a dor... Mas a minha mãe fecha mais com as minhas irmã. Mas eu não, eu não acho elas melhores do que eu, mas elas não entendem, elas... não entendem, eu criei as duas, mas na cabeça delas... Sou a mais velha, eu criei as duas, saí da escola pra cuidar das duas. Mas na cabeça delas não entra porque eu fico nove meses sem usar e depois eu volto, e elas não entendem, elas falam que é sem-vergonhice. Que não é mais um vício, que

é a minha sem-vergonhice, entendeu? Elas entram na mente da minha mãe com isso. Aí fica nisso, mas não é, eu não queria!

*“Meu maior problema na minha vida, não é o HIV. O maior problema da minha vida é o crack”*

Puxa, eu queria trabalhar, estudar, ir pra a praia... ir pro cinema, não ser tratada... Quando eu tô gordona, quando eu... é muito bom, as pessoas me olham com outro olhar, ou tu acha que eu gosto de ser olhada com olhar de pena? Ou então de nojo e de crítica. Entendeu, é vários olhares, cada pessoa pensa de um jeito, entendeu? Eu não gosto de viver assim, eu não gosto, mas eu não *consigo*. Eu não consigo! E aí, eu não consigo, se tivesse assim... uma experiência, “Ah, vamo trocar o organismo dela todo... pra tirar o...”, eu ia querer na hora participar. Pô, se eu pudesse arrancar o... esse sangue meu, que... Meu maior problema na minha vida, não é o HIV. O maior problema da minha vida é o *crack*! Todo o problema da minha vida, tudo, tudo é o crack! Pro HIV tem remédio, porque eu... sei lidar com o HIV, um pouco, mas... sem o crack eu não sei lidar. Eu vou ficar um tempo, mas uma hora eu vou pedir o meu... o meu... eu me *empolo*, parece que eu vou morrer, eu sonho...

Que nem hoje, eu fumei, né? É porque, porque... eu tinha, eu tinha tomado um banho e eu também, não deixei me... assim, é um psicológico, eu não me... deixei envolver muito, que eu tinha acabado de... eu fumei e tomei um banho, então o banho tinha cortado, eu tinha acabado de chegar e a dona Cássia chegou. Porque se eu... se eu acabo de fumar, e não tomo um banho e ela chega, eu estou parada num lugar, eu não ia vim, mas hoje eu fumei e eu tava muito suja, aí foi eu ir lá tomar um banho, tomei um banho. Quando ela chegou, eu tava trocando de roupa, então já tava... eu já tava careta. Mas no pensamento do que ele tinha ido buscar lá!

Aí no momento que ela veio e falou “Vamos lá”, eu pensei: “Não, ele foi buscar o crack, ele vai chegar, ele vai fumar tudo e eu vou ficar sem”. Aí falei, “Não, o crack depois eu dou um jeito, eu tenho é que cuidar da minha saúde”. Entendeu? Porque senão, vai passando os dia, vai passando as hora... Daqui a pouco, eu

sento no chão, a minha bunda dói, eu não tenho mais... Olha aqui, ó, tô muito magra, aqui, ó. Olha! Tá maluco, que é isso? Eu não sou assim não, olha! Nossa, eu fui muito bonitona, agora não, eu tô... eu tô frágil! Você vê? O meu marido me abraça assim, e fala "Ah, não, vou parar". "O que foi, Nem?". "Eu tô com medo de te quebrar. De tão magra que tu tá". Mas é verdade.

Quando tô com dor, com febre, essas coisas? Eu venho pra cá. Com a dona Cássia, não vou a nenhum outro médico, nenhum. Não vou no UPA. Se não eu aguardo. Só se for assim, se eu me cortar, se for coisa de se costurar, aí eu vou no UPA empurrada. Mas se eu tiver com febre... Eu se for febre, eu tomo dipirona, eu tomo antibiótico, eu dou o meu jeito. Porque eu não gosto do UPA. Dipirona, eu já tenho. Porque eu gosto de vim aqui, porque aqui eu sou tratada bem. Nos outros, os médicos, eles olham a gente assim, com cara de nojo. Às vezes dá sorte de pegar um... um médico legal, que te trata como um ser humano, mas eu vou falar uma coisa pra você. Eu tenho o maior medo, sabe por causa de quê? Eu tenho medo de chegar lá, e tem gente que tem ódio de cracudo.

*"Eu tenho medo de eles me darem uma injeção e eu morrer. Tu acha que isso não acontece? Já aconteceu com gente que não é usuário"*

Porque tem gente que usa crack que dá mole memo, tem gente que usa crack que vacila pa caramba, então as pessoa ficam com ódio. Rouba os outro, mata, estupra. Aí... aí o que é que a pessoa faz? "Ah, aquele cracudo ali, ele me roubou, me estropou". "Todo cracudo é igual". Aí vem o meu medo. Eu vou lá, chego no hospital e vai, eu já chego assim, "Oi, tudo bem? Prazer, meu nome é Elvira, eu sou usuária de crack, mas não sou... ". Eu já chego me comunicando, pegando amizade, porque eu não sou boba, eu tenho medo de eles me darem uma injeção... e eu morrer. Tu acha que isso não acontece? Já aconteceu com gente que não é usuário. Aí eu vou chegar... Não, eu tô falando assim, que já aconteceu, já aconteceu, por causa de quê que aconteceu? Por que que eu acho que deram alguma coisa para ele morrer? Porque ele chegou "Ah, não sei o quê", todo brabo, todo... drogado, todo brabo, entende, aí tem gente que não gosta

não.

Aí eu já chego já conversando, me comunicando, “oi, tudo bem?” Porque eu tenho medo de... Isso, conquistar. Quando quebraram a minha cabeça, aí nesse UPA aqui, eu cheguei aqui, quando eu... aí eu conversei, aí ele falou assim, “Oi, o meu nome é...”. Aí ela foi, chamou todo mundo, todo mundo e aí, “Ela está lucida aí, essa daí é diferente, ela conversa”. Olha a minha testa, olha, esse aqui, ó... Era para ser um ponto mal dado. Se eu chego aqui... Se eu chego aqui, “Ah, vocês são isso, eu tô com pressa, não vai me atender não?”. “Não, tudo bem, eu aguardo”. Aí tá, “Oi, tudo bem? Meu nome é Elvira e aí *pá pá pá*”. Se eu chego... se eu chego cheio de marra, ia dar cada brutamonte, cada tra... e ia costurar minha testa de qualquer jeito, entendeu? Então tem gente ruim. “Ah, a cracuda aí, vai ficar ocupando espaço de gente doente, dá logo uma injeção na veia dela, mata logo, cracu...”. “Ah, já tem HIV memo”... Até eu fazer o... a beópsia de não sei o quê, eu já morri.

Eu aqui, eu confio. Sabe por causa de quê? Porque ela é sincera, meiga, ela é que nem você, ela é carinhosa, ela não é só profissional de saúde, ela é amiga, ela é... é que nem você. Agora eu estou vendo que ela faz... o que ela faz... ela faz com amor. Ela faz... ela, a profissão dela, ela faz com o coração. Ela faz por querer, ela sente satisfação em fazer, que nem você, entendeu? Então quando a pessoa se sente bem, tem satisfação de fazer aquilo, tudo flui, tudo é bom, o astral é legal. Agora se a pessoa faz assim “Ah, sou médico”. Não, claro que tem todo mundo que acorda no seu dia de... “Hoje eu não tô a fim, hoje eu não quero papo”, mas ela não desconta. Mas dá para perceber quando ela não tá legal, né, na cara dela. Mas nunca desfazia nenhum... Por isso que ela me conquistou a minha confiança, ela e a equipe dela, todo mundo, entendeu? Pelo carinho que ela tem. Meu marido deu uma facada, ela ia lá costurar ele. Cooisa, entendeu? Abraça, aperta a mão, foi sincera, entendeu? É, se tiver de ir no outro médico, só se for o caso de eu tá sangrando. A cabeça, a perna cortada. Mas eu prefiro vim na dona Cássia, por causa que eu vou chegar lá, eu vou... aí eu tomo... “O que é que você tem? Bate um raio X, *blá blá blá*”. Mas eu já sei qual é o meu problema, por que é que tá me dando a febre, por que que tá me dando dor no corpo. Porque eu não tô tomando o

coquetel, então minha imunidade tá baixa, e eu tenho que vir aonde? Na dona Cássia. Lá eles vão me dar uma injeçãozinha, mas não vão poder resolver o meu problema. Que eles lá não têm, soro... Sorologia.

Agora, se for num médico num hospital grande que nem, o Souza Aguiar... Que tem. Não, não fui, não. Mas lá tem, porque o meu marido chegou a ir lá. Mas lá eu sei que tem médico de sorologia, de... de gente que é HIV, que vai chegar. Eu cheguei lá no Souza Aguiar, "Eu sou soropositivo, eu sou soropositivo", então tá, à tarde chega o médico, vai saber o quê que vai me dar, o que vai fazer comigo, que é do HIV. Mas no UPA, nas Clínica, eles não usam... Eu falo que sou soropositivo, em qualquer lugar, eu falo, eu falo. Mas eles não podem fazer nada por mim, tem uns que não sabem nem o que fazer. "Pede um raio-X, faz isso, faz aquilo", tem uns que não sabem nem o que fazer. Aí fica difícil.



# “NO FINAL DE TUDO É SÓ UMA PEDRA QUE DERRETE”

NELSON, 29 ANOS

Eu tenho vinte e nove anos. Acabei de fazer tudo, estudei tudo. Não, faculdade não, estudei... escola, escola. Segundo grau completo. Nasci em Nova Iguaçu. O que acontece, eu vim pra cá, pro Consultório na Rua, porque eu gosto de dormir aqui, entendeu? Aqui, aqui fora, na porta. Eu só durmo no UPA. Porque é hospital. Se você passar mal, se você... acontecer algum mal, de você não tá maneiro de saúde, é só abrir a porta e se jogar. Sabedoria, entendeu?

Muitas das vez as pessoas acham que só porque o cara mora na rua, o cara é um ignorante. Não é um ignorante, o cara é viciado! É dependente químico. Tem uma diferença muito grande do cara ser burro, do cara ter uma casa para morar, tudo do bom e melhor. Graças a Deus tenho lá na minha casa. Por que eu tô aqui? Ninguém sabe. Ninguém sabe qual o tratamento que eu tenho VIP em casa, ninguém sabe. Como a minha mãe me trata, como a minha irmã me trata. O meu avô não porque o meu avô é aquele pique, ele só observa... Na hora que ele vem, ele pega a bolada.

Então... Pegar bolada é assim, palavras. A palavra dele, a palavra, é pior que uma porrada. Uma agressão física, tu tomou, vai curar. A palavra não, ela te... te corrói, te maltrata, porque toda hora tu vai lembrar dela. Palavras! Porrada não, botou, acabou. Caiu, foi vendo, valeu, no final de tudo vai curar a ferida. Palavra não, pô, te machuca até o final da tua vida, entendeu? Então o que acontece? Ninguém sabe o tratamento que a gente tem em casa não. “Volta pra casa menino, você não ganha nem pra você, tu é um cara inteligente, dá para ver, você fala bem, conversa bem, conhece as coisas”. E eu falo assim: “A senhora convive com a tua mãe? Ela te trata igual a minha me trata? Então, por

favor”.

Minha mãe não trata bem não, cara, na moral! Porque eu roubei minha mãe à beça já pra usar droga, pra cheirar cocaína, entendeu? Na época. Só que hoje eu não roubo mais ela. Não pego mais nada dela. Mas aí ela me trata como se eu fosse o cachorro antigo, entendeu? Todo dia ela, ela me bota no canto do mundo. Todo dia, todo santo dia, ela me bota no canto da parede e fica falando coisas no meu ouvido. É, porra, acusação o tempo todo, parece o diabo. Não é o inimigo que é acusador? Porra, ela gastou. E minha irmã, meu Deus!

A questão não é acusação. Eu, não sei se a senhora percebeu, o meu sistema nervoso é lá no alto, eu sou nervosão, por qualquer coisa. Uma por causa da porrada que eu dei, quebrei a cabeça, e outra por causa que eu sou usuário de droga. Nenhuma pessoa que é alcoólatra, ou dependente químico, se ela não usou, ela vai ficar nervosa, cara. Até usar! É igual a pinguço, já viu o cara que é alcoólatra? O cara treme igual vara verde. Pega a garrafa, quando toma a primeira cachaça, psicologicamente, acabou. O psicológico dele já começa a... A satisfação do corpo de receber a carga, não é verdade? É a mesma coisa o dependente químico.

Eu fumo crack, cheiro pó, maconha, mas o que eu gosto de usar é crack. É, a preferência que eu digo assim, porque eu, antes eu usava outras. Agora não, agora, depois que o crack entrou, ele é muito forte. Aí eu, eu... opito por usar só ele. Imagine eu comprar crack, pó e maconha, não dá, não tem como. Já tá ruim comprar só pedra, comprar pó então, não pode. O crack dá *lentidão*. No teu corpo, preguiça. Fico devagarzão. Pra algumas pessoas, porque a onda da droga em cada um é de uma forma, cada corpo recebe de uma maneira. Entendeu? Tem pessoa que fica agitadão, eu não, eu fico lentinho, andando devagarzinho, olhando, observando tudo.

Se vocês for ver legal, as pesquisa diz que o negócio dura cinco segundos... Mentira! A droga, todo tipo de droga, tem que saber curtir a onda que ela dá. Ninguém fica cinco segundo não. Dura o mó tempão. E é só a pessoa permitir eu curtir ela. Toda droga é assim, maconha, pó, qualquer uma. Se a pessoa permitir você curtir tua onda, você curte ela, você viaja, você marola em várias coisas ali, no momento. No momento ali tu vai viajar. Só que aí

o outro vai, aí fica um miserável do teu lado te pedindo: “Rola fumaça, dá um pedaço aí”. Aí tu não curte. Tu curte a onda dele: encheção de saco, assombração, o cara não faz nada pra ninguém, não procura um nada, o que fazer para arrumar um dinheiro. O lucro, aí não faz nada, é vagabundo. Aí só sabe pedir e fica lá, implorando: “Me dá um pedaço aí, me dá um pedaço”. Ah, não! O crack é um bagulho pra tu usar sozinho. O crack é uma droga pra tu usar sozinho, solitário.

Toda vez, é, tu vai curtir mais a onda. A questão não é que é bom ou ruim. Porque às vezes, eu sei que não é bom não. A sensação, a onda não é boa. Mas, depois de um... de um tempo, acabou. A questão não é que eu gosto muito, é o corpo da gente que quer. Todo ser humano é assim. É uma questão de lógica. Falo pra qualquer um aqui. A vida é lógica, é você levar pela lógica da vida. O cara ali é alcoólatra, tu acha que ele acha maneirão ficar doidão, enchendo o saco da mulher, agredindo em casa? Não acha não. Só que o corpo dele já quer cachaça.

Dependência, o negócio é dependência, dependente do produto. Senão o teu corpo não vai ficar legal, tua mente não vai andar bem. Que na verdade é a nossa mente que trabalha com... completo. Então, o que acontece? O teu corpo, um bocado é a nossa mente. É o cérebro! Tá acostumado a receber aquele produto, aquela fumaça desgraçada, maldita, entendeu? E no final de tudo é só uma pedra que derrete. Não é verdade? Um montão morre por causa de uma pedra que derrete. Desse tamaninho! É incrível, a realidade é essa.

Comecei a usar droga com dezesseis. Eu fiz uma ponte, pai mexe com tudo. Meu pai faleceu, infelizmente. Eu tinha doze anos. Meu pai tinha trinta e nove anos de idade. Bebida alcoólica! Dói, pô, dói. Sabe, eu tô quase chorando já, é difusão! Porra, meu pai era o melhor. Minha mãe pode falar o que for, que ele era o maior filho da mãe, não tô nem aí. Maior filho da mãe pra ela, pra mim nunca foi. Pra ela, o pensamento dela, a construção que ela tem na mente dela sobre ele... Porra, meu pai era sinistrão, maneirão. Era show de bola, só andava agarradão nele. Ah, a saudade não morreu não, nunca vai morrer, porque é meu pai, entendeu? Nunca vai morrer.

Ontem eu tava chorando sozinho na rua, sozinho! Por conta

da fome. Cheio de fome. Cheio de fome. E eu andando na rua, chorando e falando sozinho. Mas o quê? Porque a gente sabe que tem um alimento em casa, sabe que independente que a mãe é chata, que não me suporta. Mas tu sabe que todo dia tu vai ter o teu almoço, teu café da manhã, o teu café da tarde, a sua janta. Vai ter enchimento de saco? Vai, pô. Normal. Mas, tu tem o teu alimento, a tua cama pra dormir. Aqui não, tu não tem tua cama, tu não tem tua mãe, tu não tem tua comida, tu não tem nada. Tu só tem um monte de dependente químico que não é teu amigo, nem aqui nem na China.! Amizade não é jogar pedaço de crack, nunca na vida de ninguém. “Ah, me fortaleceu o fechamento”, não é nada. Se tu dormir, ele vai te roubar. Ah, ninguém é maneirão não. “Ah, o cara é maneirão”. Não é nada, pô. É um cara que conheci há pouco tempo. Ele não é cria contigo. Tu não sabe a conduta dele, tu não sabe... o proceder dele, tu não sabe porque é que ele tá ali. Eu sei o porquê que eu tô aqui na rua. Porque eu não consigo conviver em casa com a minha mãe. Porque a minha mãe é chata, porque a minha mãe grita muito. Então, eu sei como é que é.

Vê os meus dente, eu gosto muito de cuidar dos meus dente. Aí, cheio de coisa amarela. Meu dente nem estragado era não. Muita droga eu já usei. Meu dente nem estragado era. Agora, aí... nem escovo, fico passando o dedo para arrancar esses troço. Cuidadosão em casa, mas aqui fico sujo, fedendo, mal vestido. Não é maneiro não. Penso em voltar pra casa, claro! Agora eu quero ir pra casa, agora. A princípio se eu chegar em casa *hoje* a primeira coisa que eu vou fazer é comer. Igual na última vez que eu voltei para casa. Na última vez que voltei pra casa, eu tava aqui, me tratando aqui, eu tava desidratado, vomitando o que não existia dentro de mim. Eu não comia, não bebia muita água. Entendeu? O cara pra me botar soro, eu tinha que sair da sala, beber, encher a cara d'água pra ele achar o sangue, pra ele achar a entrada. Nem veia ele achava.

Eu tava ali agora mesmo no banheiro olhando o meu corpo, o meu corpo tá ficando murcho. Por causa de quê? Eu era gordinho, entendeu? Pesava lá quase noventa quilos. Nunca o meu corpo chegou aos noventa de novo. Por causa de que eu fui pra casa, comi, comi, mas no tempo que eu fiquei em casa, não deu pra chegar. Não comi noventa quilos. Tô com o sorriso horrível,

todo cheio de risco amarelo nos dentes.

Eu tô na rua há quatro meses. A droga que me fez vir pra rua. A princípio é a droga. Muita gente bota a culpa nos outros, eu não, a culpa é minha, eu queria usar. Eu moro em Belford Roxo... Eu ia lá em Santa Marta buscar. "Ah o crack hoje tava bonzinho, pô, o maior pedrão". Eu tava na barbearia, eu trabalho, eu sou barbeiro, na barbearia em frente da minha casa. Tava lá eu ar-rumadinho, muito... Em duas semanas... Eu já tava com o mó cordãozão de ouro, Naikão no pé, tava todo me reconstruindo, mas tudo que eu comprei! Minha mãe comprou não. Dali já não saiu nada, o negócio é sério. Vai fazer trinta anos de idade, tomar vergonha na cara e lutar pelo que é meu. Mas o que acontece? Aí, quando eu entrei no, na Kombi, aí eu pensei: "Mano, eu vou lá no Belford Roxo pegar o trem e vou lá no Jaca". Porque a droga aqui no Jaca é boa.

*"Usuário nada, é cracudo, tu vendeu a roupa do teu corpo, tu tira o chinelo do pé e dá pros outros pra você fumar uma pedra, tu é cracudão"*

Isso aqui é o Jacaré. Jacaré tem trinta boca de fumo. Belford Roxo tem trinta? Tem, em todas as favela. Aqui é em uma só. Aqui, a qualidade... A oferta. É isso aí, a qualidade. A questão não é o preço, é a *qualidade*. Droga você não vai pelo preço, é pelo produto que você vai usufruir, entendeu? A visão é essa. Acabou que eu nem cheguei no Jacaré, na Bandeira 2 foi mais rápido. Porque Del Castilho é antes do Jaca. Desci lá mesmo e fiquei. Eu acabei de usar, eu tirei o tênis do pé. A droga, o crack é assim, tu usa ele, acabou a droga, tu já como? Já olha pro teu corpo pra ver se tem alguma coisa de valor pra tu vender. Aí vem uma porra que tem na rua e fala isso: "Não sou cracudo não, sou usuário". Usuário nada, é cracudo, tu vendeu a roupa do teu corpo, tu tira o chinelo do pé e dá pros outros pra você fumar uma pedra, tu é cracudão.

*"O único momento bom na rua que a gente tem é quando tá fumando. Acabou a droga, não tem momento bom não"*

Você tem que ser sincero com si próprio, de agir na realidade da vida. Usuário nada, tu é cracudão mesmo. Tá morando na rua, te tirou da tua casa, entendeu? Tirou a tua alegria, a tua felicidade, tirou os teus momento bom, tirou tudo. Qual é o momento bom que tem na rua? Fala aí! O único momento bom na rua que a gente tem é quando tá fumando. Acabou a droga, não tem momento bom não. É a ralação pra ter dinheiro de novo, e é isso. Pra quem trabalha! Eu, graças a Deus, não roubo, não faço nada errado. Só trabalho, eu cato latinha, garrafa, papelão. Só assim. Deus sabe de onde eu tiro. Roubo não, roubar o quê? Tu rouba, começa a roubar, tu vira... vira malícia, vira costume. Entendeu? Toda vez tu vai querer roubar, pra ter, roubar pra ter, roubar pra ter. É assim, e eu, eu sou muito...

Tudo é vício. Tudo vira mau costume. Se a senhora vê, tem uma coisa que a senhora faz em casa, que é costume, se a senhora fizer direto, vai querer toda vez fazer, até na hora de dormir. Ah, eu só durmo com o ventilador ligado, por causa de quê? Barulho, não é verdade? Costume. A vida é feita de costume, não adianta. Eu, graças a Deus eu tenho a mente boa pra receber tudo. Sempre fui um cara muito inteligente, na escola então, que é isso! Eu pego as coisas muito rápido, entendeu?

Um sonho, é, todos nós temos. Compartilhar um sonho? Meu sonho? Agora no momento? Largar a droga e ser feliz! Ter uma mulher boa, mulher boa tem um montão. Né? Nós que constrói ela, não é verdade? Mas, meu sonho mesmo agora é largar esse troço aí, mas é difícil. Falar "Larga a droga", um cara chega pra tu e fala "Larga a droga", é mole. É, igual a minha mãe: "Para de fumar". "A senhora fuma? Então eu não vou parar não, mãe. A senhora nem sabe o que é a sensação, o momento, nem sabe. A senhora não fuma cigarro?". "Fumo". Agora ela parou, parou de fumar cigarro, a minha mãe acabou parando. Ela parou de fumar. Cigarro é cigarro, crack é crack, entendeu?

Conheço pessoas que usaram, não estão mais no crack. Crack, pó, maconha. Cara, não tem como que faz a gente parar não, é nós mesmo, entendeu? É nós querer, é um querer próprio. Ah, se eu arrumasse... Igual a um monte fala aí na rua, quando uma mulher bonita passa, um corpão bonito, bela: "Aí, na moral, pela aquela mulher ali, eu paro com tudo... ". Para porra nenhuma,

para nada. Vai ter uma sensação com ela num momento, vai ser bonzão, entendeu? Vai nessa de satisfazer a tua carne ali no momento, que a mulher linda, maravilhosa, vai trabalhar ela todinha. Depois que tu acabar, vai ser a primeira coisa que você vai fazer é vontade de fumar um cigarro, e depois, se tiver pedra, tu vai fumar. Não é verdade? Claro que vai.

Eu tô com problema de saúde, eu tô mijando na cama... De novo, igual criança. Me dá muita vontade de urinar, mas é toda hora. Outro dia eu urinei, com cor meio, meio de sangue, assim. Mas eu tenho hérnia umbilical, entendeu? Isso aí eu já tenho há muito tempo já. Aí eu urinei, aí veio um animal falar pra mim que eu comi beterraba, aí que me deu raiva. Comer beterraba tu mija vermelho? Nunca na minha vida eu comi beterraba e mije vermelho assim. Não há possibilidade da urina sair da cor da beterraba, não dá. Isso é pessoa ignorante. Eu tô tentando falar com eles ali, mas tem gente lá. O pessoal aqui do Consultório, vou falar com eles ali. Tem que fazer o atendimento. Dá muita vontade de mijar toda hora, eu não aguento não. Assim, a vontade, ela vem com muita força e tu já vai direto, escorrendo e aí se travando... Pô, dentro da favela! Não é qualquer lugar que você pode botar pra fora e urinar não.

Eu fico só por aqui, no Jacaré, no Manguinhos, no Mandela.... Manguinhos, não, Mandela e no Jaca. Ah, normal, cracudo anda onde tem um grupão lá, mas aí... Eu sou muito maneiro, entendeu? Muito maneiro. Eu não consigo fumar uma pedra e ver um cara do meu lado sem fumar. Na hora vou quebrar um pedaço, "E aí, fuma aí". Eu não sou querido por ninguém, só que eu sou maneirão. Ninguém aqui é amigo de ninguém. Eu... não adianta esse negócio de entrar na minha mente que eu sou querido. Sou nada, sou só mais um que está ali convivendo com um monte de pessoas que usam droga. A minha mente trabalha dessa forma e ninguém me tira isso. Ali a concorrência é pra usar droga. Ninguém ali é amigo de ninguém. Igual ontem, de ontem pra hoje eu não dormi, dormi? Eu tava com dois cobertor, um que eu peguei no ferro-velho e o outro que um amigo tinha guardado pra mim. Aí eu peguei, joguei esse por cima também. Quando eu acordei, cadê o cobertor que eu joguei por cima? Não tava mais lá. Ele é meu amigo? Ele é mais um que convive na rua comigo.

Convivência! É só isso, ninguém é amigo de ninguém ali. Se tu dormir, ele vai te roubar. Então ele não é teu amigo. Uma pessoa que rouba... Sou só mais um que tá ali. Não sou amigo de ninguém não lá. Eu falo, eu sou uma pessoa que sou um cara maneiro, se eu tiver duas coberta e o cara que estiver do meu lado sem, não custa nada... Com duas, não custa nada, o cara vai ficar com o maior frião, e eu, tendo dois cobertorzão... É a maior judiaria, é a maior covardia fazer isso com os outros. Na hora eu vou fazer por ele. Mas eu vou falar, ele não é meu amigo não, ele é só mais um. Só um conhecido, são pessoas conhecidos. Conhecidos! Até onde eu moro, não existe amigos, são conhecidos.

Tem um tempinho já que eu só me trato aqui mesmo. Aqui é o único lugar que você é bem recebido. Naquela sala! Naquela sala! Perguntei pra uma mulher ali: "Tu é médica?", "Não". Olhei pra a cara dela: "Trabalha na faxina?", "Não", "Tá fazendo o que no hospital?". Médica, é médica. Você pode ser... Enfermeira... Se eu chegasse perto lá e ela e me olhasse, ela poderia me explicar. Da médica! Ela é a profissional de saúde. Igual ali na sala ali, quem é médico ali é a doutora. Ela é médica, né? Ela fez uma faculdade, ficou trinta ano lá estudando, né? O resto não, só fez um curso. Não é verdade? Não, tem isso, mas só um curso. Mas tem uma difere... Tem uma grande... Verdade, tem coisas que só ela pode fazer, mas tem outras que os outros podem fazer. Mas dizendo assim, uma faculdade, faculdade de medicina e um curso de cinco anos, tem muita diferença! É muito grande, o negócio. Cara, todos eles te tratam bem. O médico, é igual... Pra mim os melhores que tem são os psicólogos. Pô, a dona psicóloga é linda e, nem por causa da beleza, mas... pelo tratamento. Porque... o negócio dela é te tratar bem pra tu soltar a tua voz. Se tu largar a voz, ela vai gostar muito. Então, ela te trata com o maior carinho. Antes eu fiquei um ano direto com a psicóloga, inesquecível. Eu tava em casa de recuperação, entendeu?

Já me internei vinte e seis vezes. Todas elas foi pra mim, largar a droga. A internação em casa de recuperação, a maioria é evangélica. Elas só falam do Senhor, né? Buscar Deus. Só que a questão é... Sabe por que você não usa droga ali? Porque não vende, pô! Lá tu sente vontade, só fala dela. Aí chega um cara novato, só fala dela. Aí chega outro novo, só fala dela. Casa de

recuperação não recupera ninguém não, tu marca um dez, passa um tempo, quando tu sai, tá tudo igual aqui fora ou então pior. Chega aqui fora, aí tu marca um dez maneiro, aí tu fala: “Tem que parar de ver aquelas pessoa, tu tem que parar de andar com aquelas pessoa”. Chega uma hora que não tem como você parar de andar com elas, só se ficar vinte e quatro horas dentro de casa sem sair.

Ou então você arruma um trabalho, quando chega do trabalho, fica enguiçado dentro de casa. Aí dá vontade, você vai à igreja. Talvez ao voltar, o cara vai tá lá. Não tem possibilidade de você parar de falar com o cara não, entendeu? O teu corpo vai continuar sentindo vontade de usar. “Ah, tô há um ano sem usar”. E daí? Não interessa não, vai sentir vontade. A nossa vida é assim, você tá na igreja... Você tem que buscar a Deus, na moral. Não vai só de ir não. Buscar, ter compromisso. Deus tem compromisso com a gente, não tem? “Ah, Deus não existe”. Existe sim. Existe sim, porque eu senti a presença de Deus muitas das vezes, já vi Deus fazer coisa por mim que ninguém faz, então existe sim. Como o demônio também existe. Claro que existe.

Eu já fui na macumba, eu já vi pessoa incorporada. Existe sim, mulher bonita ficar feia como o cão. Eu fui lá, olhei e vi, na cara dela, a mulher linda, se incorporando, ficou feia. Deus que me perdoe. Existe sim. Os espíritos são Deus? Falam uma língua estranha? São a língua dos anjos, não tem como falar que não é porque eu li na palavra de Deus. A questão é, lá você convive com pessoas que não usam drogas. Então as conversa nunca vai ser de droga, a não ser que a pessoa quiser saber da tua vida, entendeu? Curiosa, ou a pessoa que é debochada, aquela pessoa que fica jogando na cara, que tu é dependente do crack. Aí você tá no vício e se sente mal, independente que não tá fazendo mais, mas... Bateu em tu, a pedrada. A pedrada bateu em tu, tem essa não, não tem problema que eu não faço mais, mas... tem gente que já fez um dia.

Lá não, lá na igreja você não vai ter conversa que vai ser dessa questão aí, de relação. É isso que as pessoa falam: “Ah, mas leva Jesus”. Eu conheço pessoas que não falam de Jesus, como é que você vai falar pra eles? As pessoa não vive isso. Mas como é que tu não vai falar de drogas? Se tu tá vivendo, se tu viveu

aquele... Por exemplo, eu, tô aqui convivendo só com as pessoas que são dependente químico, cracudão. Aí tu vai pra casa de recuperação agora, tu vai falar de quê? Da Palavra do Senhor? Não, tu vai falar da droga! O que tu tá vivendo. É o que você tava convivendo com um monte de pessoas que usava isso, que só usava isso. Chega lá pra falar o quê? Disso.

E aí o cara quer que tu chega lá, “Vamo parar com a conversação, vamo parar com a conversação”. Eu não tenho, vou falar de quê? “Calma, cara, espera, acabei de chegar. Depois que eu me envolver com as coisas de Deus, eu vou falar o quê? Da Palavra de Deus. Mas por enquanto acabei de chegar. É o que eu tava vivendo e o que eu tô passando, eu não tô aqui de mal conversação não. É a Palavra de Deus, e eu respeito”. Mas é, é assim, não tem jeito não, não tem jeito. Não há possibilidade deles entrar na minha mente, eu não permito. Eu não permito deles invadirem a minha mente com esses negócio...

A vida é assim, é de acordo com o que você vive. A senhora tem... a senhora tem, o seu dia a dia. O que a senhora faz no trabalho, vai pra casa, aí tem seu marido, seus filhos. Então a senhora tem o quê? Uma convivência com eles aí. Então, a senhora vai falar sobre o quê? Sobre o que a senhora vive, não é verdade? Então, a mesma coisa do cara que mora na rua, o cara vai ficar falando da casa dele? Não, a palavra dele tem que tá envolvida na rua ali. Tá feliz, tá osso... É o sentimento que tá ali, vivendo. Não adianta, vou ficar falando da minha... da minha família? “Pô, a minha mãe é mó vacilona”. Não! Minha mãe é maneirona, mas eu, pelos meus erros, ela se tornou aquilo. É diferente. Os meus atos, tornou a minha mãe daquele jeito. Essa é a verdade. Só que até quando que ela vai ficar nessa? Já parei. Parei de roubar ela... Mas e aí, vai ficar até quando com a negação? Que saudade é essa. Ou ela não percebeu que eu parei? Não parei de usar, mas em casa não. Em casa eu... Não uso droga lá, não uso não.

Não tenho mais pique pra ficar em rodinha de maconha não. A minha opção é crack, então não tem jeito. Ali perto de onde eu moro tem crack... Mas minha mãe vai querer conviver com cracudo dentro de casa? Por isso que eu saio. Por isto é que eu tô na rua. Imagina eu chegando na nóia e com a maior vontade?

Vou tomar um banho e vou dormir? Não sei. Eu não pego mais nada dela não, isso eu não faço mais não, eu dou um soco na minha cara sozinho mas não faço isso. Não quero mais nada, nem dez centavo. Quantas vezes ela já me testou? Deixa tudo lá, tablet, kindle, até kindle ela tem, aqueles negócio de leitura. Minha mãe lê desde novinha, desde os catorze anos de idade ela lê todo dia.

Tenho saudades da minha mãe, claro, cara, é minha mãe. Nem liguei pra casa ainda. Tô aí quase cinco meses na rua, sem nenhum telefonema. Nem liguei. O que é que eles pensam? Que eu sou maior filho da mãe. Do nada saí, tava na barbearia trabalhando, do nada. O amigo falou: "Vai lá, almoça lá e volta", aí virei pra frente, pra barbearia e, em vez de eu virar e ir pra minha casa, eu virei pra Kombi, pra vir para cá. Nunca mais voltei. Tá aí, olha, o problema saiu daí. Amizade, amizade! A questão não é nesse dia não, amizade! "Aí muleque, tu tem que ver como é que tá o crack lá". Mandeí buscar... E aí, em vez de ele ir, falei não, peguei a Kombi e meti o pé.

*"Na rua tu não tem nada, não constrói nada, não constrói amizade, não constrói nada"*

Das outras vezes que eu voltei pra casa sempre o mesmo tratamento. Nunca foi um bom tratamento. Mas é o que tá querendo me fazer voltar agora... Na rua tu não tem nada não. Não adianta falar que tem, que não tem. Na rua tu não tem aquele cantinho de dormir. Na rua tu não tem nada, não constrói nada, não constrói amizade, não constrói nada. A não ser se, uma amizade pra me construir, como a senhora que não usa droga, que vai me dar bons conselhos, vamos falar coisas boa pra mim, um dia de repente pode chegar ali e me dar uma quentinha, um alimento. Ali não, ali não tem uma amizade, não adianta os caras nem querer falar que tem, porque não tem. O que faz eu falar que eu vou voltar pra casa é minha família. Também. Comida. Cama. Cama, casa... Você vai dormir deitado aí na tua cama, roupa lavada, máquina de lavar, conforto. A senhora acha que não é careta? Eu morava numa casa maneirona, sem hipocrisia. A minha casa é maneira, entendeu? Nada mudou. Mas... a minha mãe tá lá, a encheção de saco tá lá...

O que eu vou falar pra senhora? Só que tá difícil. Muita fome, a fome não passa na rua. Ontem, por exemplo, chorei, chorei pra caramba, não chorei? Eu comi três quentinha. De noite, até dormindo, eu acordei, o cara me oferecendo quentinha. Comida de dieta, é... sem sal. Comida sem sal. Insossa, comida insossa. Eu não aguentava muito comer, era beber água, beber água... O frango, a batata, o arroz e o feijão, que tudo tava... Parece que eu comi três, eu comi um prato de comida, sem hipocrisia. Eu falo que eu como até cinco, né? Porque... era um tantinho de nada. A comida na minha casa é terrível, mas... Comi três quentinha, comi um prato de comida, foi quando me satisfiz. E se eu quisesse, eu comia mais uma. Que dá uma raiva, nisso. Porra, agora mesmo não tem nenhuma. Aí tu comeu, aí comeu, dormiu, acordou, tá com fome. Não tem jeito. Aí tu vai, igual eu, eu aí tô limpinho, dá uma raiva de ficar limpo. Porque ninguém te dá nada, não sei pedir nada pra ninguém não. Foi o convívio, a minha convivência dentro de casa não foi de ficar... A convivência pidão. Não precisava ficar pedindo muito.

*“Toda a intenção de trabalho é droga. O costume é usar droga”*

O dinheiro vendendo lata... Tá chovendo pra cacete. O que acontece quando eu vendo é usar droga. Claro! Toda a intenção de trabalho é droga. O costume é usar droga. Não vai comer um biscoito. Eu como doce, todo dia. Eu não consigo ficar sem chupar uma bala, comer um pirulito, comer chiclete. Vou comer um doce, uma bananada. Aí vai um doce de amendoim, um doce branco, mas é doce demais! Mas aí eu fui, com um sono danado, aí o que eu vou fazer? Quando acabar de garimpar aqui, eu vou comer, vou comprar um... dois pacote de biscoito, vou lá no fundo pra dormir. Caô, foi dois real mesmo! Peguei meio a meio, peguei... Fumei, fiquei ligadão, trabalhei de novo pra fumar de novo. Agora recentemente é isso, tu vai, fica com vontade e fala: “Tenho que comer um negócio, tenho que comer alguma coisa”. Aí tu pega o dinheiro e... Aí o cara até come um negócio aqui, um bagulho de menos de cinquenta centavo, que é o que sobrou. Aquela coisa que não sobra nem prum copo, porque o copo é cinquenta. Tem que comprar um copo, vai usar o dos

outros? Isso aqui, é meu cachimbo. Isso aqui é uma bica. Achei na rua, lá no Mandela. O cachimbo é feito de bica. O problema é o vício. É um cacete ter uma bica, assim! Tá suja é porque eu fumei, tá preto. Isso é resíduo do crack.

O crack tem efeito colateral, claro, pô! A senhora não viu eu não, nervosão aí? Isso é efeito colateral. Ô, o efeito colateral, os machucado. Sujeira, isso é sujeira. Tu fica sujo? Tuas pernas. Fica aqui... Isso é marca de sujeira, a minha perna não é preta, minha perna é branca. Aqui, esfreguei, mas não sai de lá, não. Isso é efeito colateral da droga. Sujeira. É cheio de feridinha. Tu acha que eu me machuquei em algum lugar? Não, é ferida que aparece do nada. É, descuido. Porque você não tá cuidando do teu machucado. Se eu venho aqui e coloco curativo, aí tapar e não deixa respirar o machucado, então não é bom, tem que deixar respirar o machucado. Não tem jeito.

Mas a gente tá na rua, eu entro ali no lixo toda hora pra pegar latinha, esses bagulho aí. Cheio daquelas coisas imundas lá, podre. E esse machucado aqui foi o pior. Sabe como é que eu rasguei o pé aqui? Com uma latinha, amassando latinha. Eu pisei nela, machuquei... Simples fato da latinha. Ficou um tempo maneiro pra sarar a ferida. Igual a esse cachimbo aqui, eu não vou usar ele, eu não meto a boca aqui. Tá maluco, tá sujo! Tô guardando ele porque eu lavo. Vou lá no... O bico dele, eu não vou botar a boca no bagulho que eu coloquei em cima da pia do banheiro. Cheio de bactéria. Ó a cor dele, Deus que me perdoe! É ruim.

Outra coisa também. Quando falam aí, que eu sou viado, só porque eu não pego cracuda. É, cracudinha, na verdade cracuda. Pego mesmo não, já não chega eu sujo. Ah, é mulher, mas a pessoa não toma um banho. O é que é isso? Vamos viver legal. Todos nós sabemos que a mulher que é limpa, é normal. Nós sabemos que a mulher que é limpinha, que se limpa todo dia direitinho, nós já sabemos, que o negócio já tem um cheiro desagradável, independente da limpeza. Porque é o cheiro dela mesmo, não tem jeito. Não é verdade? Então o que acontece? Imagina aquela que não lava? Tem gente que aguenta, mas o negócio é um veneno. Então, tu vai ficar botando a cara ali? Não boto não. Tudo bem que tu vai se satisfazer ali, mas eu sempre

faço sozinho, minha mão é poderosa. Não é melhor?

Tem que pegar o macete delas. Tem umas ali que parece que tá sempre de banho tomado, cabelo molhado. Aí, esses dias agora, eu fui debaixo daquela ponte ali que... Esses dias agora, eu fui fumar uma pedra ali debaixo, aí eu peguei o macete. Copo de água, molha o cabelo, limpa as canela e o pé. Sai dali como se tivesse com banho tomado. E o resto? E o *principal*? O principal continua sujo. A melhor parte continua suja. Aí tu vê uma menina até bonitinha na favela, todo dia tem crack o dia todo, todo dia tem o loló o dia todo. E de onde essa porra desse dinheiro tá saindo? Tá ganhando de graça? Não faz nada pra ninguém, não move um músculo. Bonitinha. Tem umas meninas linda ali na rua mesmo. Tem só mulher feia não, tem muita mulher ruim e feia ali, mas tem muita mulher bonita e gostosa ali também. Que... Tu vê fumando, dá até raiva.

Tem uma morena ali, que porra, muito linda. É uma morena linda, enche o meu... Ah, não tento, cara. Tá maluco? Cracudo não pode ter envolvimento com cracudo não. É cracuda, cracuda não pode namorar não. Relacionamento sério com cracuda? Não vai ter. Qual é a da cracuda? Ela quer fumar, você tem que bancar o crack dela. Aí tu não tem, e aí vem um cara, convoca ela, oferece dez, ela vai com o cara. Aí tu fica pensando assim, aí eu construo o túnel. Aí eu vou construindo. Eu construo o pensamento todinho pra ver se vai valer a pena. Aí tu vai lá, vê a menina malhadona... Às vezes sujona, não escova o dente há anos. Enfermidade não é só aids, até bactéria te prejudica. Porra, é por isso que é ruim ser inteligente... Se eu não soubesse disso, pegava qualquer uma. Porque não existe só o HIV. O HIV é uma coisa que vai te matar certo. Até, tem vários tipos de HIV também, uns quatro tipos. Várias coisas que a mulher pode ter na boca. Até um dente podre às vezes te prejudica.

Eu me sinto muito sozinho. Só choro sozinho, não ando com ninguém. Eu gosto muito de... juntar. Por exemplo, somar o material, junta tudo, e vende junto que vai dar um dinheiro maneiro, que no final de tudo a gente compra uma pedra e divide no meio. Vai valer a pena. Eu tenho o meu pra somar, então vamos somar. Aí depois de tudo, eu prefiro garimpar dois do que garimpar um. Igual no baile, tu pega um amigo, vai, quinze

minutos nós tá fora. Claro que tá. Imagine, vinte eu catando e vinte ele catando, quando juntar as duas lata? Tem cinco, seis quilos. No baile do Mandela, não dava pra passar, não dava pra entrar. Latinha e garrafa, latinha e garrafa, latinha e garrafa. E tem gente que só cata lata, deixa as garrafas tudo lá. A gente vai catando, garrafa também é dinheiro, só que a latinha é mais. Latinha é três e trinta, e a garrafa é um e trinta. Aí, vai o que no lugar da garrafa? É um e trinta, pô! Você acha que eu não vou pegar um pedaço de ferro que é trinta centavos o quilo? Claro que eu vou. Três quilos de ferro, Já faz noventa centavos. Questão de sabedoria. Os caras só olha a questão do... do valor. E a sabedoria? Trabalho e sabedoria é mais... é mais lucrativo. Tu se cansa menos, entendeu? E vai rápido. É melhor assim. Você vai mais rápido, o que for mais rápido. Assim, você fuma mais rápido. A intenção é fumar no final.

É, eu vivo o momento. Agora, por exemplo, hoje, hoje eu não quero usar droga. Direto, fico todo dia dormindo aqui. Acordo, fico sem comer, normal, tô acostumado, tá virando até costume, ficar sem me alimentar, só Jesus. Aqui no UPA tem pessoa que é maneirão, aqui no UPA, na Clínica da Família, tem pessoas que são maneirona. Só ele dá, o Farofa. Só ele dá. Todo dia ele vai ali e acorda a gente pra dar. Todo dia, pode ser sem sal, tô nem aí, mas ele dá. Nós sabemos que ele dá sem sal porque é o que tem. Se tivesse algum tempero, ele ia dar com tempero, entendeu? Porque o cara é resposta, O cara é maneirão.

Tem gente que não é, um montão. Médico, médico e não é enfermeiro, médico. Tem dinheiro. Vai trabalhar, ficar estudando nove anos, pra no final ganhar... 880. Não ganha 880. No mínimo aí, é três conto, né? dois conto e tal. Tem uns que são nojento, nojento, tem nojo dos outros. Olha pra a sujeira, ele te olha, ele te olha pelo... pelo que tu tá mostrando, um pé sujo, e tal. Deus que me perdoe. O ser humano é assim, ele te olha o negativo, e o positivo? Quantos deles me vê como um ignorante, um monstro, mas eu não sou ignorante nem um monstro, pelo contrário. Eu mudo quando entro num lugar assim. Tem lugar que tu tem que... mudar. É... fico reservado. Fica mais calado, só observa, fica... só recebe e ri.

Eu não sou esse cara nervosão que tá aí não. Que tava ali agora.

Eu sou um cara... cabeça no lugar ainda. Tenho trinta anos de idade eu vou fazer, em dezembro agora. A mente já toda trabalhada. Perfeita. Tem essa não. Quebrei a cabeça e *pá*. E isso me transformou. Bati de moto. Vou falar minha vida pra a senhora um pouquinho. Eu era da aeronáutica. Tinha duas moto. Gastava muito dinheiro, todo dia cheirando pó. Tinha muita mulher, entendeu? Só andava arrumadão. Melhores coisas que eu tinha, os tênis só lançamento, só roupão. E assim foi seguindo a vida, cheirava demais. Todo dia cheirava. Podia todo dia ter uma mulher diferente, se eu quisesse. Se eu quisesse, tinha três, quatro mulher diferente por dia, sem hipocrisia.

Sem hipocrisia, porque, hoje em dia a mulher te olha pelo que tu tem, não pelo que você é. Não é todas não. Pode ser um cara que bate nela todo dia, mas se tem dinheiro, tá dando conforto pra ela, caminha quente, carrão, motão, ela vai continuar, vai entrar na porrada... Mas sabe que no final de tudo vai ter um prato de comida abençoado. Alimentação boa, empregada, não é verdade isso aí? É legal de montão, mas quebrar na porrada e fica, continua com o cara. Que saudade é essa de apanhar? Mesmo que o cara não te gosta de você? O cara que bate na mulher, o cara não gosta da menina dele não. Aí a mulher vai embora, vai chorar. Se tu amava a mulher, por que tu bateu nela? Tu bateu, por que tu quebrou a cara dela? Estourou o nariz da mulher? Que amor é esse? Vamos andar, garoto.

Tu odeia ela. Isso é hipocrisia, você tá com ela só porque ela te satisfaz. Uma, que ela tem medo, então ela vai fazer o que tu quiser. Ela tem medo de tu, porque ela sabe que tu vai arrebentar ela na porrada se tu não fizer. Eles não tão nem aí, namora com as menina, mora na rua. Aí é cracudão, ela também é cracudona. Aí a mina, porque a mina andou ali, que a mina fumou num copo de alguém, aí o cara vai lá e rebenta a mulher na madeira. Tem uma menina ali, bonitinha, entrando na porrada direto. Ele só dava madeirada na cara dela. Vontade de pegar ele e meter-lhe a porrada nele também, encher ele de madeirada pra ele pegar no legal, como é maneiro tomar madeirada. Cadê o cara? Correu o cara, ele nem aparece mais por aqui. Pra mim ele é vacilão.

É igual eu falo prum montão ali. Do nada, o maluco apareceu com o braço quebrado. Por causa de quê? Meteu a mão no que

não era pra meter, tomou-lhe madeirada no cotovelo. Do nada o cara apareceu de braço quebrado. Tá metendo a mão onde não deve, meter a mão. Por isso que eu falo, eu prefiro meter a mão no lixo, lá no lixo tu também acha o ouro. É porque eu não gosto de sair daqui pra catar latinha em outro lugar. Porra, tem lugar aí, que tu mete, que tu vai meter a mão no lixo e só que tem coisa boa, micro-ondas, fogão, geladeira, é muita coisa boa, que vai fazer um dinheiro maneirão, mas eu não gosto de ir não, eu gosto de ficar só aqui. Ir embora, eu nem gosto de andar muito. Cansa. Estudei muito pra ficar andando muito pra catar latinha. Estudei muito, pra mim ficar andando, catando esses bagulho aí. Eu não saio de dentro da comunidade pra garimpar. Só dá ali pelo Jacaré e no Mandela, e em Manguinhos.

Eu pego duas bolsa assim, já sei o dinheiro que vai dar, já sei o valor, já sei quantas grama tem se eu pegar um saco de latinha aqui. Fumo pouquinho, cara. Eu tô magrelo assim por falta de alimentação. Sem hipocrisia, fumo pouquinho, eu não fumo muito não. Não tô vendendo pra fazer uma correria. Faz uma correria pra fazer oitenta, noventa real. Chega aqui pega um crack de cinquenta. Fica ali se mostrando pros outros que tem crack de cinquenta. Ai fica um monte de cracuda no teu lado, suga tudo e tu é ninguém... Um montão de bobão que fica assim. A gostosa vai lá, aí senta, vem, vem e aí fuma, fuma, fuma...

*“Sabe quando Papai Noel bate em mim? Quando eu fumo. Fico generoso, generosidade”*

Nenhuma mulher fuma a minha droga. Mulher que é mulher drogada, tem que me emprestar o copo. Pra fumar a minha tem que me emprestar, tem que fazer alguma coisa por mim. Tem que me emprestar o copo, o isqueiro, a cinza, tudo. Não dou pra qualquer um. Papai Noel! Sabe quando Papai Noel bate em mim? Quando eu fumo. Fico generoso, generosidade. Depois do pó e do crack. Tá pancadão, tu quer se amostrar, pros outros, pancadão de pó. Tá na onda! No final, quando acaba... Sempre foi assim em minha vida.

Quando eu tava benzão, digo assim, financeiramente, eu gastava muito dinheiro com pó. Muito dinheiro, muito, muito. Eu não

cheirava menos, eu não cheirava menos de cem real por dia. Eu cheirava muito. Eu gastava setecentos conto, quinhentos conto, direto, de pó, só pó. Cheirava tudo. Mas aí tu vê legal como é que o crack é forte. O crack é fortão. A colocação do crack eu faço, porque eu sei o quanto eu gostava de cocaína! Digo, hoje em dia, se eu bater um teco ali, eu não vou nem ligar. E aí tu vê o crack, o crack é o sumo daquilo. É o sumo da cocaína. O crack é o cão chupando manga.

Outras drogas aí também que... eu cheguei a ver legal, o kro-kodil, negócio que tu vai usando, é tipo assim, aplica na veia. Chega uma hora que cai pedaço do teu corpo, placa de pedaço do teu corpo, carne, não osso, mas carne. Mas não usei não, nem tem aquilo lá, nem vende, não tem. Eu vou logo, eu faço logo a colocação do crack, porque eu sei que o crack... Eu gostava muito de cheirar. Roubei muito a minha mãe, tirei muita coisa de dentro de casa já. Som, TV, DVD pra caramba. É... Hoje eu, eu gosto mais de um do que do outro. Cocaína eu nem ligo, nem cheiro mais não. Eu só compro crack. Não compro maconha, não compro pó, não compro loló, não compro nada disso. Só fumo maconha dos outros, só cheiro pó dos outros. O crack eu só fumo eu.

Eu só fumo a droga que eu compro. Ninguém dá nada pra ninguém. A imaginação que as pessoa tem, do que é aquela vida ali, não é não. As pessoas imaginam que o outro é maneirão, que geral é amigo, que se tu pedir o cara vai dar... Vai não, só tem um inimigo do outro. Igual a questão do se eu dormir me rouba. Ali ninguém é amigo de ninguém. Nem os que são um namoradinho do outro. Por quê? Se tu dá dinheiro na mão dele, ele não vai voltar. Se tu dormir, e deixar a tua bolsa, ele vai mexer, vai te roubar. Então, ele não é teu amigo. Nunca na vida ele é teu amigo. Ele é o cara mais doente do mundo. Fala mal de tu, se tu der mole, ele te bota na bola. Que amigo é esse? Não tenho amigo aí não.

# “É UMA VIDA DIFÍCIL, É UMA VIDA ÁRDUA, É UMA VIDA QUE NÃO TEM VOLTA”

MANUEL, 47 ANOS

Eu tenho quarenta e sete anos. Tenho duas faculdades, uma eu sou formado em História Geral, sou pós-graduado em História da África e sou bacharel em Teologia. Natural do Rio de Janeiro, sim. Correto. Eu sou aposentado pela Guarda Municipal do Rio de Janeiro. Devido ao uso compulsivo de drogas.

Aqui eu vim buscar o meu remédio porque... ele... me deixa tranquilo e eu usando os remédio que eu uso, que são remédio... tarja preta, né, no caso ansiedade, transtorno de personalidade, é... psicótico... Eu tentei suicídio sete vez. Sete vezes, sete vezes. Cortando... cortando os pulsos. É, uma vez peguei um revólver mas a bala não saiu. Eu não andava armado, eu pedi emprestado, aluguei uma arma por duzentos reais e tentei tirar a minha vida. Só que a... falhou. Entendeu? Tem... sete meses. Não, a última vez foi... dezessete dias. Foi esse aqui, ó, esse e esse. É esses dois cortes, é na veia.

O que que me motivou é que eu fui casado, eu fui casado, casei em 95, com a mulher mais bonita da Zona Oeste, ela foi miss Mocidade Independente Padre Miguel. Essa mulher não tinha nem o que comer, o que beber, e meu pai foi ortopedista do Botafogo, do Atlético Mineiro, do Cruzeiro. Sempre tive uma vida... de classe média, entendeu, só que eu amava aqui essa pessoa mais do que Deus e eu vinha tendo uma depressão profunda devido à separação, porque eu peguei uma traição, tá? Dela. Tem... foi em 2013. É... ééé... ela com o marido da irmã dela.

Então aquilo ali eu não aceitava em hipótese nenhuma porque meu pai é que dava cesta básica, que meu pai que pagava as

coisa pra ela e pra a família dela, e... e eu sofri acidente de moto, hoje eu tenho platina no ombro, no joelho, na cabeça. E ela fez eu assinar um documento, passando... me interditando. Então fiquei sem salário. Eu tinha três carro, uma casa de quase quinhentos mil reais, e ficou tudo pra ela. E agora eu tava, a... a juíza, a advogada tá lutando na Justiça, que ela falsificou a minha assinatura pra tentar... falou que em setembro, outubro deve sair alguma coisa para mim.

*“Porque a rua pra mim não é lugar, é lugar de ir e de vim, não de morar”*

Porque a rua pra mim não é lugar, é lugar de ir e de vim, não de morar. Porque... é ruim morar na rua. As pessoas matam por quentinha, as pessoas matam por droga, entendeu, a rua não é lugar de ninguém. As próprias pessoas, já... já... os próprios moradores de rua que dormem do teu lado, eles te roubam, eles te matam se você não dá droga pra eles, entendeu, eles te botam na bola. Na bola é o quê? É o que eles falam que você fez isso, aquilo, roubou, e você não roubou, e vem alguém, vem um miliciano, vem o polícia, e te cobra ou te mata, como eu vi várias pessoas sendo morta.

Negativo. Eu não tenho confiança em morar na rua. Morei por necessidade! Três anos. Mas nesses três anos tinha um intercâmbio, que eu... que a, que eu tenho uma filha que mora no Rio Grande do Norte, que é... que é a nutricionista... e outra, é bem casada, então elas mandavam um dinheiro, um aluguel pra... Tenho duas filhas com minha ex-esposa. Muito bem, muito... são, são bem de vida. Então elas mandavam todo mês mil reais, eu alugava um mês, uns dois meses, mas no terceiro já não conseguia pagar, porque eu... Usava droga! Aí voltava pra rua de novo, com a mochila, voltava pra rua de novo.

Eu uso... maconha, cocaína, loló, crack, sou total flex, uso qualquer tipo de droga. O crack é uma... é uma droga absurda. Ele vê, você vê coisas que... que eu não desejo pra um inimigo. Ruins, demônios. É tipo morto-vivo, pessoas que andam, você... entra naquela paranoia, cismando que pessoas querem te matar, entendeu? Paranóia. Dá paranóia, daí é horrível, é uma sensação

horrível. Horrível! A senhora não tem noção do que é o crack. É uma droga muito forte, e ela te deixa... em estado assim... ééé... como é que se diz? Estado anormal, no caso.

A maconha me relaxa, a cocaína me deixa tranquilo, me deixa naquela onda. Já a loló, ela te dá um... ela bate o sino. Entendeu? Você... você bota um pouquinho de loló na garrafinha de... de Toddy, aí você vai abafando, abafando, chega uma hora que faz *zuuummmmm*. Aí, soou, aí tu, tu dá aquele estalo, e aí começa a cabeça rodar, *schhh*, faz aquele barulho e tu desmaia. Entendeu? E aí tu começa a ter... sonhos, aquelas coisas. É muito ruim, não é boa não, nada de droga é bom. A maconha me deixa tranquilo, eu... Mas para mim... pro corpo, não. Deixa eu me corrigir, pro o corpo é bom, mas quando acaba aquela sensação vem uma depressão que eu quero me matar, que eu quero me jogar, porque acabou o dinheiro, mas eu não roubo, eu não tenho onde pegar mais dinheiro, e aí eu vou fazer o quê? Aí eu vou... pro garimpo. Garimpar uma... PET, uma latinha, um alumínio, pra fazer dinheiro, pra conseguir dez, quinze reais, pra conseguir mais droga!

Eu vou começar a receber de novo a aposentadoria esse mês, porque a juíza conseguiu antecipação de tutela, tá? Então eu consegui, eu... eu... eu... agora dia quatro eu já recebo. Vivendo com garimpo, com entulho, com... descarregar caminhão. Algum bico, eu não paro, eu procuro assim, "Ô, tu não tem como tirar uma terra aí e tal?", então o pessoal dá dez ou então dá vinte. Pelo menos uns quarenta, cinquenta, cem reais por dia dá para arrumar. Não todo dia que tu arruma cem, tem dia que arruma trinta, tem dia que arruma quarenta. E mangueando também, né?

Manguear é pedir na rua. Você mata a tua mãe, mata teu pai, conta uma história, Monteiro Lobato. E a pessoa te dá dois, te dá cinco. E dali você junta vinte e cinco, trinta e já vai pra a boca de fumo. O que dá mais dinheiro é... descarregar caminhão. Dá até sessenta reais. Descarregar caminhão. É um trabalho árduo? É. Mas é o que dá mais, sessenta reais mais o almoço. Mas desses sessenta reais, três horas depois não tem mais nada. Porque vai tudo em droga.

Depois que passar a onda... depois... É depressão, é solidão,

porque a minha família não quer contato comigo, só essa minha filha. Minha filha. Minha mãe me negou um prato de comida. Ela falou que eu sou drogado, que eu sou um funcionário, então eu tenho direito pra... entendeu, eu tenho meios pra conseguir comida. Ela falou que... que preferia jogar comida no... no lixo do que me dar. E eu tava com fome. Fome! Eu não pedi dinheiro, eu pedi um prato de comida, entendeu? O meu pai, não tem noção, o meu pai... se o meu pai estivesse vivo nada disso teria acontecido.

Meu pai era um homem que tinha um bom salário, um homem inteligente, tinha várias faculdades, meu pai operou o Zico. O Márcio Nunes de Bangu. O Márcio Nunes do Bangu, é... quebrou a perna dele, meu pai participou da mesa de operação. Tive televisão, mo... cheguei a morar no Arpoador, no Leme. Meu pai tinha uma condição boa, meu pai, trabalhou... era ortopedista até de time de fora. Mas foi uma depressão porque eu amava aquela mulher mais do que Deus. Então eu entrei numa depressão profunda, eu queria droga, droga, droga, que eu me sentia num refúgio, uma fuga associativa.

Eu usava antes, fiquei treze anos, desde que casei com ela em 95, eu fiquei até 2013 sem usar qualquer tipo de droga, nem cerveja, nada. Ela era de igreja, dirigia igreja, entendeu? Batista, porque ela era da Batista, entendeu, eu fui pastor batista, tenho conhecimento bíblico muito grande. Eu parei de usar quando casei com ela, isso, isso. Um pouquinho antes. Entrei pra Igreja, claro que a Bíblia diz que o nosso corpo é templo do Espírito Santo, então eu me sentia mal. Aí parei, mas quando eu teve a separação, aquilo ali para mim foi... foi o fim. Eu pedia a Deus a morte todo dia. Todo dia eu queria pedir a morte a Deus.

Teve uns polícia que me pegaram, eu fui furtar no mercado. Pegaram e bateram muito, bateram muito. Aí eu falei "Moço". E aí ele falou "O que é que você espera da vida?". Eu falei: "A morte". Ele, "Eu vou te matar". Ele puxou a quarenta, me deu o golpe, aí ele falou, "Não, não vou te matar, eu vou deixar você... você sofrer. Porque pra mim, você é um nada-consta, você é um morto-vivo, você já tá morto, só falta enterrar". Entendeu? Pô, aquilo ali pra mim foi horrível. Horrível. E eu garanto que eu tenho mais estudo do que ele, sou mais inteligente do que ele.

Matou a minha dignidade, a minha identi... porque quando a gente tá nas drogas, a gente perde o caráter, a gente perde a... a dignidade. A gente perde confiança porque eu... eu hoje ando arrumadinho. Mas tinha dia que eu andava todo sujo, que nem um mendigo. As pessoas atravessavam, me viam, atravessavam pro outro lado, pensando que eu ia... roubar. E eu não ia fazer aquilo. É difícil. Na hora. "Senhora, eu não sou ladrão, não sou bandido, sou um sofredor, estou em estado de miséria, moro na rua, mas eu posso pedir, mas roubar, eu não vou roubar não". Falava... falava... "Pega o seu dinheiro, faça o que você quiser". Falava, falava... falava assim. Mais ou menos por aí, entendeu?

É uma vida difícil, é uma vida árdua, é uma vida que não tem volta. E eu sei que eu sou um adicto, que é 24 por 24. E vou ser um adicto por toda a vida... Eu tô há... há... há dezessete dias sem usar. E tô muito bem, cortei cabelo, fiz a barba, tô com mais roupa lá, tô com outro tênis, entendeu? Tenho meu desodorante, tô fazendo tratamento dentário, tô começando a me... a me res... ressocializar à sociedade. Porque... eu acredito que existe um Deus, e eu acredito que eu tenho que surpreender aquelas pessoas que não acreditam em mim. Positivamente. Porque pra muitos... É, porque para muitos, eu tô morto. Pra minha mãe, que não tenho contato há... uns quatro anos, pros meus irmãos. Minhas filhas sabem que eu tô vivo.

Eu tenho um irmão mais novo. Tenho um irmão e uma irmã. Mas minha irmã não me suporta, não se dá comigo porque ela... ela é mãe de santo, ela é do candomblé e ela não pode ter filho. Então a maior raiva dela é essa. E as minhas filhas são as coisas mais bonita que tem no mundo. São linda, linda, linda. Tenho orgulho das duas, eu tenho. Apesar que eu sou uma vergonha pra elas. E ela, domingo passado eu liguei pra ela, estava em Natal, uma, né? Ela, "Pai, eu te perdôo, agora eu entendo que ela... que na época, eu... sabe, eu sube a sua versão e fiquei sabendo da minha mãe, eu soube que a minha mãe te traiu, que ela está... que ela te interditou, que ela recebe... Pai, me perdoe, te amo". Aquilo pra mim foi tudo, está entendendo? Então é por aí, doutora. A vida é essa, a vida continua. E se Deus não me levar... eu quero cada vez mais crescer. Entendeu.

Ainda tenho vontade morrer, tenho... Tenho sim. Vontade no

momento eu tinha, eu queria morrer todo dia, eu procurava a morte. Eu mexia com polícia, com bandido. Ficava... Procurar a morte, uma vez eu cheguei na boca de fumo e dei um soco na cara do cara que tava vendendo, aí me amarraram todo, me bateram muito, foi o dia que apanhei muito, que eu fui pra UPA. Quem bateu falou "Não vale a pena matar ele não, esse aí tá morto". Entendeu? Eu dei um soco na cara do cara que tava vendendo droga. Eu... eu já fiz decidido a fazer, eu falei... é porque o Comando Vermelho, ele tem um estatuto. Eu não posso agredir o outro, mas aí eu não sei, foi um rapaz que disse "Esse cara aí, que esse cara tem alguma coisa de Deus aí, não vamos matar ele não, vamos dar só um pau nele". Mas foi um pau que... Quase me matou! Foi um pau doído. Perna de três, e doído, e todo arreventado, todo, todo, todo. Pensava em suicídio porque é depressão, é a solidão, é achar que eu não tenho mais jeito, entendeu?

*"Se eu não morri, é porque é missão de Deus. É porque Deus tem algo na minha vida muito grande, Deus vai me dar esse grande! Eu creio nisso. Agora eu creio"*

Mas eu comecei a... a ver agora... que se eu não... Filipenses 1:6 diz que aquele que começou a boa obra, aperfeiçoará e terminará até o fim dos tempos. Se eu não morri, é porque é missão de Deus. É porque Deus tem algo na minha vida muito grande, Deus vai me dar esse grande! Eu creio nisso. Agora eu creio. Eu creio em Deus. Eu creio que as pessoas vão ficar tão surpreendidas que não vão entender aquilo que Deus fez na minha vida. "Pô, o cara era um cracudo, o cara era um mendigo, ó como é que o cara tá, de carro, de casa de novo, como pode isso?". Só Deus pode fazer isso por mim e pela senhora. O meu pensamento agora é esse. Agora é isso que me motiva.

Eu venho aqui já. Eu não vinha ó, marquei meus exames, tudo direitinho, eu peguei meus remédios. Eu não vinha, largava, vinha aqui era: "Ah, só pra vim memo", porque antigamente dava comida aqui, "Ah, vou comer e vou embora". Botava, eu mangueava. Queria, arrumava cinco, dez... Boca de fumo. Hoje eu já não vou pra a boca de fumo, eu já vou almoçar no hotel. O hotel, ele atende moradores de rua, você tem direito a ficar lá

seis meses. Eu cheguei lá há menos de um mês. Não aquele da Ilha não, aquilo ali é horrível! Aquilo ali, eu não aguentei ficar um dia. Você entra no banheiro, o banheiro todo defecado no chão, entendeu? Tudo cheio de percevejo. Mas esse que a gente tem é ar-condicionado, limpinho. É... Atrás, atrás do... do Garotinho, da Brasil. Ali na Nova Holanda. Sabe onde é ali? É ali atrás.

Hotel, hotel Vítor alguma coisa. Não, *Hotel Gentileza*, conhece não? Pô, lá é ótimo, vai lá fazer uma visita. Estou lá há dezessete dias sem usar droga. Lá tem filme, que eles botam pra a gente, tem tudo. Aí o que é que eu faço pra preencher meu tempo? De meio-dia às quatro você não pode ficar no hotel. Eu vou lá pra outro, dentro da Maré, um espaço cultural. Um espaço cultural onde são ex-viciados que largaram a droga. Eles dão café pra a gente, eles botam filme, eles dão aula de violão. É... Centro de Referência, é lá memo. Ali é muito bom. Fico lá de duas às seis. Aí volto, sete, sete e quinze, janto, tomo um banho, espero a ceia que é nove e meia e durmo. Quando acordo tomo um café e tô agindo minha vida. Tem perícia, entendeu? Leio a bíblia, gosto de ler muito, entendeu? Estou com problema que eu não tenho um óculos pra perto, entendeu, mas... vou comprar agora esse mês, entendeu? Leio, leio, leio, leio, a hora passa, eu converso... A única coisa que eu não larguei ainda foi o cigarro.

Eu procurei o advogada porque eu me senti um dia, a... a coisa pior, que tem no mundo. Eu tava muito sujo entendeu? Eu tava muito sujo, imundo, imundo, imundo, eu me olhei no espelho, eu falei, "Esse não sou eu". Aí eu falei, "Ó o estado que eu cheguei, sujo, *fedendo*. Fedendo", entendeu? Fedendo memo, mas fedendo. Aí eu falei, "Meu Deus do céu, será que sou eu?". As pessoas viram o meu Facebook e falaram, "Eu não sei, o cara bonito, afetuoso, ó o estado que..." Aí eu falei, "Não, eu tenho que mudar de vida". Aí fui, eu dormi uma semana na Cracolândia, esperando a abordagem, a abordagem veio... Da Guarda Municipal, e da... e da Prefeitura, e da PM também, aí vim e falei olha, pro hotel.

Aí de dezessete só ficou dois, eu e mais um, porque não é pra qualquer um, você passa que nem uma... triagem. É isso aí, expliquei pra ela, sou guarda. Aí ela falou, "Olha, você tem pra ficar aqui seis meses". Seis meses, já tirei a minha identidade,

já tirei meu CPF, entendeu? Vou fazer a perícia. Me acolheram. Foi, foi lá que eles me indicaram uma advogada. Foi no Hotel Gentileza, Hotel Gentileza. Que é... é atrás do Garotinho ali atrás, atrás mêmoo, entendeu? Aquela rua ali atrás. E eu me sinto muito bem, eu tenho a cama limpa, troca... de... uma semana, toda quarta-feira você troca a tua roupa de cama, entendeu? Você tem um desodorante, você tem uma escova de dente.

Lá é... ééé... econe... como é que é? Ecumênico. É o nome dado certo, né? Não tem religião. Mas você lá tem pessoas que tem dupla personalidade, então... eu fico sempre na minha, porque lá de vez em quando tem aquelas briguinha normal, como tem... então, eu fico sempre na minha, entendeu? Mas lá dentro não pode ter uso de droga. Já no Stella Maris você já usa droga. A minha relação com as pessoas do hotel é bom dia, boa tarde e boa noite. Confio mais nos funcionários que me tratam muito bem. Quando eu preciso eles vem, eles vão vendo a conduta, "Tá precisando de quê?", "Ah, desodorante", eles vão lá e compram. Me tratam muito bem. Vê, eles viram que aquilo ali não era perfil para mim. Pelo meu histórico.

Procurei a Guarda Municipal, não me deram ajuda nenhuma. E eu sou um dos fundadores da Guarda, fui diretor de sindicato da Guarda, fui diretor da cooperativa da Guarda Municipal. Entendeu? Procurei tem dois anos. Quando eu cheguei lá, tava sujo, tava sujo! A doutora... a dona que é assistente social, simplesmente virou as costas para mim, ficou me olhando assim... de rabo de olho, eu me senti como... o último macaco do planeta, do Planeta do Macaco. Me senti ridículo, e fui embora. E até... porque promessa da Guarda eu tive muito, mas até agora nenhuma concreta. E eu, aposentado, eu não deixei de ser guarda, eu sou guarda ainda! Tá? Simplesmente eles viraram as costas para mim e não me ajudaram em nada, em nada, em nada, nada, nada! Então, ajudei muito meus amigos da Guarda. Eles me ajudaram a primeira vez... me dava vinte, cinquenta reais, mas depois, que eu ia lá de novo, pra pedir uma comida, pra pedir... falava que não estava em casa.

Então agora, ô... ô... eu resolvi que eu tenho que tomar minha atitude. *Eu* tenho que mudar de vida. Eu não posso depender da senhora, eu não posso depender da dona Cássia. A atitude

é minha. Né? Olhando pro centro da vontade de... de Deus, não olhar pra trás. Que se eu olhar pra trás, eu vou virar estátua de sal. Então eu quero olhar... pro futuro. Pro presente. E virar uma pessoa com nova identidade, com um novo caráter, sem droga no sangue. Eu botei isso na cabeça, e eu vou conseguir. Porque eu quero! Antes eu não queria. Agora eu quero! Eu quero mudar. É... essa vontade, eu quero mudar de vida.

Vontade, ansiedade de usar droga, eu tenho. Tenho! Onti mesmo, eu fui... tinha um menino com quatro cápsula de cinco, de cocaína. Eu não quis! Eu não... Me ofereceu, abriu, "Toma, dá um teco". Eu falei, "Eu não vou tecar". "Ah, então, quer tomar uma cerveja?". "Não". "Paga um refrigerante pra mim". Pagou o refrigerante, eu bebi, aí eu falei "Agora vou embora". Só.... Dei o primeiro passo, disse não. Tá entendendo? É difícil? É! Mas ainda mais quando você não tem ajuda. Isso é que é difícil, você não tem ajuda de família, porque pra família você vai ser... você vai sempre ser um marginal, ou um drogado, ou um viciado. A senhora tá entendendo? É difícil! Mas... a vida é essa, continua. E eu... creio que Deus vai me abençoar, tô indo na igreja, e eu vou mudar de vida!

Quando eu tava na rua e precisava de algo de saúde eu ia na UPA. Eu ficava em Madureira. E ficava na Brasil, ultimamente. Na Brasil porque... na... na Cracolândia... porque eles só recolhem ali... Se tiver na Cracolândia, eles recolhem pra ir pra esse hotel. Entendeu? Eu tentei quatro vezes, na quarta eu consegui. Eu sempre fui bem atendido na UPA. É... tinha aqueles olhares, né? Quando você... aqueles olhares que é um olhar de... de discriminação, né? Mas Deus, ele não faz acepção de pessoas, eu olhava pra Deus. Tinha... tinha confiança nos profissionais. Eles tinha me encaminhado pra, pra... pro CAPS, entendeu? Eu tô começando a ir agora. Aqui no Bonsucesso, em Bonsucesso, ali. Aí eu tô começando a ir. Mas eu... eu estou com vontade de se mudar, vou mudar... E Deus vai me abençoar, eu creio nisso.

# “EU NÃO SOU DIFERENTE E NEM IGUAL A NINGUÉM”

HILDA, 45 ANOS

Eu vim aqui, por exemplo, primeiro o que fez eu conhecer primeiramente. É que eu fiquei debilitada, eu fiquei na rua muito tempo, e... Fazia seis, seis anos. E... aí, eu tive um problema de tuberculose, só que o CAPS não resolve nada, entendeu? Eles nunca resolvem nada, eles só mandam fazer exame e coisa assim e nunca resolvem nada. Nada, mesmo. E aí eu conheci essa clínica, e aí através da Cássia, uma boa profissional de saúde, excelente. Gilberto também, que é excelente, que é da equipe, e eles cuidam muito das pessoas de rua. Se não fosse eles as pessoas de rua passavam muita falta, muito mesmo, até de medicamento e de tudo, até às vezes comida eles ajudam aqui. Entendeu? Roupas, comida. E... foi aqui que eles descobriram que eu tinha tuberculose. Com vários exames que o CAPS fizeram e nunca, nunca tiveram nenhuma solução pra mim.

Há seis anos atrás. Aí, fiz... fizeram meu tratamento, eu precisava de comida, eles me davam, roupas eles me davam, até tomar banho às vezes eles me ajudavam num lugar para tomar banho, entendeu? Nunca fui tratada, acho que nenhum morador de rua é tratado como é tratado aqui. Excelente tratamento mesmo. São uma mãe pra todo mundo. E... resumindo. Aí eu me curei. Eu me curei até agora, dependente química mesmo, entendeu. Eu tava no CAPS por conta da dependência química, entendeu, mas eles não... eles não tratam bem. Entendeu? Não... não é bem o CAPS, o Mané Garrincha, lá no Maracanã. Que é a doutora... a doutora Mariane? E que a... que a... que é a psicóloga, mas ela... Até a minha filha ligou, ela nunca deixou eu comunicar com a minha filha.

Eu tenho uma filha de vinte e sete anos. Eu tenho uma outra que eu perdi, também. Que me ven... que meu irmão vendeu

ela, hoje ela tá no crack. Tem uns dezenove anos mais ou menos. E resumindo, eu... eu fui muito maltratada lá, nesse Mané Garrincha, que é o Julio também, que é o diretor lá. Lá no... lá no... no CAPS. E todo mundo reclama desse CAPS, a única solução mesmo é aqui, essa clínica, esses dois profissionais que tem, e o pessoal que trabalha na rua, que é o Milton, que é aquele que eu cumprimentei, entendeu? E aqui eles são uma família para o pessoal de rua. E na rua é muito difícil. É muito complicado. Especialmente pessoas que querem se reservar, é muito difícil. Já vi várias morte lá na Bolsa. A menina estava dormindo assim, chegou, chegou o marido dela, tirou aquele tampão de bueiro, e deu três negócio na cabeça dela, só o miolo dela, as coisas por todo lado.

E eu tive um relacionamento também horrível, que ele me batia muito, mesmo eu não usando droga, eu apanhava muito. Faz uma semana que eu fugi dele, estou na casa de um colega meu no Tuiuti, e senti saudade, estava tossindo muito e dor na minha mão, e eu vim aqui rever... esse pessoal aqui mandado por Deus. Aqui sou bem tratada. Todos eles. Pode ver aí fora, as pessoas vêm da drogadição todo sujo, eles não têm preconceito, eles querem mais é ajudar. Não tem nojo de colocar a mão, não tem nojo de conversar. E eles são excelentes. Que Deus abençoe a mente dele, o trabalho, o coração, que continue assim.

*“Quando eu era mais jovem, eu fui vendida pra Espanha, pra me prostituir. Bateu dezoito anos e eu fui vendida. Aí quando cheguei em Bilbao comecei a trabalhar, mas só que pra mim não dava, porque não consigo me entregar”*

Eu tenho quarenta e cinco. Eu sou de Vitória. Vim pro Rio de Janeiro há dez anos. É... fiz até a quarta série. E falo três idiomas também, né. Quando eu era mais jovem, eu fui vendida pra Espanha. Entendeu? Pra me prostituir. Eu vim para cá procurar emprego, aí me enganaram. Com dezoito, Isso. Por aí. Bateu dezoito anos e aí eu fui vendida. Aí quando cheguei em Bilbao, comecei a trabalhar, mas só que pra mim não dava, porque não consigo me entregar.

Aí eu peguei, uma colega minha roubou o passaporte, o meu e o dela, e voltamos pro Brasil. Aí quando chegou no Brasil, não tinha emprego, não tinha jeito e aí eu comecei a vender coisas. Ir pro CADEG, conhecer pessoas diferentes, entendeu? Eu morando na rua, me drogando. Aí eu vendia verdura, vendia as coisa, pedia, só não consegui roubar e nem matar. E nem prostituir. Mas eu... infelizmente conheci a droga e... embarquei nela. Mas hoje eu estou limpa, não gosto mais, não consigo. Eu vou sim na Cracolândia, eu passo ali, vejo, aí a pessoa vem e me abraça: "Quer? Quer um puxo?", eu falei: "Não, fuma aí pra mim ver como é que é", "Não, estou..." "Fuma aí, pra mim ver como é que é". "Não, não quero não, quero não". Falei: "Que coisa horrível, eu não consigo não", e ela: "Graças a Deus. Parou mêmro". Não dava fissura, normalmente ela com o copo na mão. Eu usava era crack. Eu olho assim, "Isquera? Isquera? Isquera aí pra mim ver. Mas longe de mim. Isquera". "Aí, o isquera não dá mim não". "Sério, meu, você nunca viu uma coisa dessas não?". "Não, tchau-tchau, fica com Deus".

Tem quatro anos. Olha, quando eu desci do ônibus, passei ali no colega ali também, que estava ali: "Hilda, quer um puxa?", e eu falei: "Não, puxa aí pra mim ver". É um teste que eu quero fazer para mim, que... eu já passei no teste, e segundo pra ver que aquilo não presta, que não dá, que é capaz de deixar, entendeu? É muito melhor você estar conversando contigo assim do que estar olhando para o chão, catando. Você vê uma pessoa estranha, até esquece de tomar um banho, de se alimentar. Hoje eu me alimento seis vezes por dia, se deixar. Antigamente era duas colherzinha e jogando pra fora. Agora não. Não.

Deixei o crack... evitando lugares e pessoas. Fiz tratamento. Tratamento. A Cássia mêmro arrumou uma clínica para mim. Aí fiquei na Michelle, fiquei no... no... Michelle é uma internação, que eu não sei se tem mais. E... a... fiquei na Michelle, internação, fiquei pelo CRAS também. CRAS também é muito bom, muito bom. E... aí fiquei... várias clínica. Umas três clínica, Seropédica, Maranathá, que é uma clínica católica muito boa também, Maranathá, religiosa. Aí, fui passando um tempo, passando um tempo...

Lá eu... rezava muito, três vezes ao dia o terço. Dormia cedo.

Lavava, fazia tarefa da cozinha, ginástica... Conversava, escola. É isso. Ia pra a igreja. Aí não podia nada. Tudo que tu dizia: "Nada. Não pode", "Não pode". Tinha vontade de fumar cigarro... usar droga. Aí... que não podia... várias regra, entendeu? Até coloquei o nome da... da... da senhora lá de "Não pode", "Nada pode". Porque realmente é regra. Tem que ser respeitada para a gente conseguir, porque na vida tu sem regra vira bagunça, né isso? Sem regra ninguém consegue. Então, enfim. É só isso mêrmo que eu tenho que falar.

Foi difícil, mas não foi impossível não. Hoje eu vejo que não é impossível, mas difícil, foi. Hoje, olhando assim é mamão com açúcar, mas foi difícil. Eu passei nove meses na clínica. É o período que... que tem lá, que até batizei lá. O dono da clínica é meu padrinho, o Seu Martino, que ele luta muito pela clínica, entendeu? Ele e a esposa dele. E... não tem... não tem apoio de governo, não tem nada. Eles mêrmos, doação que eles fazem. É em Bangu, na Vila Kenen, e tem em Jacarepaguá. Não sei onde é, não. Tem pra homem e tem pra mulher. E assim vai. Se as pessoas têm vontade mêrmo, conseguem.

Aí saí da clínica, esse pessoal que eu liguei agora, o Herbert, ele que me... que me deu um apoio, me levou para uma vaga lá em... na Lapa. Aí fiquei lá na Lapa. Sempre eles levavam um arroz, feijão e sardinha, eu comia, estava muito gorda. Aí estava sem ânimo nenhum. E aí conheci esse cara errado. Aí começou a se drogar, a se drogar, e eu não. Aí começou a me espancar, me bater, me espancar e me bater. Quando foi quinta-feira, que eu vi que ele ia me matar, eu peguei só o documento e vim pra cá. Fui muito bem recebida na favela. Fui muito bem recebida, porque eu nunca tive pobrema nenhum. Aí o dono da favela: "Não, pode ficar tranquila aí". Aí... porque eu estou na casa de um amigo meu, que é o irmão dele e o... e o filho dele que é mudo, mas me respeita muito bem, entendeu? Eu estou num quarto lá, até resolver o meu pobrema, em nome de Jesus. Mas com a droga, não é cusindo para cima, não, não dá mais não. Não consigo mais não. Muito estranho, muito nojento. Vários riscos à toa, tá maluco.

Tudo de ruim que tem na rua. Tem... tem pessoas, tem pessoas de todos os jeito. Uma hora está conversando contigo, outra

hora não tá. Outra hora tá rindo, outra hora quer te matar. Se você dizer “Não”, acha que você é obrigado, você tem que ter. O que você não tiver, eles te roubam. Não estou falando mal, entendeu? Isso é o ritmo que eles levam lá. Essa é a opção de eles conseguir as coisas, e assim para pior. O que é que me levou a morar na rua? A droga. A droga, falta de opção também. Que pra emprego está difícil, mas eu vou conseguir.

Eu conheci esse cara. Eu estava morando com ele. Aí depois ele... pegou um... Aí depois ele perdeu o emprego, faz quatro meses, e a gente foi pra rua. Aí dormia ali perto da Igreja Santa Luzia. No centro. Aí começou... a desmoranar as coisa. E aí eu falei: “O quê? Deixei as drogas, vou ficar apanhando? Não posso. Deus me ama, tem pessoas lá fora, tem pessoas do bem que me querem bem, então eu vou lá atrás deles”. E aí eu vim para cá aí. É isso.

Agora eu estou tendo contato com a família, até liguei agora, a minha filha ligou num domingo. Só tenho minha filha mêmro, né, a mais velha. Ela tá feliz por eu ter deixado ele, porque eu tô aqui de volta, com o pessoal do bem. Entendeu? Ela tá feliz. Ela mora em Vitória, Espírito Santo. Meus pais são mortos. Só tenho ela mêmro de família e essa outra que se perdeu. Mas Deus vai dar tudo ao tempo de Deus, né? A outra ninguém sabe onde ela está. Tem um ano que ela se perdeu na droga, no crack também. Mas um dia eu vou achar ela. Vou me recuperar primeiro, vou me reerguer, depois eu vou atrás dela. Vai dar tudo certo, em nome de Jesus. Confio muito em Deus, eu gosto muito de Deus. Eu rezo pra dormir, eu rezo pra comer, eu rezo pra tomar banho, eu agradeço a Deus. Eu vivo ao retorno dele, das pessoas do bem.

Por isso que eu não dava certo ficar no meio deles. Dependente químico falava assim: “Nossa, você é diferente, não sei por que que tá aqui”. “Não, você é diferente”. “Eu não sou diferente não, eu sou igual a vocês”. “Nossa, você tem uma educação, tem um jeito diferente. Como é que consegue?”. Eu entro em qualquer lugar, eu saio de qualquer lugar, restaurante. Tem o Restaurante do Adonis, e o Rei do Bacalhau, que não suportam morador de rua. Eu entro lá, eu como, eu bebo. Entendeu? Me dão comida. Eu sento lá, fico horas conversando com o dono de lá, qualquer lugar.

Meu irmão, o meu irmão, que eu tenho um irmão que mora em São Paulo, ele sabe que eu tava na rua. Ele andou atrás de mim. Eu tenho duas sobrinha também que é... que é assistente social, entendeu? Mas só que o apoio... igual a pessoas, que não tem igual a doutora Cássia, o Gilberto e outras pessoas mais. O pessoal do CADEG, que é sócio do CADEG também, que me conhece. Algumas pessoas da Petrobrás também que me conhecem, me dão apoio. Nem meus familiares me deram apoio como eles dão. É isso que eu tenho que falar. Obrigada por me ouvir.

Quando tenho pobremas de saúde, pra medicar, coisas assim, tem também as irmãs de Madre Malcutá, que é aqui em Bonsucesso. Aquela Madre de Malcutá com aquelas roupa branca. Então. Ela tem um asilo aqui em Bonsucesso. Também foi elas, me ajudaram muito, e a Clínica da Família que é essa daqui, que a Cássia e o... que me mandou. Um... primeiro o Gilberto, qualquer coisa vinha para cá.

Do centro eu vim agora, eu vim hoje. Hoje. Porque não podia sair para nada. Eu fugi. O meu ex-companheiro não desgruda. Não... não deixava... nem pra ir na esquina. Pra ir no banheiro, ele ficava na porta do banheiro me olhando. Eu ia no banheiro nos bares. Não, ele deixava e ficava na porta olhando. É tipo um cativo, uma prisão feia, né? Tem muitos por aí. Eu li aquele... aquele livro 'A Mente Perigosa'. Igualzinho. Pra que é que eu fui ler aquele livro? Foi depois desse livro que... embarquei nessa. Incrível, mas é verdade. Mente Perigosa. Igualzinho! Tu olha a pessoa, a pessoa dá aquele sorriso, parece que... a pessoa começa a te... normalmente. Depois, tu vai ver o que é aquilo.

Eu tô, eu tô procurando emprego sim. Só que minha certidão de nascimento, ele ficou, entendeu? Só tô com o restante da minha... do... dos meus documento, aqui. Tá tudo em dia, tá tudo certinho. E eu preciso de um emprego. Ah, o quê? Eu não tenho escolha não. Eu não tenho escolha não. O que abençoar para mim, eu tô aceitando. Que seja digno, tá bom para mim.

Meu sonho é reencontrar a minha filha, entendeu? E mostrar pra ela que não é por aí. Que a outra filha me vê com outra... com outra... com outro olhar, e não decepcionar os amigos que tão acreditando em mim de novo. Entendeu? Não decepcionar

ninguém. É, eu tava na drogadição quando a minha mãe morreu. Ela não quis saber. Meus amigo são um apoio pra mim, e também que essa drogadição, que as pessoas consigam, como eu consegui. Daí eu acredito que... que... que a gente é capaz, entendeu? Que é difícil, mas não é impossível não. Que é mais gostoso dar um sorriso puro, limpa, do que dar um sorriso de drogada. E menos violência.

Nunca sofri violência na rua. Eu sofri violência agora com esse rapaz. Na drogadição, eu nunca levei um tapa, nem de bandido, de ninguém. E olha que eu era abusada, eu zoava eles, eu brigava com eles quando eles bateram nos... nos... nos dependentes de crack. Quando roubava, eu entrava no meio. "Sai daqui, não tem que se meter". "Me meto sim. Não tem que bater em ninguém. Vocês roubam também!". "Ai, sai daqui e não sei o quê". E nunca levei um tapa deles. Agora, quando eu parei, eu conheci esse cara e isso aconteceu. Vai explicar. Mas graças a Deus eu vou me recuperar desse trauma, tô me recuperando. Eu ando na rua com medo, assustada.

*"Eu tenho medo de conversar com as pessoas, eu tenho medo da noite, eu tenho medo da rua, eu tenho medo do dia, eu tenho medo de ônibus, eu tenho medo de tudo. Tudo me faz medo."*

Eu acho que ele pode aparecer, entendeu? Mas eu ando assustada, que ele fez eu ter medo de todo mundo. Sabe uma lavagem cerebral? Eu... aconteceu isso comigo. Eu tenho medo de como... conversar com as pessoas, eu tenho medo da noite, eu tenho medo da rua, eu tenho medo do dia, eu tenho medo de ônibus, eu tenho medo de tudo. Tudo. Tudo me faz medo. Tenho medo de tudo.

Ele conhece meus amigo. Mas esses amigo não dão chance pra ele não. Mas eu tenho medo. Mas se ele aparecer, ele vai aparecer como? Tipo manipulador, entendeu? Que é... que é o hobby deles. É "Vamos voltar pra casa, te amo". Volta pra casa não, "Volta pra mim, volta pra mim", e você "Não, não dá". "Fica com Deus, que eu vou com Deus". Nunca consegui... nunca tinha conseguido me separar dele. Agora consegui, em nome de

Jesus. É uma prova que eu acho que a pessoa tem que passar, mas a gente é que procura as coisas ruins, entendeu? Agora, tem ser humano que quer sempre sofrer. Quer sofrer. Tá vendo que o negócio não tá bom e tá ali. Insistente pra coisa ruim. Então, eu cansei, eu não preciso disso não. Ninguém precisa disso, não é só eu não. Porque eu não sou diferente e nem igual a ninguém. Entendeu? Aí é muito relativo.



# "A MINHA MENTE É QUE CRIA ISSO TUDO. SE ELA CRIA, ELA VAI DESCRIR"

ÉRICO, 54 ANOS

É... Não, eu vim, eu cheguei aqui encaminhado pelo, Leão XIII, né. Eu tava no abrigo Leão XIII, né. Aqui mesmo em Bonsucesso, do lado da 21 DP ali. Fui encaminhado por eles, porque lá me perguntaram se eu usava droga, eu tava em situação de rua, fui procurar o abrigo, né, e eles perguntaram se eu tinha problemas com drogas e eu confirmei e eles me encaminharam pra cá, pra Cássia pra fazer um acompanhamento médico aqui, né, acompanhamento médico-terapêutico, né. Ah, tem muitos anos, cara.... Pô, tem uns... sei lá, uns, seis anos, sete anos, tem um bom tempo já, e... Mas, assim, é... você quer saber o que que eu acho assim de interessante aqui do...?

Eu queria parar de usar droga mesmo, eu tinha esse desejo sincero. É. Porque eu tive uma experiência com crack de três anos, né, eu usei crack durante três anos. E foi a droga que acabou comigo, me arreventou, e eu fiquei muito... muito mal, sabe, muito mal, e... eu vim buscar essa ajuda aqui nesse sentido que eu já cheguei aqui, eu fiquei internado em 2011 por causa de crack, né. Em 2011. Na... Comunidade Católica Maranathá. Terapêutica, é. A sede dele é no Engenho de Dentro, mas eu fiquei no sítio em Caxias. E... É... Eu cheguei lá muito debilitado, cheguei lá com 51 quilos e fiquei internado nove meses. E... Aí eu consegui tocar minha vida. A princípio, eu, eu saí de lá com emprego...

Mas, eu voltei a usar droga, entendeu? E aí continuou tudo de novo, abandonei minha casa, voltei pra rua, fiquei na rua durante um tempo e aí... Eu ficava na Praça da Bandeira. Ali que conheci

a galera, Praça da Bandeira, Cruz Vermelha. Aquela região ali do centro da cidade ali, e... aí eu fiquei. Eu vim buscar ajuda aqui nessa Leão XIII, como eu falei, aí me encaminharam pra cá pra mim fazer um acompanhamento em relação à dependência química, né, aí foi quando eu conheci a Cássia, né?

Aí, vim fazendo o tratamento porque eu já tinha... o crack me deixou com algumas sequelas, de, de ouvir vozes... coisa ainda desse tipo assim, né? Eu mesmo, eu mesmo, fora do uso, quando eu não tava usando droga eu escutava vozes, entendeu cara? Eu quase, quase, agredi meu filho, quase furei meu filho com a chave de fenda, porque... eu achei que meu filho tava querendo me matar, entendeu? Achava... Uma vez ele acordou de madrugada e... e, eu achei que ele pegou uma faca pra me mata, eu escutava uma voz que falava com ele pra me matar, entendeu? "Mata ele! Mata ele! Mata ele!", essa voz dizia assim. E... Aí eu... fui embora, eu fui embora de casa, entendeu, cara? Sem usar drogas eu tava escutando vozes. Mesmo fora do uso de drogas eu tava escutando, eu escutava vozes, entendeu? Antes de 2011. Mas depois de 2011 isso, isso acontecia, isso acontecia. Durante a internação, a... a impressão que dava... que eu me sentia, eu me sentia seguro lá dentro, então... Eu não ouvia isso lá dentro, porque eu, eu achava que era algo espiritual, entendeu? Eu não ouvia essas vozes lá dentro. Quando eu saí de lá, eu comecei a voltar a ouvir essas vozes.

Quando eu saí de lá eu não voltei pra rua, eu voltei pra casa, porque a minha família, eles alugaram uma quitinete, pra mim e... meu filho ficou lá nessa quitinete quando eu tava internado já, nos últimos meses. E eu saí de lá empregado já, eles conseguiram um emprego pra mim no Guanabara, no Supermercado Guanabara. Aí eu já, já sai trabalhando, morando. Em Padre Miguel. E, mas eu não fiz uma, eu não dei uma continuidade no tratamento, o tratamento lá é religioso, né, e eu não dei essa continuidade, então eu voltei a voltar, eu voltei a usar droga. Só que eu não voltei a usar crack, eu voltei a usar usando cocaína.

A liberdade da rua, né?... A liberdade da rua, né? Eu, eu tenho uma frase assim, tinha um filme assim que eu gostava muito, cara, que era aquele "Fogo contra fogo" que... É, o bandido né, era até o Robert de Niro que fazia o.... fazia o papel do chefe da

quadrilha, e tinha um dos caras da quadrilha que ele se envolveu com uma mulher, né, e ele falou pro cara assim “Ó, você não se prenda a nada que você não possa largar em alguns segundos”, entendeu, cara? Eu adorava essa frase, sabe? E eu não gostava de me prender a nada que eu não pudesse largar em segundos, entendeu, cara? Então... A minha vida foi um pouco isso, assim, eu vivi um pouco disso, né, tanto que pra minha família montou, minha irmã, minha cunhada, minhas tias, eles montaram uma quitinete pra eu e meu filho morar juntos porque eles acreditavam que... se a gente, se eu fosse morar com meu filho, sabe, meu filho na época tinha dezessete anos, é... eu, eu, poderia voltar... a viver na sociedade normal, né. Porque eu só vivi, andando de um lado pro outro. Foi minha vida foi assim o tempo todo, sabe? Andando de um lado pro outro. E... mas não deu certo, porque eu não tava pronto pra morar com meu filho... não tava pronto. Durante uns quatro, cinco meses no máximo eu tava na rua de novo. Eu já tava na rua de novo.

Quando eu tava morando com ele, ouvia alguém, alguém... Mandando, alguém, alguém mandando ele me matar, entendeu, cara? Eu puxei uma chave de fenda pra ele, ele ficou nervoso, pediu calma, tentou me acalmar, mas ele tava muito apavorado também. E não tava sob o efeito de droga, não, eu tava dormindo, cara. Eu tava dormindo quando eu vi ele acordando pra ir ao banheiro. Quando ele voltou do banheiro eu achei que ele tinha pego uma faca pra me matar. Pensei que ele tava ouvindo essas vozes, entendeu? Mandando me matar.

Aí fui pra rua, voltei pra rua. Aí parei no abrigo, do abrigo eu vim pra cá. Aí eu comecei a fazer o tratamento... pra... essas vozes, entendeu? Comecei a tomar uns medicamentos pra, pra... tentar controlar isso, e deu certo. Com a Cássia. Eu comecei a fazer terapia com a, a Clara, da equipe, e a fazer acompanhamento com a Cássia. Foi quando eu comecei a administrar isso, né, comecei ter consciência de que essas vozes era eu que... comecei, eu, eu que imaginava isso, entendeu, cara? Mas mesmo eu sabendo que eu que imagina isso, eu não conseguia... o medicamento foi fundamental pra, pra estabilizar isso, exatamente, pra estabilizar. E... Eu faço até hoje eu faço esse acompanhamento.

Eu voltei pras ruas... Eu, eu, eu, eu assim, eu... A minha vida, eu

consegui arrumar um novo emprego.... Eu fiquei um tempo, eu fiquei alguns meses no... alguns meses no... no abrigo, depois eu consegui um emprego no Mundial, no Supermercado Mundial. O meu primeiro era no Supermercado Guanabara, depois eu consegui um emprego no Supermercado Mundial, onde eu fiquei trabalhando quase três anos. Fiquei trabalhando lá dois anos e nove meses. E... Mas eu tive uma recaída. Eu aluguei uma quitinete pra mim, saí do abrigo, aluguei uma quitinete. Eu voltei pra vida, sabe? Trabalhando, cuidando dos meus filhos. Meu filho depois foi pra Espanha, que a mãe dele morava na Espanha, ele voltou pra Espanha. E eu tenho uma filha em Padre Miguel, né, eu consegui resgatar esse, esse, esse relacionamento com a minha filha. Ajudava a ela financeiramente, afetivamente, sabe? E... Tava levando uma vida normal, via minha filha com uma, com uma regularidade. E normal. E tava uma vida normal.

Só que aí eu tive uma... uma, uma, depois de alguns anos, eu tive uma outra recaída. Aí... já, a coisa aconteceu, se agravou mais, porque fui ameaçado de morte pelo... Porque eu morava numa comunidade de miliciano, eles me ameaçaram de morte, foi agora em janeiro desse ano. Lá no Rio das Pedras, em Jacarepaguá. E... eles me ameaçaram de morte, eu tive que... que sair da comunidade, né. E meu emprego era perto dessa comunidade, e eu fiquei com medo também que eles fossem atrás de mim na, no trabalho, então larguei meu trabalho também e voltei pra rua, voltei pra rua...

Foi em janeiro, fui pro Souza Aguiar, fui pro Souza Aguiar. Ficava... ficava, na frente do Souza Aguiar mesmo. Dormia ali, tem muita gente que dorme lá no Souza Aguiar. Ele é seguro pra se dormir. É... porque ele tem uma viatura da Polícia Militar, então, provavelmente ninguém faz nada com você à noite, entendeu, cara? É tranquilo de dormir. Durante o dia ficava perambulando, é perambulando, fazia um... mangueando, tentando arrumar dinheiro na rua, pra poder usar minha droga, comprar meu cigarro, pra comprar minha cachaça. Entendeu? Até... É, eu... Eu ainda vim aqui algumas vezes no, na, no ambulatório, aqui da, ambulatório-rua aqui da... Clínica da Família. Eu vim aqui algumas vezes, eu voltei aqui, mesmo tando na rua eu voltei aqui, porque mêmro quando eu tava trabalhando no Mundial eu continuei fazer acompanhamento aqui. Fazia toda semana, tava

religiosamente aqui fazendo minha terapia, entendeu?

Mas... por algum motivo eu, eu, eu recaí, cara, eu recaí, ficou um vazio, bateu um vazio dentro de mim e eu... eu voltei a usar droga. Mas assim, o interessante é que eu nunca mais voltei a usar crack, entendeu, cara? Nunca mais voltei a usar crack! Porque eu, eu tinha consciência de que tudo aquilo que estava acontecendo comigo, essas vozes, esse, esse... esse desequilíbrio... emocional, psicológico, assim, é... tinha sido em função do crack, né, eu, eu coloquei na conta do crack. É, com certeza foi os meus anos de drogadição que fizeram com que isso tudo acontecesse. Mas eu, no entanto, eu botei tudo na conta do crack. Tanto que quando eu recaí, eu recaí na cocaína, não recaí mais no crack, não usava mais crack. Mas mesmo assim eu ficava paranóico, as vozes... aumentavam, voltavam, mas aí só quando eu tava drogado, cara.

E era uma coisa assim muito... muito perigosa, é, porque assim, eu poderia ter, né, nesse medo... eu, eu tive problema com a polícia, porque eu invadi casa, achando que os outros queriam me matar. Pô, invadi uma casa na Aeronáutica, a polícia, eu fui preso. Lá na... praia de São Bento. Na Ilha do Governador. Na entrada da Ilha ali. Na Estrada do Galeão, atrás ali tem uma residência ali de oficiais da.... E eu tava na praia. Eu tinha usado cocaína e... E... Tinha um, um... alto falante que ficava falando lá, e eu falava os caras, e eu achava que os caras tavam tentando me matar, sacou? Achava que o alto falante falava isso, "Mata ele, mata ele". E a paranoia era sempre essa, que alguém queria me matar, entendeu? Sempre escutando vozes. Me perseguindo.

E essa voz do autofalante, do, do, do trailer, eu escutava isso, era nítido, "Mata ele, mata ele, mata ele". Eu saí correndo, cara, saí correndo, invadi uma casa, aí a polícia da Aeronáutica me pegou lá dentro, entendeu? Aí os vizinhos ligaram, provavelmente os vizinhos ligaram, eles me pegaram lá dentro, mas graças a Deus eles me entenderam, eu expliquei a eles, eu tava com remédio na bolsa, eles viram meus remédios. Eu falei que tinha bebido, tinha usado álcool, eu só não falei da cocaína, eu falei do álcool. Eu não quis falar da cocaína, entendeu? Porque eu achei que seria uma coisa mais grave, né, eles poderiam entender como uma coisa mais grave. Eu falei só do álcool.

E... Aí eles me encaminharam prum hospital, entendeu, cara? Os policiais, me levaram pro hospital e depois do hospital fui encaminhado pra delegacia. Um hospital lá na Ilha, eu não lembro o nome. Na estrada, na Estrada do Galeão mesmo, na Portuguesa. Não lembro o nome.... Não lembro o nome. Em hospital geral, hospital geral. É... Aí me deram, eu, eu recebi.... Tem três anos? Deve ter uns três anos, porque... É... Deve ter uns três anos. Eu... Eu, eu, eu nessa época... Eu tenho dificuldade de, de guardar as datas, sabe? Eu tenho essa dificuldade. Mas eu só sei que eu consegui entrar em contato, eu pedi um celular emprestado pra uma senhora lá no hospital, ela me emprestou, eu entrei em contato com a minha irmã. E minha irmã e minha cunhada foram lá, entendeu? E o médico era muito gente boa o médico, eu falei com ele, "Eles querem me prender. Eles querem me prender por invasão". E o médico falou assim "Não, vamos, vamos com calma! Vamos, eu vou te botar no soro, vou te deixar você no soro, você vai ficar no soro uma hora, uma hora e pouco, até sua família chegar".

Aí a minha família chegou, me levaram pra delegacia depois do hospital... Os policiais... foram muito decentes comigo, sabe? Foram muitos justos, assim. E na delegacia, o, a pessoa que me atendeu lá, ele falou assim... Porque eu pensei.... Eu tinha um primo que morava ali. A minha intenção era entrar na casa do meu primo. Buscar ajuda na casa do meu primo. Mas eu tava tão desesperado, que eu entrei.... em qualquer casa. Aí então o cara que me atendeu lá, na, na delegacia... eu tava ainda meio, eu tava meio conturbado ainda, eu tava meio confuso, bastante confuso ainda. Já tinha amanhecido o dia, já tinha virado a noite, já tinha amanhecido o dia, e ele falou assim: "Não, vamos fazer o seguinte, é... vamos supor que você tinha um celular em cima da mesa e você botou seu celular do lado desse celular e você pegou seu celular, pegou o celular errado. Você entrou na casa errada então. Vamos botar, vamos constar isso no..." E eu falei "Pô, se isso vai me ajudar...". Ele falou "Não, isso vai te ajudar sim, você não vai ter problema nenhum com a justiça".

E realmente eu não tive problema nenhum com a justiça, porque eu não tive problema nenhum no meu trabalho, porque eu tava trabalhando nessa época aí... trabalhava, eu lembro disso. Porque quando eu fui, quando eu fui pro juiz, quando eu fui...

Minto, eu não fui prum juiz, eu fui pruma senhora lá, eu fui pruma sala que tinha uma moça, que foi um morador, o morador foi lá também, ele até, pô, me chamou a atenção, falou “Pô, tá vendo o trabalho que tu tá me dando? Tá me dando o maior trabalho”. Aí ele falou que não queria botar nada na justiça, ele queria, ele queria... esquecer aquilo, que eu não entrei porque queria roubar na casa dele, eu entrei porque tava com medo, ficou tudo certo, entendeu? Não tive mais problema nenhum com a justiça em relação a isso.

Aí eu fiquei no Souza Aguiar. Fiquei, fiquei, fiquei menos de um mês na rua. Menos de um mês. Porque... Eu fui, pra minha irmã, procurei minha irmã, foi uma pessoa que sempre me ajudou, sabe? Procurei minha irmã... eu tava vindo aqui, eu vinha aqui, eu tava no Souza Aguiar e tava vindo aqui. Mas eu continuava fazendo uso de droga e... e... e álcool, entendeu? De cocaína, álcool e cigarro, continuei fazendo álcool, eu, eu achava que eu... eu... eu, eu não ia dar certo, não tava dando certo, né? Aí eu procurei a ajuda da minha irmã e minha irmã me sugeriu internação, entendeu? Aí eu me internei de novo no Maranathá. Essa internação que eu tive em 2011. E eu continuo nessa instituição, tô lá ainda nessa instituição. Eu tô lá há cinco meses. Amanhã é dia 24, né? Dia 24 eu faço seis meses que eu tô internado. Tô internado, só que ainda tem uns... Eu tô na casa de Valqueire, na casa de Vila Valqueire. Mas eu tenho a liberdade agora de sair sozinho, eu posso sair sozinho, eu venho aqui fazer o, fazer o, acompanhamento com a Clara, da equipe... Entendeu?

Já frequentei o CAPS, mas não me identifiquei com o Caps não, não me identifiquei não. Eu fiz, eu fiz o de Bonsucesso. Eu achava... É, é, Álcool e Drogas. Porque eu achava que, pô, eles ficavam muito de bobeira lá, entendeu, cara? Ficavam sem... sem uma função, é... é, as coisas que faziam lá, acompanhamento psicológico... essas coisas, eu fazia aqui. Eu ia pra lá ver televisão, sacou, cara? Ficava deitado lá vendo televisão. Pra mim não era legal isso não. Pra mim era muito parado, isso aí tava muito parado, então, eu até falei pra, eu até falei, que... eu fui encaminhado pela Cássia, ela que me falou pra eu fazer o Caps, pra poder... justamente na intenção de preencher, porque nessa época eu não tava trabalhando. Pra eu preencher um pouco a minha ocupação, entendeu, cara? Pra eu preencher um pouco

o meu tempo.

E eu fui pra lá e não me identifiquei, eu falei pra ela que eu não me identifiquei, e.... Os outros pacientes ficavam vendo televisão, jogando... jogando... ping-pong, jogando totó, era um lazer que eles tinham. Pra eles era legal, cara. Sabe qual é? Só que... Oficina, eu não vi nada, pelo menos, mas eu não fiquei muito tempo lá, cara. Eu acho que, se eu fui três vezes lá foi muito, entendeu? Se eu fui três vezes foi muito. Eu também acho que eu não dei também chance pra eles mostrarem.... o que eles tinham pra... pra, pra me oferecer, entendeu? Talvez o erro tenha sido meu, não tenha sido eles. Entendeu? Não tive outro tipo de problema de saúde ou necessidade. Só a, as drogas mêmo. E, assim, eu acho que.... a família né, cara?... A família acho que faz muita falta. Porque assim, o uso de drogas a gente perde muito. Se perde muito assim. E... mas acho que a maior perda é afetiva, né? Eu acho que é a maior perda, porque o restante eu recupero.

Eu tô internado e até agora eu ganhei benefício do, do, auxílio doença, que eu, que eu tava trabalhando, né? Eu saí do meu serviço em janeiro, oito de janeiro, então eu tive direito a... a, ao auxílio doença. É, auxílio doença, auxílio doença. Me deram três meses. Auxílio Doença. Que... eu ainda tenho dois meses. E tá guardado no banco, entendeu? Eu não tenho despesa nenhuma, lá. Tá guardado no banco, eu vou guardar, vou continuar guardando, e.... vou tentar mais três meses, porque... Eu posso tentar, é... mais três meses. Eu vou tentar mais três meses e com esse, se eu conseguir juntar mais seis meses de, eu vou alugar uma... vou sair agora mês que vem, saio mês que vem, vou alugar uma quitinete pra mim, procurar um emprego depois que terminar meu auxílio doença e eu também tenho experiência de rua também como como ambulante, entendeu, cara? Trabalhei já como ambulante na rua, comprar uma mercadoriazinha pra mim botar na rua, trabalhar, entendeu, cara? Tocou minha vida. Eu não quero mais viver na rua, entendeu? Eu enjoei disso.

*“Eu tinha tudo na rua. Eu tinha amizade, eu tinha droga, eu tinha álcool, eu tinha sexo, eu tinha roupa, eu tinha comida, eu tinha tudo na rua. Não faltava nada”*

Isso aí, é... Eu, eu, ah, tinha uma época que eu achava até... até, até interessante ficar na rua, sabe? Era até... eu gostava de ficar na rua. Porque a rua, eu tinha tudo na rua, cara. Pô, eu tinha amizade, eu tinha droga, eu tinha álcool, eu tinha sexo, eu tinha roupa, eu tinha comida, eu tinha tudo na rua, cara. Sabe, não faltava nada. Não faltava nada, tinha divertimento, era muito engraçado, era, era, era prazeroso ficar na rua. Poxa, a gente, quando eu tava na Praça da Bandeira, a gente... tinha uma maloca lá que a gente era uns dez, doze, a gente se juntava pra apanhar latinha no Maracanã, naquela época podia... vendia bebida no Maracanã... Hoje tá mais rigoroso, né, parece que não pode vender, também tem muitos anos que eu não vou no Maracanã.

Mas naquela época se vendia cerveja à vontade e aí a gente se juntava, nós, né, nós da maloca, nós juntávamos e vendia tudo, juntávamos o dinheiro e comprava tudo de droga e de álcool, fazíamos uma festa, ficávamos a noite toda, sacou? Então, todo final de semana a gente tinha festa. E eu era muito bom pra manguear também. Manguear era pedir dinheiro na rua, né, eu era muito bom nisso, né. Eu tinha uma receita médica que eu usava que eu pedia dinheiro pra comprar remédio, então todo dia eu tinha a minha droga, meu cigarro, minha cachaça, eu nunca, eu nunca tinha tive dificuldade não. Mostrava minha receita médica e as pessoas ajudava. Falava que o remédio tava em falta, dizia que o remédio tava em falta e... que eu conseguia gratuitamente no posto de saúde, mas como tava em falta só... no posto de saúde, e eu só conseguia na farmácia, e eu tava desempregado. E as pessoas prontamente me ajudavam, eu já tenho uma certa idade né, cara, e, eu não tenho cara de mentiroso. E... eu me dava bem, sempre me dei bem na rua.

*“Tem gente que eu conheço que tá há dezesseis anos na rua. É muito tempo. Tem uns caras que tá acostumado com a rua, eles vivem na rua, não foi o meu caso. Eu agora não gosto mais da rua”*

Mas depois de um tempo isso enjoou, sabe? Eu já, não queria mais. Essa última agora, essa última minha experiência na rua,

eu fiquei... quase um mês na rua agora. E... Eu não, aguentei mais assim, não foi bom mais. Não foi bom. Não era como antes. As coisa tava mais difíceis, eu já não... Aquela rapaziada lá da minha época já não tava mais, é... Eu já sentia medo de ficar na rua, eu tinha medo da covardia que pudesse acontece, entendeu? É... Fiz amigos na rua, sim, fiz e eu encontrei alguns daqueles, daqueles da minha época, eu encontrei de novo esse, em janeiro agora, encontrei eles na rua. Tem gente que eu conheço que tá há dezesseis anos na rua, cara. É muito tempo. Tem uns cara que tá acostumado com a rua, eles vivem na rua, não foi o meu caso, sabe? Eu agora eu não, eu não gosto mais da rua.

No momento só tenho contato com a minha irmã. Eu só tenho contato com a minha irmã, mas eu tenho uma família muito grande, cara. Eu tenho uma parte de mãe é doze tios e a parte de pai dezoito tios. Então tu imagina isso com primos, com... É uma família muito grande. Ela tem uma parte que mora na Tijuca, por parte de pai, e Padre Miguel a parte de mãe. Minha parte de mãe mora tudo no subúrbio de... Não tenho contato com meus filhos, não. Eles mandaram no meu aniversário, eles mandaram um... um... no meu aniversário, eles mandaram uma gravação pra mim, que minha irmã ... entrou em contato com eles, eles mandaram uma gravação de áudio. De áudio pra mim. No meu aniversário, em abril. E eu fiquei muito feliz. Foi uma surpresa muito agradável. Me deram força, sabiam que eu tava internado, minha irmã falou, que eu pedi a ela pra falar, e... e... Minha irmã deixou o telefone com a minha filha... mas eles nunca me ligaram, entendeu? Eles nunca me ligaram. Mas, isso aí é o de menos, eu não me importo muito com isso não, entendeu, cara? Não me importo com isso não que isso vai, vai... vai, eu vou ter... eu vou ter tempo pra... pra recuperar, isso tudinho.

Agora eu queria dizer assim do Ambulatório-dia que você, você... a princípio, né, no início você... falou sobre essa pesquisa do ambulatório-dia, eu acho assim o mais interessante do... do, do, é... ambulatório-dia... É que eu fiz ambulatório-dia, tô me confundindo. Consultório-rua. Eu acho o mais interessante do consultório-Rio, do consultório-rua, é o carinho, sacou, cara? O carinho, eu acho. Eu acho, a forma como eles tratam a gente. Porque na rua você não encontra isso. Carinho não tem na rua, sacou? Na rua tu encontra tudo, tudo, tudo que você possa

imaginar você encontra na rua, mas, carinho não tem. E aqui eles tratam a gente com a maior dignidade, eu acho. A forma como eles me tratam, eles me abraçam, né. E hoje eu tô limpo, né... eu tô limpo né, mas eles já me abra... eles me abraçaram sujo, sacou, cara? Eles me abraçaram sujo, sabe? A Cássia, Gilberto, Milton, Marisa... Dona Clara... Belchior... Todo mundo.

E eu já venho aqui bem já há anos... E eu até falei com ela, que eu tô pedindo muito a Deus, que eu tô... eu daqui a pouco eu já tô... partindo prum trabalho, né. Partindo pra buscar meu trabalho e eu queria um emprego que desse pra conciliar com meu tratamento aqui, continuar com minha terapia semanal, que eu acho que é importantíssimo, porque eu continuo tomando remédio, mas a minha meta é ficar sem o remédio. A minha meta é trabalhar isso... Trabalhar isso, de uma forma que... eu no futuro eu não precise mais, ter o medicamento. Me libertar dos remédios também.

Eu já fiquei sem... já joguei meu remédio fora já, já joguei meu remédio fora e fiquei muito mal, sacou? Muito mal! Muito mal, muito agitado, parecia que eu tava drogado, sacou? Sem o remédio. A sensação era que eu tava drogado. A sensação que eu tava trancado, sabe, fiquei extremamente agitado, falando muito. É... muito estranho, muito medo, sabe? Muita paranoia, muito, foi uma sensação muito ruim. Mas, eu, eu pretendo ficar sem o remédio, é uma meta que eu vou, que eu vou colocar na minha vida. É ficar sem medi... medicamento. O remédio me incomoda, me incomoda. Porque me dá essa sensação de, de loucura, sabe? Eu tenho essa sensação de loucura...

*“Eu tinha muita vontade de que eles falassem pra mim que era espiritual. Queria tanto ouvir isso, mas eles falaram que isso é mental. Eles só confirmaram o que eu já sabia, que a minha mente é que cria isso tudo. Então, se ela cria, ela vai descrever”*

Essas vozes, eu fico... Eu, eu pra mim seria mais fácil, eu queria ouvir tanto que isso era espiritual, entendeu, cara? Tinha tanta vontade, de alguém, quando eu tive nessa internação, eu tô nessa internação, é religiosa, né, ela é católica, né. Eu tinha

muita vontade de que eles falassem pra mim que era espiritual. Queria tanto ouvir isso, mas eles falaram que isso é, isso é mental, sabia cara? Isso é minha mente. Confirmaram o que eu já sabia, entendeu? Eles só confirmaram o que eu já sabia, que a minha mente é que cria isso tudo. Então se ela cria, então ela vai descrever, não sei se existe, se existe essa palavra, né, mas então se ela cria, ela, ela vai deixar de criar isso, cara. Porque vai ser a minha meta, cara, eu vou trabalhar isso. Vou trabalhar, a Clara... ela, ela, ela é uma pessoa... A Clara só não, né, todos eles aqui, eles investem na gente sabe, cara? Eu tenho certeza que ela vai investir nisso. A Cássia diz que tem remédio que é pra vida toda, mas é, nesse sentido eu... assim... eu não sei se discordar é a palavra, mas, é... eu vou eu vou trabalhar em cima disso que a intenção... a minha grande meta é ficar sem remédio. É ficar sem medicamento nenhum.

Eu só acho assim, eu fiz NA também, sabe cara? Eu fiz NA, Narcóticos Anônimos. Eu acho muito importante também, eu quero voltar a fazer Narcóticos Anônimos. E... Narcóticos Anônimos, ele tem uma frase muito interessante que eu, eu trago até hoje, assim, que fala assim, que a dependência química, a dependência química é a única doença que quem dá o diagnóstico é o paciente, entendeu, cara? Somos nós é que temos que dizer que nós é que tamo doente, sacou? E desde o momento que eu tenho essa consciência de que eu tô muito doente, as coisas vão caminhar. Sacou? Tive boa experiência lá... Fiquei lá, fiquei dois anos e três meses limpo. Fiquei dois anos e três meses, e pretendo voltar. Pretendo continuar no... no, no, no ambulatório, fazer esse ambulatório aqui, o Rua... Eu... pretendo continuar na minha missa, assistir minha missa, fazer meu grupo de oração, e pretendo fazer o grupo de NA uma vez por semana. Eu acho que não tem como dar errado, entendeu, cara? Não tem como dar errado...

Eu tive uma experiência agora quarta-feira, que eu fui num lugar meu de ativa, certo? Mas eu fui pra resolver... O lugar que eu usava droga assim, diariamente, que eu usava droga diariamente. E eu senti uma vontade muito grande de usar droga, sabe? Quando eu tive nesse lugar. Me veio na... um flash na cabeça assim, de que... daqueles momentos agradáveis que eu tive com a droga. Principalmente a primeira... o primeiro teco, entendeu,

cara? Quando eu saía, fumava um cigarrinho, eu saía da comunidade, lá do Parque da União, eu saía fumando um cigarro, drogado, fumando um cigarrinho. Eu saía tranquilão, sacou, cara? Não tinha medo da polícia não, saía tranquilão mesmo. Achava que eles nunca... achava que eu tava até invisível, que eles nem me enxergava, sabe, passava batido, sacou, cara?

E... quando eu voltei, fui ver um negócio pra cachorra, lá pra instituição que eu tô internado, pra castrar a cachorra, que é lá perto. E... eu não fui procurar droga, eu tinha dinheiro na conta no banco, tinha Banco 24 horas no posto, eu tinha tudo pra usar droga, sabe? Eu tava sozinho, eu tava com vontade de usar droga, eu tava com dinheiro, mas eu falei assim "Eu não me permito, cara, não me permito nem pensar nisso", sabe, cara? Eu não me permito. Por tudo que aconteceu eu não me permito voltar a pensar nisso, sabe, foi muito forte na minha vida a droga, sabe, da forma negativa, né, aconteceu de muito forte na minha vida de uma forma negativa, então, eu não me permito mais pensar nisso. Eu não quero mais usar droga, é um desejo sincero do meu coração e Deus sabe disso e quando ele sabe que a gente tem um desejo sincero ele ajuda, sabe?

Dizem que não tem cura, né? Que não tem cura. Pra mim a... a dependência química tem cura, sim! Pra mim tem cura sim. Se eu tiver agarrado com Deus, eu nunca mais vou usar droga na minha vida, e se tive fazendo as coisas certas, né, cara? Usar os profissionais certos, tudo quem dá é Deus, cara. Tudo quem bota, é, esses, esses... esses, esses tratamentos tudo que tem aí é Deus que bota na frente, cara. É Deus é que... é que, que coloca, cara, isso é a mão de Deus que tá aí, que bota esses profissionais pra ajudarem a gente. Então, se tem isso tudo, cara, então isso tem cura, é só eu sair desse caminho. Se eu sair desse caminho eu vou conseguir. Tá bacana, mermão? Valeu? No que precisar... Também quero ajudar porque eu tenho uma... uma gratidão tão grande desse lugar aqui, eu quero ajudar esse lugar de alguma forma, não sei se tá ajudando. Amém, valeu.

# **“UM LUGARZINHO, UMA CAMINHA, UM QUARTINHO, UMA COISA PRA DESCANSAR SOSSEGADA”**

ZÉLIA, 56 ANOS

Passei pra sexta série, mas eu não concluí, não fiz. É! Passei pra sexta, mas eu não concluí o restante dos estudos. Nasci no antigo Miguel Couto, em 1962. No... na Gávea, ééé, na Ga... no Jockey, Gávea, Leblon. Olha, eu tenho uma irmã aqui em Olaria. E tenho outra na favela da Rocinha. Que é lá favela mesmo, lá na favela da Rocinha... Só não sei o endereço, que eu acho que ela mudou de endereço, hoje eu já não sei mais o endereço certo dela.

Trabalhar? Nada, não faço nada! Não, nada! Ah, eu ganho uma comidinha ainda daqui, uma comidinha dali de final de restaurante. Um café, peço... peço um café numa padaria e... peço uma sobra de final de restaurante. Me dá, me dá. Tendo, dá! Se simpatizar comigo também, né? Tem outros que, não. Tem um lugarzinho aqui em cima... lá aonde eu fico, perto do viaduto ali, Vila Europa que um senhor que sempre me dá uma comidinha. Ele fala “Espera lá”. E eu espero lá no cantinho sentada e ele vai lá e me leva, sempre. E fico debaixo desse viaduto. É ali em Higienópolis também. De quem vem da Ademar Bibiano.

Hoje eu vim pegar os remédios porque, tá tudo desorganizados! Aí eu vim organizar, né? Porque eles são até quarta-feiras, acho que quarta-feira é que, a assistente social me leva pra tirar os documentos. Nas quartas, é! Já tirei! Agora falta só a carteira de trabalho, vou ver se eu consigo um RioCard, e uma ajuda de custo. Já tá no final os remédios. Tava desorganizado! Isso!

Ééé, eu trato no consultório HIV, é, tuberculose. Que eu saiba só HIV e a tuberculose. Eu moro debaixo de um viaduto que, por causa daquela vala, tem muitos bichinho, então eles dão umas perfuradinhas e ficam na superfície, na superfície assim, coça muito por causa da água da vala, aí começa a... a engrossar, né, o, as coisas. A saúde. É! Aí começar a dar esses ferimentos, é! Porque coça!

Como é que eu fui morar na rua? Ah, isso aí, agora, é, eu não sei! Isso aí, eu morava, eu fui adotada pela uma família, que são a minha tia. É, são da família do, do. É tudo família, né? Dos meus avós... do, do meu avô. Do meu avô. É família do meu avô. O falecido meu avô, e depois eles foram pegando cada um da gente e eu com 14 anos, eu vivia num colégio interno e, eu perdi o juízo, e vim parar nas ruas. Eu não conheci meus pais biológicos. Só tinha minha mãe pequena, mas era muito pequenininha, não tinha, não tinha, a lucidez, pra marcar a mãe. Mas já perdi ela também já. Aos 10 anos ela faleceu. O pai eu nunca tive o prazer... Não, o irmão, o irmão é que era meu, meu avô. O irmão da Dona Augusta que me adotou, que me pegou no colégio interno, né, com catorze pra quinze anos, é que era irmã do meu avô. Que, o avô é... é o pai da minha mãe. É o pai da mãe. É! Isso! Eu fui pro colégio interno foi, foi, foi, foi antes da minha mãe morrer. Não, foi depois! Já com catorze anos! Fiquei muito pouco. Fiquei pouco. Fiquei pouco.

Fui cedo, fui... já fui tarde... não fui muito pequena não. Fui tarde já! E saí logo em seguida, na adoção. Tenho três filhos em Jacarepaguá, mas é bobagem tocar no assunto, porque eles vivem pra lá, independentemente, com outras famílias que eles se casaram, que eles vivem. São os meus filhos. Uma... uma é de quatro de março de mil novecentos e... lh... eu agora não faço mais lembrança. Mas já tem até casado e tudo. Já! Todos os três adultos! Ah, já tem bastante tempo! Muito tempo! Já tem anos já que eu não os vejo. Não sinto falta não... porque não fui eu que criei... foi mesmo a família. É. Não teve apegação. É como se eles saíssem da maternidade e fosse pra eles. Aí não teve apegação, não teve costume, não teve nada. Eles ficaram pra lá. É uma família mermo do pais das criança que cria, não é gente estranha. É a família mermo do pai deles que cria. Então, tá tudo em casa.

Não lembro como eu fui para na rua, não lembro, não. Foi por causa do pai da minha filha mais velha. Foi por causa dele que eu hoje tô, nessa situação. Eu via ele pelo vasculhante do... pelo vasculhante do, do colégio interno e, quando essa família me tirou do colégio interno... eu, fugi. Fugi da casa e vim atrás dele, no local onde ele morava. Aí dali eu passei a ficar ali por ali pela rua mêrmo, fiquei na casa dele, aí depois a família dele não tava mais suportando que eu ficasse, que eu bebia cachaça, me envolvi, com cachaça, com bagunça. Aí eu ficava pela rua mesmo, foi assim que eu acabei, é, virando uma moradora de rua. Desde essa época. Nunca mais eu tive um lar! Na rua não tem nada de bom. Nada! Só sofrimento, e tudo isso aí, escoriações, você dorme numa calçada, eles te expulsa, você dorme em outra, eles te expulsa. E assim vai indo. Não sofro violência na rua. Nenhuma, violência assim, coisa não. Eles só mandam só pra sair, né? "Pode não dormir aí não"! "Pode ficar aí não"!

O pai da minha filha mais velha, não, não, ele, ele era bacana! Mas eu é que não tinha juízo! Nem meu irmão, ele ficou comigo! Que eu era muito bagunceira! Só queria saber de farra! Eu tive essa menina e... a Vania, que é a mais velha, minha filha mais velha. Daí ele até, ele até já se casou com uma outra mulher, já faz muitos anos, já são casados e tudo. Os filhos já tão até, já devem tá até casados, já deve até ter outros netos. Já se passou... já aconteceu muita coisa, já se passou muitos anos, né? É! E essa é a minha história!

Eu fico sempre no mesmo lugar. Não ando com ninguém, só ando sozinha. Durmo sozinha também. Ninguém é meu amigo... ninguém! Ah, quando eu passo mal tem os colegas, os colegas chamam a ambulância, tudo. Os que estão ali convivendo, debaixo do viaduto, eles chamam a ambulância e traz a gente pro médico. Mas conviver junto, não convivo. Não confio em ninguém.

A rua não tem lado ruim nenhum, não tem nenhum. Você só corre o risco de você se meter em aonde não é chamado e passar por escoriações de facas, de, de... agressões. Se você não for procurar por isso, você tá sempre bem com todo mundo. Procurar, prejuízo, dar prejuízo. É, é... mexer nas coisas dos outros, tirar as coisas dos outros sem pedir. Essas coisas todas,

né? Que isso acontece com todo mundo, até mesmo, ééé, ninguém vai entrar na sua casa e tirar um talher, sem te consultar, não pode, não existe isso, né, tem que consultar! Então é só isso, você não procurando, fazendo por onde não, não ficar na dependência, de ninguém, que eles também são tudo igual. Corre atrás às pampa pra ter um palito de fósforo pra fazer uma fogueira. Você vive bem lá o resto da vida. Eu vivo sempre vivo bem. Ninguém me vê com olho roxo, de soco no olho, de pancada, nunca passei por isso.

Não bebo mais já faz já uns dois, três anos, que eu não bebo mais, tenho pavor, não bebo mais! É! Ah, não sei como mudei... eu não vou saber explicar a senhora não, só sei que eu larguei a cachaça pra lá. Foi uma coisa minha mesmo, não quis mais beber. É... cachaça dá muito sofrimento. E a, e a, forma é, de querer sempre mais, né, cabava não tinha mais... Aí fui obrigada a largar, de abandonar. Eu... uso só o crack. Só esse, mais nada. E eu também tô saindo fora como eu saí da cachaça, eu tô saindo fora também. Ééé... é... quando não quer mais, começa a encher o saco aí... não tem mais graça aí sai.

Por causa idade, né? Tem diferença. A gente quando é novo, é jovem, a gente usa, aí toma uma cervejinha, fuma um cigarrinho, e fica em grupinho, conversa, você fica pra si próprio, não tem mais isso... E eu tô já idosa, já não estou mais vistosa como era antes. Então, ficar usando uma coisa assim, não serve mais. Aí é vício de droga, aí, aí pesa, né? É, aí, vai, já vai virar um vício a droga mesmo, né? O crack... me acalma, só. É, só me acalma! Me levanta, me deixa, levantada, mais... É! É! É verdade! É verdade! Como se fosse um tônico, eu tivesse desanimado tomasse um tônico, e me desse força e vitalidade pra mim fazer as coisas. É verdade! Não me sinto sozinha, não, não! Eu vivo bem sozinha. Hehe! Eu gosto!

Eu agora, eu queria ir pra um abrigo. É, mas esse, mas tem certos tipo de abrigo, que eu não, que eu não gosto, sabe? Que é, Santa Cruz, eu não gosto, que lá tem gente que, eles bebem, e são agressivos, e o De Lamare também eu queria ir prum lugar assim que fosse mais pra colégio interno, como eu vivia antes. E hoje é difícil, porque hoje é mais isso tudo isso que é recolhido na rua, né? Eles procuram confusão, eles te dão paulada, facada! Eu não

posso viver num meio desse, que eu não tenho essa defesa. E nem quero viver feia assim, eu quero ficar bacana. Eu gostava gostava do colégio interno. Lá não tinha isso não! Hehe! É, é!

O dia em que aparecer um abrigo assim que eu possa ir, e ficar tranquila, e que eu tô fora desses, desses perigo, que tenha nenhuma companhia lá dentro que tenha essas manias, eu faço gosto, de ir. É por causa da idade, eu não tô mais, vou fazer cinquenta e sete anos, tô ficando já bem uma senhora de idade e eu não tô mais gostando. Um lugarzinho, uma caminha, um quartinho, uma coisa pra descansar sossegada. Eu já conversei com a equipe, já, já falei com todo mundo! A dona... Cássia vai ver se eu posso, se vai conseguir uma ajuda de custo pra mim, eu posso até alugar ou comprar um lugarzinho pra mim morar... É verdade, algum benefício. Hehe!

*“Meu sonho é só de um cantinho mêmro pra mim, descansar e sossegar, mais nada”*

Meu sonho é só de, de um cantinho mêmro pra mim, descansar e sossegar, mais nada. Não vejo mais ninguém da família. A minha irmã é que pagou meu CPF, tadinha! Hehe! Ela trabalha também na clínica médica, ela é enfermeira. Lá de Botafogo. É, uma vez ou outra, quando eu tenho mêmro necessidade, de alguma coisa, ela me, ela... me atende. É! Mas querer ficar comigo, ela não quer. Porque o meio dela, tudo dela é diferente. Completamente, uma diferença, né? O discurso dela de sobrevivência é completamente diferente. Então ela prefere ficar só lá na casinha dela.

Agora eu vou lá, que eu vou reorganizar meus remédios e vou embora. Muito obrigada, um bom dia e um abraço!

# GLOSSÁRIO

Os termos deste glossário foram extraídos diretamente das narrativas das pessoas em situação de rua entrevistadas, e seus significados não pretendem ser exaustivos, apenas esclarecer os sentidos atribuídos pelos entrevistados.

**157; 157 'boladão'; 57** - É o número do Artigo do Código Penal sobre o roubo. O Artigo 157 define: "Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Muitas vezes as pessoas usam a gíria nomeando apenas '57'. Já '157 Boladão' faz referência a um conhecido funk carioca que, de certo modo, faz apologia da vida de bandido e assaltante.

**292 - Linha de ônibus, Castelo** - Engenho da Rainha (Circular), faz ligação entre a Zona Norte e o centro da cidade, passando pela Avenida Brasil e a Saída Sete da Linha Amarela.

**Abriço** - Modalidade de acolhimento institucional, prevista na Política Nacional de Assistência Social, que tem a finalidade de atender as "famílias e indivíduos que se encontram em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos".

**ADA** - 'Amigos dos Amigos', uma das três principais facções do crime organizado (tráfico) carioca. Teve seu auge de atividades durante a década de 2000, perdendo muitos territórios nos últimos anos. Acredita-se que esteja em decadência e em fase de extinção.

**Alemão** - Um 'estrangeiro', qualquer pessoa que não seja um 'local', que não seja um habitante da comunidade.

**Banca; banquinha; botar banquinha** - Colocar alguns produtos à venda, na rua, utilizando para isso armação rudimentar de caixotes ou isopor. Os produtos mais ofertados são bebidas baratas, principalmente cachaça, cigarros (também a varejo),

refrigerante e água.

**Baseado** - Cigarro artesanal de maconha.

**Bater (a droga); 'bateu'** - Diz-se quando o efeito da droga é fortemente sentido pelo usuário.

**Benefício** - Em termos gerais, nomeia todas as ações institucionais e assistenciais do governo, como aposentadoria, Bolsa-Família, seguro-desemprego, etc.

**Bicão; bica** - Local onde se pode tomar banho e pegar água, geralmente fonte de água encanada em parque ou via pública.

**Bicheira; bicho; bichinho** - é uma infecção da pele ou mucosas causada pela deposição de larvas de moscas.

**Biscate; biscatinho; bico** - Termos utilizados para referência a qualquer trabalho informal, 'sem carteira assinada', como serviços de ambulante, camelô, vender balas e água nos sinais, serviços gerais em obras, descarregar caminhões, guardar carros na rua ('flanelinha'), etc. Geralmente as palavras não são aplicadas a trabalhos de catação e garimpo.

**Boca; boca de fumo** - Local na comunidade onde se vendem drogas.

**Bolada; bola; botar na bola** - Falar palavras duras, ferir com palavras, deixar alguém mal-falado, atacar a reputação de alguém diante de outros ou da comunidade.

**CA** - Classe de Alfabetização, iniciação escolar, fase anterior à atual 1a série do Ensino Fundamental. Foi extinta oficialmente em 2010. Até então, tinha matrícula obrigatória para crianças até 6 anos.

**Calibrada; 'dar uma calibrada'** - Fazer uso de droga. Termo geralmente utilizado para dizer que se usa a droga antes de executar alguma ação (um assalto, sexo, etc).

**Caô** - Mentira, engano, conversa para 'enrolar' alguém.

**CAPS; CAPS-AD** - Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são unidades de atendimento multiprofissional em saúde mental, que objetivam acolher às crises, atender e reinserir pessoas com transtornos mentais graves e persistentes. No

caso dos CAPS Álcool e Drogas (CAPS-AD), o atendimento é voltado para pessoas com transtornos mentais decorrentes do uso prejudicial de álcool e/ou outras drogas.

**Carreata** - Diz-se dos carros de organizações religiosas, de caridade ou mesmo de assistência social, ou voluntários, que eventualmente passam oferecendo quentinhas com comida à população em situação de rua de um certo local, geralmente à noite (Ver passar’).

**Casa de Recuperação** – as casas de recuperação são instituições que pretendem reabilitar pessoas em uso prejudicial de álcool e outras drogas, cuja meta principal é dar suporte no momento de crise, afastando a pessoa do consumo da droga. São diferentes comunidades terapêuticas, que buscam atender em regime residencial temporário, tendo como instrumento de intervenção a convivência entre pares, mas também afastando o indivíduo do consumo da substância.

**Catar; catação; catador** - Trabalho de procurar e recolher das ruas e do lixo latas de refrigerante ou cerveja, garrafas PET ou de vidro, plástico e papelão para vender em centros de reciclagem. É a atividade rentável mais comum e acessível às pessoas em situação de rua. O termo é estendido também à busca de qualquer coisa necessária para uso pessoal no lixo, inclusive comida. O mesmo que garimpo.

**Clínica; Clínica da Família** – a Clínica da Família (CF) é uma unidade de saúde que serve de base operacional para cinco ou mais equipes de Saúde da Família, que dispõe de alguns recursos locais, como exames laboratoriais e de imagem.

**Cola** - A ‘cola’, ou ‘cola de sapateiro’, é uma droga inalante de baixo custo, como a benzina, o éter, o querosene, o thinner e outras. Geralmente tem como base a substância tolueno, produzindo efeitos rápidos e de curta duração de excitação e alucinações auditivas e visuais. Segundo pesquisa do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, a cola é a quarta droga mais consumida no Brasil, depois do tabaco, do álcool e da maconha.

**Comando Vermelho; CV; CVRL** - É hoje a mais importante facção do crime organizado (tráfico) no Rio de Janeiro, ao lado do

Terceiro Comando Puro (TCP, derivado do antigo Terceiro Comando). O Comando Vermelho é descendente da Falange Vermelha fundada pelo traficante Rogério Lemgruber (RL) no início dos anos 1970.

**Consultório na Rua; CnaR** - é uma estratégia instituída inicialmente pela Política Nacional de Atenção Básica que é operacionalizada por meio de equipes multiprofissionais que prestam cuidado integral de saúde à população em situação de rua. O CnaR realiza suas atividades de forma itinerante e, quando necessário, desenvolvem ações em parceria com outras equipes das Unidades Básicas de Saúde do território.

**Copo; copinho** - Copo plástico usado de água mineral, com o alumínio perfurado. Recipiente mais utilizado para fumar o crack no Rio de Janeiro, ao contrário de São Paulo, onde se costuma usar mais caninhos de PVC e outros 'maquinários' que façam às vezes de cachimbos improvisados. No Rio, os usuários colocam a pedra de crack dentro do copo vazio, a esquentam com um isqueiro pelo fundo e aspiram a fumaça pelo buraquinho da tampa de alumínio.

**Coquetel** - no controle da AIDS, o coquetel é o nome dado ao conjunto de medicamentos prescrito a um paciente, que visa não permitir que o vírus HIV se reproduza no seu organismo e diminua sua defesa imunológica.

**Correria; corre** - Termo que designa praticamente qualquer atividade humana ligada ao trabalho e às obrigações diárias. "Qual é a sua correria?" significa perguntar "o que você faz da vida?", e "fazer uns corres" quer dizer, em termos bem gerais, "trabalhar, fazer algum dinheiro, dar conta de alguma obrigação".

**Crack** - O crack é uma droga produzida a partir da cocaína misturada com cloridato de cocaína, amônia e água destilada, formando pequenos grãos ou 'pedras'. É uma droga barata e de efeito imediato e curto, o que faz com que os usuários usem em grande quantidade e cheguem à dependência também muito rapidamente. O crack pode ser fumado ou aspirado, e seu nome se deve ao 'estalo' (crack) que faz quando é fumada, geralmente nos copinhos. É considerada 'a droga

mais forte' (ver pedra).

**Cracolândia** - Local a céu aberto que termina por reunir uma certa quantidade de pessoas que vendem e usam o crack. A princípio identificada como a região do centro de São Paulo chamada Santa Efigênia, que chegou a reunir mais de 1.500 pessoas em situação de rua, traficantes e usuários de crack, a denominação passou a nomear qualquer aglomeração de pessoas em situação de rua em que a droga seja comercializada e utilizada.

**Cracudo; cracuda** - Usuário de crack. No Rio de Janeiro, usa-se pouco o termo 'craqueiro', que é destinado em geral àquele que trafica a substância.

**Cubico (cubículo)** - Cela pequena de delegacia, onde vários presos são amontoados simultaneamente. Também usado para referir-se à parte traseira do camburão.

**Disk-Droga** - Assim nomeia-se informalmente o serviço de entrega a domicílio de drogas, efetuado geralmente a partir de comunicações por chamadas de celular ou serviços de mensagem.

**Droga** - Entre a população em situação de rua usuária de drogas, esse termo abrange desde as mais leves (loló, thinner, maconha, cerveja) às ditas mais pesadas, como a cocaína, a cachaça e o crack. Estas duas últimas, pelo seu potencial destrutivo e altamente indutor de dependência química, são consideradas as mais danosas.

**Ecstasy; estasy** - É uma droga sintética, a metilenodioximetanfetamina (MDMA), que tornou-se popular nos espaços recreativos noturnos, principalmente em raves e de espaços de música eletrônica. Em geral, é chamada também somente 'anfetamina', e quase sempre misturada a outras substâncias. É vendida principalmente na forma de comprimidos (daí seu apelido 'bala', 'balinha') e, apesar de citada em um dos relatos, não é uma droga consumida pelas populações em situação de rua, devido ao seu alto custo. Tem efeito rápido, mas duração bem longa (algumas horas).

**Facção** - Assim são designadas as organizações criminosas do tráfico de drogas do Rio de Janeiro. As principais, hoje, são

o Comando Vermelho (CV, CVRL, RL), o Terceiro Comando Puro (TCP) e a ADA.

**Fechamento; fechar** - Compromisso, estabelecer acordo, uma parceria forte, 'fortalecida'. "Você é meu fechamento", ou "você fecha comigo" quer dizer que há uma parceria forte, uma confiança nessa relação.

**Ficar** - Diz-se do local em que geralmente a pessoa em situação de rua 'mora', passa a maior parte do dia, ou dorme. O mesmo que parar.

**Fissura; fissura da droga** - Vontade muito forte, desejo inadiável de usar a droga.

**Garimpo; garimpar; garimpada** - Trabalho de procurar e recolher das ruas e do lixo latas de refrigerante ou cerveja, garrafas PET ou de vidro, plástico, papelão ou ferro velho para vender em centros de reciclagem. É a atividade rentável mais comum e acessível às pessoas em situação de rua. O termo é estendido também à busca de qualquer coisa necessária para uso pessoal no lixo, inclusive comida. O mesmo que catar, catação.

**Gerente (do tráfico)** - A pessoa que trabalha no tráfico de drogas, numa boca de fumo, e que tem um cargo de responsabilidade. Geralmente é a pessoa que administra e comanda a boca, logo abaixo do 'dono', aquele que está 'de frente'.

**Hotel** - O Hotel Solidário Profeta Gentileza é um dispositivo de acolhimento de pessoas em situação de rua ligado à Secretaria Municipal de Assistência Municipal e Direitos Humanos do Rio de Janeiro. Ele está localizado em Bonsucesso, Zona Norte da cidade.

**Isqueiro; isquerar; isquere** - O isqueiro descartável é um elemento importante no uso de crack, junto com o copo vazio de água mineral. O verbo a partir do nome comum ("isquerar") ganha o sentido de fumar a droga. "Vou ali isquerar" significa dizer "vou fumar crack".

**Jogo (de máquina; de maquininha)** - A exploração de máquinas caça-níqueis, ou Slots, encontradas em alguns bares da cidade, é geralmente ligada aos contraventores do Jogo do Bicho

ou às milícias. É considerada, também ela, uma atividade de contravenção penal. Mesmo assim, nos subúrbios da cidade não é difícil encontrá-las, nos bares chamados 'pé-sujo'. Existem vários tipos de máquinas. Algumas delas requerem algo mais do que a sorte para um jogador, mas basicamente trata-se de um gerador de combinações de figuras em que algumas poucas delas relacionam-se a um prêmio em dinheiro. Naturalmente, é muito mais fácil e comum o usuário perder do que ganhar, e por isso enquadra-se na nomenclatura de 'jogo de azar'.

**Krokodil** - Droga fortíssima e barata, de origem russa, baseada na desomorfinina e que mistura iodo, heroína, solventes e fósforo em sua composição. A droga é assim chamada por causar lesões sérias nos tecidos musculares, de dentro para fora, causando até mesmo a amputação de membros nos usuários. É chamada 'a heroína dos pobres', e não é encontrada no Brasil.

**Loló** - Também chamada 'cheirinho', ou 'cheirinho da loló', é uma droga inalante, de fabricação clandestina, composta por clorofórmio, éter e eventualmente uma essência perfumada, o que no passado, e com teor mais baixo, era usada nos carnavais cariocas com o nome de 'lança-perfume'. É uma droga barata, de uso muito constante entre meninos de rua. Ela produz sensações de euforia e ocasionais alucinações, cujo efeito termina muito rápido, levando os usuários ao uso contínuo.

**Maloqueiro; maloca** - Diz-se das pessoas que vivem amontoadas em habitações de papelão, madeira e outros materiais colhidos no lixo. Ambiente sujo e promíscuo.

**Manguear** - Basicamente, pedir dinheiro ou comida nas ruas, quer valendo-se de histórias enganosas (doenças, tragédias familiares, necessidades), quer utilizando-se até mesmo de falsas receitas médicas ou laudos diagnósticos.

**Marola** - Efeitos da droga. Geralmente diz-se 'marola' quando os efeitos são leves. O efeito regular e mais persistente é comumente chamado de onda.

**Milícia; miliciano** - As chamadas 'milícias' tiveram origem em

comunidades pobres do Rio de Janeiro, a princípio com o objetivo de combater traficantes nas favelas. Com o passar do tempo, vieram a se tornar grupos altamente organizados e ligados aos poderes políticos da cidade. Seus principais recursos provêm da extorsão da população e da exploração clandestina de vários serviços como gás, TV a cabo, máquinas de caça-níqueis, construção de venda de imóveis, transporte alternativo, agiotagem, etc. Seus integrantes são policiais, bombeiros, guardas municipais, vigilantes, agentes penitenciários e militares, na ativa ou, mais comum, fora de serviço. As milícias também se organizam em facções, a exemplo do tráfico. As principais são a Liga da Justiça e o Escritório do Crime, este último envolvido no assassinato da vereadora Marielle Franco.

**Mirrole** - 'Fazer mirrole' é produzir um cigarro artesanal a partir de várias 'guimbas', tocos de cigarro jogados fora. A pessoa abre as guimbas, junta todo o tabaco e 'enrola' um novo cigarro.

**Nóia** - Chama-se um estado em que se está a ponto de fazer qualquer coisa para se ter o que quer, geralmente a droga, ou ainda é uma gíria para a própria pessoa adicta, sob efeito constante das drogas (um 'nóia', um 'noiado').

**Oitão** - Revólver calibre 38. Gíria para qualquer arma de fogo semelhante.

**Onda** - O efeito da droga. Os efeitos leves são geralmente chamados de marola.

**Pancadão** - A gíria tem muitos sentidos, inclusive vinculados à música funk. No relato em questão, significa uma pessoa afetada pela droga e que está pronta para qualquer coisa.

**Parar** - Diz-se do local em que geralmente a pessoa em situação de rua 'mora', passa a maior parte do dia, ou dorme. O mesmo que ficar.

**Passar (alimentação; comida)** - O mesmo que carreatá. O momento em que organizações de caridade, religiosas, ou de voluntários 'passam' pelos locais onde dormem pessoas em situação de rua para lhes entregar quentinhas de comida, ou sopas.

**Pedra (de 5, de 10, de 20)** - É a gíria para o crack, chamada pelo seu preço. Uma 'pedra de 5' é uma pedra que custa R\$ 5,00, uma 'de 10' custa R\$ 10,00 e assim por diante.

**Perna-de-três** - Trave forte de madeira, quadrada, medindo 6 cm x 6 cm e vendida em pedaços de 3 m de comprimento (daí seu nome). É utilizada em construções como escoras verticais.

**Pó** - Informal para cocaína.

**Puxo; puxa; dar um puxo / um puxa** - O mesmo que fumar crack.

**Quarenta** - Uma arma, pistola calibre ponto quarenta (.40), de uso restrito policial.

**RL** - 'Rogério Lemgruber', ou Comando Vermelho Rogério Lemgruber. Facção do crime organizado (tráfico) carioca. Também conhecido como CV, CVRL.

**Rolo; fazer rolo** - Fazer um negócio informal com qualquer objeto. Vender ou trocar.

**Sacizeiro** - Gíria baiana para usuário de crack, por causa da semelhança com um Saci fumando seu cachimbo.

**Saída Sete; Sete** - É assim chamado o local de uma saída da Linha Amarela, importante via expressa que une a Avenida Brasil à Barra da Tijuca, nas imediações do bairro de Bonsucesso, com acesso a Manguinhos. Na região, há viadutos que costumam ser pontos de referência para a população em situação de rua do local.

**Saidinha (de bala)** - Ou 'saidinha de banco'. É uma forma de assalto em que a vítima é seguida e depois assaltada após sacar uma grande quantia no caixa de um banco 24 horas.

**Surf (de trem)** - Ou 'surf ferroviário'. Era uma prática dos jovens suburbanos que subiam e viajavam nos tetos dos trens do ramal Central do Brasil ou Leopoldina. Não é tão comum nos dias de hoje, uma vez que os trens são obrigados a circular somente de portas fechadas. É uma atividade muito perigosa e que provocou inúmeros acidentes graves, de quedas e eletrocução.

**Tapuru** - Assim são também chamadas as larvas da bicheira, a partir do nome popular dado às larvas semelhantes que

proliferam no lixo orgânico abandonado.

**Teco; tequinho; taquinho; dar um teco; bater um teco** - 'Bater uma carreira de cocaína', 'cheirar pó', a atividade de usar a cocaína.

**Thinner; tine** - É a marca de um solvente, utilizado como droga inalante, com todas as propriedades e efeitos semelhantes às outras de seu espectro.

**TIG** - Teste Imunológico para Gravidez

**Unidade de Acolhimento** - serviço de alta complexidade, que acolhe e atende provisoriamente famílias e indivíduos que se encontram em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos.

**UPA** - A Unidade de Pronto Atendimento (UPA) é um dispositivo de saúde que funciona todos os dias da semana, em regime de 24 horas por dia, e pode resolver a maior parte das urgências e emergências que ocorrem no território.

